

PEDRO
CHAGAS FREITAS

A Raridade das Coisas Banais

Uma história incrível, que nos ensina
a nunca nos sentirmos sozinhos

Romance



OFICINA
DO LIVRO



Ficha Técnica

Título original: A raridade das coisas banais

Autor: Pedro Chagas Freitas

Capa: Maria Manuel Lacerda

Revisão: Paula Caetano

ISBN: 9789896614034

OFICINA DO LIVRO

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2022, Pedro Chagas Freitas e Oficina do Livro

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: info@oficinadolivro.leya.com

www.oficinadolivro.leya.com

www.leya.pt

Por vontade expressa do autor, o livro respeita a ortografia anterior ao actual
acordo ortográfico.

Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[1.](#)

[2.](#)

[3.](#)

[4.](#)

[5.](#)

[6.](#)

[7.](#)

[8.](#)

[9.](#)

[10.](#)

[11.](#)

[12.](#)

[13.](#)

[14.](#)

[15.](#)

[16.](#)

[17.](#)

[18.](#)

[19.](#)

[20.](#)

[21.](#)

[22.](#)

[23.](#)

[24.](#)

[25.](#)

[26.](#)

[27.](#)

[28.](#)

[29.](#)

[30.](#)

[31.](#)

[32.](#)

[33.](#)

[34.](#)

[35.](#)

[36.](#)

[37.](#)

[38.](#)

[39.](#)

[40.](#)

[41.](#)

[42.](#)

[43.](#)

[44.](#)

[45.](#)

[46.](#)

[47.](#)

[48.](#)

[49.](#)

[50.](#)

[51.](#)

[52.](#)

[53.](#)

[54.](#)

[55.](#)

[56.](#)

[57.](#)

[58.](#)

[59.](#)

[60.](#)

[61.](#)

[62.](#)

[63.](#)

[64.](#)

[65.](#)

[66.](#)

[67.](#)

[68.](#)

[69.](#)

[70.](#)

[71.](#)

[72.](#)

[73.](#)

[74.](#)

[75.](#)

[76.](#)

[77.](#)

[78.](#)

[79.](#)

[80.](#)

[81.](#)

[82.](#)

[83.](#)

[84.](#)

[85.](#)

[86.](#)

[87.](#)

[88.](#)

[89.](#)

[90.](#)

[91.](#)

Pedro Chagas Freitas

A raridade das coisas banais

Uma história incrível, que nos ensina a nunca nos sentirmos sozinhos

Romance

Com a Bárbara.

Com o Benjamim.

Porque tudo.

1.

– O que queres ser quando fores grande?

– Pequeno outra vez.

*

Foi assim que conheci o Zambé, o puto de quem hoje quero falar-vos. Miúdo traquina, uma cabeça linda, a vida toda no interior dos olhos quando me olhava, naquela sala daquele colégio, e quando me fazia crer que só não existia aquilo que não se imaginava. Com o Zambé aprendi a ser criança e estimo bem que não haja ensinamento mais valioso do que esse.

*

— O que queres ter quando fores grande?

— Um brilho nos olhos.

*

Ainda na última vez em que nos cruzámos ele lá estava, o mesmo olhar, a mesma vontade de descobrir tudo pela primeira vez, levava uma criança ao colo e eu percebi que só foi pai para ter uma desculpa para não crescer.

*

– Então o que fazes?

– Invento.

– O que inventaste hoje?

– Uma nova maneira de abraçar.

*

Ensinou-me logo ali aquele abraço, a rua toda imóvel a rir-se de nós, alguns olhares de escárnio, e o Zambé e eu aos saltos numa forma de abraço que

ninguém entendia mas que sabia bem comó caraças. No final das contas, o que levamos da vida é aquilo que ninguém entende mas que sabe bem comó caraças.

*

- O que estás a fazer?
- A ensinar o meu filho a ler.
- Mas tem dois anos.
- Sim, mas ainda vai a tempo.
- E já sabe as letras?
- Quem precisa de saber as letras para saber ler?

*

E lá ficou ele, aquele sorriso insensato como só as pessoas livres conseguem ter, o seu Pechimperé, uma criança de dois anos, ao colo no meio do jardim público onde toda a gente pensava em contas, em crises, em coisas tão insignificantes como sobreviver, esquecidas de que o mais importante estava a acontecer e chamava-se vida, e já agora o sol que estava bem alto a brilhar. No final das contas, o que levamos da vida é ela acontecer e o sol bem alto a brilhar.

*

- O que vais dar-lhe no Natal?
- Estava a pensar dar-lhe um beijo.

*

Com toda a seriedade do mundo, Zambé brincava, talvez estivesse nisso o segredo para a felicidade das crianças, há lá algo mais sério para uma criança do que brincar?

*

- Gostava de assistir ao meu funeral.
- Mas porquê?
- Seria a prova de que ainda estaria vivo.

*

Zambé era, passe o pleonasma, uma criança filósofa.

*

- Tens medo da morte?
- Não.
- Porquê?
- Quando ela chegar sei que não vai apanhar-me vivo.

*

E não apanhou.

2.

— Como te chamas?

— Pechimperé.

— Mas isso não é um nome.

— Pois não. Mas fez-te sorrir, não fez?

*

Acho que os adultos levam a vida demasiado a sério. O grande objectivo da vida é rir. Pelo menos, o meu. Os adultos não entendem muito bem esta minha maneira de ver a vida, dizem que é – é esta a palavra que eles usam – inconsequente. No outro dia, ia ver ao dicionário o que queria dizer mas pelo caminho encontrei o Zé Pedro e ficámos os dois a brincar. Foi uma tarde de grande risota. Ele escondeu-se na casa da avó dele, a senhora Ivone, e quando demos por nós já estávamos os três a procurar-nos uns aos outros. A vida é tão simples: basta procurarmo-nos uns aos outros para sermos felizes, não é?

*

— És um bocado escaganifobético.

— O que quer isso dizer?

— Não sei. Mas fez-te sorrir, não fez?

*

Os adultos levam a idade demasiado a sério. A senhora Ivone é uma menina que tem a nossa idade mas já viveu setenta anos ou mais. Os velhotes são boas pessoas. Contam-nos histórias e sabem coisas muito misteriosas, como essa de a imaginação poder ser feita dos mais diversos materiais. Há quem tenha uma imaginação de madeira, há quem tenha uma imaginação de

vidro ou de pedra. A imaginação é feita do material que nós quisermos, não é?

*

— Casas porquê?

— Por amor.

— O amor é a brincadeira mais linda do mundo, não é?

*

Os adultos levam o amor demasiado a sério. Pensam nas razões que os levam a amar, pensam se devem ou não abraçar, se devem ou não beijar, se devem ou não dar as mãos e correr e saltar e deitar a língua de fora. O amor ou é não pensar em nada ou, se calhar, não é amor nenhum. Eu amo a minha família toda e os meus amigos todos. Quando estou com eles, penso muito pouco, mas não digam a ninguém.

*

— Já vi que amas.

— Porquê?

— O teu sorriso não passa.

*

Os adultos levam a tristeza demasiado a sério. A palavra sorriso faz-me sorrir. A palavra sorrir faz sorrir toda a gente, na verdade. Experimentem lá dizer sorriso e vejam se não estão já a sorrir. Quando estou menos feliz, faço sempre isso: ponho-me em frente ao espelho a dizer a palavra sorriso e num instante já estou mesmo a sorrir. Mas não pensem que a tristeza não existe. A tristeza existe. Às vezes acontecem coisas que nos fazem ficar adultos por

momentos. Coisas que nos fazem pensar e pensar e pensar. Mas não há no mundo nada mais poderoso do que a brincadeira.

*

— Porque estás a chorar, mamã?

— Tenho saudades do teu pai.

— Eu também. E é por isso que estou a sorrir.

*

Os adultos levam o corpo demasiado a sério. Dizem que é isso que define se uma pessoa existe ou não, já viram que baboseira? As pessoas existem quando existem em nós, qualquer criança sabe isso. Os adultos têm a mania de só dar valor aos momentos quando passam a ser memórias, não têm? O meu papá chama-se Zambé e é a melhor pessoa do mundo. Basta-me fechar os olhos e estou com ele, há lá proximidade maior do que esta?

*

— O que te assusta mais, filho?

— Perder os sonhos.

— Pensei que era a morte.

— Foi o que eu disse.

*

Os adultos levam a realidade demasiado a sério. Os sonhos são a melhor parte da realidade, só um adulto não vê isto. Quando deixo de sonhar, deixo de viver. Ontem acordei e demorei dois segundos a procurar um sonho. Foram os dois piores segundos da minha vida inteira.

*

— Parabéns, mamã.

— Porquê?

— Por teres acordado.

*

Os adultos levam as celebrações demasiado a sério. Só celebram de ano a ano ou quando alguém ganha um prémio qualquer ou tem um trabalho novo. São tão limitados, pobres coitados. Eu e o Zé Pedro adoramos celebrar. Há bocado fizemos uma festa para comemorar o primeiro macaco que ele conseguiu tirar do nariz hoje. A vida pode ser apenas a existência de macacos no nariz, e mesmo assim é tão boa, não é?

*

— Não gosto de adultos, mamã.

— Porquê?

— São demasiado imaturos.

*

A chave da felicidade é ficar longe de idiotas, certo? Os adultos levam o tempo demasiado a sério. E é por isso que o perdem de uma forma infantil. Inventam complicações, pensam que não conseguem o que tanto querem e de tanto pensarem que não conseguem não conseguem mesmo, ficam parados diante dos obstáculos. Eu e o Zé Pedro ontem conseguimos passar um obstáculo de quatro metros. Trepámos a uma árvore, depois pusemo-nos às cavalitas um do outro e não demorou mais de dois ou três minutos para um de nós estar do lado de lá. O segredo da vida é tantas vezes trepar a uma árvore e depois usarmo-nos uns aos outros às cavalitas para ultrapassarmos os

obstáculos. Só os adultos não sabem disso. Eu já fui adulto, sabem? Mas depois cresci.

3.

— O que estás a desenhar?

— O medo.

— Mas ninguém sabe qual é o aspecto do medo.

— Esperem um pouco que já ficam a saber.

*

Os adultos só acreditam no que está à vista dos olhos, e por isso perdem o que só existe porque não se vê. Deus, por exemplo, pode desenhar-se pela maneira como abraço a minha mãe, ou pelas palavras que lhe digo quando vejo que tem saudades de ter o meu pai aqui connosco, ou pelo cuidado que o Zé Pedro tem a ajudar-me a subir as árvores para eu não cair.

*

— Vamos jogar à bola?

— Mas não temos bola.

— Eu sei. Vamos jogar à bola?

*

É devagar que as ilusões têm de ser desfeitas, estão a ver? Quando não há o que queremos, temos de fazer com que haja o que queremos, ou pelo menos temos de querer o que temos como se fosse o que sempre quisemos. Pode parecer estranho, podem dizer que não é possível, podem até afirmar que são só palavras bonitas. E são. As palavras bonitas tornam a vida bonita, por isso é que são bonitas, não é? Eu e o Zé Pedro agarrámos em quatro ou cinco meias antigas lá das nossas casas, enrolámos umas nas outras e, num abrir e fechar de olhos, já estávamos a jogar à bola como gente grande. Para ser gente grande é preciso muitas vezes pegar no monte de trapos que é o que

temos, que é a nossa vida, e transformá-lo na mais espectacular das bolas. Quem disse que para jogar à bola é preciso uma bola nunca soube o que é jogar à bola, e muito menos viver.

*

— Sabes contar, Pechimperé?

— Claro, senhora professora.

— Então, conta lá.

— Era uma vez...

*

Para contarmos todos da mesma maneira, mais vale não contarmos nada. A senhora professora quer muito que todos saibam o mesmo e esquece-se de que o mais giro de não sermos todos o mesmo é mesmo não sermos todos o mesmo. Acho que os adultos precisam de ensinar todos o mesmo para não terem medo das crianças. As crianças sabem coisas de mais, coisas que os adultos já não conseguem saber porque as substituíram pelo que lhes disseram que tinham de saber. Os adultos deixam de saber quem são para saberem o que os outros adultos querem que eles sejam.

*

— O que é um herói?

— É um medricas, senhora professora.

— Os heróis não têm medo.

— Só os heróis é que têm medo.

*

Todos fazem tudo para serem melhores do que os outros, mas eu só faço tudo para ser bom para os outros, estou assim tão errado? Os adultos tremem

de medo do medo. Não entendem que o forte não é o que nada teme, é só o que teme para a frente. Quem não tem medo não é corajoso, é apenas idiota. Eu gosto de superar o que me faz tremer, não sei mesmo se não preciso mesmo do que me faz tremer. Às vezes passo algumas horas sem ter medo de nada e fico com medo de estar morto. Assusta-me muito não ter o que me assuste. As vidas seguras são muito perigosas, não são?

*

— Leite ou fruta?

— Tu, mamã.

*

Hoje acordei com saudades dos olhos da minha mãe. São grandes e servem para me fazer caber todo no meio deles. Quando olho para ela, vejo-me mais longe, sei quem sou, para onde vou. Mas depois felizmente esqueço-me de tudo. Não quero nada saber o final do filme quando ainda agora começou. Os adultos têm pressa de acabar tudo, sabe-se lá porquê. Temos de ser um manual de equívocos? Eu queria que nada acabasse, mas tem de ser. Um dia, tudo isto acaba. Só espero que seja depois de eu ter acabado. Tenho tantas ideias de coisas para fazer que às vezes não sei por qual começar, elas enrolam-se umas nas outras na minha cabeça e depois tenho de iniciar tudo de novo. Outras vezes só preciso de ficar parado a ver as ideias andarem. Estou num desses momentos. São dois ou três minutos, no máximo. Acabaram de passar. Ufa, que alívio.

*

— Disseste que se acabasse os trabalhos de casa numa hora me davas um chocolate, não foi, mamã?

— Sim. Mas demoraste quase uma hora e meia.

— Pois. Deves-me quase um chocolate e meio.

*

A lógica é uma invenção fraquinha, tem muitos pontos frágeis. Eu no fundo gosto dela, serve para estimular a criatividade. Se olharmos para ela de novos lugares, ela ganha logo novas formas. Faço com a lógica o que faço com a folha em branco. Talvez exista para a colocarmos ao nosso serviço, para a lermos da maneira certa. Parece-me é que perdemos muito tempo a deixar de fazer coisas que poderíamos fazer só porque não têm lógica. A lógica não está, nunca está, no que nunca foi feito. Nunca foi lógico o que nunca ninguém viu. Tem lógica, não tem?

*

— Tenho medo, mamã.

— O que foi?

— Acho que estou a ficar adulto.

— Como é que sabes?

— Já não gosto de ter pó na minha secretária.

*

Crescer é ter dificuldade em ver o que está fora do lugar, quando é o que está fora do lugar que nos obriga a mudarmos de lugar. Se tudo continuar na mesma, tudo continuará na mesma. Posso até mudar um pouco, passar a perceber coisas novas, deixar de subir às árvores e outras coisas assim. Mas só não quero tornar-me no que não sou, prometo.

4.

— Não era uma bicicleta o que querias?

— Só se tiveres uma para ti também.

*

As coisas existem para nós podermos existir melhor. As coisas existem para nós nos amarmos melhor. A minha mãe deu-me uma bicicleta novinha em folha mas eu só quero andar de bicicleta se tiver o Zé Pedro para andar comigo de bicicleta. Se ele não puder divertir-se comigo, então não estamos a divertir-nos nada. Acho que às vezes as pessoas querem muito o que não as diverte. Eu só quero o que me fizer bem, e custa-me a perceber porque tanta gente não o percebe.

*

— Vamos para outra pista de gelo, Pechimperé.

— Porquê?

— Nesta, o gelo é muito escorregadio.

*

Acho que o Zé Pedro também está a ficar adulto. Já tem medo do que é feito para nos fazer medo. A vida é feita para nos fazer medo. Se não temos medo de nada, não estamos aqui a fazer nada. Os adultos querem muito ser felizes mas têm medo de ser felizes. Quando a felicidade chega, assustam-se e fogem dela. Os dias em que fui mais feliz não foram os dias em que estive mais seguro. O gelo é feito para escorregar e mesmo assim os adultos que o procuram têm medo de escorregar nele, conseguem entendê-los?

*

— Chega, Pechimperé.

— Porquê, mamã?

— Já perdi a paciência.

— Não há problema: eu ajudo-te a procurá-la.

*

Estou a juntar dinheiro para comprar uma bicicleta para o Zé Pedro. Já vendi alguns brinquedos que tinha por aqui. Quero vender mais mas a minha mãe não me deixa. Não faz sentido ter brinquedos sem ter o meu amigo para brincar com eles. Acho que não é importante o que temos. Acho que é mais importante quem temos. Acho também que digo muitas vezes acho. É outra coisa que não percebo nos adultos: têm medo da repetição. Se é uma coisa boa, eu tenho medo é que não se repita. Vou contar a mesma anedota que já contei dez vezes ao Zé Pedro agora mesmo outra vez. Se ele se ri sempre, porque tenho de parar de a contar?

*

— Não posso crescer.

— Porquê?

— Tenho medo das alturas.

*

O mais feliz é o que esquece melhor? Há um desejo louco de todos na procura de algo maior quando o mais importante da vida se vê ao perto. Um abraço ao longe, por exemplo, é só uma mancha. Não quero mais do que aquilo que sou. Não sei se este é um desejo pequeno mas é o meu. Se me ocupa todo, não pode ser maior, pois não?

*

— Quero um leão, mamã.

— Mas não se pode ter um leão em casa.

— Não tem mal: fica no jardim.

*

Há sempre soluções para tudo. É claro que não vou poder ter um leão aqui em casa. Eu sei que não posso ter um leão aqui em casa. Não sou burro nenhum. É óbvio que não posso ter um leão aqui em casa. Mas quem sabe um tigre, não é?

*

— Já estou velho para brincar aos príncipes.

— Já?

— Agora vou brincar aos reis.

*

O Zé Pedro ri-se muito destas minhas piadas. Nem sei bem se são piadas mas acho que piada é tudo aquilo que tem piada, certo? O Zé Pedro está feliz com a bicicleta nova. Disse que se sentia um príncipe a sério. Estamos a fazer de conta que as nossas bicicletas são aqueles carros puxados a cavalo dos reis de antigamente. Se temos de crescer que seja no meio da brincadeira. Crescer não é, como muitos dizem, parar de brincar. É só encontrar brincadeiras mais adultas.

*

— Dorme com os anjos, meu filho.

— Não quero. Quero dormir contigo.

*

E tu também queres, que eu sei, mamã. Anda cá. Deixa-me enfiar-me debaixo dos teus braços. Até amanhã.

5.

— Usamos palavras?

— Não. Usamos imaginação.

*

O Zé Pedro vai para a escola. Eu também. Vamos ficar em salas diferentes, com turmas diferentes. Vamos ficar juntos. A distância é aquilo que nos separa do que não gostamos, só isso. Quando precisar dele, só terei de ser criativo. Acho que quando precisamos de qualquer coisa só temos de ser criativos. Dificilmente há alguma coisa que a imaginação não nos traga, e se houver é só porque ainda não foi tão necessário assim. Não há coisas impossíveis, só há coisas que ainda não são amadas o suficiente para serem imaginadas.

*

— Viste?

— O quê?

— O que acabou de passar.

— O que foi?

— Um minuto. Inteiro. E nem o viste passar. Não fizeste nada para o ver.

— Tu viste.

— Todo. Segundo a segundo. Foi um minuto incrível. Muitas pessoas dizem que a vida é curta só porque não a vêem passar. A vida passa minuto a minuto. Tu acabaste de deixar um ir embora. Tenta compensar já neste.

*

A saudade é como viver todos os dias nos segundos anteriores ao da abertura dos presentes do Natal. Sentimos que está a chegar algo de bom mas

ainda não podemos desembrulhá-lo. Acho que se chama saudade ao que sentimos quando temos algo em nós que não possuímos. Eu não acredito na saudade, para dizer a verdade. Acredito que quando temos alguém em nós é isso o que define se está connosco ou não, mas acho que já tinha falado nisso antes, não tinha? Vou parar então um pouco de falar porque a senhora professora já está a olhar para mim com ar de poucos amigos. Já deve ter percebido que estou aqui mas não estou cá. Mas se estivermos sempre onde estamos é que tudo isto é uma seca, não vos parece? Ai, que aí vem ela.

*

— Disseste que o avião já estava a voar mas ainda não está.

— Claro que está.

— Então, porque é que as asas não estão a bater?

*

Gosto de procurar a lógica absurda. É bom virar o que é óbvio contra si mesmo, fazer de conta que tudo tem um lado ridículo, e tem. O Zé Pedro ri-se muito com estas minhas conclusões e é para isso que existem as palavras todas: para fazer rir muito as pessoas que nós queremos que estejam sempre a rir. Um dia mau é um dia sem um erro que nos faça rir. Poderia ficar triste sempre que acordo e sei que vou passar muitas horas do dia sem poder falar com o meu melhor amigo, mas prefiro acordar feliz porque tenho um melhor amigo. Acho que as pessoas seriam mais felizes se tivessem como um dos grandes objectivos de vida terem um melhor amigo. Eu sou, pelo menos.

*

— O que estás a fazer?

— A ler, senhora professora.

— Mas essa folha não tem nada escrito.

— Eu sei. Não quero que mais ninguém leia ao mesmo tempo que eu.

*

Os livros são todos folhas em branco, por mais palavras que tenham por lá. Sou eu que quando os leio escolho o que está lá escrito. Acho que a professora está a fazer mal ao castigar-me por ter levado isso à letra. Acabou de me colocar de castigo virado para a parede e eu acho que foi uma querida. Agora tenho uma parede inteira para continuar a história que estava a ler na folha. Pode ser que finalmente a menina que está apaixonada tenha a coragem de dizer quem ama. Deixem cá ler mais um pouco. Já vos conto tudo, ‘tá?

*

— Porque estás sempre na Lua?

— Para valer a pena viver na Terra.

*

Se matasses alguém, quem é que chamarias para te ajudar a esconder o corpo? Eu chamava o Zé Pedro, claro. Chamam loucos aos que não estão sempre com os pés no chão mas eu acho que é um bocado maluco querer ser feliz sem tirar os pés do chão. O chão às vezes queima, às vezes está sujo, às vezes é escorregadio, às vezes tem buracos. As pessoas que não passam a vida a voar, ou pelo menos aos saltinhos, nem sequer passam pela vida. É a vida que passa por elas.

*

— Porque estás sempre na Lua?

— Para ver a careca das pessoas.

*

É divertido ver o lado menos perfeito das pessoas, aquele que tentam esconder a toda a hora. Como se tivesse alguma piada aquilo que não tem falhas, que parvoíce. A parte de que eu gosto mais na senhora professora, por exemplo, é aquela em que ela tenta ficar séria com aquilo que eu digo e depois tapa a boca para eu não ver que está a sorrir. Acho que no mundo se escondem mais gargalhadas do que ferimentos. Parece que a felicidade é mais proibida do que a dor. Se concordas comigo, ri-te muito agora mesmo, estejas onde estiveres. Agora olha à volta e vê como te olham. Hilariante, não é?

6.

— Dizem que eu sou estranho.

— Poderia ser pior.

— Poderia?

— Poderiam dizer que não eras.

*

O Zé Pedro está triste com a escola. Está a ser perseguido por ser como é. Já vi que muitas vezes somos perseguidos por sermos como somos, parece que todos querem que todos sejam iguais. Acho que é estranho não sermos estranhos entre nós, é estranho quando não há diferenças entre o que vemos no que ouvimos, no que nos acontece. Eu por exemplo vejo no céu um bom começo para algo maior, penso no que pode estar depois dele, no que esconderá aquele azul todo. A minha mãe, pelo contrário, diz que o céu é o limite. Nenhum de nós está errado, embora eu tenha a certeza de que sou eu que tenho razão. O importante é mesmo ver que o que vemos está certo sem que tenhamos de ver que o que o outro vê está errado. É aquela velha história do seis e do nove, sabem? Foi o meu avô que me contou um dia. Aquele número visto de um lado é um seis e visto do outro é um nove. Ambos estão certos e ambos estão errados. É bem possível que, na vida, toda a gente tenha razão e ninguém a tenha. Só não tem razão quem a perde de tanto querer defendê-la.

*

— Atiraram-me ao chão. Puseram-me a rastejar.

— A mim também. Foi muito bom.

— Porquê?

— Nunca tinha sentido tão bem o cheiro da terra. Sou um sortudo.

*

Há um grupo na escola que não gosta de mim e do Zé Pedro. Preferia que gostasse, claro, mas até acabo por entendê-los. São adultos precoces, olham para nós e vêem que ainda brincamos de mais, que temos ainda sonhos a mais, ideias a mais. Gostava de lhes dizer que ainda estão a tempo de sonhar, que ainda estão a tempo de ser crianças. O mais incrível na idade é que não nos impede de nada. Na verdade até acho que a idade nos dá cada vez mais ferramentas para continuarmos a brincar, para continuarmos a sonhar. Um adulto é uma pessoa mais apetrechada (tomem lá mais uma palavra para aprenderem, aproveitem que eu não duro sempre, ou se calhar duro mas não digam a ninguém) para encontrar o seu sonho favorito do que uma criança, mas acha que só se vê de olhos abertos, que estupidez. O mais giro no meio de tudo isto é que, por causa desse grupo, eu e o Zé Pedro acabamos por fazer descobertas incríveis. Ainda ontem descobrimos que conseguimos aguentar mais de duas horas dentro do cacifo de um dos rapazes daquele grupo. Acho que quando sair da escola vou estar pronto a ser um daqueles agentes secretos que vemos nos filmes, não acham?

*

— Partiram-te os óculos?

— Sim. Puseram-nos no chão e saltaram em cima deles.

— E o que fizeste tu?

— Passei as horas seguintes a juntar todos os pedaços na mesa da sala de aula. Foram as horas mais divertidas que já vivi na escola.

*

Tudo existe para nos divertir, só temos de encontrar o lado engraçado no que nos acontece. Isso é o mais complicado, eu sei. É sempre mais fácil ir pelo lado difícil, ficar triste, querer magoar de volta. Não sei como ficaria eu melhor se magoasse quem me magoa. Que sentido faz isso? Quem me magoa não me magoa se eu não quiser. Os meninos da escola que querem que eu fique triste dão-me todos os dias vontade de os abraçar, de lhes dizer que são amados por alguém, tenho a certeza. Quando sabemos que somos amados por alguém não queremos magoar quem sabemos que também é amado por alguém. Tentei explicar-lhes isso há bocado mas acabaram por me enfiar folhas de papel na boca para me calarem. Sabem que as quadriculadas são bem mais saborosas do que as outras?

*

— O que fazes quando te fazem mal?

— Gosto de pechimperar.

— O que é isso?

— Sei lá. Mas fez-te bem, não fez?

*

Pechimperar é fazer aquilo que nos faz bem. Quando algo me incomoda, pechimpero. Penso no que pode haver de bom naquilo, percebo que não é nada de tão mau assim, encontro num instante uma maneira qualquer de sair dali, daquele lugar escuro para onde quiseram levar-me. Por isso já sabem: quando alguém quiser fazer-vos mal, ou quando a vida vos fizer mesmo mal, pechimperem. Pechimperem até deixar de doer. E depois, quando deixar de doer, continuem a pechimperar. É fácil, não é? Pois. Eu sei que não, mas fiz-vos bem, não fiz?

7.

— Quem te bateu para ficares assim?

— Eu mesmo.

— Para quê?

— Para ver melhor as células da minha pele.

*

A minha mãe quer saber quem me faz mal, e se lhe dissesse que alguém me fez mal iria fazer-lhe mal. Não sou santo mas amo a minha mãe. Não quero magoá-la sem necessidade, e há poucas vezes em que tenho mesmo necessidade de magoar. Pensamos que temos de colocar a verdade acima de tudo, mas eu acho que temos é de colocar o amor acima de tudo. Chamaram a minha mãe à escola para lhe perguntarem se sabia o que se estava a passar, se sabia o que estavam a fazer-me. Disse que não, eu também disse que não. Não me parece que seja importante confessar o que não me atinge. Os meninos que me batem só o fazem porque lhes falta qualquer coisa. Normalmente quem faz coisas más é só quem sente a falta de alguma coisa que não consegue ter, que não consegue sentir. Mas deixem-me só descobrir o que é que num instante vamos ficar todos bem, vão ver.

*

— Porque é que achas que nos batem?

— Para mim é uma questão culinária.

— Culinária?

— É. Acham que usamos de mais a massa cinzenta.

*

Eu e o Zé Pedro amamos pensar. Passamos a vida a pensar e acabamos por fazer com que quem não goste tanto de pensar pense mal de nós. Estes rapazes que estão agora a empurrar-nos no recreio e que tentam ofender-nos com palavras que só ofendem quem as diz acham que somos incapazes de nos defender. Acho que a violência é estúpida mas ser estúpido é ainda mais. Às vezes temos de fazer o que não queríamos fazer para deixarmos de ser aquilo que julgam que somos. Olho para o Zé Pedro, ele olha para mim. Vamos a isto, que se faz tarde e temos ainda muito para pensar hoje.

*

— Fiz como me disseste, mamã.

— Deste a outra face?

— Não. Dei o outro punho.

*

A minha mãe ficou a saber do que aconteceu. Estamos todos aqui fechados na sala da senhora directora: eu, o Zé Pedro, os outros meninos e todos os pais. Parece que vai ser desta que isto vai resolver-se, vamos todos pôr as cartas na mesa, é assim que se diz, não é? Os adultos gostam de dizer estas expressões assim, pensam que por dizerem coisas assim as coisas se resolvem assim. A ingenuidade experiente dos adultos é bonita mas só serve para dar confusão. Eu acho que vai ficar tudo na mesma. Basta olhar para a cara dos outros meninos para ver que ainda não têm aquilo que lhes falta. Enquanto não tiverem o que lhes falta, seremos eu e o Zé Pedro o que melhor serve para fazerem de conta que nada lhes falta. Mas já faltou mais para eu saber como resolvo isto, garanto.

*

— É este o livro que queres?

— Não. O outro mais grosso.

— Este?

— Sim. Deve amassar bem um nariz, não?

*

A utilidade das coisas está em quem as usa e não em quem as cria. Um livro é excelente para mudar vidas mas também não é mau para mudar canas do nariz. Este que tenho na mão é um belo exemplar disso mesmo. Deixem só aquela grupeta do costume chegar até aqui e já vão ver se tenho razão ou não. Raios: estão quase a chegar e eu ainda não escolhi a página que melhor lhes assenta. Vou escolher a mais desinteressante de toda a obra. Parecendo que não, uma mancha de sangue no meio das letras pode estragar todo o prazer da leitura, não acham?

*

— És mesmo um menino da mamã.

— Tu não és?

— Não.

— Oh. Coitadinho.

*

Todas as infelicidades são falta de amor. Este menino que agora chora nos meus braços não é um menino mau, é só um menino carente. Acho que todas as guerras são por haver meninos carentes com poder nas mãos. Vamos os dois para a parte de trás do recreio chorar juntos. Não quero que ele se sinta envergonhado por ser uma pessoa. As lágrimas ainda são mal aceites pela sociedade, ainda há quem não veja que só quem não chora é frágil. Há tantas pessoas com vergonha de serem pessoas, não há?

8.

— Mas achas que os teus pais não te amam?

— Amam, mas não gostam de mim.

*

Todos queremos ser o que aqueles que nos amam querem que nós sejamos, não é? Este menino não é o que acha que os pais dele querem que seja e está triste com isso. As pessoas tristes fazem coisas tristes, às vezes querem deixar os outros tristes. A tristeza faz mais tristeza, porque quando estamos tristes quem gosta de nós fica também triste ao ver-nos assim. Mas eu acho que a tristeza também faz alegria, a felicidade vem do lado de trás da tristeza, ninguém que nunca soube o que era estar triste está feliz. Precisamos de saber quem somos para sermos felizes, e ninguém sabe quem é se nunca esteve triste. Que tristeza, não acham?

*

— Qual é o teu sonho?

— Sonhar.

— Não consegues sonhar?

— Não tenho quem sonhe comigo.

*

Os sonhos são muito pouco aquilo que fazem deles. Os sonhos que nos vendem por todo o lado, as casas de sonho, os carros de sonho, as férias de sonho, são só sonhos enlatados, a comida rápida dos sonhos. Os sonhos a sério, os sonhos que nos envolvem, não precisam de grandes casas, de grandes carros, de grandes férias. Só precisam de grandes pessoas. Acho que há vidas de sonho bem tristes, não vos parece?

*

— Qual é o teu sonho?

— Chorar.

— Não consegues chorar?

— Não tenho quem chore comigo.

*

As lágrimas são muito pouco valorizadas e são elas que nos salvam. Acho que nunca passei um dia que fosse da minha vida sem deixar cair uma lágrima. Nem quero imaginar como seria se isso acontecesse. Acho que ficaria perdido, sem saber o que fazer, sem saber quem sou. Gosto de ser as lágrimas que choro, o peso que elas me tiram ou o peso que elas me dão. Não há lágrimas inúteis, todas chegam com um propósito e todas chegam ao seu destino. As boas pessoas são as que sabem o que fazem ou as que sabem o que desfazem? No outro dia chorei porque consegui pentear o cabelo com o dedo grande do pé. Este menino não tem com quem chorar e está cada vez menos apertado, cada vez mais feliz ao chorar comigo. Vou dar-lhe um pouco mais de atenção. Sim, já podem ir ver se conseguem pentear o cabelo com o dedo grande do pé, ou pensavam que eu não sabia que estavam mortinhos por tentar?

*

— Obrigado.

— Por quê?

— Porque foste o meu primeiro amigo.

— Obrigado.

— Também fui o teu primeiro amigo?

— Foste o meu primeiro cliente.

*

Continuo a achar que o grande objectivo da vida é rir, mas tenho a certeza de que as lágrimas são a coisa mais importante do mundo. O que faz falta ao mundo é haver mais quem chore. Decidi agora mesmo, agora que este menino já chorou e já foi, mais leve do que nunca, mais ele do que nunca, mais feliz do que nunca, para junto dos seus pais, que vou dedicar a minha vida a fazer chorar os outros, a tirar-lhes de dentro o que os impede de virem para fora. Há sempre uma lágrima que pode salvar-nos a vida. Por falar nisso, já choraste hoje?

*

— O que foi, mamã?

— O frigorífico.

— O que tem?

— Está vazio.

*

Será que sou mais humano do que aquilo que queria? Aprende-se em poucos segundos que há poucas coisas que doam mais a uma mãe do que um frigorífico vazio para receber o seu filho. A minha mãe chora as lágrimas que não consegue segurar e já não sei se afinal quero que a minha vida seja fazer os outros chorarem. Acho que se chora de mais por haver dinheiro a menos. Quero que o dinheiro acabe mas o que faço sem ele enquanto não acaba? Acho que há dinheiro a mais entre as pessoas. Será que há mais quem chore por não ter o que o dinheiro lhe dá ou há mais quem chore por só ter o que o dinheiro lhe dá?

*

— Onde está a tua bicicleta, meu filho?

— No frigorífico. Acabámos de a comer ao almoço de hoje.

*

De quanta dor precisam as pessoas até ficarem leves? Há brinquedos que servem para matar a fome. A minha mãe quer um emprego e não consegue. Eu ainda sou pequeno para trabalhar mas já não sou pequeno para ajudar. Quando a minha mãe puder, vai dar-me uma bicicleta melhor do que esta que vendi a um rapaz lá da escola, aposto. Amanhã, eu e o Zé Pedro vamos tentar vender a dele. Se derem uns bons trocos por ela, acho que já não vai ser preciso descongelar o resto do pão que temos aqui em casa. Já viram a sorte?

9.

— Perdoa-me, mamã.

— Porquê, meu filho?

— Por não ter mais nada para vender.

*

Amar é estar atento, já repararam? A minha mãe não tem como pagar a minha comida e eu e o Zé Pedro já não temos mais brinquedos para vender. Continuamos, claro, a passar o dia a brincar, mas usamos para isso a imaginação, claro. É sempre na imaginação que os brinquedos estão, já vos tinha dito, não já? Sonhar é o cérebro a andar de escorrega. Ou a despachar de uma vez uma caixa inteira de gomas, que tal? Ontem fizemos uma viagem até à Lua. Pegámos nos paralelos que estavam soltos na estrada aqui ao lado e construámos uma nave espacial. Eu fui ao volante, é assim que se chama o que comanda uma nave espacial? Não deve ser mas eu chamo-lhe assim. Afinal de contas, a nave é nossa e eu chamo o que quiser ao que é meu, ora essa. Até poderia chamar cenoura à nave e iogurte de limão à minha casa. Ia ficar bem giro. Imaginem: hoje saí do meu iogurte de limão e fui com o Zé Pedro andar na cenoura. Hilariante, não é? Os nomes não valem nada, só aquilo que nós colocamos neles. Até continuaria a jogar este jogo de palavras convosco mas tenho mesmo de ir. A minha mamã vai sair para mais uma entrevista de emprego e tenho de lhe dar um abraço e dizer-lhe que não é por não me dar comida que é uma má mãe. Mau é só aquele que não dá amor, não acham?

*

— Perdoas-me, meu filho?

— Porquê, mamã?

— Por te abandonar.

— Não vais abandonar-me. Só vais ter um dia de trabalho que vai durar alguns meses.

*

Pior do que perder é ganhar e nunca saber que ganhámos, não é? Os adultos acham que os dias duram vinte e quatro horas, que básicos. Um dia tem a duração daquilo que sentimos, do ciclo (como o da água, percebem?) que estamos a sentir. Cada um estica-o até onde quer. A minha mãe vai trabalhar para outro país, não sei ainda dizer o nome mas deve ser bem fixe de dizer depois de se saber mesmo como se diz. Está a chorar muito a acabar de colocar as roupas e as coisas que vai levar nos sacos velhos que a vizinha do lado lhe emprestou. Estão fartos de me dizer que isto é a vida, mas eles não sabem o que dizem. A vida não é nada disto, embora também haja disto na vida. É claro que vou ter muita vontade de lhe sentir a pele mas não vou deixar de abraçá-la a toda a hora. Sempre que quiser abraçá-la, já sabem como é: fecho os olhos e pronto. Agora vou abraçar a minha mãe e o meu pai juntos de novo, já viram que sorte?

*

— Quando é que vais embora, mãe?

— Quando acordares.

— Então hoje não durmo.

*

Que quantidade de amor há em cada ferida? A vida, se não sabem ficam agora a saber, é daqueles que choram melhor, daqueles que largam as lágrimas certas no momento certo, e que por isso vivem as emoções certas, os sentimentos certos. Os que se portam bem são os que choram bem, os que

choram mais longe. Eu estou a chorar com a minha mãe há já mais de um quilómetro. Vamos os dois a pé até ao aeroporto. Levo alguns dos sacos dela, os de plástico, que usávamos para ir ao supermercado (éramos tão felizes quando íamos juntos ao supermercado, não éramos, mamã? Eu ao volante do carrinho a acelerar, tu a veres-me acelerar de aplausos nas mãos. Os corredores eram pistas e nós éramos felizes. Vamos um dia voltar a ser, vamos?). Ela vai com muitos mais, os mais pesados, carregada, e vista ao longe deve mesmo parecer a Super-Mulher. Às vezes é ao longe que vemos quem de facto somos, é o que eu acho, pelo menos. Se eu disser que o amor pode muito bem ser a capacidade de ver bem ao longe e de amar bem ao perto, estou a dizer uma asneira?

*

— Obedece sempre às ordens da tua avó, sim?

— Obedeço, desde que sejam as minhas desordens também.

*

Estou a brincar, claro. A minha avó é a mãe da minha mãe e eu sei que tenho de respeitar o que ela me disser. Vou fazer o que ela me disser e nem vou queixar-me por isso, era o que faltava. Só tenho de lhe dizer obrigado todos os dias, a toda a hora, por ficar comigo enquanto a minha mãe vai para o dia de trabalho mais longo de sempre. Acho que chegámos ao aeroporto, as minhas lágrimas já descem mais depressa e as da minha mãe parecem ter ondas. Gosto tanto da cara da minha mãe. É se calhar disso que vou ter mais saudades: de acordar a ver a cara da minha mãe, de dormir agarrado a ela, de pousar a minha perna nas dela, de a apertar muito quando chega à casa, quando eu chego a casa. Gosto tanto da minha mãe. Somos o que conseguimos ou somos o que escolhemos? Queria não precisar de chorar

estas lágrimas, queria não precisar de ver as lágrimas que ela chora, mas enquanto as choro e as vejo cair fico com a certeza de que amo e sou amado. Apesar de tudo é sempre feliz o momento em que vemos que amamos e somos amados, não é? Então porque é que não consigo parar de me sentir tão triste, porquê?

*

— Sê sempre um bom menino, sim?

— Vou ser sempre um menino, chega?

*

Não quero viver sem arrependimento, que pasmaceira, prefiro escolher o arrependimento certo, pode ser? Vou ser sempre o teu menino, mamã. Digo-lhe estas palavras e não quero vê-la mais, não posso vê-la mais, não aguento vê-la mais. A dor tem um limite, percebi agora. Saio a correr dali, nem vejo aquele gigante com rodas a levantar voo, nem vejo a minha mãe a passar com aqueles sacos e trapos tristes por todas aquelas máquinas estranhas. A vida não é sempre o que queremos que ela seja, e é tão difícil às vezes querermos o que a vida só consegue ser. Prometo que vou ser o menino da mamã mesmo sem a mamã. Se isto não é criativo, então não sei o que é. Mas dói tanto, que raio.

10.

— Pára de fazer disparates. Nem sei o que te faço se continuas.

— Faz miminhos, avó.

*

Quem tem a razão numa mão tem de ter uma pedra na outra? A minha avó tem mau feitio mas é linda. Não entende a vida e já viveu tanto. Continua só a pensar no que tem de ser e esquece-se do que é. Quando crescer, não quero esquecer-me do que é, do que sou, do que está no quintal das obrigações, no pátio das contas por pagar, da sociedade para respeitar. Estou a tentar educar a minha avó, mostrar-lhe que nem sempre tem de ser tão dura comigo, com ela mesma, com a realidade. Acho que o que mais custa na realidade é estar sozinha em nós. Se lhe dermos a companhia de uma pitada de sonho, de um pouco de ilusão, ela é mais feliz e torna-nos mais felizes com ela. Acerta mais quem pondera mais ou quem delira mais? Um dia, a minha avó deixa de ser realista, prometo.

*

— E o ovo: queres cozido ou estrelado?

— De chocolate, avó.

*

Ponto para mim. Já fiz a minha avó sorrir outra vez. Afinal é simples: só tenho de lhe dizer o que quero mesmo, sem fazer de conta que quero o que não quero. Descobri há uns meses que as pessoas ficam desconcertadas sempre que eu tenho a coragem de dizer o que sou. Está toda a gente habituada a palavras que ficam a meio, a desejos que ficam por contar. Eu não entro nesse carrossel. Quando quero, digo que quero; quando desejo, digo que desejo. Não me importo muito com a surpresa dos outros. Para ser

sincero até fico feliz por deixar as pessoas de boca aberta. Não estou a fazer mal nenhum, não estou a magoar ninguém. Só estou a não esconder o que me deixa feliz. Se todos dissessem o que desejam, talvez mais pessoas tivessem mesmo o que desejam, não vos parece?

*

— Vai fazer os trabalhos de casa, Pechimperé.

— Agora não posso, avó. Estou ocupado.

— A fazer o quê?

— Asneiras.

*

Toma lá mais um sorriso. A minha avó está conquistada, tenho a certeza. Ou se calhar não. Está vermelha de raiva, espero que não se sinta mal. Gosto tanto dela. Acaba de me dar um estalo na cara e de me dizer que não quer ouvir falar mais do meu amigo Zé Pedro. Diz-me que eu sou um rapaz estranho por culpa dele. Fico calado, ainda não sei como reagir quando a injustiça vem de quem amo. Custa mais quando é alguém de quem gostamos muito a fazer-nos mal. Aliás, acho que é só quando é alguém de quem gostamos muito a fazer-nos mal que alguém de facto consegue fazer-nos mal. Se for outra pessoa quase nem ligamos, percebemos que aquela pessoa não é alguém que não gosta de nós, é apenas alguém que não nos conhece. A minha avó proibiu-me de estar com o Zé Pedro e mandou-me ficar fechado no quarto de castigo. Estou a ser punido por ser quem sou. Será que é isto que sente um adulto a toda a hora?

*

— O que é isto?

— É um *soutien*.

— Para que serve?

— Para segurar o meu peito, para parecer que não está caído.

— E não tens vergonha de enganar assim as pessoas?

*

O engano faz parte do que os adultos vêem como vida normal. Pode confundir-se amor com cosmética? Todos os dias há pequenas mentiras que estão nos pequenos passos. Tudo para manter o mundo plano, sem curvas apertadas, sem sobressaltos. Temos um medo inexplicável do desassossego e só somos felizes desassossegados. Há três dias que não vejo o Zé Pedro. A minha avó vai buscar-me e levar-me à escola. Pedi à senhora Lurdes, lá do refeitório, para me vigiar. Vejo-o ao longe no recreio, trocamos uns olhares. Sei que está bem, sei que sabe que isto é passageiro. Fica mais fácil a vida quando sabemos que o que nos magoa, como tudo o resto, também vai passar. Estou triste. Não tenho a minha mãe, não tenho o meu melhor amigo. Mas, se virmos bem, isto vai servir é para eu ser mais feliz do que nunca quando voltar a tê-los, já viram que sorte?

*

— Não te amo do fundo do coração, mamã.

— Porquê?

— Porque se for do fundo afogo-me.

*

As pessoas que estão sempre à espera de sexta-feira não aproveitam nada os outros dias, pois não? A hora do telefonema com a minha mãe é a melhor do dia e a mais dolorosa do dia. Conta-me a verdade que eu sei que mente, as

histórias possíveis para não derrocar lá como eu derroco aqui. Ainda a abraço quando me dói o que não entendo, ainda é a voz dela que ouço quando quero adormecer no colo de alguém, ainda vejo os olhos dela a olhar-me quando quero ser olhado. Amo-te como se fosses tu a razão de eu saber o que é amar, mãe. E és.

11.

— Não gosto de fazer anos neste dia.

— Porquê?

— Porque tenho de esperar um ano para fazer outra vez.

*

É uma seca haver datas marcadas para fazer festas. É mesmo coisa dos adultos. Não faz sentido nenhum. Onde é que já se viu agendar a diversão? A grande diversão é a que chega sem contar, como quando abrimos a porta de casa e vemos lá o nosso melhor amigo, que já não víamos há muito. Não foi o que me aconteceu agora. Cheguei da escola e o Zé Pedro não estava. Só estava a minha avó e um bolo. Fico triste e ela sabe porquê. Faz de conta que não, mas sabe. Tenho dificuldade em entender porque fazemos coisas que sabemos que vão magoar o outro, ainda mais quando gostamos desse outro. Nunca magoei com intenção: quando é que os grandes percebem que basta poderem dizer isto para serem boas pessoas?

*

— Vou ficar careca.

— Por estilo?

— Não. Por doença.

*

Estou a falar às escondidas na casa de banho da escola com o Zé Pedro. Diz-me que tem leucemia. Logo, quando a minha avó adormecer no sofá a ver a telenovela, vou à internet ver o que é. Leucemia. O nome assusta, não assusta? É como o outro que ouvi no outro dia. Cancro. É incrível o peso que as palavras conseguem ter em nós. Só de as ouvir tudo fica mais difícil. Ouço

leucemia e tremo todo, ouço cancro e tremo todo. Quem terá inventado estas palavras, sabem? Mas comigo elas não brincam. Comigo não têm hipótese. A partir de hoje a doença do meu amigo Zé Pedro é a Lelé. Ninguém tem medo de uma Lelé, ou tem? Vai ser corrida a pontapé da vida dele, da minha vida. Chega-te aqui, Lelé, que vais ver como elas mordem.

*

— Quando for grande, quero ser uma fada.

— Para realizares os desejos de toda a gente, é?

— Não. Para voar.

*

Este médico que está a falar com o Zé Pedro é bem fixe. Ainda bem que a mãe dele me deixou vir também à consulta. Até a minha avó veio connosco, vejam lá. Assim é melhor. Assim fico a saber direitinho o que é isto. Assim ficamos os dois a saber direitinho tudo sobre quem é mesmo a Lelé. Já percebi que tem a mania que é boa, já percebi que tem a mania que é má. Mas meteste-te com o puto errado, miúda. Ninguém pode esperar querer fazer mal ao meu melhor amigo e não lhe acontecer nada. Eu não sou de ameaças, mas se fosse a ela já me tinha posto a andar dele para fora há muito. Vai, Lelé. Se ficares, isto não vai ser bonito para ti, garanto-te. Depois não digas que não te avisei.

*

— Qual é o teu signo?

— Palhaço.

*

É para isso que estou aqui. Quero fazer rir o meu amigo. Passei aqui o dia nesta cama ao lado dele. As pessoas do hospital foram mesmo fixes comigo, com ele. A minha avó também. Veio cá duas ou três vezes, trouxe-me coisas para eu comer, para nós comermos. Estou orgulhoso dela, tenho de dizer a verdade. Não esperava que reagisse tão bem à chegada da Lelé à vida do meu amigo, e por isso mesmo à nossa vida também. Mas o mais importante é que de cada vez que digo alguma coisa que faz rir o Zé Pedro é como se a Lelé deixasse de existir durante uns segundos. Até parece que fica menos branco e mais ele. A Lelé está a tentar tirá-lo de mim, que eu bem sei. Acho que em breve será ela a saber que sou eu quem vai tirá-la dele. Aproveita enquanto podes, miúda. Toma lá mais uma piada das boas para veres como elas mordem, vá.

*

— Sabes como se diz verde em pechimperês?

— Hulk.

*

Inventei uma nova língua só para divertir o Zé Pedro. É uma língua perfeita, muito mais humana, muito mais feita para pessoas, de pessoas para pessoas, digo eu que a inventei e que por isso não posso ser lá muito isento (esta palavra é bem usada aqui, não é?). Em pechimperês, as palavras usadas para representar sentimentos são os nomes das pessoas que mais nos fazem sentir esses sentimentos. Cada pessoa vale, para nós, pelo menos um sentimento, uma emoção. Acho até que é isso que as pessoas mais valem: sentimentos, emoções. O resto vale muito pouco. Por exemplo, se eu disser que estou com Lelé de alguma coisa, no fundo o que quero dizer é que tenho medo de alguma coisa, porque mesmo com este ar de forte, que eu sei que

tenho, não posso deixar de admitir que a Lelé é o mesmo que medo para mim. Mas não se preocupem: no final, com o Zé Pedro, a minha mãe vence sempre. Fizeram a tradução, não fizeram? No final, com coragem, o amor vence sempre, claro. Boa: já vi que também já sabem pechimperês. Parabéns.

12.

— Põe o chapéu que o sol está quente.

— E se eu o colocar por acaso o sol vai deixar de ficar quente?

*

Não tenho cabelo mas tenho esperança. O Zé Pedro, por causa da Lelé, ficou careca e eu num instante cortei logo a minha lã toda. Somos lindos assim, mas nós somos lindos de qualquer maneira, temos de ser honestos. Há uma certa liberdade em viver sem cabelo, se querem que vos diga. A maior das vantagens é termos mais tempo para brincar, sem estar a pensar se estamos despenteados e coisas assim. Acho que o mundo seria um lugar melhor se fôssemos todos carecas, não vos parece? Pensem nisso um pouco enquanto eu vou aqui fazer rir o Zé Pedro mais um bocadinho.

*

— O que tens?

— Estou cansado.

— E agora: o que tens?

— Tenho cócegas.

*

Faço cócegas ao Zé Pedro para o tirar do cansaço, da dor, da falta de vontade. Está apagado, sempre apagado, nos últimos dias. Já não consegue brincar comigo na rua, acho que nem pode, que o médico não deixa. Já não tem muita força para se rir das minhas piadas, nota-se que quer muito, nota-se que se ri muito por dentro, mas por fora mal se mexe, a boca está parada a vê-lo rir-se. No meio das cócegas somos todos felizes. É para isso que elas servem, para nos fazerem rir mesmo quando não conseguimos rir-nos,

mesmo quando pensávamos que era impossível rir. Só para sabermos que é, é sempre possível rir, sobretudo quando não conseguimos fazê-lo. Gostava que no meio dos funerais, quando morre alguém, houvesse cócegas, toda a gente a fazer cócegas a toda a gente, toda a gente a rir-se com toda a gente. As lágrimas podem existir com o riso, a dor pode rir-se, o Zé Pedro que o diga agora. Olhem bem o meu talento a passar levemente a ponta do meu dedo indicador pela base dos pés dele. Reparem na maneira como consigo que a pontinha, um milímetro ou menos, da minha unha faça com que o corpo todo dele reaja. É de génio, não é?

*

— Vamos voar até àquela árvore.

— Não consigo andar agora.

— E quem disse que é preciso andar para voar?

*

Posso só gostar das pessoas boas, posso? É certo que a Lelé deixou o Zé Pedro sem forças para brincar comigo, mas também é certo que é por causa da Lelé que eu consigo pegar nele ao colo e correr de árvore em árvore pelo parque. Está mais leve do que os gatos que vou acarinhando na rua, tenho-o nas minhas mãos como se tivesse um cristal antigo da minha avó. Se calhar deveríamos tratar todas as pessoas como eu trato os cristais antigos da minha avó. A Lelé e outras coisas assim abrem-nos muito os olhos, fazem-nos sentir aquilo que deixámos de sentir, aquilo que pensávamos que estava lá, que estava sempre lá, que iria estar sempre lá. Mas não está. Eu pensava que o Zé Pedro iria estar sempre ali para brincar comigo e ele agora não pode estar, e eu só queria poder voltar atrás, antes de a chata da Lelé chegar, e fazer tudo o que já tínhamos decidido que iríamos fazer. Mas, agora que falo nisso,

percebo que estava a ser um bocado adulto nisto, que vergonha. Não é por causa da Lelé que vamos deixar de fazer o que queríamos tanto fazer. Era o que faltava, ser ela a mandar na nossa vida. Ao meu colo, o mundo é belo, não é, meu amigo?

*

- Assim sem cabelo pareces mesmo um bicho feio, ó Pechimperé.
- Deve ser de estares a ver-te reflectido na minha careca. Desculpa.

*

Os meninos na minha escola não sabem do que está a acontecer. Estão a ser meninos, só isso. Querem sentir a vida na pele, sabem? Nisso estou com eles, também sinto assim. Não lhes levo a mal o que dizem, o que fazem. Continuo o meu caminho por aqui, à espera de que acabem as aulas para poder ir a correr ter com o Zé Pedro e ver se finalmente já se livrou da Lelé. Ontem pareceu-me um bocado melhor, já se levantou, andou pela casa. Mesmo assim, a mãe dele não estava muito animada. Apanhei-a a chorar na cozinha, junto à despensa. Fiquei feliz por ela. Estava a conseguir chorar, estava a conseguir tirar o peso, parte dele, de cima dos olhos, de cima da vida. Hoje ainda não chorei e apetece-me tanto. Só falta meia horinha de Estudo do Meio e já está. Eu aguento.

*

- Algum dia vais deixar de sonhar?
- Claro que não.
- Então lamento, mas nunca vais chegar a velho.

*

Só uso o que me toma por todos os lados, sem indecisão. O Zé Pedro chora nos meus braços. Parece um bebé chorão nos últimos dias. Está a chegar a hora de ir ao médico saber como está tudo, se correu bem este tratamento. Tenho a certeza de que sim. Divertimo-nos muito e é sempre a diversão que cura as pessoas. A longevidade tem menos de ciência e mais de comicidade (cá estou eu a ensinar-vos palavras; escusam de agradecer, sim?). Os que vivem mais são os que se riem mais, e os que se riem mais são os que choram mais, os que estão livres o suficiente para ter tanto de riso como de lágrimas. Repito para poderem ter tempo para anotar: os que se riem mais, os que choram mais, são os que vivem até mais tarde. Mesmo que vivam menos anos, claro, ou ainda são daqueles que acham que o tempo se mede em tempo? Não é com o relógio que se contam as horas; é com saudade. Só vivemos o tempo que recordamos. O resto não foi tempo vivido, foi tempo perdido. Espero que ainda vás a tempo de perceber isso.

13.

— Eu faço muitas perguntas? Acham que sim? Porque será? Sabem? Mas acham mesmo?

*

Estou com o Zé Pedro e a mãe dele no consultório e quero saber tudo. Não tenho vergonha de não saber tudo. As pessoas perdem muita vida ao não quererem admitir que não sabem tudo de tudo, escondem a ignorância como se fosse embaraçosa quando a ignorância é onde começa o sábio, não li isto em lado nenhum mas acho que poderia muito bem ter lido porque é uma bela frase para estar à entrada de um respeitável edifício, não vos parece? Já estou a imaginar à entrada da escola onde eu e o Zé Pedro somos reis de nós mesmos: “A Ignorância é o Começo de Todos os Sábios.” Em letras garrafais, para toda a gente ver, sabem? E por baixo dessa inscrição o meu nome: Pechimperé, claro. Seria algo assim: Pechimperé, ex-aluno de mérito desta instituição. Podem pensar que estou a brincar ou a sonhar alto de mais, mas só quem não sonha julga que há sonhos altos de mais. O sonho é o que nos prende ao chão mesmo que seja o que nos faz voar. Bem, chega disto, chega de mim. Deixem-me ouvir com atenção o que este médico tem para dizer. Está com má cara mas deve estar a fazer teatro. São boas notícias, querem apostar?

*

— Gosto de falar contigo, miúdo.

— É natural. Os génios gostam muito de falar entre si.

*

Excesso de lucidez é loucura? O médico é um porreiraço, gosta de mim. Parece-me é que está a embrulhar muito o que tem para dizer. Já percebeu

que eu não vou engolir as palavras curtas que vai dizendo. Prefiro as palavras todas, a verdade toda. A minha mãe, que telefonou por acaso e ficou em videochamada comigo a ouvir também o que acontece aqui, que o diga. Fui sempre assim e não creio que algum dia deixe de ser. Não vou permitir que o meu amigo saia daqui sem saber o que tem, o que pode ter, o que pode ter resultado de tudo o que já passou, de todo o tratamento que já fez. Sempre que pudermos, devemos ir até ao final das questões, desenvolver o que há para desenvolver, prever o que é mais saudável se for previsto. Não pretendo saber tudo sobre tudo, que seca. Mas pretendo saber tudo o que for útil saber para poder dedicar-me pouco a pouco, como se estivesse a abrir um presente, a descobrir a vida. Quero descobri-la com o Zé Pedro, por mais que as palavras deste médico estejam a assustar-me cada vez mais. Daqui a nada digo-lhe das boas, vão ver.

*

— Mas tem a certeza disso, doutor?

— Nunca se tem a certeza de nada em casos assim.

— Então, não o diga.

— Nunca se sabe bem o que dizer em casos destes, meu jovem.

— Quando não souber o que dizer, limite-se a dizer aquilo que sabe.

*

Não admito que um médico diga onde pode acabar a vida do meu amigo. Fala em poucas hipóteses, queria que eu e ele saíssemos para dizer a verdade à mãe do Zé Pedro e pô-la a chorar como se o mundo fosse acabar — e iria, claro que iria, o mundo dela iria acabar se o seu menino não tivesse mesmo hipóteses como este doutor de meia-tigela diz. Com todo o respeito, o senhor é um bocado fraco, doutor. Pensa que a doença é a ausência de saúde, quando

todos os sábios poderão dizer-lhe que a doença é a ausência de amor. É com ele, com amor, que se cura a morte. A do Zé Pedro pode estar a caminho mas garanto-lhe que em dois tempos vai dar a volta. Esses três ou quatro por cento de possibilidades de cura não são suficientes, de facto. São exagerados. Não precisávamos de tanto. Meio por cento, uma décima por cento, eram mais do que suficientes. Dê o resto a quem precisa mesmo, sim?

*

— Não pensem que digo estas coisas de ânimo leve. Sou uma pessoa profundamente reflexiva.

— Sim, doutor. Eu também passo muito tempo em frente ao espelho.

*

Estou revoltado com este médico e sei que não deveria. A culpa não é dele. Ninguém gostaria de estar no seu lugar. É apenas o mensageiro da falta de esperança dos adultos. A mãe do Zé Pedro chora por mais que tente não mostrar que chora, a minha mãe chora por mais que tente não mostrar que chora. Eu também choro mas é de sonho, é de ansiedade, é de pressa. Tenho pressa de sair daqui, tenho pressa de ter uma conversa com o Zé Pedro, de lhe dizer que não deve ligar muito ao que dizem as estatísticas. Antes da existência da nossa amizade, a percentagem de amizades iguais à nossa era de zero vírgula zero, contas por alto. Criatividade é também matar a morte, deixar que as lágrimas tragam esperança e não fim. E agora chega disto. Vamos embora daqui que há gelados para comer lá fora.

*

— Tenho uma teoria sobre a vida.

— Qual é?

— O importante é a prática.

*

Claro que é. Por isso aqui vai mais um mergulho. Desta vez vou dar uma cambalhota para trás. Sentem-se aí ao lado do Zé Pedro e observem lá com atenção.

14.

— Sabes que acabei de descobrir o que é a vida?

— O que é?

— É aquilo que acontece enquanto perdes tempo a tentar descobrir o que é a vida.

*

Chama-se amanhecer ao começo do dia mas bem que poderia chamar-se ressurreição, não poderia? Não temos tempo a perder. Nunca tivemos, para dizer a verdade. Eu e o Zé Pedro andamos a consumir a vida como se tivéssemos pouco tempo para isso, mas eu sei que temos. Sei que temos muitos e muitos anos para brincarmos juntos. Só quero que ele não pense muito nisso, nem perca a força de que precisa para o novo tratamento que está quase a começar. Não temos ido às aulas porque nada ensina mais do que ir contra o que nos assusta, li isso num livro qualquer que a senhora professora nos leu há uns meses. A minha avó não sabe, a minha mãe, coitadinha, lá longe, também não sabe. Tenho a certeza de que a faço muito infeliz sempre que lhe digo a chorar todas as novidades sobre a situação do Zé Pedro. Até já me disse que quis muito regressar logo que soube, mas o chefe dela lá não a deixou. Todos os dias lhe digo que vai ficar tudo bem, e vai. Respeito muito as palavras, entendo-as como o começo dos actos, sabem? Não admito a ninguém que fale sequer ao meu lado naquela palavra que representa o final da vida. Dizê-la é trazê-la. Amor, diversão, dança, saltos, corridas, beijo, abraço, praia, gelados. Pronto: acho que depois destas palavras já fiquei melhor. Ufa.

*

— O que estás a fazer?

— Coisa nenhuma.

— Posso ajudar-te?

*

O Zé Pedro derrete-se a rir e eu derreto-me a vê-lo rir-se. Deveria estar de rastos e está aqui a segurar a barriga para não lhe doer muito cada gargalhada que o obrigo a dar. Já chorámos muito, choramos todos os dias. Falamos em tudo o que já fizemos, em tudo o que queremos ainda fazer. Chorámos há bocado para nos rirmos agora, deve ser este um dos segredos de estar bem na vida. Temos de chorar há bocado para podermos rir-nos agora, temos de ter a capacidade de andar sobre as lágrimas. Já não vamos à escola há dois ou três meses, desde que o novo ciclo de tratamento começou. Sinto-o melhor a cada dia que passa, mas pode ser impressão minha, que eu sempre que passa um dia sinto-me logo melhor. Cada dia é uma prova de vida, e não é só para quem tem uma doença. Ontem fomos à praia, hoje viemos ao parque, amanhã vamos passear pelo centro da cidade, ver os brinquedos novos que chegaram às lojas, tocar às campainhas e fugir. O Zé Pedro foge ao meu colo, claro. Estou numa forma incrível ao nível dos músculos dos braços. Deve ser de situações destas que vem aquela ideia de que há males que vêm por bem, não deve?

*

— Não achas que deverias dizer ao teu melhor amigo que gostas muito dele?

— Tens toda a razão. Quando estiver com ele, vou dizer-lhe.

*

Mais uma gargalhada do Zé Pedro, mais uma lágrima que fica para trás. Estava a cair na tristeza, que eu bem vi. Estava a pensar, deitado aqui junto à

quinta do vizinho, que poderia ser a última vez que poderia vir comigo roubar uvas ao vizinho, vejam só. Acabei de lhe mostrar que está para durar. Ninguém que vai durar pouco consegue chorar assim, rir-se assim. Chorar e rir são o contrário do que acaba connosco. O que acaba connosco é a incapacidade de chorar, a incapacidade de rir. Estamos vivos e vamos estar comó aço, meu amigo. Garanto-te eu, que sei pouco de quase tudo mas sei muito de nós. A minha avó hoje ia à escola e ia ficar a saber que tenho faltado às aulas. Não espero nada de bom quando chegar a casa. Enquanto não chego estou feliz. Porque é que os adultos não percebem isto? Enquanto não chega o que dói temos de ser felizes. E quando chega também. Aqui vou eu dizer mais uma baboseira. Reparem como a dor esperneia toda quando faço isto assim.

*

— Gostava de continuar a fazer-te feliz mas vou ter de ir-me embora.

— E quem te disse que não podes fazer as duas coisas ao mesmo tempo?

*

Mais uma gargalhada. Estou a mentir, como é óbvio. Acho que nada me deixa mais infeliz do que esta hora em que temos de voltar para casa, esta hora em que tenho de deixar o Zé Pedro entregue ao que pensa. Quando algo nos corre mal é importante ir para fora do que nos correu mal, trazer manobras de diversão, parques aquáticos, escorregas gigantes, as maiores idiotices que estiverem à mão. A palermice nunca terá do mundo o valor que o mundo deveria dar-lhe. É dela que depende grande parte da sanidade das pessoas. Às vezes o que nos sara a ferida não é o álcool, é a parvoíce. Que haja sempre um pateta ao lado quando a vida aperta. Sempre que puder serei eu, podem ficar descansados.

*

— Não ligo a aparências.

— Porquê?

— Fica-me mal.

*

A minha avó soube hoje que já não vou há muito à escola. Soube, ou se não soube imagina, o motivo para isso. Acabou de me dizer que lhe apetece dar-me uma carga de porrada e um camião de mimos. Acho que com esta minha resposta vai fazer a escolha correcta, não?

15.

— Estou feliz, mas sinto que ainda me falta qualquer coisa.

— E falta.

— O quê?

— Os *boxers*.

*

O Zé Pedro está curado e estamos os dois a correr nus na rua para comemorar. Saímos em lágrimas do consultório quando soubemos da notícia, pensámos que um momento como este merecia que o corpo estivesse como a alma estava. As pessoas estranham, olham muito, abrem a boca de espanto, algumas riem-se, outras viram a cara, outras ainda abanam a cabeça em sinal de reprovação. A Lelé entrou em remissão e o mundo inteiro tem de saber que a Lelé entrou em remissão. Afinal de contas quem é que manda aqui, quem é?

*

— Fomos detidos. Querem que fiquemos aqui toda a noite.

— Queres que vá buscar-te?

— Não. Quero que me tragas os livros.

*

Atentado ao pudor fazem aqueles que não choram, aqueles que não amam, aqueles que não festejam, aqueles que não se apaixonam, aqueles que não são. Vamos passar aqui a noite inteira, nesta esquadra de faz-de-conta, e eu só vejo nisso uma oportunidade perfeita para estudarmos, para recuperarmos a matéria toda que perdemos porque não fomos às aulas este tempo todo. A minha avó chegou sem entender muito bem o que sou, mas parece-me que já

desistiu de me entender. Prefere ver-me feliz em vez de querer ver-me razoável. Acho que é uma das grandes provas de amor, não é? Acho que amamos quando somos capazes de não colocar juízos sobre os juízos de quem amamos. A minha avó ama-me. Diz-me isso, baixinho, enquanto me deixa ficar os livros e os cadernos. Pede por favor aos polícias de serviço, que são os peluches velhos de quando eu era bebé, para me deixar ter aquilo aqui na cela. Acredito que vou ter umas horas felizes. É um sonho passar a noite a celebrar a liberdade do meu amigo preso com ele atrás das grades.

*

— Vais dar cabo da minha vida, meu desgraçado.

— Pelo que tenho visto não precisa de ajuda nisso, avó.

*

O sorriso da minha avó, o sorriso encoberto do polícia fofinho que lhe abre a porta para ela se ir embora. Vejo-a ir como se a visse mais nova, de repente. Trouxe-lhe a inconsequência que nunca soube ter, que nunca pôde ter. Foi constantemente a senhora que queriam que fosse, nunca a menina que não deixou de ser. Em mim vê a sua cobardia, mas vê ainda mais a coragem que ficou por acontecer. Acho que é por isso que temos heróis, ídolos. Somos neles o que gostaríamos de ser em nós, e é assim que vivemos, nem que só por dentro dos olhos, o que o medo nos tirou da frente. Agora toca a estudar para celebrar.

*

— Leucemia! Cancro! Morte!

— O que estás a fazer?

— De vez em quando sabe bem saber os bois pelo nome.

*

Antes de começarmos a estudar estamos a libertar os demónios, a deixar a alegria vir um pouco para fora. Há um certo receio de expor a felicidade, dizem que ao ser exposta é invejada, e que ao ser invejada corre perigo. Acredito que devemos expor o que é bom, que devemos levar para fora o que faz bem ao mundo. A nossa alegria pode levar alegria aos outros presos, pode fazê-los vivos nem que por uns segundos. Há tanto quem viva a vida toda sem viver uns segundos, não há?

*

- Ah, mas nessa altura eu era uma pessoa completamente diferente.
- Mas foi ontem.
- Foi o que eu disse.

*

Interessa-me o espantoso das coisas banais. Quem disse que a dor está em viver? Ontem ainda não sabíamos que o meu amigo não era um homem saudável, ontem tudo era diferente. A mudança exige inteligência, a permanência também, claro. Mudo todos os dias, sou feliz assim. Somos viciados em coerência, não somos? Pretendemos estar imóveis quando o mundo roda, que aborrecimento. Queremos ser hoje o que fomos ontem, e poucas vezes percebemos que só somos hoje o que fomos ontem quando não somos hoje o que fomos ontem. O que somos é mais do que tudo mudança, o que somos é mais do que tudo incoerência, gostar hoje do que não gostávamos ontem, dizer hoje o que não dissemos ontem, temer e amar e desistir e chorar hoje o que não temíamos, amávamos, desistíamos ou chorávamos ontem. É assim que está tudo bem, é assim que estamos todos

bem. A minha avó diz muitas vezes que só os burros é que não mudam mas está errada, lamento. Até os burros mudam. Os mortos é que não.

*

— Para que existe o silêncio?

— Para dizer o que não tem palavras.

*

Precisamos do silêncio para nos escutarmos, quantos conseguem? Já estudámos tudo por hoje, a manhã está quase a nascer. Não se ouve nada na esquadra. Olho o Zé Pedro, ele olha-me. Não temos nada a dizer um ao outro que necessite de palavras, que exista nas palavras. Limpo mais uma lágrima quando me lembro de que está livre, de que é um menino como outro qualquer, pronto a ser um homem como outro qualquer. Sermos uma pessoa como outra qualquer é o dom absoluto, aquele que nos distingue de todos os outros. A liberdade é um superpoder.

16.

— Fico assustado quando vejo que todos pensam da mesma maneira.

— Porquê?

— Porque é sinal de que ninguém está a pensar muito.

*

A turma está toda a aplaudir-me de pé. Fui eleito o melhor aluno da escola mesmo depois de ter faltado aquele tempo todo às aulas. Não vejo que tenha feito nada de mais. Diverti-me a estudar com o Zé Pedro. Foi a nossa maneira de festejarmos. Agradeço, faço aquelas vénias que vejo nos espectáculos, mas quero é que isto passe rápido. É claro que é bom sermos bem-sucedidos, quem não gosta? Mas como não vejo lágrimas em ninguém não vejo que esteja a fazer algo de bom para alguém. Afinal estou, percebo agora, quando aqui ao meu lado o Zé Pedro tem os olhos molhados e vai tentando, com dificuldade, não mostrar que há lágrimas a quererem sair. Noto-lhe o orgulho que tem em mim e fico feliz. Amar é também ter orgulho em quem amamos, não é?

*

— Não gosto de intelectuais.

— Porquê?

— São uns burros de todo o tamanho.

*

Toda a turma se ri, assim já gosto mais. Agora digo que este prémio é bom mas que pode e deve ser dado também ao Zé Pedro. Ele é que é o verdadeiro herói. Foi por ele que estudei tantas horas, por mais que eu goste mesmo de estudar e de saber mais coisas. Quando falo nele reparo num certo mal-estar,

não sei porquê, ou se calhar é por ser o menino que deu cabo da Lelé. Deveriam aplaudi-lo a ele e não a mim. Não o fazem. Há sempre medo de mexer nas vitórias, como se ao mexermos no que já vencemos possamos vir a tirar-lhes algo, a trazer uma ponta de derrota à vitória, ou descobrir algo que a coloque em causa, que lhe tire a limpeza, será? Haverá mesmo quem festeje uma vitória que nada teve de sua como se fosse a sua? Se houver quero ser amigo dessa pessoa, dar-lhe um abraço. Ou acham que é por acaso que me abraço tantas vezes e ao Zé Pedro ainda mais?

*

— Estou confuso.

— Com quê?

— Não sei.

*

O Zé Pedro fica desconcertado mas estou mesmo, estou mesmo sem entender porque é que ficaram assim, com esta cara estranha, a cruzarem olhares cúmplices, culpados, quando falei nele, quando pedi que o aplaudissem e não a mim. Até a senhora professora fez de conta que não ouviu, seguiu em frente, continuou a falar de mim, dos meus testes maravilhosos, das minhas respostas perfeitas. Exijo que respeitem o meu amigo como me respeitam a mim. Insisto nele, no aplauso que quero que todos lhe dêem. Ao fim de alguns segundos, ao ver que não vou desistir, a senhora professora acaba por ceder, pede à turma que dê um grande aplauso ao meu amigo. Vejo-o emocionado, vejo-o feliz. Ainda sinto os olhares estranhos sobre mim, olhares com reprovação dentro. Só quero o que declara independência da minha vontade, posso? O problema do mundo, não sei se já vos disse, não é a falta de justiça, é o excesso de juízes. Farei o que for

preciso para ver feliz quem amo. Qual é a dificuldade de perceber algo tão básico assim?

*

— Mas se não gostam de mim não é porque não sou bom?

— Não. É porque não estás no lugar certo.

*

Já fomos os dois os sacos de pancada destes meninos todos e agora somos os heróis. Eu sou, pelo menos, mesmo que ainda não tenha entendido muito bem porquê. O Zé Pedro está com falta de confiança no que é, no que vale. Explico-lhe que o valor não se mede pelos aplausos, só pelas lágrimas. O maior é o que faz chorar mais lágrimas das boas, lágrimas construtivas, lágrimas de emoção que nos levam até ao que somos. Converto as lágrimas em frases, é isso? Quando for grande quero fazer chorar, pouco mais. Continuo sem entender porque me adoram tanto agora. Sou o mesmo. Entendo ainda menos porque não adoram também o Zé Pedro, porque só falam para mim, porque não o procuram, porque não lhe perguntam como é ser o super-herói que foi, que é. Sou o melhor amigo do puto que conseguiu derrotar a morte. Que puto de orgulho.

*

— Dizem que sou céptico.

— Dizem?

— Dizem. Mas custa-me a crer.

*

A minha avó tem uma teoria: diz-me para não ligar muito ao que pensam sobre o Zé Pedro, diz para não me preocupar com o desprezo que possam

dar-lhe, porque no fundo as pessoas, até os meninos lá da escola, estão como ela estava antes de me conhecer melhor. Não sabem como devem lidar comigo, diz ela, como se fosse necessário tirar um curso para me perceberem e às minhas coisas. Nunca vou compreender o ataque que se faz à diferença. O preconceito é burro, não é? Só quem sabe pouco odeia muito. Entre a agressão e a paz está o conhecimento, é nele que se faz o respeito. Para respeitar o outro há que olhar para o outro, mas olhar dá trabalho. É mais fácil não querer saber, apontar o dedo, concluir sem substância. O diferente mexe connosco porque abana o que pensamos que somos, faz-nos duvidar do que tem de estar imóvel para nos mantermos confortáveis. O diferente muda o mundo. Não, não somos todos iguais. Ainda bem.

*

— Como é que ele adormeceu?

— Feliz.

*

Não interessa muito o que fazemos, só o que fazemos sentir, sim? Nos meus braços, depois de lhe dizer que é a melhor pessoa de sempre, o melhor amigo de sempre, o Zé Pedro fecha os olhos. Sorrio com o sorriso adormecido dele. Limpo-lhe a lágrima minha que lhe caiu para a cara. Gostar de uma pessoa é limpar a lágrima nossa que está na cara dela, e já não saber de quem é a lágrima que estamos a chorar. Já estão a chorar por aí ou nem por isso, seus brutos?

17.

— O que queres fazer profissionalmente?

— Viver.

*

Acho que estou a começar a ficar farto desta professora. Continua sem falar com o Zé Pedro, o que faz com que a turma toda também o ignore. Para além disso, leva tudo a sério, ri-se tão pouco e aposto que chora ainda menos. Gostava de ajudá-la mas não consigo. Não consigo ajudar quem trata mal aqueles de quem eu gosto, e acabo também por não conseguir gostar de quem consegue ajudar quem trata mal aqueles de quem gosta, faz sentido? Vivo em pirâmide: na base estão os que amo, sem eles não existo. Eu e o Zé Pedro somos corpos solitários aqui na sala. Sempre que a professora me faz uma pergunta ou respondo para provocar ou passo a pergunta para o Zé Pedro, só para ela ver como é, para ela ser obrigada a olhar para ele. Não sei que mal ele fez. Não compreendo. Às vezes compreender é a única maneira de conseguir viver, precisamos de integrar o acontecimento na perspectiva. Seja como for, não tenho orgulho nenhum no que estou a fazer, mas o que estou a fazer é o que estou a sentir. Será que isso me dá alguma forma de perdão?

*

— Estou feliz, senhora professora.

— Deixa. Isso passa.

*

Não passa, senhora professora. Lamento por si, mas não passa. Será justo ter como professora alguém que nada tem para me ensinar no que é mais importante? Terei eu de aprender a vida com quem não sabe vivê-la? Olho-a e vejo uma nuvem cinzenta à volta, uma escuridão que nem o sol que entra

pela janela consegue abrir. Há tanta gente que transmite educação sem nunca a ter tido, não há? Colocamos a liderar quem não soube ser liderado, colocamos à frente do pelotão quem nem sequer teria capacidades para o acompanhar. Há tantos que ensinam só para não terem de aprender, tenho a certeza. Vou ser mau aluno. Não quero ser aplaudido por pessoas assim. Enquanto for esta a minha avaliadora, ai de mim se não tiver más notas. Vou optar por me rir, só por me rir, aqui dentro. Rir serve para manusear a dor, para deixá-la mais maleável, para as lágrimas caírem mais leves. Todas as tragédias têm um lado cómico, deve ser também por isso que são tragédias.

*

— E vais perder essa oportunidade?

— Só se perde o que não é nosso, senhora professora.

*

Esta professora é uma adulta envelhecida, e ainda é tão jovem, que pena. Só pensa no que vai ser, no que pode ser. Se ainda não o tenho, como posso perdê-lo? E o passado. Os chatos dos adultos estão sempre com o chato do passado. Se já não o tenho, como posso perdê-lo? Só o que é agora existe, só sou o que sou agora, só posso perder o que é presente. A cada resposta que lhe dou, sei que a minha classificação baixa, que alívio. O Zé Pedro continua no seu canto, cada vez mais cabeludo, com aqueles caracóis incríveis, sem dizer uma palavra. Diverte-se a ver-me neste papel de justiceiro sem medo. De todas as diversões, talvez a justiça seja a mais útil, não acham?

*

— Quando morreres vais para o céu.

— Quando viver vou para o céu.

*

Não aceito um único ensinamento desta mulher. É adulta de mais, já vos disse? Como adulta que é, acha que ser adulto é dominar as crianças, colocá-las pequenas dentro do seu pequeno corpo. Imaginem que acabou de me pedir para acompanhá-la. Vamos de certeza ao gabinete da senhora directora. Vai exigir que eu seja castigado. Disse que não ia. Que só iria se o Zé Pedro fosse comigo. Já que é para contar a história, que se conte a história toda. A melhor maneira de apanhar um adulto é contar-lhe a história toda. Os adultos fogem de histórias completas como se fossem balas, como se fossem matar a construção que fazem, que estão sempre a fazer, sobre o que lhes acontece. Os adultos precisam quase sempre de meias histórias para se manterem inteiros, para não ficarem aos pedaços. Pois é, senhora professora. Ou vamos os três ou não vai ninguém. Eu pelo menos não vou, garanto. Chame a Polícia, se quiser.

*

— Sabe, senhora professora? Ele tem queda para sobreviver.

*

Já estou outra vez a defender o meu amigo da insensibilidade dela. Continua a insistir em ir ao gabinete da senhora directora e eu continuo a dizer que não. Acho que com esta birra já devo ter conquistado uma suspensão, ou no mínimo uma nota bem baixinha no final do ano. Não estou preocupado. Logo explicarei à minha mãe, pelo telefone, e à minha avó, a olhar para os olhos bem vivos dela, o que estou a fazer. Não sei se vão entender imediatamente mas não precisarão de mais do que quatro ou cinco minutos, depois de ouvirem a história toda, para saberem que é neste lugar que estou e é deste lugar que não saio. Não me comprem com notas da escola agora que sou criança como não me comprarão com notas das verdes quando

for maior. Serei o que tiver de ser menos aquilo que não admito ser, percebe-se?

*

— Estás finalmente no rumo certo, avó.

— Que rumo é esse?

— Perderes-te.

*

Em dois minutos, depois de escutar a história toda, a minha avó está do meu lado. Amo-a muito, já vos disse? Cresceu tanto desde que vivo com ela. É agora uma criança mais bonita, com mais lágrimas por fora do que por dentro. As boas pessoas são as que guardam menos, será? Agora chega a vez da minha mãe. Acho que ainda vai demorar menos tempo a chorar comigo e a dizer-me que sim, que estou a fazer o que é mais acertado. Sou o teu fiasco favorito, mãe? Vamos, vamos. Tudo o que não seja entenderes tudo em menos de dois minutos é derrota. Confio em ti. Não me deixes ficar mal, está bem?

18.

— Mas assim ele vai perder o ano.

— Certíssimo. Mas não vai perder a esperança.

*

Apetece-me dar um beijo daqueles bem repenicados na minha avozinha. Acabou de dizer à senhora directora que não quer que eu continue aqui, nesta escola onde uma professora me impede de sonhar. Acho que aqueles que não sonham podem ter inveja de quem pode sonhar, embora eu tenha muita dificuldade em entender a inveja. Sou muito feliz quando vejo alguém muito feliz. Às vezes vou na rua, vejo felicidade e choro de felicidade. As pessoas não nascem para viver, nascem para amar, para sentir, para conseguir aquilo que só as pessoas conseguem. É uma felicidade incomparável ser uma pessoa, nascer todos os dias como se fosse a primeira vez, com um dia inteiro, uma volta inteira, para percorrer. Podemos ser todos os dias aquilo que quisermos todos os dias. Um dia ensino isto aos adultos, prometo. Até acho que vou começar agora. Ora vejam.

*

— Então mas não tens medo de que ela te tire o sonho, meu querido?

— Não. Ela é que tem medo que eu lhe dê o sonho a ela.

*

Eu e o Zé Pedro vamos ensinar a nossa professora a sonhar. Já não faltam muitos meses para a escola acabar, para o ano acabar, mas acredito que ainda vou a tempo. Amanhã quando chegar à sala vamos dar-lhe um abraço, só para começar. Um abraço apertado. Ninguém recusa um abraço, descobri muito cedo, sabem? Quando vamos para as pessoas de braços abertos as pessoas ficam desarmadas, não sabem o que fazer, e acabam por entrar no abraço

também. Depois, já se sabe, ou se não sabem ficam agora a saber, quem entra num abraço de verdade nunca mais de lá sai, na verdade. O abraço leva-nos, envolve-nos, coloca-nos no seu meio, na sua casa. Estou ansioso pelo dia de amanhã. Temos algumas ideias para colocar em prática. Algumas são ousadas de mais, talvez. Provavelmente iremos longe de mais naquilo que queremos. Seguramente iremos longe de mais, aliás. Mas há coisas que se não forem longe de mais não vão a lado nenhum, já repararam?

*

— O que é isso que tens para me dar?

— As suas lágrimas, senhora professora.

*

Fizemos de detectives, falámos com pessoas amigas de pessoas amigas de pessoas amigas, fizemos telefonemas que não deveríamos fazer, colocámos perguntas que não deveríamos colocar. Ao fim de alguns dias já sabíamos que a senhora professora tem saudades do marido que já não tem. Teve um cancro (a partir de agora vou chamar-lhe Cacá, para o humanizar, para lhe mostrar que não lhe tenho medo nenhum) nos pulmões e em poucos meses desapareceu. Com ele, foi a esperança dela. Chegou o medo, a vontade de fugir de cada vez que o Cacá lhe aparecesse à frente. Foi por isso que não quis saber do Zé Pedro, da Lelé. Por medo. Somos bastantes vezes más pessoas só porque só temos medo, não somos?

*

— Peço desculpa por estar a chorar, meninos.

— Nós é que pedimos por ainda não estarmos, senhora professora.

*

Lamento tanto ter feito o que fiz, ter ajuizado o que ajuizei, ter apontado o que aponte. Acho que fui adulto com ela, e não me perdoo por isso. Fico sempre aborrecido comigo quando sou adulto. Não posso cair nessa armadilha, não posso. Não posso cair na ratoeira fácil da adultice. Passamos a vida a ouvir dizer para não fazermos algumas coisas porque são uma criancice, mas esquecemo-nos, ou não percebemos, que é muito mais grave fazer coisas que são uma adultice, que só os adultos é que fazem, que só quem se leva muito a sério é que faz. É a adultice que estraga tanto o mundo. Tenho vergonha de mim quando sou adulto.

*

— Desculpem por não ter havido aula hoje, meninos.

— Obrigado por nos ter ensinado tanto hoje, senhora professora.

*

Trouxe-lhe as fotografias todas que encontrei do seu marido, por todo o lado. Em casa de amigos, de familiares, de colegas de trabalho. Coloquei-as numa caixa que também era dele e agora aqui estou, a ver a minha professora a chorar, a ver a esperança a chegar. A esperança está no meio das lágrimas, no fim das lágrimas, nunca antes delas. Tenho a turma toda a ver, abraçada a mim e a ela. O Zé Pedro foi viajar com os pais durante uma semana e por isso não está aqui desta vez. Pode ser que quando voltar ela já consiga vê-lo sem ver o que não consegue ver. Oxalá.

*

— Letras ou números?

— Pessoas.

*

Está a acabar o ano. Por toda a sala há lágrimas. Estou abraçado ao Zé Pedro e a professora também. Aprendi com ela a ser uma pessoa maior, e não vejo ensinamento mais valioso do que esse. Sei que os grandes são os que fazem os outros grandes, ou que pelo menos tentam. Os pequenos só querem equilibrar o mundo tornando os que estão à sua volta pequenos também. Acho que todos aqui nesta sala sabem sonhar muito bem. Que mais pode querer um professor, sabem dizer-me?

— Como te chamas?

— Pechimperé.

— Mas isso não é um nome.

— Pois não. Mas fez-te rir, não fez?

— Não. Mas vai fazer-te chorar, não vai?

*

Não acredito em realidades. O que estes meninos da escola nova estão a fazer-me não é real, é só do que eles precisam para fazerem de conta que são grandes. Se o Zé Pedro tivesse vindo para esta escola teria sido diferente, já seríamos dois a ter a cabeça empurrada para a retrete. Iria ser bem engraçado, não iria? Cada um na sua sanita, lado a lado, enquanto estes grandalhões do nono ano pensam que estão a mostrar que são fortes. Iríamos rir-nos muito deles, garanto. Tenho pena deles e é isso, para além do cheiro que sinto a entrar-me pelo nariz, o que mais me incomoda neste momento. Estão a crescer tão mal, não estão? Não tarda nada são adultos e já se esqueceram do que eram quando eram crianças. Nem quero imaginar o que é isso. Não consigo. É doloroso de mais. Há coisas muito tristes mas perder a infância é certamente uma das piores, não acham?

*

— Tenho muitos amigos.

— Nenhum é teu.

*

O líder deste pequeno gangue é um menino que quer ser grande, só isso. Representa este papel de vilão para se convencer de que o é mesmo. É nada.

Quando o olho bem no fundo dos olhos vejo-o de joelhos no chão a brincar com os carrinhos. Era isso o que queria estar a fazer. Está revoltado com o que a vida lhe faz, com as aulas chatas a que não queria ir, com a pele que muda, as pernas que crescem, as pessoas que já não o olham e lhe dizem que é um menino fofinho e lindo. Custa muito crescer, não custa? O corpo avança e nós queremos ficar parados, ao centro do colo da nossa mãe, à espera da história que vai adormecer-nos. Acabaram de me colocar de cuecas em frente à escola toda. Os risos de gozo de toda a gente não me incomodam, incomoda-me é não ter optado hoje pelos *boxers* novos. Havia de ser um *show* a cara de todos ao verem o *Faísca Mcqueen* a acelerar pelo recreio.

*

— Quem tudo quer tudo perde.

— Não. Quem tudo quer tudo sente.

*

Sinto muito a falta do Zé Pedro nesta escola. Se ele aqui estivesse não precisava de ter criado o Clube das Lágrimas como criei aqui. Bastava eu e bastava ele para sermos um clube inteiro. Aos poucos, nós, os que sentimos sem medo de mostrar que sentimos, fomo-nos juntando. Reunimo-nos sempre que possível, sempre que os grandes não reparam e nos levam à sanita, e falamos do que nos emociona. Um clube de chorões é provavelmente o clube mais maduro a que podemos pertencer. Já falei da Lelé. Todos os quatro que viemos à reunião nesse dia chorámos que nem bebés e fomos tão felizes. Quando temos a liberdade, quando nos damos a liberdade, de chorar que nem bebés crescemos tanto, não é?

*

— A vida são dois dias, meu querido.

— São. Um é para amar.

— E o outro?

— É para ser amado.

*

O fim do entusiasmo é o começo da morte? Eu e os meninos aqui do grupo estamos a ser muito falados pelos adultos. Todos andam a dizer por aí que é incrível como é que rapazes e raparigas tão pequenos conseguem juntar-se para falarem de amor e de coisas assim. Eu cá para mim acho que é incrível é quando são adultos a conseguirem juntar-se para falarem de amor e de coisas assim. Sempre que ouço uma conversa de adultos, aqueles dois ou três segundos em que aguento uma seca dessas, eles estão a falar de assuntos tão desinteressantes e sem importância como o estado da economia ou o aumento do preço da gasolina. Os adultos estão fascinados connosco e eu estou muito assustado com isso. Já confessei ao Zé Pedro, ontem quando cheguei a casa e ele estava lá à minha espera, que me assusta muito fazer o que os adultos gostam que eu faça. O que estarei a fazer errado?

*

— Nada derrota a matemática.

— Discordo, senhora professora. Os apaixonados, por exemplo.

— O que têm?

— Podem fazer a conta errada que chegam sempre ao resultado certo.

*

Custa-me sempre ver que se coloca entre o mais importante o que se aprende sem os sentidos, sabem? Para mim, o que não passa pelo que sinto é pouco necessário. Acho que sou o que sinto, entendem? Gosto de saber

coisas, claro, gosto de entender o que acontece à minha volta, mas daí a dizer que isso é o que mais interessa na minha vida vai um passo que só os adultos conseguem dar. Fico aliviado quando vejo que ainda não sou um deles.

*

— Preciso da tua coragem.

— Para quê?

— Para sustentar a minha.

*

Moramos todos em nós mas às vezes é preciso arrumar a casa, não? O Zé Pedro está a deixar-se levar pela idade. Baixa mais vezes os braços, fica quieto mais tempo ao longo do dia. Burrice não é cometer erros, é não mudar de erros, percebem? Ainda não lhe disse nada, nem sei se vou dizer, mas acho que corre o risco de se tornar num velhote se não tiver cuidado. Nada que um bom ataque de cócegas não resolva. Aqui vai disto.

— Sou egoísta, mãe.

— És?

— Sim. Só penso pela minha cabeça.

*

A minha mãe está de volta. Vou dizer de novo porque é tão bom dizermos e ouvirmos o que é tão bom: a minha mãe está de volta. Está bem que não é de vez, está bem que vai voltar em duas ou três semanas, mas enquanto está é para sempre. Acho que é próprio das crianças desprezarem um pouco a duração das coisas. Ou, melhor dizendo, fazer uma medição egoísta do tempo que duram as coisas. Todas as crianças sabem que a duração de algo se mede pela duração desse algo em nós. O que nos mexe para sempre não acaba, por exemplo. O que não tem interesse nenhum dura menos do que um sopro, quase nem existe, na verdade. O que nós sentimos enquanto está é para sempre. E depois de estar continua a ser, porque continua a estar. É isso o que sinto, o que faz de mim, apesar de a idade talvez já não o atestar, uma criança exemplar. Confesso que fico aliviado. Deixem-me respirar fundo um pouco. A minha mãe está de volta, já vos tinha dito?

*

— Nunca te perdes.

— Pois não.

— Mas acho-te parvo.

*

O Zé Pedro continua a cair nestas minhas palhaçadas. Todos os dias lhe faço uma destas, pelo menos. Hoje, a minha mãe juntou-se a nós. Viemos

percorrer o parque gigante aqui junto a casa e, como sempre, ele perdeu-se e tive de ser eu, e neste caso a minha mãe também, a ir encontrá-lo. Fica sempre zangado, aquele zangado de brincar, sabem?, quando isto acontece. Quando gostamos de alguém o nosso zangado é sempre de brincar, não é? O meu é, garanto. Não consigo ficar mesmo mesmo zangado com quem amo. Se calhar nunca me fizeram coisas tão más que me façam sequer ficar zangado a sério, mas acho que nunca me zangarei à grande com a minha mãe, com a minha avó ou com o Zé Pedro. Deve ser também por isso que gosto deles: porque são aquilo que me faz quem sou e ficar sem eles no que eu sou poderia ser o mesmo que ficar sem uma parte de mim, percebem? Sou quem sou através deles também. São aquilo que nas aulas de teatro lá da escola chamam contracena: o outro lado de nós em palco. Já ouvi dizer que temos é de nos amar a nós mesmos e de olhar para o que somos. Claro que sim, e eu gosto muito de mim, muito. Mas não tenho vergonha nenhuma, tenho até orgulho, para ser sincero, em dizer que gosto deles também pelo que fazem de mim. Sou mais com eles a pessoa que quero ser. Talvez gostar do outro seja uma forma mais fácil de gostarmos de nós, não?

*

— Porque é que só fazes asneiras?

— Por sorte.

*

Quem disse que o necessário é suficiente? A minha mãe tem medo da minha maneira de ser. Sempre teve. Não por ela, nada disso. Por mim. Sabe que só os inocentes são presos, que só os inocentes sentem a culpa. Sabe que eu me atiro todo, que sou todo, em tudo o que faço. Sabe que o mundo pode não estar preparado para tudo o que faço, para tudo o que penso, para tudo o

que sinto. Sou no fundo uma criança como todas as outras: grande de mais para que os adultos a compreendam. É por isso que as crianças são, dia a dia, algema a algema, rodeadas por muros, envolvidas por muralhas, por preconceitos, por limitações. A minha mãe não quer que eu cresça mas reza para que eu cresça. Para viver pior, sim, mas sobretudo para subsistir. Que mundo é este em que para sobreviver temos de viver longe de nós, conseguem explicar-me?

*

— Sabes qual é o sentido da vida?

— Diz-me.

— O descendente.

*

Se não estamos vivos estamos mortos, não há meio-termo, entendem? A minha mãe já vai amanhã. Faz as malas agora e eu percebo que vou ficar outra vez sem ela. A vida é sempre a descer, não é? Nascemos com tudo e vamos perdendo. Pessoas, possibilidades. A euforia vai-se diluindo no que não pode ser. Talvez envelhecer seja a preparação para a perda. Um velho é alguém que já viu morrer muitos dos que ama, mas um velho é alguém que já viveu tantas coisas junto dos que ama. A vida é sempre a descer, já vos tinha dito? A minha mãe agarrada às malas como se se agarrasse à esperança, a dizer-me para me portar bem mas para nunca deixar de ser eu, para não deixar que me mudem, que me façam mais um, que dêem cabo da minha infância. Choramos juntos para doer diferente, para doer mais ao fundo, para que a dor nos una. Vou ficar sem ela, vou ter de voltar para a escola onde ninguém sabe quem eu sou, onde ninguém ama quem eu sou. Se pudesse iria dentro das malas dela. Deixem cá ver se consigo caber.

*

— O que vieste aqui buscar?

— A tua ausência, mamã.

*

Coube mesmo. Vamos juntos para o medo. A minha avó menina, mais menina do que nunca, a ver-nos ir. O Zé Pedro menino, mais menino do que nunca, a ver-nos ir. Não têm coragem de nos acompanhar, pedem só para fecharmos a porta sem olharmos para trás. A perda traz uma estranha serenidade. Acho que nunca chorei tanto, acho que nunca doeu tanto. Estou a abandonar quem amo para salvar quem amo. Às vezes temos de escolher entre dois sofrimentos, entre duas lágrimas. Prometo nunca vos perder, prometem também, por favor?

— O mundo está contra nós.

— Fixe.

*

Porque é que o errado às vezes é tão necessário, porquê? A minha mãe e eu de mão dada num autocarro lotado. Pela janela tenho dificuldade em ver beleza. Ainda faltam umas centenas de quilómetros até à minha próxima casa. O cheiro aqui não é bom, as pessoas aqui não estão bem. A pobreza tem uma forma muito própria de se exprimir. Acho que todos neste autocarro estamos em fuga, a escapar do destino, do fado triste que nos estava reservado. Não quero isto para mim, não admito isto para mim, muito menos para a minha mãe. Vim com ela para doer menos. Vejo-a no final das lágrimas, com vergonha de ser isto tudo o que tem para me dar. Pede-me desculpa por me ter tirado da vida mais confortável que a minha avó me dava, da companhia do meu amigo Zé Pedro. Tenho de lhe mostrar que estou bem, que quero que fique bem. Tenho de mudar o que se vive aqui, é urgente dar cabo desta obrigação de estar triste que se sente aqui. Há momentos para rir, claro. Todos. Ora vejam lá se não tenho razão.

*

— Seduzir dá trabalho. Eu prefiro raptar.

*

Do nada está todo o autocarro em polvorosa. Comecei por contar uma anedota, depois outra. Aos poucos, os nossos vizinhos de banco de autocarro começaram a chegar-se, começaram eles mesmos a contar as suas anedotas. Num instante já estava aqui um bom grupo à nossa volta e já não eram só anedotas que se contavam. Já se contavam histórias de vida, momentos

marcantes. Todos temos histórias incríveis para contar. Todos vemos o que mais ninguém vê, todos sentimos o que mais ninguém sente. Crescer não tem de ser perder essa força que só nós temos; crescer deve ser levar mais longe essa força, fazer da força o que nos faz mais fortes. É um a um que se faz o mundo inteiro. Agora falamos de paixão, do que nos move, do que nos faz estarmos ali. Ao partilharmos as motivações estamos a oferecer motivações. Já não há peso no ar, há algumas lágrimas de contentamento, de esperança. Já viram o que as palavras dos outros podem fazer em nós?

*

— Não celebro aniversários, mamã.

— Porquê?

— A idade envelhece.

*

Os números envelhecem. Hoje faço anos e a minha mãe, como é óbvio, sabe. Nunca pensei é que me fizesse passar esta vergonha de ter um autocarro cheio de pessoas que há duas horas não conhecia a cantar-me os parabéns. É claro que choro, poderia evitá-lo? Estou a caminho de ser adolescente, há quem diga que já o sou, mas não quero ser mais nem menos do que aquilo que era. Há algum protocolo obrigatório nas cerimónias de despedida da inocência? Vou aprender coisas, vou amadurecer. Mas não quero ficar adulto, já vos tinha dito? Quero respeitar, amar, sobretudo chorar. É o que faço, é o que a minha mãe faz. Acho que nunca fomos tão felizes como neste exacto agora: o meu abraço molhado no abraço molhado dela, os parabéns a você de tantos estranhos que trouxemos para esta família temporária ao nosso redor. Não temos onde cair mortos mas também não precisamos disso porque estamos vivos. É preciso tanta coragem para não sermos controlados por

quem nos alimenta, não é? Aqui não há esconderijos, só pessoas. Pessoas que não sabem se terão comida para comer amanhã, mas que ainda assim são felizes de lágrimas nos olhos. Não conheço outra maneira de o ser, conhecem?

*

— Não quero que deixes herança, avó.

— Não?

— Mas quero que deixes saudade.

*

Depois da memória fica a emoção? A minha avó ao telefone a falar em morte. Tem medo de ir antes de nós voltarmos. É uma menina tão linda, não é? O medo é sempre infantil, seja qual for a nossa idade. É ele que nos protege. Digo-lhe para ganhar juízo, para chorar à vontade mas para nunca desistir da vontade. Acho que viver é ter vontade, o que vos parece? Diz-me que o Zé Pedro está lá com ela, que está sempre lá com ela. Um amigo é isto, acima de tudo é isto. Aquele que sabe onde faz falta ao seu amigo mesmo quando o seu amigo não está. Estar com a minha avó é estar comigo, amá-la é amar-me. É evidente que já estou a chorar outra vez e já é a minha avó a dizer-me para ter calma, que vai ficar tudo bem. Não vai ficar, avó. Já está tudo bem. Falta-nos o corpo mas não parece que nos falte mais nada, está tudo no sítio mesmo que esteja tudo fora do lugar. Peço para chamar o Zé Pedro ao telefone. Quero chorar melhor.

*

— Estava a dormir.

— E porque é que estavas a dormir tão cedo?

— Porque gosto de seguir os meus sonhos.

*

Basta uma frase nossa para tudo ficar mais leve. Temos de regressar às galochas felizes no charco com frequência, não temos? Podemos ficar dias e dias sem falar que sabemos exactamente o que cada um disse enquanto não falámos uma única palavra, o que cada um sentiu no meio desse silêncio. Estamos juntos até em cada palavra por dizer. É claro que a minha avó já interrompeu a nossa conversa e disse que foi ela que ligou e é ela que tem de falar. Há possessividades tão bonitas, não há?

— Espero-te.

— Sim?

— Mas já não espero nada.

*

O Zé Pedro não aguenta de saudades e está a ser mauzinho comigo. Ou então é a mãe dele ou a minha avó. Dizem-me sempre que ele não está quando eu ligo. A verdade é que temos falado pouco, quase nada. Quando falamos é para ele se queixar assim. Quanto mais crescemos, mais vamos tendo medo de perder o que temos, e com razão, porque à medida que vamos crescendo vamos perdendo muita coisa, sobretudo a nós mesmos. Parece que toda a gente pensa que crescer significa ser sério, ficar carrancudo, passar o dia a pensar no que há para fazer quando o que há para fazer é precisamente não passar o dia a pensar no que há para fazer. Queria dizer ao Zé Pedro que não tenho amigos na nova escola. Ninguém quer saber de mim. Falo outra língua, e nem sequer estou a falar do idioma. Falo da maneira estranha como estas pessoas da minha idade parecem pessoas de outro planeta. Será da geografia ou será de mim? Olham de forma diferente para a vida, agem de forma diferente, são de forma diferente. Se passarmos o dia com pessoas que não nos entendem corremos o risco de, por não nos entenderem, querermos mudar para que nos entendam. Temo bem que isso me aconteça, que medo. Queria dizer tudo isto ao Zé Pedro mas entretanto do outro lado do telefone já ouço outra vez a minha avó. Estou tão zangado com o meu amigo que quando estiver com ele vou apertá-lo mais do que nunca com o abraço que vou dar-lhe, vão ver.

*

— Estas pessoas estão sempre felizes.

— Que tristeza, não é?

*

A resposta da mulher que se sentou aqui ao meu lado no recreio faz-me sorrir, e concordar, claro. Acho que a felicidade constante não existe, o que faz com que quando exista não seja felicidade nenhuma. É por isso que eu digo que as crianças não são tontas nenhuma. Choram quando tem de ser, dormem quando tem de ser, ficam mais sérias quando tem de ser, brincam quando tem de ser. As crianças, por mais que os mais velhos pensem o contrário, são muito mais equilibradas do que os adultos. Não fingem, não fogem. A pureza equilibra-nos, deixa-nos ao meio de nós. Sei que estou a ficar adulto quando penso assim, quando já olho para o que vejo com olhos cansados, olhos que já viram muito. Viver é ver, nada mais. Esta mulher vê muito. Passamos o intervalo todo a falar, a reflectir juntos. Não sei nada dela, mas já sei mais de mim por ter falado com ela. Não deveria ser sempre assim?

*

— Mas disseste que não me mentias.

— Menti-te.

*

A minha mãe foi à reunião da escola depois de me ter dito que não iria. É claro que lhe disseram que não me adapto, que estou sempre sozinho, que ela tem de fazer alguma coisa. As pessoas têm tanto medo da solidão, não têm? Fazem de tudo para tapar com ruído a sua própria voz, aquilo que sentem fica pisado por uma camada cada vez maior da porcaria com que vão enchendo os seus dias. Inventamos as coisas, a diversão enlatada, até o prazer

estabelecido, para taparmos o que somos, para adiarmos ao máximo o momento em que sabemos quem somos. Na escola disseram à minha mãe que eu tenho de me esforçar para estar com os outros rapazes, com as outras raparigas, quando eu tenho é a certeza de que tenho de fazer um esforço para continuar a ser quem sou, por mais que queiram obrigar-me a ser o que precisam que eu seja para acalmar o desencaixe que faço em quem me vê. Estou a desarrumar a montra certinha que querem ver nos seus pequenos mundos. Assim continuarei se assim me sentir. Para quem vê o mundo quadrado qualquer curva assusta, já viram?

*

— Adoro mostrar simpatia. E o dedo do meio.

*

Gosto de mostrar a esta gente velhinha da minha idade que é possível dizer diferente, fazer diferente, ficar ao lado do rebanho. Se tiver de ser ovelha serei a negra, ou a azul, ou a vermelha, ou a cor-de-laranja, qualquer uma que fuja da norma. Não sou um fora-da-lei; sou eu, esteja dentro ou fora da lei. Devem pensar que eu tenho a mania de que sou diferente, que só quero chocar e chamar a atenção. Talvez queira. O que não quero é não chorar, já vos tinha dito? Aqui não me parece que alguém chore, pelo menos nunca vi. Nem os professores, nem os alunos, nem todas as pessoas que andam pelos corredores. Aqui ninguém chora, o que só pode querer dizer que aqui ninguém é. A felicidade está por fora, como se fosse uma etiqueta que todos tivessem de usar. Mas não é pela forma como sorri que se vê uma pessoa, é pela forma como reage à ausência do sorriso, à incapacidade de sorrir. É aí, depois daí, que vem a felicidade verdadeira, a que vem do fundo. Gostamos tanto de quem nos ajuda a viver, não gostamos? E agora aqui vou eu chorar

de pena, mais uma vez, para a casa de banho do fundo do corredor. Tão bom, não é?

*

— Mas disseste que não me enganavas.

— Enganei-te.

*

Tinha pedido à minha mãe para não inventar maneiras de me encaixar onde não quero ser encaixável, mas não adiantou nada. Inscreveu-me nas aulas de Música e de certeza que não vou. Tenho a certeza de que não vou. Estou aqui a pesquisar onde é, quem é o professor, só para poder dizer um “não” sustentado, um “não” sólido. É importante termos argumentos para rejeitar o que queremos rejeitar mesmo sem argumento algum. Percebo que quem dá as aulas é a mulher com quem falei aqueles minutos no recreio e continuo a não querer ir. Não quero ir. Não quero. Não quero, mas acho que a minha mãe merece que eu tente. É por ela que vou, só isso. Sou ou não sou um filho lindo?

— És um adolescente parvo.

— Não mudei nada, então.

*

Tenho saudades de abraçar o Zé Pedro. Somos dois adolescentes idiotas como éramos duas crianças idiotas. Na pele tenho umas borbulhas, estou grande de mais para todas as minhas roupas antigas, mas continuo a ser o mesmo. Crescer é estranho porque nos muda sem deixar de nos manter na mesma. Olhamo-nos a mudar como se olhássemos um fenómeno qualquer sem explicação aceitável. Contamos o que nos vai acontecendo um ao outro. Eu não tenho nada de especial para contar. Sou um extraterrestre na escola, no país. Ele só me fala que está tudo bem, que a minha avó está bem, que todos por lá me querem de volta para saberem se ainda conseguem ser quem eram quando eu lá estava. Acho que recordar é viver por causa disso: quando lembramos quem fomos somos passageiramente quem fomos. O que fui já passou e nunca passará. Sou outra coisa qualquer que descende directamente de mim. Poderia desfiar ainda mais este novelo filosófico mas não há tempo. O Zé Pedro tem de ir-se embora e eu também, que esta conversa tão reflexiva já me deixou a cabeça a doer. Pensar todos os dias cansa, não cansa?

*

— Querem todos ser ricos.

— Pobres coitados.

*

Esta professora de Música é das minhas. Já o sabia desde que conversámos no recreio naquele dia. Hoje, no final da aula, ficámos os dois a olhar pela janela a falar sobre coisa nenhuma. As melhores conversas não têm tema,

andam por aqui, por ali, deixam-se levar e levam-nos. Agora olhamos para os carros estacionados, para as casas gigantes que rodeiam esta pequena casa onde as aulas acontecem. Sentimos que as pessoas querem o que nem eu nem ela entendemos, e não tem mal nenhum. O mais bonito em viver pode muito bem ser não entender nada do que é viver. Não faço questão de entender, só de sentir. Acho que o que temos é o que nos faz sentir, não é o que está nas nossas mãos, nem o que assinamos num contrato. Uma casa, por exemplo, é de quem se ri nela, de quem chora nela, de quem acontece nela. A minha casa é também aqui, confesso, desde que as aulas começaram. Quase sempre fico até mais tarde, a ouvir, a tocar, até em silêncio a ver o mundo a passar. Falta tempo para estar quieto. Temos pressa de chegar, inventamos novos destinos a toda a hora, frenéticos. Queremos estar sempre a caminho, sempre em movimento, ansiosos, ofegantes. Será para não sentirmos que não temos afinal para onde ir?

*

— Odeio coisas insuportáveis.

— Eu também. Sobretudo as que vou suportando.

*

Nenhuma revolução acontece sem lágrimas. Nenhuma pessoa acontece sem lágrimas. Os heróis não são os que não choram, são os que choram para a frente, os que choram para depois de si mesmos e não para antes. É o choro que nos empurra, penso, e a professora concorda, diz que sim com a cabeça, como se tivesse ouvido o que eu penso. Tem nos olhos uma vida maior do que a minha, muitos anos a mais do que os meus. Somos da mesma idade. Não sei quem o meu corpo é, sei quem sou. Acabámos de ver duas crianças a jogarem à bola com duas pedras na rua e começámos a chorar. Acho que

temos saudade de nós. Os velhos são restos de quê? A mudança é boa mas mata. Deixamos todos os dias de ser quem éramos no dia anterior. Pouso a minha cabeça no ombro dela, sinto uma lágrima a cair-me no rosto. Que poder é maior do que aquele de quem chora connosco?

*

— Quero ser músico.

— Para quê?

— Para chorar afinado.

*

A música é uma pessoa que quero ter na minha vida. Dela vêm as lágrimas. Gosto de música que me faz chorar, que me faz sentir. Sei que como músico terei a faculdade que há muito decidi que seria a minha profissão. Quero provocar a lágrima, tirar quem me ouve do lugar confortável onde está. Não quero magoar; quero carregar, levar para mais fundo, transformar o que está escondido no que levanta. Com a música as pessoas saem de onde estão, gritam, dançam, cantam, descobrem quem sempre foram e nunca ouviram. Vou fazer música para fazer chorar, e para obviamente chorar também. Quem disse que não é preciso técnica para ser chorão?

*

— Perdoo-lhes. Só sabem o que dizem.

*

O mais corajoso é o primeiro que pede desculpa, certo? A minha mãe está cada vez mais preocupada com a minha solidão. Não gosta que eu esteja sempre sozinho, agarrado à guitarra. Acho que pensa que sou infeliz assim, sem os amigos que pensa que eu teria de ter. Não a condeno. Organiza o

mundo de acordo com o que foi, e é, o seu mundo. Não percebe que posso ser feliz sem o que para ela teria de ser a felicidade. Preocupa-se com a opinião dos outros, com o que as professoras lhe vão dizendo sobre o que me dizem. Não fico chateado com os insultos de quem não me conhece. Não me incomoda ser odiado por quem não sabe quem eu sou. Tento explicar-lhe isso e acabámos os dois a chorar, mais previsível era complicado, não era? Acho que era disto que precisava, tinha de saber que ainda é com ela que choro, que ainda é com ela que vou. Não sei se já vos tinha perguntado isto, mas cá vai: que poder é maior do que aquele de quem chora connosco?

24.

— Não quero envelhecer.

— Tarde de mais.

*

O Zé Pedro é um velhote precoce, como todos os velhotes são precoces. Pensa cada vez mais no que não pode fazer, olha cada vez mais para o que não tem. Eu cá continuo a encontrar a felicidade que me sirva, a olhar do lado certo para o que está à minha frente. Claro que custa muito o que me falta, ele, a minha avó, aquilo que pensei que fosse a minha terra e era apenas a terra onde estive e onde não sei quando voltarei a estar. Prendemo-nos de mais a espaços, não é? Pensamos que somos mais felizes ali do que aqui só porque ali um dia fomos felizes. Não vejo a felicidade como algo exterior a mim. No limite, por mais que pareça uma infantilidade, ou sobretudo por ser uma infantilidade de todo o tamanho, acho que quando queremos, quando queremos mesmo mesmo ser felizes, conseguimos sê-lo. Não falo das tragédias, das perdas, disso não falo. Isso é o pior, isso é o que nos leva ao fundo. Mas até nisso a minha ideia é simples: se estamos no fundo só algo pode acontecer-nos: subir. É ou não é um descanso?

*

— Sou egoísta.

— Porquê?

— Quero ver-te feliz para eu ficar feliz.

*

A minha mãe a chorar a ver-me tocar numa festa da escola. A minha mãe a ser a minha mãe, a ver em mim o que a tira de si, a procurar no que eu sinto,

no que pensa que eu sinto, o que a faz sentir. Acho que ser mãe é isso, olhar para o filho como o que nos leva de nós, o que nos leva de nós para mais dentro de nós, para um território onde só está quem ama como uma mãe ama. Quero ser feliz para fazer a minha mãe feliz, é esse também o meu egoísmo, é essa também a minha missão. Pensamos que o amor-próprio é só amor a nós mesmos quando eu acredito que o amor-próprio é também o amor a quem pertence ao último reduto do que amamos. Amar quem amo é também amar a mim. Quando faço tudo para fazer quem amo feliz, estou a fazer tudo para me fazer feliz. Ora vê lá se curtes mais este solo, mãe.

*

— Data de nascimento?

— Quando te conheci.

*

Vivo tanto quanto o que amo, certo? A música fez-me nascer outra vez. Sou dela como sou de mim. A guitarra ensina-me mais do que as aulas. Invento lágrimas quando componho, quando imagino o que vou criar. Depois experimento. Primeiro com a minha mãe, depois com o Zé Pedro ao telefone, e finalmente aqui, nesta festa com muitas dezenas de alunos e de alunas que sempre me olharam de canto e que agora me olham de canto mas com arrepios que não evitam. A música serve para fazer amigos, para fazer amor, para chorar, para cantar, para dançar. A música é o que está ao fundo do que nos acontece, aconteça o que acontecer. Somos música. Tudo o que sentimos tem uma banda sonora, e às vezes é a banda sonora que nos leva a muito do que sentimos. A música faz-me ser o que sou, faz-me colocar ordem, e também caos, nas emoções. Não sei se sou feliz ou infeliz a tocar, sei que sou completo, inteiro. Não quis a música para conseguir a aceitação dos outros, a

aprovação dos outros, mas posso ficar orgulhoso com os aplausos inesperados que estou a ouvir, posso?

*

— És lindo.

— És míope.

*

Tenho os primeiros fãs. São alunas aqui da escola que dizem que eu sou o que definitivamente não sou. A minha actuação acabou e estou rodeado de três ou quatro raparigas que parecem ser mais velhas do que eu. Perguntam-me como sou tão bom a tocar, dizem que também querem aprender, querem saber se posso ensinar-lhes a dar uns toques na guitarra. Não estou habituado a ter quem goste do que eu sou, quem goste do que eu faço. Vou precisar de um tempo para me habituar a isto. Ou se calhar não. Acho que já estou bem na minha pele de estrela *rock* da escola. O mal das coisas boas é a habituação que causam, o vício que nos vai entrando na pele. Não quero ficar agarrado ao que não sei se vai continuar a existir. Digo que sim, que posso ensinar umas coisas, claro, que é uma questão de combinar. Vejo-as sorridentes, realmente interessadas. Despeço-me com um Até já de fuga. Quero voltar a mim durante uns minutos, quero saber outra vez quem sou. Dêem-me um tempinho, sim?

*

— Sou guru da auto-ajuda.

— És?

— Sim. Masturbo-me diariamente.

*

Sou oficialmente um adolescente. Tenho vontades que não controlo, que não sei de onde vêm. Já sabia que poderia acontecer a todo o momento, já tinha lido muito sobre isso. Conteí tudo ao Zé Pedro e ele disse-me que é normal, que ele também vive o mesmo. Falamos um pouco, sem saber muito bem como explicar, sobre o que sentimos, sobre o que mexe connosco, sobre as alterações em nós que nos desconcertam. Agradeço-lhe ver-me. É raro um adolescente olhar para o lado. Estamos demasiado focados nos nossos pequenos problemas, nas nossas pequenas dúvidas, em todas as mudanças que todos os dias nos mudam o corpo, que todos os dias nos mudam a vida. Acho que o desejo é uma armadilha. Quem dera que eu seja cada vez mais apanhado nela.

25.

— Odeio autoritarismos. E aí de quem discordar disso.

*

A nossa banda vai chamar-se ZP e não se fala mais nisso. Era o que faltava, eu deixar alguém não aceitar a homenagem que faço ao meu melhor amigo, que está lá longe a pensar que eu já não gosto dele. Somos quatro rapazes e acho que somos quatro amigos. Sei que é estranho, de repente, eu já ter amigos aqui na escola. É claro que eu sei que ficaram meus amigos quando me viram tocar e perceberam que até sou um gajo fixe. Não sei se gosto de ser um gajo fixe, mas desde que continue a ser eu até não me importo de ser também fixe. As pessoas gostam das outras por motivos inexplicáveis, quase sempre. Neste caso é facilmente explicável, o que só facilita as coisas. Sou gostado na escola porque sei tocar bem guitarra. Não vejo mal nenhum nisso. Alguém vê?

*

— Quero muitas pessoas.

— Sim?

— Sim. Quero encher a solidão.

*

Vamos começar agora o nosso primeiro espectáculo num bar e é isso mesmo o que quero com o que vamos fazer, é isso mesmo o que quero com a música. Quero que a minha solidão, e a solidão de quem nos ouve, seja ocupada pelo que tocamos. A arte serve para ocupar a solidão, para lhe dar uma forma, uma textura, um uso. Quando ouvimos uma música, quando lemos um livro, estamos sempre sozinhos por mais que estejamos acompanhados. É uma experiência nossa, é uma percepção nossa. Somos, no

que lemos, no que ouvimos, aquilo que somos. Olhamo-nos quando o fazemos. Enquanto toco e canto, vejo quem está do outro lado, tento perceber quem é, o que procura, o que está a sentir quando está a ouvir-me. Acabei de ver, lado a lado, uma pessoa a chorar, emocionada, e outra a rir-se, eufórica. Ouvem as duas a mesma música e ouvem as duas uma música completamente diferente. Fico feliz por ambas. Estão as duas a chegar mais longe dentro de si, estão as duas a ver o que havia, neste momento, para ver em si, para tocar em si. Prometi um dia que iria dedicar a minha vida a criar lágrimas, a gerar a liberdade das lágrimas. Acho que ter uma banda é uma boa forma de o fazer, não acham?

*

— É obrigatório o uso dessa batida?

— Não. É obrigatório o uso de amor.

*

Temos uma baterista na banda. Era o instrumento que nos faltava. Vem cheia de ideias novas, de possibilidades novas. Peço-lhe apenas que venha com o que sente, costuma bastar para vir com o que basta. É uma rapariga mais velha, deve ser finalista. Parece uma menina como todos nós. A idade é engraçada: tira-nos por fora o que nos dá por dentro. Vamos mudando a pele e ficando mais espessos por dentro. As curvas, os erros, as dores. É isso o que nos torna mais bonitos, não é? Conheço tantas pessoas que me pareceram bonitas só depois de as conhecer. Foi como se fossem ganhando, à medida em que ia sabendo quem eram, camadas exteriores, feições novas. Talvez o amor seja o que nos faz bonitos, o que vos parece? Amamos o belo mas não o belo imediato, o belo instantâneo. Esse interessa para a montra, no máximo, para nos fazer empurrar a porta. Mas o que de facto amamos está escondido

às vezes no armazém, nos fundos mais escondidos, naqueles que quando vemos nos vemos também a nós. Acho que amamos por egoísmo também, já vos tinha dito, não já?

*

— São um bando de incultos.

— Porquê?

— Não sabem amar.

*

Há tantos analfabetos emocionais, não há? O génio é o que sente melhor, não é o que desenha melhor, ou escreve melhor, ou pinta melhor, ou o que inventa um aparelho melhor. Sentir é o que muda o mundo, o resto vem por acréscimo. As grandes obras são as obras mais apaixonadas, as fracas são as que não fazem sentir nada. Eu e a professora estamos, em frente ao rio, a falar das nossas coisas, a falar de tudo, de nada. Acho que estas nossas conversas me fazem bem, fazem-me olhar para o lado de trás da realidade. No final estou mais eu, acredito que ela está também mais ela. As palavras servem para nos conhecermos melhor, não servem para dissimular. Há muitos que as usam para fugir, sabem? Que desperdício. As palavras que eu e ela falamos são corajosas, são honestas, estão sempre próximas da escarpa. Não tememos o passo em falso porque todos os passos que damos são verdadeiros. Infelizmente tenho de ir. Hoje é véspera de Natal e tenho a minha mãe, coitadinha, à minha espera, com prendas na mão e lágrimas na cara. Que sorte. Desperdiço tudo menos uma bela sessão de choro partilhado, como sabem. Vamos a isso. Vamos desfrutar.

*

— Trocamos presentes?

— Não. Trocamos palavras.

*

O tempo é só um degrau, sabem? Não serei daqueles que passam pela realidade só a aceitá-la, sem mexer com ela. Acho que damos coisas para evitar termos de nos dar a nós. Enquanto o presente é dado, enquanto o presente é aberto, o tempo passa, a emoção fica mais superficial, mais à tona. Para que raio precisamos de quem apanhe o nosso lixo do chão? As palavras vão no sentido do que demos, não no sentido do que somos. Quando não temos nada para dar temos de ir ao que temos em nós para dar. É aí que chega a dor mas é também aí que chega o que interessa. A minha mãe chora sem parar. É noite de Natal e estamos só os dois. Já teve a casa cheia neste dia, já foi só mais uma. Agora somos eu e ela. Custa, faz chorar. Mas faz crescer sem perder a infância. Não é essa a única maneira de crescer?

26.

— O que queres ser quando fores adulto?

— Quero ser o adulto que gostava de ter comigo quando era criança.

*

A nova baterista é uma boa menina. Acho que todas as pessoas são boas meninas e bons meninos desde que continuem a deixar-se ser as meninas e os meninos que são. O problema é quando querem ser os adultos e as adultas que julgam que têm de ser. Não é por termos de pagar contas, por termos de trabalhar, que temos de deixar de brincar. Até me parece que é o contrário: quanto mais temos de trabalhar, mais temos de brincar. É assim que o mundo se equilibra, é assim que nós nos equilibramos. A baterista ficou aqui depois do ensaio a ensaiar mais um pouco, eu fiquei aqui depois do ensaio a ensaiar mais um pouco. Queremos que corra tudo bem, queremos que a banda faça chorar cada vez melhor. Quando demos por nós estávamos a conversar juntinhos perto da janela. E agora que dei por nós, agora mesmo, já temos os lábios de um nos lábios do outro e sabe bem, sabe muito bem. O amor não é fogo de palha, pois não? Só estou um bocado perdido, confesso. Será que é agora que tenho de fazer aquilo da língua dentro da boca que vejo nos filmes?

*

— Tenho sexo diariamente.

— A sério?

— Sim. Mas um dia experimento acompanhado.

*

Estou apaixonado pela baterista e o Zé Pedro tinha de saber disso. Já não falávamos há alguns dias e ele ainda não sabia o que tinha acontecido. Ainda

não sabia que tenho uma namorada, que passo algumas horas do dia a dar-lhe beijos e abraços, que pode muito bem acontecer que em breve faça aquilo que só os adultos é que fazem, que Deus e todos os santos me ajudem. Tenho medo de querer tanto, sabem? Quando acordo penso nela, quando me deito penso nela, quando estou com ela penso nela, quando não estou também. Não sei se é isto o amor mas se é acaba por ser uma chatice, mas uma chatice boa, a melhor chatice que já me aconteceu, para ser sincero. Parece que quando gostamos assim só sabemos gostar, a nossa vida é gostar, o nosso dia é gostar. Gosto muito da minha namorada, que isso fique registado. Mas registem lá isso rápido, que ela está a chegar e hoje a minha mãe só chega mais tarde. Vamos ver se dá para. Bem, vocês sabem, não sabem?

*

— Estás triste, filho?

— Sim. Desde que chegaste.

*

Nunca foste tão inoportuna, mãe. Disseste que vinhas tarde e acabaste por chegar quase à hora de sempre. Eu e ela já estávamos a caminho de estarmos a caminho. Já tinha o quarto perfumado e limpo, já tinha colocado os lençóis novos, velas espalhadas pela secretária. Estava tudo pronto para o que nunca acontecera. Acho que os melhores momentos da nossa vida não costumam ser preparados, acontecem sem esperar. Na verdade, estes melhores momentos que preparamos não deixam de ser os melhores momentos só porque não aconteceram. A preparação já é uma felicidade. Quando preparamos a felicidade já estamos a senti-la, não é? Quando estava a limpar o quarto, a colocar as velas, os lençóis, o perfume, já estava a sentir a felicidade do que estava a chegar. Depois acabou por não chegar, mas

entretanto eu já tinha sido feliz. A felicidade pode não acontecer mesmo que não deixe de ser feliz, faço-me entender?

*

— Teimoso? Nunca.

— Ai é?

— Apenas tenho sempre razão.

*

Então é isto que é discutir com alguém? Então é isto que é discutir com quem amamos? Sempre vi os adultos às vezes a discutirem uns com os outros e nunca percebi muito bem aquilo. Que sentido faria estar a levantar a voz e a discordar com quem amamos? Não entendo o que raios estamos aqui a fazer virados um para o outro a esgrimir argumentos e quase a partir para a ofensa mútua. Vou acabar já com isto. Vou pedir-lhe desculpa do que quer que tenha feito que a tenha magoado, vou colocar-me de joelhos, rebolar como um cãozinho, dizer-lhe que nada compensa o tempo de amor que estamos a perder com isto. Acho que pode até ser ao contrário. Acho que discutir pode ser também uma forma de amar, sei lá. Quando discutimos estamos a perceber quem é o outro, de onde vem, o que pensa, o que pode dizer. Discutir é caminhar pelo meio do outro, amá-lo de fora para poder depois amá-lo por dentro. Seja como for é horrível e dói-me. Não vou discutir mais. Não sei quem tem razão mas eu vou dá-la a ela para perdermos num instante a razão. Gosto de fazer as pazes na cama depois de uma discussão, mas gosto mais ainda de fazer as pazes na cama sem ter havido discussão alguma. Quero um abraço. Anda, por favor.

*

— Já desisti da perfeição.

— Porquê?

— Atingi-a ontem.

*

Aconteceu. Já fiz o que só os adultos fazem. Não vou contar nada a ninguém ao pormenor. Já disse ao Zé Pedro. Ficarei por aqui. Não sei quando terei coragem de dizer à minha mãe, nem sei se algum dia terei coragem de dizer à minha mãe, até porque me parece que ela está farta de saber o que lhe aconteceu. Acho que quando amamos alguém sabemos muito do que lhe acontece só de olhar para esse alguém. Aconteceu o que nunca tinha acontecido. Chorámos os dois de felicidade, de prazer. Sentimos a cada segundo o inesquecível a acontecer. Guardarei em mim a pele dela na minha, o cheiro, o sabor, os barulhos, as palavras. É isto o que a felicidade é. Acho que o prazer é a brincadeira do corpo, posso chamar-lhe assim? Por mim tudo o que tenha lágrimas e amor é feliz. Nota-se muito que é assim que estou, nota?

— Acho que deixaste cair uma coisa.

— O quê?

— O nível.

*

O Zé Pedro vai ter o primeiro encontro com a rapariga de quem gosta. Está nervoso. Não sabe o que usar e não sabe que basta usar aquilo que é. O mais importante naquilo que somos quando queremos fazer alguém amar-nos é fazer com que alguém nos ame, e não a uma qualquer personagem que criamos à pressão para sermos amados. Acho que não existem divórcios nem separações, sabem? Acho que o que há é descobertas. Um descobre que o outro é outra pessoa que não aquela personagem que ama e depois tem de ir para longe dessa pessoa que não conhece. Às vezes descobrem mesmo os dois que amam pessoas diferentes que pensavam ser aquelas que os dois mostravam que eram. É então que acontece a separação dessas pessoas de verdade, que na verdade nunca haviam casado, apenas haviam feito as personagens que haviam criado casarem-se. Sinto que talvez esta explanação não tenha sido tão clara quanto eu gostaria, mas é complicado explicar-vos isto e ao mesmo tempo convencer o Zé Pedro a ir ao encontro. Não é que o desgraçado agora deu para estar cheio de medo e não quer sair de casa?

*

— E o que fazes quando algo te faz parar?

— Avanço.

*

A professora vive um dilema. O marido vai ter de ir morar para longe e ela não sabe se vai também. Gosta de estar aqui, gosta das pessoas que tem aqui. Não sei bem o que lhe dizer. Eu sou aquele que está longe de casa e do melhor amigo, sou o que pensa que devemos estar sempre do lado do que amamos. Se ela é feliz ao lado do marido, tem de ir, por mais que isso me custe. Gostaria que ela ficasse, sim, mas só se for para ser feliz. Quero-a perto de mim se for para estar bem. É isso o que vejo no amor: a capacidade de querermos que a pessoa que amamos esteja bem, mesmo que esse estar bem dependa quase nada ou nada de nós. Vejo-a a chorar a colocar na balança os prós e os contras de cada decisão, dou-lhe o ombro, não dou nenhuma palavra. É importante estar, sei cada vez mais isso, sem ter de julgar. Preciso dela na minha vida, sinto que ajuda a equilibrar o que sou. Estou-lhe grato para sempre, deu-me a música, a melhor maneira de chorar. Obrigado, setôra.

*

— Não te amo pelo que és, desculpa.

— Não?

— Amo-te pelo que me fazes ser.

*

Estou louco por esta rapariga. A minha namorada é a melhor baterista do mundo mas é mais ainda a melhor namorada do mundo, a melhor pessoa do mundo, a melhor tudo do mundo. Amo-a porque tudo, definitivamente tudo, absolutamente tudo. Com ela, depois dela, sou mais eu, mais inteiro, resisto mais ao que me atinge, e é cada vez menos o que me atinge. Amá-la faz-me amar melhor. Viemos juntos assistir a um concerto de uns amigos e estamos felizes. Uma mulher com a cabeça pousada no teu ombro pode ser o suficiente para a vida valer a pena. E é, não é?

*

— Somos viciados no poder.

— É a nossa maior fraqueza.

*

A professora decidiu ir. O marido vai para um cargo importante, para uma chuva de dinheiro que vai cair-lhe em cima. Há quem se mova a papel e eu tenho de respeitar isso por mais que não o entenda. O dinheiro compra tudo, sobretudo pessoas honestas. Ela vai porque o ama, porque ele faz parte do seu círculo mais reduzido de vida, do que a sustém em si. Por mais que tenhamos amor-próprio somos também o que amamos no outro, somos também os outros que amamos em nós. Sinto que não vai feliz, sinto que dificilmente vai ficar feliz, e estou desiludido com ela por isso. Pensei que fosse pelo coração, que sentisse antes de pensar. Afinal é mais uma como as outras, como os outros. Afinal vai porque é mais fácil, porque se sente confortável no centro de uma mentira. Poderia dar-lhe um abraço e dizer-lhe que se é o que parece melhor deve ir, mas não sei mentir. Viro as costas e vou chorar para casa, fechado no quarto. Por favor não me incomodem, sim?

*

— Ricos. Coitados.

— Porquê?

— Jamais enriquecerão.

*

Não aguentei. Mesmo com a minha namorada ao lado, vim ver a professora a ir. Vai com o marido num carro de luxo. Que vergonha. Estou triste por ela. Também estou triste por mim, não vejo porque haveria de escondê-lo. Mas

estou mais triste por ela. Deixou-se levar, deixou que o que tem de ser tomasse conta do que sentia ser. É nestes momentos que se definem as pessoas, o que são as pessoas. Ou somos o que sentimos ou somos o que deixamos de sentir, nunca podemos ser o que não sentimos. Foi pelo que é mais fácil, por mais que diga que foi porque ama o marido. Não lhe vi nos olhos o que as palavras diziam. Agora olho para mim e tenho vergonha do que fiz. Deixo-me cair no modo como agi. Fui egoísta, fui um adulto armado em criança. Fiquei revoltado com a opção dela só porque a opção dela não foi por mim. Que idiota fui, que idiota sou. E agora é a pobre da minha namorada a ter de levar com a minha frustração por ter perdido uma amiga e ter perdido quem sou por momentos. Não fui amigo nenhum, não fui pessoa nenhuma, fui só um pobre ressabiado, um pobre abandonado ao que deixou de ter. Nunca pensei ser esta pessoa, ai de mim se voltar a sê-la. Avisem-me se eu voltar a fazer uma porcária destas, por favor.

28.

— Paranóico?

— Sim.

— Quando? Quem te disse isso? O que está por detrás dessas tuas palavras?

*

Não me reconheço. Como fiquei este traste? Como me transformei naquele que tem ciúmes, que só tem ciúmes? Passo o dia a pensar onde está aquela que eu amo. Confio nela mas tenho medo. De onde veio todo este medo? Que amor é este que não me deixa ser livre do medo de o perder? Terá de ser assim o amor? Pergunto, indago, quero saber tudo. Depois caio em mim, peço desculpa. Sinto-me tão mal por ser assim, por não conseguir deixar de ser assim. Ultimamente só choro por vergonha. Não sei como ainda consegue estar comigo, como ainda consegue suportar-me. Já não me suporto. Eu não sou este. Este é o que tomou conta de mim, o que não me deixa sair de trás dele. Talvez tenha ciúmes dela não porque não confie nela, mas apenas porque não confio em mim. Acho que não me julgo à altura de lhe dar tudo o que ela precisa. E não dou. Se continuar assim não dou. Tenho vergonha de mim.

*

— Merda.

— O que foi, avó?

— A velhice tornou-me boa pessoa.

*

A minha avó ao telefone e a sua saudade inacabável. Com que régua se medem as palavras, sabem? Noto-lhe pela voz que está perdida lá como eu estou aqui. Precisava tanto dela agora. Talvez a sua maneira de ver o seu mundo fosse o que equilibrasse o meu. E talvez a minha maneira de ver o meu mundo fosse o que equilibrasse também o dela. Diz-me para ter calma, para não ser assim, para confiar, para não estar sempre a pensar nela. Conto-lhe tudo, confesso-lhe tudo, peço-lhe perdão por me tornado nisto. Acabámos os dois a chorar como quase sempre, mas desta vez são lágrimas escuras, lágrimas que não queria chorar. Pode ser que sejam estas, as mais involuntárias e profundas que existem, as que salvam mais, as que salvam mais fundo. Que assim seja.

*

— Afinal não era amor.

— Então o que era?

— Gripe.

*

O Zé Pedro não encontra a pessoa certa. Pode ser essa a sua sorte, apetece-me dizer-lhe. Não digo. Quero que acredite no amor que pode chegar como eu apesar de tudo ainda acredito no que me chegou. Para não o assustar muito nem lhe revelo o que anda a acontecer-me. Não lhe revelo que cada vez discuto mais com a minha namorada, que cada vez a amo mais sem mim, mais sem rumo. Vi nela o que me dava o caminho e sempre que ela se desvia para procurar o dela sinto-me traído. Sabia inteiramente que era um erro, que é um erro. Sabia inteiramente que não deveria estar nela o que sou, completamente o que sou. Não consigo deixar de a ver assim, de a sentir assim. Já há algum tempo que não sou uma pessoa perdida, sou só uma

pessoa desaparecida. Quem me conhece não me encontra há muito, eu mesmo não sei onde estou. Desligo a chamada e choro mais um bocado. Espero que o meu amigo não tenha notado que já não sou o amigo que ele ama. Tenho vergonha de mim.

*

— Pedi-te que me abrisses o coração.

— Foi o que fiz.

— Mas escusava de ser com um serrote.

*

Quantos anos demora nascer? A minha namorada tem toda a razão. Acabei de andar à pancada na escola por causa dela, porque a via muito próxima de um colega de turma. Pareceu-me que ele a tocou onde não devia, aproximei-me e mostrei-lhe a minha força de braço com a mão fechada. Todo o recreio veio logo separar-nos, criou-se a confusão de sempre em casos assim. Quem sou eu que não me vejo em lado nenhum? Peço-lhe desculpa, coloco-me de joelhos, digo-lhe que não volto a ser assim. Nem eu acredito no que digo, nem eu acredito no que prometo. Estou no fundo de um poço qualquer que veio de um lugar qualquer e não consigo ver saída possível. Poderia romantizar isto, poderia dizer que sou assim porque amo de mais, porque amo a sério e porque quem ama a sério tem medo de perder e fica assim. Não fica, não tem de ficar, não deve ficar, não é admissível que fique. Tenho de ter força de ir contra mim para voltar a estar em mim. Desculpas-me, meu amor?

*

— Coitado de ti.

— Porquê?

— Não consegues contentar-te com a felicidade.

*

Quantos segredos tens de esconder de quem amas até quem amas deixar de ser quem amas? Não desculpou. Não me desculpa. Faz bem. Nem eu me desculpo. Não tem perdão o que fiz, não tem perdão o que sou. Estava feliz e estraguei a felicidade por excesso de uso, por excesso de medo de a perder. Acho que a felicidade acontece quando desistimos de a preservar acima de tudo, quando nos deixamos levar pela felicidade que nos acontece. Quis defender o que amava do que estava à volta e esqueci-me de o defender de mim mesmo. Agora sou outra vez uma pessoa sozinha. Espero que algures no meio da solidão esteja eu. Vou começar agora, fechado no quarto, à minha procura. Desejem-me sorte, e sobretudo coragem. Até já.

— Tentei ser tudo.

— Tudo?

— Menos eu próprio.

*

Pode “prometo decepcionar-te” ser uma declaração de amor? Conto finalmente a minha desgraça ao Zé Pedro. Sinto um peso a sair quando sai a verdade. Acho que a liberdade é o que menos custa e o que mais vale. Só temos de ser nós haja o que houver, e o mais complicado é conseguirmos saber quem somos no meio do que sentimos. Deixei-me levar pelo que sentia e deixei de ser o que sabia que poderia sentir. Somos tantos quando somos gente, não somos? Já fui a criança eterna, o menino com o sonho antes dos passos. Agora sou o adolescente problemático. Não passo de um cliché, é isso? Não sei o que nasceu antes, se o estereótipo se as pessoas que nele se encaixam. O certo é que estou distante de mim, daquele mim que quero ser. Cabe-me conseguir devolver-me, abrir as cortinas e chegar ao que posso ser. Saíam da frente que aqui vou eu.

*

— Sabes o que isso prova?

— O quê?

— Que até pena pode começar um amor.

*

O Zé Pedro encontrou o amor, ou pelo menos foi encontrado por ele. Acha que foi por pena que ela o quis, porque o viu sozinho no recreio da escola. Não sei se foi, mas sei que não interessa de onde vem o que nos faz felizes

desde que nos faça felizes e não faça ninguém infeliz. Se ela o ama e ele a ama, está tudo bem. Não importa se sempre amou, não importa se tudo começou sem querer. Não quero apenas o que quero, quero também o que não querendo me faz bem, e que no fim de tudo acabo por querer mais do que tudo o que quis antes. Agora quero dizer ao meu amigo que estou feliz por ele, e que não tem de ter medo de me dizer que está feliz só porque eu não estou, até porque com a felicidade dele a minha infelicidade fica mais pequena. Gosto de ver pessoas felizes, mostram-me o que posso ser, o que pode acontecer-me. Quando estamos felizes somos mais boas pessoas, o mundo fica um lugar melhor, a luz anda por todas as esquinas. Crescer é também deixar de fazer da busca pela felicidade o primeiro motivo para a ocorrência de cada dia, colocar as obrigações antes dos desejos, as contas antes dos beijos. Os adultos são tão estúpidos, não são?

*

— Abraça-me como se me curasses de doenças.

*

A minha mãe foi à minha escola e precisa de sentir que ainda sou o seu filho. Disseram-lhe o que eu fiz, o que sou, naquilo em que me tornei. Disseram-lhe que fui expulso por mau comportamento. Está sentada, de frente para mim. Não diz muito, não pede para eu dizer muito. Estamos parados a ver-nos sofrer. O amor consiste muitas vezes em estar parado a ver o outro sofrer, deixar que a dor se vá espalhando, se vá tornando suportável. A minha mãe sabe que não posso continuar assim, que não é possível eu continuar assim. Quer que eu diga que vou mudar, que vou lutar por mim, que vou fazer tudo para ser o menino que ela ama. Não consigo prometer o que já prometi tantas vezes e não fui capaz de cumprir. Peço desculpa, só isso. Pouso a cabeça no ombro dela e deixo-me ir. Adormecemos os dois

assim, deitados no sofá, no interior das lágrimas e do despenhadeiro. Estamos a cair juntos, sem salvação mas com amor. Costuma chegar para conseguirmos ter força para chegar ao resto.

*

— Mas vamos voltar a ter pouco, tão pouco, meu filho.

— Contigo, até pouco pode ser suficiente.

*

Quero voltar para os braços do Zé Pedro e da minha avó sem deixar de estar nos braços da minha mãe. Quero voltar para a nossa terra, para onde me sinto mais capaz de me encontrar. Aqui só penso nela, no que perdi, no que não fui capaz de ganhar. Sou um aluno medíocre, sou uma pessoa medíocre, uma espécie de adulto dos pequeninos, um adulto defeituoso e uma criança que cresceu antes de estar pronta para o tamanho que tem. Ninguém gosta de mim, não gosto de ninguém, e estava tudo bem se isto, este nada gostar e nada ser gostado, não fosse o contrário do que sempre fui. Sou uma pessoa de pessoas, um menino que precisa de quem o ame. Não preciso que toda a gente me entenda, não preciso do aplauso de todos, mas preciso tanto do aplauso de quem amo, preciso tanto de ser o que quem me ama quer que eu seja, o que eu mesmo sei que sou. Sou um fraco, na verdade, aquele que pensou ser sempre aquilo que sonhou ser e que não passa do que fica aquém de ser. Sou o que não sou mais do que aquilo que sou. Como se foge de mim?

*

— Amei-te sem querer?

— E sem amor?

*

Num acto desesperado, peço a quem já não é minha namorada para vir comigo. É uma loucura mas sinto-me eu. Este sou eu, a fazer o que sinto, a procurar o que amo. Sem pensar duas vezes, sem hesitar entre o que deve ser e o que sinto ser. O que ouço é o não que sabia que iria ouvir, mas no fundo saio daqui feliz por ainda ser capaz de tentar o que amo. Despeço-me com um adeus baixinho, ouço um adeus baixinho, olho-a a olhar-me e percebo que já não me olha como o miserável que quis prendê-la, mas como o maluco que a fez apaixonar-se. Não sei se estou curado, mas vou-me embora daqui com a certeza de que posso ir ao encontro do que deixei para trás. Regressarei à minha terra para regressar a mim. Vamos, mãe?

— O possível entedia-me.

— Porquê?

— É fácil de mais.

*

Quero algo que pareça eterno, posso? Não quero a vida normal. Estou de volta. Quero ser eu. A minha avó está apagada, mais velha muitos anos em tão pouco tempo. A velhice avança quando o amor pára, quando o amor deixa espaço para a idade ir em frente. Ainda está a tempo de mudar o tempo, tenho a certeza. Eu também, claro. Vamos os dois andar juntos por alguns cantos do mundo. Foi um pedido dela. Disse-me que queria gastar tudo o que tem em tudo o que ainda é, fez uma lista do que queria fazer, perguntou-me se aquele dinheiro que tinha dava para tudo o que desejava. Fiz as contas, algumas equações, algumas pesquisas pela internet, alguns telefonemas para agências de viagens, e aqui vamos nós atrás da sensação de que o mundo pode estar quase a acabar, pelo menos o nosso, a cada vez que nos pensamos imortais. Vou com a minha avó fazê-la feliz e não conheço nada que me faça mais feliz agora, conhecem?

*

— Se pudesse arrancava-te o coração.

— E porque não podes?

— Porque não o encontro.

*

A minha avó pode não estar muito longe de morrer mas está mais viva do que nunca. Acabou de andar pela primeira vez na montanha-russa e já não

sabe se aguenta o que aí vem. Já andámos em quatro cidades diferentes, em quatro lugares onde nunca tinha estado e onde queria muito sentir que estava. Fazemos um turismo especial, o turismo emocional, a única forma de turismo, na verdade. Só somos turistas quando estamos a sentir o que estamos a ver, quando a emoção anda connosco de terra em terra. Afinal, a minha avó é mais adolescente do que eu. Acabou de me pedir para ver se arranjava em qualquer lado um charro e eu sei que ela quer dizer um charro. Não quero morrer sem experimentar isso, diz-me. E eu que não sei como se compra algo assim ando por um parque de diversões cheio de crianças e de famílias à procura de quem me venda uma droga proibida. Se isto não é amor é loucura, desde quando são coisas diferentes, sabem?

*

— Percebo agora que estava realmente apaixonado.

— Por ela?

— Por mim.

*

Mesmo no meio da loucura preciso das palavras do Zé Pedro, dos ouvidos do Zé Pedro. Mesmo no meio da loucura penso nela, na rapariga que amei lá longe. Percebo enfim que só a perdi porque estava apaixonado de mais por mim, pelo que ela fazia em mim. Aos poucos abandonei-a à sua sorte de simples veículo do que amava, do amor que só ela me fazia sentir. Amar não pode ser ver no outro o amor todo que temos. Amar o outro tem de ser dar, e só por isso receber. Fui meu e nunca dela, e por isso a perdi. Quando digo isto ao Zé Pedro ouço-o a chorar. Diz-me que é isso mesmo, agradece-me porque por mim, pelas minhas palavras, já aprendeu mais sobre como quer amar aquela que ama. Desligamos a chamada e vai cada um para a sua

loucura particular. A minha avó a olhar-me do topo da roda gigante para onde foi sozinha e sem me dizer nada enquanto eu estava ao telefone. Quem disse que a infância passava não sabe nada de infância, que pena.

*

— Odeio a realidade.

— Porquê?

— É pouco credível.

*

A mentira não consegue apagar a verdade, mas se a verdade não trazer nada de bom mais vale mentir, ou não? Os realistas enojam-me. Éramos dois nesta viagem mas já somos quatro. Uma mãe e o seu filho. Estavam a pedir esmola à porta do parque de diversões e eu e a minha avó não aguentámos. Começámos por dar-lhes uma moeda, depois uma nota e quando vínhamos embora, já a cem ou duzentos metros deles, olhámos um para o outro e nem precisámos de dizer nada para darmos a volta juntos e irmos buscá-los. Estamos agora os quatro no topo de uma das torres mais emblemáticas do mundo num país completamente diferente. O dinheiro vai acabar rapidamente agora que somos quatro. Não vejo que interesse tem isso quando vejo as lágrimas de uma mãe e de um filho que acabaram de perceber que a vida existe e também é deles. A minha avó chora com eles, chora comigo. Está pronta a voltar. Está pronta a partir. Acho que é o que nos quebra que nos faz inteiros, percebem?

*

— Lamento, mas não.

— Porquê?

— Não dobro a coluna para ser colunável.

*

Queriam que fosse à televisão contar o que fiz. Não faço o que fica bem, só o que faz bem. Acho que pensam que foi uma grande coisa aquilo que eu e a minha avó fizemos pela mãe e pelo filho. Estão bem, arranjam emprego aqui ao lado da nossa casa, vão morando num pequeno anexo que a minha avó tem até terem juntado o suficiente para ficarem com tudo legal, com tudo como tem de ser. Choro várias vezes ao dia por causa deles e agradeço-lhes cada lágrima que me fazem chorar. Já fui um adolescente egoísta como todos os adolescentes e agora continuo a sê-lo embora seja cada vez mais um adulto egoísta, perdoem-me a redundância. A diferença é que agora o meu egoísmo é útil, é um egoísmo com o outro dentro. Deve ser isto o amor, ou então é só criancice, perdoem-me a redundância.

— Envelhecer beneficia-me.

— Porquê?

— Tapa-me.

*

A minha avó sente que as rugas a escondem. Podemos muito bem usar a idade como esconderijo, fazemos dela o que nos permite fazer tudo, dizer tudo, tentar tudo. Há envelhecimentos que trazem jovens, não há? Estamos os dois a olhar para a janela, a ver o casal que é notícia pelo país a sair do pequeno lar que conseguimos dar-lhes. A mãe a chorar com o filho ao lado, o filho a chorar com a mãe ao lado. Acenam-nos pela última vez, vão até à vida que souberam fazer de novo. A vida tem de ser feita de novo todos os dias, é essa a sua maior dificuldade e a sua maior possibilidade. Claro que estamos todos a chorar, os quatro pares de olhos que se cruzam e se despedem são olhos apaixonados, os únicos olhos que de facto conseguem ver. Só com eles vejo que a minha avó está perto de já não ter corpo para a vida que é, e nunca teve mais vida do que agora. Acho que quem inventou o corpo é um sádico perverso, um sacana cruel. Porque havemos de ficar mais capazes de sentir a vida quando já pouco temos para viver?

*

— Isto não é um beijo.

— Então, o que é?

— São primeiros socorros.

*

O Zé Pedro ama esta mulher que está nos seus braços e só por causa disso já a amo também. Diz-me que quando a tem se sente a salvo, a dor passa, o mundo torna-se num local mais habitável. Acho que cada beijo dela o tira do buraco, o que tem tanto de bom como de assustador. Sei o que é isso, mas não lhe digo. Não quero que deixe de ser feliz agora só porque é muito provável que esta felicidade de agora lhe doa muito depois, quando deixar de ser uma felicidade e passar a ser uma recordação do que já não volta, do que já não pode voltar. Estamos os três no recreio do liceu, à volta é só adolescentes sem saberem quem são, perdoem-me mais esta redundância. O meu amigo está feliz. Não preciso de mais nada para estar também, preciso?

*

— Tenho saudade do que pude ser.

*

As palavras da minha avó entram em mim como se fossem minhas, e passam a ser. Eu sei que sou novo de mais para sentir o que ela sente, para ver o que ela vê. Costumam ser os mais velhos a decretar sobre a vida, a reflectir sobre o que é estar vivo, sobre a magnitude da existência, sobre os erros que cometeram. Não sei porquê mas não acredito que só quem viveu muitos anos sabe muito sobre o que é viver. Desde que sei pensar, desde que sei sentir, que sei olhar para o que me rodeia. Olhar não tem idade, só tem de ter coragem. Normalmente, a coragem vem com a idade, mas é coincidência. É só porque quando somos mais novos estamos demasiado entretidos a viver para olharmos para o que estamos a viver. Se me perguntarem o que prefiro direi que sim, que prefiro ser o actor e não o guionista, estar em palco e não atrás dele. Mas às vezes é preciso deixar de olhar para nós para sabermos quem somos quando regressarmos. Acho que ter estado distante de mim me aproximou de mim, o que acham?

*

— Estás em mim como uma ferida.

*

Posso assegurar que não serei daqueles que vivem o prazer de agora a pensar na dor que chega no dia seguinte? A minha baterista do outro lado desta caixa de mensagens. Estou sem conseguir responder, sem conseguir mexer algo que não seja o coração, e é ele o que mais está parado, congelado e mais quente do que nunca, mais pulsante do que nunca. Estou nela como ela está em mim, tantos quilómetros, tantos dias depois. Escrevo-lhe que quando me imagino feliz a imagino ao meu lado, e que há uma grande probabilidade de ambas as coisas estarem profundamente ligadas entre si. Não sei se ela entendeu o que eu disse, ficou sem responder. Os minutos passam e nada, nem uma palavra, o cursor a piscar, eu à espera de um sinal qualquer de que ela está lá, de que ela ainda está lá. Escrevo e apago uma frase, duas frases. Não sei o que lhe dizer, não sei como lhe dizer. De cada vez que chega uma notificação ao meu telemóvel é como se chegasse o anúncio do fim do mundo. Até que o anúncio chega mesmo.

*

— Estou a teus pés.

— OK. Lambe-os.

*

A minha mãe ainda não aprendeu a rir-se comigo, mas está lá perto. Mostro-lhe esta última troca de mensagens e ela não entende à primeira. Não sabe que é assim, com palavras diferentes, que dizemos o óbvio. Não sabe que a minha baterista está comigo, do lado de lá de um visor, a dizer-me que se a quero de volta tenho de merecê-la de volta, o que quer dizer que na

verdade já a tenho de volta. Está ali, à espera da chegada das minhas palavras, como eu estou aqui, à espera da chegada das dela. Desta vez quero não me perder para poder tê-la. É a mim que ela ama, não àquele que faz do que ama aquilo que é. Queria abraçá-la com os ossos, apertá-la contra mim. Para já abraço-a com as lágrimas, com as frases que mascaram a saudade e que assim a descobrem cada vez mais. Agora que estou triste é que a minha mãe percebeu a piada de há pouco. Lá terei de rir-me com ela, não é?

— Adoro beijar-te.

— Quem não gosta?

*

A minha baterista está aqui. Ouviram bem? A minha baterista está aqui, a minha baterista voltou aqui apesar de nunca ter estado aqui. Já vos disse que estamos onde amamos, não já? Então sim: ela voltou aqui. Veio de lá da terra onde nos conhecemos e apareceu-me aqui. Tenho a minha namorada comigo, já fui mostrá-la a todo o liceu, claro, para que saibam que a felicidade não tem problema nenhum em ser mostrada desde que seja mesmo felicidade. Estou feliz, ela está feliz. Ainda não sabemos o que vamos fazer, o que vai ela fazer aqui, mas havemos de chegar a uma solução qualquer. A minha mãe gosta dela, a minha avó gosta dela, o resto logo se vê. Estou feliz, não sei se já tinha dito. Se não tinha, digo outra vez. Estou feliz, sabiam?

*

— Tenho cultura geral.

— Tens?

— Sim. Pratico geralmente culturismo.

*

O Zé Pedro tornou-se num bicho de ginásio. Desde que namora que não faz outra coisa. Quer estar à altura dela, da rapariga que lhe parece o mundo inteiro, e aí dele se assim não fosse. Eu também acho que a minha baterista é o mundo todo. É um bocado piroso mas é verdade e quando é verdadeiro pode ser piroso que eu não me importo nada. Quero é que seja bom, e é. Temos saído os quatro e tem sido engraçado, embora me pareça que a minha

baterista não liga muito ao Zé Pedro ou à namorada dele. Quando estamos juntos só tem olhos para mim, só tem palavras para mim, não lhes liga nada, o que no fundo no fundo acaba por me deixar ainda mais convencido de que gosta mesmo muito de mim. Gosta tanto que não quer saber de quem está connosco. Desde que estejamos os dois está tudo aquilo de que precisamos. Acho que é sempre assim: quando está connosco quem amamos temos connosco tudo aquilo de que precisamos, não concordam?

*

— Deus ensina.

— E o Diabo?

— O Diabo faz rir.

*

A minha avó cada vez mais fraca e cada vez mais bonita. Conta-me histórias que às vezes nem sei se viveu mesmo ou se precisa de contar-me para poder vivê-las. Estou aqui com o Zé Pedro a ouvir mais uma das suas dissertações e estamos os dois a rir-nos e a pensar que se chegarmos a velhinhos queremos ser assim, capazes de nos rir do que já não temos. O segredo da vida pode muito bem ser esse, não acham? Se nos rirmos do que já não temos, se tudo aquilo que somos incapazes de ser, se tudo aquilo que perdemos, for matéria de riso a vida pode ser toda uma comédia, nem que seja daquelas negras. Eu até acho que a única comédia é a negra. A comédia nasceu para salvar do que mata. Penso que já vos falei disso, não já? Bem, não interessa. O que interessa é que a minha avó continua aqui, a ensinar-nos partes da sua vida, a dizer-nos que o mais importante quase nunca é o que tem mais importância. Ficaram confusos? Daqui a bocado já vos explico. Deixem-me ouvir mais uma história, sim?

*

— Há alturas em que temos de assumir o risco.

— Sim, claro, mas escusava de ser ao meio.

*

O meu penteado novo é causa de debate. É bom quando os grandes assuntos da nossa vida são os pequenos assuntos. É neles que está a liberdade, e em consequência a felicidade. Era disso que falava há pouco, lembram-se? A felicidade é daqueles que percebem mais cedo que o mais importante da nossa vida quase nunca é o que tem mais importância. Quase nunca o mais importante é o que mexe connosco, o que nos faz nós, o que nos leva para outros lugares em nós. Por exemplo: quando eu vou com a minha namorada ver um filme, quase nunca o mais importante é o filme. O filme é bom que seja bom mas o que é decisivo que seja bom é a maneira como falo com ela, a forma como damos as mãos, a maneira como partilhamos o balde de pipocas, a pele arrepiada dela quando a procuro com os meus lábios no rosto a cada cena que chega mais fundo. Como quando vou com a minha mãe ao supermercado o mais importante não é o preço das couves ou o termos ou não dinheiro para comprar um livro novo. O mais importante é olhar para a minha mãe e tê-la comigo, abrir-lhe o saco de plástico para ela colocar as coisas, ajudá-la a arrumar tudo nos armários quando voltamos a casa, saborear cada pergunta banal, cada resposta trivial. Não quero ser aquele que perde o que importa por causa do que é importante. É importante que isso fique registado aqui. Ficou?

*

— Porque ressuscitaste?

— Morrer é uma seca.

*

Para que temos de esperar ter tudo para viver quando já temos a vida para termos tudo? A minha avó esteve do lado de lá durante uns segundos, os médicos acreditaram que tinha sido de vez. Podem entender muito de Medicina mas não entendem da minha avó. Ela nunca iria sem falar comigo antes. Temos todo um ritual a cumprir antes de ela ir para onde nem sei ainda se irá. Ela é original de mais para aceitar morrer como os outros, pelo menos é o que eu acho. E hoje não estava um bom dia para morrer, temos de ser sinceros. Falecer é muito *mainstream* para ela. Percebeu tarde na vida, acho que fui eu que lhe ensinei mas não lhe digam, que o mais divertido na vida é a diferença. Passou os dias todos antes a querer ser como os outros e tornou-se num *zombie*, uma espécie de cópia do que julgava que era. Não era. Não era cópia de nada, não é cópia de nada. Por isso é que aqui está, viva e rija, a contar o que sentiu quando todos pensávamos que ela já não estava a sentir nada. Até eu, confesso, quando os médicos disseram que dificilmente ela voltaria, acreditei por momentos que eles estariam certos. Que vergonha, que vergonha. Desculpa-me por ter duvidado de ti, sim, avó?

— Adoro funerais.

— Ai é?

— Sim. Mas o meu foi fracote.

*

A minha avó brinca com o fim como se fosse um brinquedo. Acho que é mesmo, sabem? Temos de brincar com o que vai acabar para que se perceba que nos estamos nas tintas para o fim. Importa é o que fazemos pelo caminho. Eu sei que todos sabem isso, é um cliché, mas nós temos a mania de não ligarmos aos clichés, achamos que é coisa de malta pouco inteligente. Eu tenho a certeza, já vos tinha dito, de que algo só chega a cliché quando é verdadeiro o suficiente para ser repetido por quem já viveu situações em que o cliché se aplica. Tenho para mim, aliás, que o cliché é a comprovação científica de algo. É simples: se chega a cliché é verdadeiro. E é. Neste caso continua a ser. Passamos os dias à espera de que aconteça o que pensamos que vai ser o melhor do dia, e nem reparamos que o melhor do dia pode estar a acontecer nesse mesmo momento. A minha avó sentiu que todos pensaram que ela ia. Todos pensaram que ela iria morrer e ela ficou mais viva depois de sentir isso. Tudo pode servir para nos manter vivos, até aquilo que vai matar-nos, não é? Deixem-me dizer de novo: tudo pode servir para nos manter vivos, sobretudo o que vai matar. Está melhor assim, não está?

*

— Tenho baixa inteligência. Mas sou altamente.

*

O Zé Pedro está a ficar um cromo de ginásio cada vez mais engraçado. Vai repetindo o que ouve por lá, as pessoas que conhece são cada vez mais

diferentes de nós. Eu amo pessoas diferentes de mim e não entendo porque costumamos querer sempre estar com quem é parecido connosco, com quem tem gostos parecidos, ideias semelhantes, formas de pensar e de ser similares. Que seca. O que eu quero é estar com quem tenho dificuldade em entender, com quem me dá o desafio de decodificar, de aprender, de encontrar algo onde eu pensava que já não havia nada. Este Zé Pedro está cada vez mais diferente de mim e cada vez eu gosto mais de estar com ele, de passar tempo com ele. Temos as nossas namoradas, os nossos amores, mas continuamos a ser inseparáveis. Quando estamos os dois, e estamos muitas vezes os dois, pode estar toda a gente que estamos sempre nós os dois. Não sei se é saudável, mas faz-me bem. Não é o que faz bem que é saudável?

*

— Pelo menos sou coerente.

— Como assim?

— Sou mau em tudo.

*

Debate na aula de Português sobre o que o professor acha que eu tenho de achar. Tenho dificuldade em mentir o que sinto, acho até que tenho uma impossibilidade orgânica de mentir o que sinto, o que penso, o que me traz o que está a acontecer-me. Não posso aceitar que me digam o que me faz sentir um texto se sou eu que estou a senti-lo, não é? Não me parece que vá ter uma nota brilhante nesta disciplina, mas tenho a certeza de que a minha mãe e a minha avó entenderão. O professor perdeu a paciência e pediu-me que abandonasse a sala. Diz-me que lhe faltei ao respeito, quando tudo o que fiz foi não me faltar ao respeito. Como iria viver comigo depois de sentir que fui um mentiroso só para não ser um rebelde? Abandono a sala, peço perdão,

digo que se magoei alguém foi sem querer, e foi. Sento-me junto à janela da sala e vou assistindo à aula do lado de fora. Vejo que o professor e a turma me olham de lado, vejo alguns sorrisos e muito escárnio. Vejo acima de tudo que todos aceitaram a visão do professor e ele está finalmente em paz com isso. Para a próxima deixo-o ser feliz e esqueço a verdade que tenho em mim. Ser boa pessoa é também esquecer às vezes o que temos em nós para deixarmos os outros serem felizes, não é?

*

— Estar apaixonado mata.

— Sim. Mas não estar também.

*

O Zé Pedro e eu estamos no meio de qualquer coisa que não dominamos, que não sabemos dominar. É sempre o mais interessante nesta coisa toda, não é? Somos viciados nos sentidos que nos fogem da mão, nos sentidos sem sentido, será? Precisamos do que nos afasta do que controlamos e depois trememos de medo por não sabermos controlá-lo. Queremos sempre o que nos assusta, o que nos leva para as proximidades da ravina. Eu e o meu amigo estamos lá. Queremos o que nos mata mas temos medo de morrer. Acabei de definir amor, não acabei?

*

— Dizes que me amas?

— Quando for verdade.

*

Não sei o que aconteceu mas deixou de acontecer. Sim, já não gosto da minha baterista. Não sei como aconteceu, mas sei que já não. É triste, tão

triste, ver o que não sabemos como começou acabar sem saber como acabou. Não consigo mentir, que desgraça. Por isso magoo, por isso tenho de magoar. Tenho de aprender a não ser assim, não custava nada ficar com ela só para vê-la feliz, e estava tão feliz, tão feliz. Há tanto quem fique com alguém a vida toda só para não magoar essa pessoa. Acho que quem gosta, mesmo que não ame, acaba por não conseguir muitas vezes magoar quem gosta, e por isso faz de conta que ama. Poderia fazer isso mas não seria feliz, e acho que se eu não for feliz não consigo fazer alguém feliz, será? Beijo-a no rosto uma vez, com suavidade. Não quero que seja bruta a nossa despedida como namorados, mas também não quero que pense que tenho pena dela, mesmo que tenha, e tenho. Gosto tanto dela que queria amá-la, isto faz sentido?

— Não conheço quem amo.

— És uma pessoa normal, portanto.

*

Alguém quer mesmo um abraço sem carga viral? A minha baterista vai ser sempre a minha baterista mas já não é o meu amor. Está desiludida comigo, diz que não sabe quem eu sou. Pode ser que o amor faça de nós pessoas diferentes, pode ser que seja isso uma das maneiras mais fáceis de ver o amor, perceber o que muda em nós, o que nos faz, para onde nos leva. Já fui a pessoa que amava e agora sou só eu de novo. Peço-lhe desculpa por ter de ser, por poder até estar, se calhar, a agir de modo brusco de mais, mas para mim amar é acima de tudo respeitar, dizer a verdade, e na verdade não poderia estar mais com ela sabendo que não a quero como já quis, como se tem de querer alguém para dizer que se ama alguém. Não posso passar panos quentes em algo que é gelado, que tem de ser gelado, que não pode deixar de ser gelado. Abraço-a uma última vez, digo-lhe que pode contar comigo para tudo, sempre, menos para amá-la. As lágrimas dela caem em mim, choramos juntos, abraçados. Vamos ser amigos para sempre, tenho a certeza. Até lá poderemos ter de ser estranhos durante algum tempo, que coisa estranha, não é?

*

— Alzheimer apagou-me tantas memórias.

— Sortuda.

*

Acho que há algo de divino na doença. É como se fosse necessário sacrificar a vida de um para salvar a vida de muitos. Há doenças que salvam e

que nem assim matam, essas são as minhas favoritas. A minha avó não se lembra de muita coisa, está a ficar com a cabeça acabada e é uma tragédia que ela não merecia. Prefiro olhar para o lado bom. Pode ser que esqueça também o que magoava, o que sempre que se lembrava a fazia sofrer. O meu papel aqui é lembrar-lhe todos os dias quem é, o que sente, o que faz dela a pessoa que nunca deixará de ser. Todos os dias quando acordo venho acordá-la. Digo-lhe o nome, o seu e os de quem ama. Digo-lhe que a amo, explico-lhe onde está o essencial dentro da casa, qual é o seu número de telefone e qual é o meu número de telefone, escrevo tudo isso em vários papéis espalhados por todo o lado, sobretudo a parte em que digo que a amo. Depois saio, fecho a porta à chave e fico a olhá-la pela janela a olhar pela janela. Vista ao longe é a minha avó como sempre. Vistos ao longe somos sempre os mesmos, não somos? Continua a sorrir com uma lágrima ao canto do olho quando me acena. Continua a ser a minha avó mesmo quando já muitas vezes não o é. Será a felicidade encontrar a dioptria certa?

*

— Não tenho qualquer memória.

— Não?

— Mas lembro-me de que te amo.

*

Há declarações de amor perfeitas e depois há as da minha avó. Hoje não aguentei. Deixei a escola e fiquei a tarde toda a ouvi-la. Contou-me três vezes a mesma história, pelo meio contou-me duas vezes outra e perguntou-me outras duas quem eu era. Só lhe pedi que lesse os papéis e num instante voltou a si, voltou a mim. Acho que não esquecemos quem amamos mesmo quando estamos esquecidos de quem é quem amamos. O amor não fica na

memória, fica noutro lugar qualquer, ao qual nenhuma doença acede. A minha avó sabe que me ama mesmo que não saiba quem eu sou. Pode ser esta a melhor definição de sempre de amor: aquilo que nos faz amar até quem nem sabemos quem é. É isto ou não é?

*

— Bom dia.

— Sempre o mesmo exagerado.

*

A professora de Música mandou-me uma mensagem e parece que nunca deixámos de falar. Ficámos a trocar mensagens a tarde toda, a noite toda. Falámos de tudo, falei-lhe de tudo, contei-lhe tudo. Acabámos os dois a chorar, pelo menos eu acabei e quase que aposto que ela também. Estou aqui sentado na sala de aula e nem consigo segurar a cabeça, tal é o sono que tenho. Olho para o telemóvel escondido e a espreitar pelo bolso do casaco, espero ansiosamente que me responda à mensagem que lhe enviei. Perguntei-lhe se gostaria de um dia vir aqui ao meu país como eu fui um dia ao país dela. Ainda não respondeu. O meu coração bate e se querem que vos diga nem sei que aula é esta em que estou. Olho de segundo a segundo para o telemóvel à espera de que aconteça o que ainda não aconteceu. Ai, o que acabou de acontecer.

*

— Nunca te tinha visto e já te conhecia todo.

*

Como é que há quem consiga andar de mão dada e de pé atrás? Há declarações de amor perfeitas e depois há as da professora de Música. Não sei bem se são declarações de amor, na verdade, mas lá que são amorosas

são. A professora de Música está aqui, aqui mesmo. Não só está no meu país como está na minha escola, à saída da minha escola. Sinto algo que nunca senti e que por isso não posso definir bem. É como se estivesse tonto e equilibrado ao mesmo tempo, como se estivesse incapaz de andar mas capaz de mudar o mundo, se necessário. Acho que afinal pode ser esta a melhor definição de sempre de amor: aquilo que nos deixa tontos e equilibrados ao mesmo tempo, aquilo que nos deixa incapazes de andar mas capazes de mudar o mundo, se necessário. Suspeito que vai ser mesmo necessário, também suspeitam?

— Queria ter memória só para te lembrar.

*

A minha avó é linda, não é? Amo-a pelo que me deixou ser, pelo que ela mesma teve de ser para me deixar ser. Está deitada, com poucas forças, a olhar-me a olhá-la. Poucas coisas nos deixam mais dentro de nós do que vermos quem amamos a olhar-nos. Sentimo-nos a ser olhados por inteiro, sem vergonha do que tentamos esconder dos outros. A verdade tem um lado de libertação que raramente conseguimos aproveitar. Vivemos enclausurados no que tem de ser, e tem mesmo, e acabamos por passar ao lado do que é. Acho que há uma grande diferença entre o que tem de ser e que por isso acaba por ser e o que verdadeiramente é, o que verdadeiramente nunca deixará de ser. Por exemplo: a minha avó teve de ser uma adulta chata muitas vezes, uma velha rezingona muitas vezes, e na verdade nunca deixou de ser a criança que eu trouxe para cima quando vim morar com ela, e a criança que é agora, quando Alzheimer lhe deu o começo de si mesmo à beira do final. Acabamos tão perto de onde começamos. Será por isto que lhe chamam círculo da vida?

*

— Amo uma doente terminal.

— Todos amamos.

*

Amar um doente dói-nos na vida, amar um doente terminal é perigoso. Se não temos cuidado termina também connosco. Todos amamos o que vai acabar, que crueldade. Eu e a minha avó estamos a acabar e somos intermináveis. A cada dia, ela vai para mais longe daqui e mesmo assim não

deixou de vir para mais perto de mim. Quanto mais vai, mais vem, mais se solta do que a prendia. Pode ser que quando o corpo vai perdendo raízes a alma fique mais capaz de ir para onde quer, para onde sempre quis ir e o corpo não deixava com medo de acabar. O medo de terminar impede-nos de tanta coisa. Abdicamos de tanto por receio de que esse tanto que podemos ter acabe com o tanto que temos, e acho que acabamos por perder tudo quando não tentamos sentir tudo. No fim das contas deixamo-nos estar com o que não nos basta em nome do que pensamos ser o bastante. Não é. A minha avó mostra-me agora que não é, eu já sabia que não era. Acabou de me dizer que não me admite que deixe de pechimperar, que ela própria começou a pechimperar tarde de mais e que é esse o seu maior, e único, arrependimento. Há tantos por aí que dizem que se o arrependimento matasse muitos estariam mortos. Mal sabem eles que mata mesmo.

*

— Conheci-te quando percebi que iria perder-te.

*

A fraqueza faz parte do sorriso? A professora de Música fala do que sente, do que sentiu, de quem somos. Revela-me que quando se afastou de mim sentiu uma parte de si mesma a deixar de existir. Abre-se de uma forma que me abre todo, que me leva para o interior do que até ela não conhecia em mim. Somos muito aquilo que vemos os outros serem, não somos? Vivemos por exemplo. Gosto das palavras dela, sempre gostei das palavras dela, acho que me apaixono por palavras, é isso, não sei se já vos tinha dito. Acabo de perceber que confessei que estou apaixonado por ela, foi isso? Se sim, peço desculpa por ter dito a verdade num momento em que se calhar não estavam a contar com ela. Não volta a acontecer. Ou então volta mas fica sempre bem dizer isto. Também tenho direito a ser politicamente correcto, não tenho?

*

— Coitado de Deus.

— Porquê?

— Nunca teve um orgasmo. Pelo menos Jesus ainda entornava uns bons copos de vinho.

*

As lições de vida da minha avó são cada vez melhores. Eu e a professora de Música e um riso imparável. Diz-nos que não pecar é o único pecado, que o medo é uma maneira suave de dizer infelicidade. Perdeu os travões quando sentiu que estava a perder a vida. Acho que todos deveríamos perdê-los antes, eu faço por isso todos os dias, às vezes consigo, outras vezes não. Não serei louco só porque é giro ser louco, serei louco quando a loucura for a melhor solução, a fuga possível, a felicidade possível. Não temos de estar sempre felizes, que seca, mas temos de estar sempre disponíveis para a felicidade. Conheço tantas pessoas infelizes só por falta de disponibilidade, só porque a infelicidade é mais fácil. Está ali à mão, é só nada fazer, é só nada tentar, é só baixar os braços, a cabeça, a esperança. Qualquer um é infeliz, essa é que é a verdade. E no entanto também qualquer um é feliz. Só depende do lado por que olha, do lado pelo qual prefere olhar. Eu olho do lado da minha avó. Vou olhar mais um pouco.

*

— Vai morrer em breve.

— Mentiroso.

*

Não acredito no que o médico diz, nunca acreditarei em palavras mentirosas como estas. Ouço que a minha avó está nas últimas, que podem ser só mais umas horas, que no máximo serão mais dois ou três dias. Poderia dizer que não acredito, poderiam pensar que é só aquela esperança tola de quem ama, de quem precisa e quer acreditar no que não existe, mas não é nada disso. Não é. Eu tenho a certeza de que a minha avó ainda vai viver mais uns bons tempos. A certeza, ouviram bem? Basta olhar para ela, para o que diz, para o que faz, para a maneira como se move, até para a maneira como aqui e ali se queixa. A minha avó ainda não está pronta para morrer, e basta conhecê-la minimamente para saber que ela jamais faria, ou deixaria que lhe fizessem, o que ela não quer fazer. De maneira nenhuma. Não há chance alguma de a morte poder convencer a casmurra da minha velhinha a ir para onde ela não quer ir. Vai mais uma aposta?

— Decidi continuar viva, doutor.

— Como?

— Não morrendo.

*

Simples, não é? Para a minha avó é. Eu não vos disse que aquilo de ela estar quase a morrer era treta? O médico nem quer acreditar, olha para ela a levantar-se como se nada fosse, mas se não fosse inacreditável não seria a minha avó. Acho que o médico é que vai precisar de um médico agora. Tem a cara branca, está parado, de boca aberta, não sabe o que dizer, não sabe o que pensar, não sabe o que fazer. Acho que está a tentar, lá dentro da cabeça, encontrar explicações lógicas para aquilo a que acabou de assistir. A lógica explica tudo menos o amor, doutor, ainda não sabia isso? Espero que coloque entre as possibilidades de cura a vontade própria, a teimosia, a casmurrice. Se não colocar está a cometer um erro de que nunca se esquecerá. Cheira-me que a minha avó vai provar-lhe isso mesmo. Ora apreciem lá.

*

— A Medicina cura.

— O amor também.

*

O médico está a ter as lições que a faculdade não ensina. Está sentado a ouvir a minha avó e não acredita no que está a ouvir e muito menos no que está a ver. Tira notas, de bloco em punho, sentado ao lado do sofá da sala de convívio. Com toda a paciência, com todo o orgulho, a minha avó conta-lhe tudo o que sentiu, tudo aquilo por que passou. Não sei se ele está mais

fascinado se assustado. Faz perguntas a medo, como se não quisesse mexer no milagre. De repente, a minha menina velhinha levanta-se, começa a dançar uma espécie de samba que ouve na televisão, agarra nas mãos do médico, leva-o consigo para o centro da sala. Acho que ele está a chorar por dentro, aliás tenho a certeza de que está a chorar por dentro porque acabou de começar a chorar por fora. A minha avó faz chorar. Que orgulho, que orgulho. Um dia quero ser como ela, dançar nos olhos da morte, criar a emoção em quem me vê ser. Oxalá assim seja. Quem sai aos seus não degenera, não é?

*

— Vi o homem perfeito. Com outra.

*

A professora de Música conta-me que quis regressar a mim muito tempo antes. Voltou para trás uns dias depois mas viu-me feliz com a minha baterista. Ficou feliz e derrotada. Ama-me o suficiente para querer a minha felicidade, esteja eu com ela ou não. É com as boas pessoas que se aprende a ser boa pessoa. Estou a crescer para dentro de mim mesmo, quero que seja sempre assim, ter a capacidade de olhar para o que vem como se fosse parte do que sou, integrá-lo em mim, fazê-lo eu. Passo horas a partilhar a vida com esta mulher, suspeito que haja entre nós aquilo que não sabemos explicar, aquilo que se sente para ter explicação. Sinto que a vida que quero necessita de alguma independência da razão, sinto que a vida que interessa necessita muitas vezes de coisas sem interesse nenhum. Comer um gelado com a professora de Música, por exemplo, não interessa a ninguém e não vejo neste momento nada mais interessante para fazer. Haverá drama mais feliz do que não saber se prefiro um de cone ou um de copo?

*

— Pedras no caminho? Fuma-as todas.

*

As aulas que a minha avó nos dá são magníficas, de compêndio. Desta vez sou eu e o Zé Pedro a ter a honra de as receber. Estamos a chorar a rir há já largos minutos e não vejo que isto vá parar tão cedo. Desde que viu que poderia ser imortal se assim lhe apetecesse que a minha avó tem muito mais histórias para contar. É como se a imortalidade lhe desse o superpoder da memória criativa. Acho que inventar o que nos aconteceu não é mentir, é apenas fazer da vida que foi a vida que é. Recordar só é viver se a vivermos mesmo, como se fosse agora, e isso só é possível quando colocamos uma pitada do que somos naquilo que éramos. Até o passado pode ter um belo futuro, já viram?

*

— Funeral cancelado.

— Porquê?

— O morto não apareceu.

*

Eu, o Zé Pedro e a professora de Música continuamos a fazer piadas sobre a pseudo-morte da minha avó. Que ingénuos são os que só acreditam na ciência, até porque a ciência vive do que não cabe nela, do que ela não consegue esclarecer. É o que a ciência não justifica que traz avanços científicos, já viram? A professora de Música é a única que eu sinto que gosta mesmo do Zé Pedro. No começo olhou-o com alguma surpresa, como se esta nossa amizade tão grande fosse difícil de entender, mas agora andamos os três sempre juntos e ela adora partilhar coisas com ele como se fosse só

comigo. Fala, conta tudo, abre tudo, como se ele não estivesse. Acho que essa é a maior prova de confiança que pode dar-lhe. Entre nós não há assuntos proibidos, só há uma proibição que definimos há dois ou três minutos: sempre que estivermos juntos não poderemos ir-nos embora sem chorarmos um pouco. É isso que está a acontecer agora, mesmo que na rua nos olhem com estranheza, mesmo que nos apontem o dedo como se fôssemos alienígenas. Acho que só sou feliz quando deixo de tentar desesperadamente ser feliz, também vos acontece? Porque é que uma lágrima assusta mais do que um insulto, sabem?

— Serás sempre inesquecível.

— Porquê?

— Esqueci-me.

*

Eu e o Zé Pedro a vermos juntos para que universidade vamos. Pode ser que estejamos a segundos de sabermos que vamos ter de nos separar durante muito tempo. Eu já vi que entrei no Conservatório em que queria entrar. Ele ainda não viu o que vai acontecer-lhe. Para já prefere dar-me os parabéns. Quer saborear o que há para saborear antes de saber o que vai suceder-lhe. Talvez queira saborear o bom antes de chegar o mau, o que ele teme que seja mau. A mão treme-lhe, a minha também. Encontramos o nome dele. À frente, está o Conservatório, o mesmo em que eu entrei. Não dizemos uma palavra. Olhamo-nos, abraçamo-nos. Vamos juntos para mais um passo, vamos juntos para mais um ciclo. Estamos parados, abraçados, no meio da secundária. É certo que muitos devem estar a olhar e a chamar-nos coisas estranhas. Podemos até ser, mas estamos felizes. Gosto de quem tenha a coragem de navegar, mas gosto mais ainda de quem tenha a coragem de ser navegado. Que interessa a normalidade quando podemos ter a felicidade?

*

— Doença nenhuma me curará de ti.

*

A professora de Música diz-me isto em frente à minha avó e o que ouvimos é aplausos. Que velha maluca e tão sensata é esta. Damos um beijo tímido e a minha avó assobia. Queixa-se da nossa performance enquanto casal, não entende como podemos chamar beijo ao que acabámos de fazer. Diz que foi

fraquinho, pede que haja calor, exige que haja línguas envolvidas. Chega ao ponto de exemplificar com a sua própria língua. Que bom é ser livre, não é? Quem disse que a liberdade vem de fora está preso em si mesmo. A minha avó a chegar-se a nós, a abraçar-nos aos dois, somos um corpo de três pessoas. Estamos aprovados pela mais velha, pela mais feliz. Estamos felizes.

*

— Doutor, cure-o ou adoeça-me a mim.

*

A minha mãe agarrada aos colarinhos do médico, uma lágrima a querer saltar para cima da outra que já saltou. Senti um aperto estranho no peito, uma dor que me fez pensar que poderia ter o corpo mais traidor do mundo: como poderia ele querer tirar-me de onde sou tão feliz? Não entendo o que se passa comigo. Sinto-me a cair, a minha mãe a agarrar-me, o Zé Pedro a segurar-me pela mão e mesmo assim a deixar-me ir. Estou no chão, o médico a medir-me sei lá bem o quê, a minha mãe aos gritos, o Zé Pedro ao meu lado a pedir-me para respirar, para ficar, a dizer-me que sem mim ele não existe, ele não é. A minha avó ao fundo, só com uma lágrima ao fundo de uma ruga, em silêncio, como se soubesse o que iria acontecer. Sinto os olhos a fecharem-se. Antes olho para a minha mãe, para o meu amigo, para a professora de Música, para a minha avó, todos ali, a verem-me ir não sei para onde. Acho que a vida, seja no final seja no começo, pode não ser mais do que isto: termos quem nos ama a ver-nos ir não se sabe para onde. Se tiver de morrer que seja enquanto me amam.

*

— Sabe, doutor: tenho queda para levantar-me.

*

A frase não é tão boa como as da minha avó mas é o que se pode arranjar agora. Estou curado. Levanto-me e está tudo bem. Ao meu lado é só lágrimas. A minha mãe, a professora de Música, o Zé Pedro, a minha avó. Estão sem palavras, aliviados. A minha mãe abraça-me com o corpo todo, com o medo todo, com ela toda. Esteve quase a saber o que é viver depois de a esperança acabar. Que amor doente e cheio de saúde é o de uma mãe, o de um pai. Que irracionalidade é estar vivo com vidas integradas na nossa. Nada depende de nós, não é? Bradamos aos quatro ventos a nossa independência, a nossa força, o nosso poder, quando no final de tudo não passamos de bonecos de neve, fatalmente condenados a um final precoce. A minha avó está com aquela paz lunática que fascina, se teve medo soube cobri-lo com ilusão. É para isso que a ilusão deve servir, para mascarar as verdades que podemos contornar. O médico já não parece tão surpreendido, já deve ter percebido que a imortalidade também é algo genético. Agradeço-lhe, dou-lhe um abraço que ele não estava pronto para dar. Pouco nos desgoverna mais do que o afecto inesperado. Como conseguiremos ser coerentes sem sermos previsíveis?

*

— Inverti Alzheimer.

— Como assim?

— Tenho excesso de memória.

*

A minha avó lembra-se de tudo o que aconteceu e até do que não aconteceu. Quer saber o que sinto pela professora de Música, para onde quero ir. Avisa-me que a minha mãe pode não gostar, que ainda tem muitos números na cabeça e o da idade é um deles. Somos viciados em quantificar,

em passar para estatística o que só a emoção pode avaliar. Namoro às escondidas com uma mulher muito mais velha do que eu, uma mulher mais velha do que a minha mãe. Sei o que pode o mundo pensar. Não deixo de amar o que amo só porque o mundo não o compreende, só porque foge ao que o mundo aplaude. Quero esta mulher comigo, sou feliz com ela, não posso esperar menos do que a minha mãe o querer também. Um dia conto-lhe tudo, para já aproveito para ouvir a minha avó dizer-me que ficamos bem juntos, que o que me falta a mim ela também não tem, e que é isso, termos as mesmas faltas, as mesmas fragilidades, as mesmas insuficiências, o que nos faz completos. Primeiro acho que não faz sentido nenhum mas depois entendo o sentido por inteiro. Não estamos com o outro para suprimirmos as nossas fraquezas, apenas para termos quem as ame connosco.

— Lamento muito mas sabes-me a pouco.

*

Passo o dia com o Zé Pedro no Conservatório como passava na secundária, mas agora não me sinto completo. Cada vez mais sinto falta da minha professora. O Zé Pedro já o entendeu. Passa o dia a falar-me nela só para torná-la mais presente. As palavras também servem para trazer as pessoas, para fazer existir as pessoas. Um nome de quem amamos não é só um nome, passa a ser, a partir do momento em que é o nome de quem amamos, uma representação, um espaço ocupado. Sempre que ouvimos aquele nome estamos a ver essa pessoa, a sentir essa pessoa. O nome dela é agora a minha palavra favorita. As aulas por aqui correm bem. Dizem que tenho um grande talento, que nasci para isto. Um dos professores ontem chorou ao ver-me tocar a sua música favorita à minha maneira. Sempre que faço alguém olhar para si fico feliz, e as lágrimas servem para me mostrar isso. O Zé Pedro não está tão feliz assim. Acho que não se sente muito talentoso. Espero que não tenha escolhido vir para o Conservatório só por minha causa. Um dia vamos ter uma banda juntos. Para já somos só o dia todo juntos. E a minha professora, a minha tudo, onde anda? Mais uma horinha e vem buscar-me. Irra, que o relógio não anda.

*

— Fizemo-nos felizes. Finalmente.

— Como?

— Nunca mais nos vimos.

*

A minha namorada, a minha mulher, a minha tudo, abre tudo sobre o seu casamento, sobre o homem que ficou para trás. Foi tão infeliz tanto tempo só porque não sabia que poderia deixar de sê-lo. Andamos muito tempo assim, muitas vezes assim. Ficamos pelo que pensamos que é tudo o que temos, que é tudo o que somos, e perdemos tudo o que poderíamos ter, tudo o que poderíamos ser. Temos de viver a possibilidade para podermos estar à altura de a aproveitarmos. Ela deixou-se ficar, passiva, acantonada a uma prisão consciente, voluntária, que a libertasse de si mesma, das suas precisões, até das suas pulsões. Abdicou de si para poder sobreviver sem fundos, sem fossas. As estradas com buracos podem estragar suspensões mas são as que não deixam nenhum condutor adormecer. A minha tudo adormeceu porque tinha medo de ver o que não queria. Ver é sempre urgente, estar atento, medir cada passo, cada decisão, cada guerra em que entramos. Digo-lhe que não importa o que foi, só importa o que é. E é tão bonita, não é?

*

— Quando cheguei aqui encontrei-o já morto. De tédio.

*

O Zé Pedro veio interromper o meu namoro e pensa que é engraçado. Diz-nos que sentiu que estávamos entediados, que só estávamos parados a olhar juntos para qualquer lado. Sabe lá ele o que é tédio. Tédio é estar obcecado com a adrenalina, pensar que amar é fazer, é mexer, é beijar. Gosto de estar parado com a minha tudo ao lado, apenas a ver o mundo a passar. Acho que às vezes eu e ela gostamos de ver o mundo de fora, as pessoas em movimento perante a nossa passividade. Já viram que muitas vezes é quem melhor consegue estar parado que mais consegue fazer tudo mexer-se? Amar pode ser só isso, estar parado em conjunto. Eu e ela estamos, estávamos, não fosse este chato aparecer e estragar tudo. O que vale é que não estragou nada. Ela

fez que nem o viu, que nem o ouviu. Ele acabou por desistir e cá estamos nós de novo, a ouvir-nos olhar. Não façam barulho, está bem?

*

— Ama-me como se não houvesse pecado.

*

Quero-a porque não sei não a querer. O amor do corpo dá prazer, o outro também. Estamos a ser homem e mulher juntos, pela primeira vez sei como é um corpo inteiro noutro corpo inteiro. Não é nada como vi nos filmes que os meus amigos viam lá na escola, às escondidas, nos telemóveis. Parece que é tudo o que tinha de ser, só isso. Eu amo-a e para isso uso o meu corpo também, ela ama-me e por isso usa o corpo também. É claro que há prazer, aí de nós se não houvesse. Há prazer, e muito, há loucura, e muita. Dizemos palavras que não costumamos dizer, somos mais selvagens, mais animais, nestas alturas. Talvez o sexo seja a visita à extremidade absoluta, ao lugar onde animal e gente se encontram, se empurram, combatem em busca de um território que ambos querem só seu mas que tem de ser partilhado. Não tinha pressa de experimentar o corpo, só tinha pressa de saber quem ela era mais um pouco, preciso sempre dela mais um pouco, de a trazer para mim, para o que sei dela, mais um pouco. Faltava-me saber quem ela era quando precisava desesperadamente de um orgasmo, de um pico que a salvasse da necessidade. Temos de amar também o animal que é também a pessoa que amamos, será isso?

*

— Não ligo a aparências.

— Porquê?

— Fica-me mal.

*

Acabei de beijar a minha namorada à entrada de casa, a minha mãe à janela. Acabou de perceber que namoro com uma mulher mais velha do que ela. Não imagino o que esteja a pensar, não penso sequer que possa estar a pensar mal, que vai criar problemas. Penso que se amo esta mulher tenho de ter a minha mãe comigo a amá-la. Não é uma questão de sentido, não é uma questão de aprovação. É amor, apenas. Quero que quem me ama e que quem amo me amem o bastante para amarem quem eu amo também. Acho que a minha mãe vem aí. Já ouço os passos dela a aproximarem-se de nós. É agora que vejo de que amor é feito o que sente por mim. E se o grande amor for aquele que consegue encolher-se sempre que é necessário para o amor ficar ainda maior? A minha mãe junto a nós, ainda não falou, ainda só olhou, ainda só engoliu em seco umas duas ou três vezes. Somos do tamanho do que não gostamos mas que ainda assim conseguimos amar para que quem amamos seja feliz, percebe-se ou é confuso de mais?

— Tivemos uma conversa maravilhosa.

— Foi?

— Ninguém falou.

*

O Zé Pedro está a acabar de saber o que aconteceu com a minha mãe. Disse-lhe que não houve palavras. Que ela ficou ali, só ali, a olhar-nos. Em alguns segundos as lágrimas começaram a cair-lhe, ela sempre a olhar para nós. Senti a desilusão a cair-lhe pelos olhos. Até as lágrimas de desilusão são úteis, fazem-nos encontrar o que nos enganou, revolvem a camada espessa de mentiras que vamos dizendo a nós mesmos. A minha mãe disse-me que eu não queria esta mulher, que não seria possível eu querer esta mulher. Depois viu que estava errada, ou esteve sempre certa, sempre soube que eu iria querer quem amo, como a quero a ela, como quero o Zé Pedro, como quero a minha avó. Não vou deixar de querer só porque fica mal. Enquanto me fizer bem e fizer bem a quem amo vou continuar a amar. Quando fizer mal não sei se conseguirei deixar de amar mas vou deixar de tentar amar. Agora é o Zé Pedro quem me abraça, diz que vai passar, que a minha mãe vai entender. Acho que nem quero que ela entenda, só quero que ela me ame para além do que gostava que eu amasse. Será pedir muito?

*

— Gosto de frases incompletas.

— Porquê?

— Porque é a melhor forma de.

*

Quero dizer uma frase que não consigo dizer. Já a disse tantas vezes, em frente ao espelho. Saiu tão bem. Agora não sai. Fico parado, a boca não mexe. A minha tudo olha-me e espera o que não consigo dizer. Será que já sabe o que é? De repente estou a chorar encostado à parede, feliz e triste ao mesmo tempo, por ser tão bom o que quero dizer e tão mau não conseguir dizê-lo. Ela pergunta-me mais uma vez o que é, o que se passa, porque estou assim. Engulo em seco. Tento ordenar as palavras na minha cabeça para depois conseguir ordená-las na minha boca. Nada. Volto a tentar, volto a engolir em seco. Nada. Ela abraça-me mais forte, beija-me na testa, depois no cabelo. Ergue-me a cabeça, fica olhos nos olhos dos meus, parada, a ouvir o que o meu silêncio lhe diz, o que o meu olhar com lágrimas e felicidade lhe diz. Sorri, afaga-me o rosto, aperta-me com força. Diz: sim, aceito. Beijamo-nos. Acho que vou ser em breve um homem casado, o que é bom, mas tenho a certeza de que vou ser em breve um homem ainda mais feliz, o que é ainda melhor.

*

— Comunhão de bens?

— Separação de males.

*

Estamos diante do advogado a dizermos quem queremos que a lei veja em nós. Estou-me nas tintas para o que dizem os papéis. Só quero que digam que sou dela, que quero ser dela e que serei dela para sempre, e já agora que sempre tenha uma duração aceitável. Acho que todo o tempo do mundo para nós dois é tempo curto, mas é o que temos. O advogado explica cada um dos regimes, cada uma das possibilidades. Nem o ouço. Estou a olhar a minha futura mulher e só me apetece abraçá-la. Acabei por não aguentar e abracei-a

mesmo, o constrangimento do advogado não me constrangeu nada. A ela também não. Pede para sairmos à pressa, que havia urgências a chamar. Acabamos unidos no chão do *hall* de entrada da casa dela, a decidirmos que seja qual for o regime tem de ser de pensão completa, de pensão inteira, de pensão total. Quero que me alimente os sonhos, a alma, o corpo, a vida toda. Não sou dependente dela; quero ser dependente dela. Será essa, a mentirosa, a melhor forma de liberdade?

*

— Ela achou-te lindo.

— E eu?

— Tu achaste dinheiro.

*

A minha tudo é milionária e o Zé Pedro agora julga que pode estar sempre a brincar com isso. O pior é que pode. Claro que pode. Há tanto quem traga tudo menos o que sente. Só se brinca com coisas sérias, certo? Brincar com coisas de brincar não tem piada nenhuma. Acho até que nem brincadeira é. Não fazia ideia de que ela era assim tão rica, nunca lhe perguntei nada que não fosse sobre o que é e não sobre o que tem. Assim que o advogado disse qual o valor do que ela tinha disse logo que não queria nada disso, que só a queria a ela. Se um dia nos separássemos pouco me interessa aquilo que ficaria comigo se ela não estivesse. Não quero nada dela a não ser ela mesma. O Zé Pedro diz que eu sou um burro, mas só o diz a brincar. Ele no meu lugar faria o mesmo, sem tirar nem pôr. Não quero misturar o amor com o dinheiro. Nada contra o dinheiro mas é pouco poético. Preciso de ver na mulher que amo o poema impoluto, a pessoa sem mais nada. Corro atrás do Zé Pedro

pelo pátio do Conservatório como se fôssemos outra vez crianças e fôssemos roubar uvas ao vizinho. E não é que vamos mesmo?

*

— Tivemos um primeiro encontro maravilhoso e não quisemos estragá-lo.

— O que fizeram?

— Nunca mais nos vimos.

*

As histórias das conquistas do Zé Pedro são intermináveis. Desde que deixou de namorar que passa as noites a pensar que namora. As histórias são intermináveis e ele sabe que no fundo é ele que se vai terminando em cada uma delas. Não ama ninguém e passa a vida a amar. Perde-se no que dá prazer, encontra a fuga fácil. É humano, enfim. O fácil persegue-nos e tem o seu sabor. Permite-nos respirar mais longe de nós, ficar à superfície quando é só à superfície que conseguimos ter força para respirar. Em breve voltará a sentir-se com o fôlego todo para o mergulho total, para aquilo que nos leva o que somos e não só o que queremos dar. Tenho um amigo a viver a loucura da idade, da perdição sem fim. Está escondido atrás da felicidade enlatada, da alegria imediata, da explosão vazia. Há tantos orgasmos tristes, não há?

40.

— Experimentaram posições ousadas?

— Sim. E a ambulância.

*

A lua-de-mel foi passada assim, entre a cama do hotel e a do hospital. Não foi a pior parte do casamento, mas dessa eu e o Zé Pedro não vamos ainda falar. Acho que ainda não consigo dizer em voz alta que a minha mãe não foi ao meu casamento. Pedi-lhe tanto e ela não apareceu. Não conseguiu derrotar o ego, derrotou-me a mim. A minha mãe cedeu ao mais difícil. Diz-se que é ao mais fácil que não se deve ceder, que burrice. É o mais difícil o que nos consome, o que nos leva para o lado escuro que temos em nós. Seria tão fácil ser minha mãe quando eu estou feliz, não seria? Estaríamos os dois juntos a ver-me casar, braço dado, uma felicidade absurda entre nós. A minha mãe preferiu o caminho mais difícil, agarrou-se ao ego, ao preconceito, aos olhos fechados. Ficou distante de mim quando mais precisava dela ao meu lado. Vou perdoá-la, claro. Quando se ama perdoa-se. Amo-te, mãe.

*

— Ela vai morrer, doutor?

— Sim.

— Mate-me também.

*

A minha mãe não quer a vida se a minha avó não a tiver também. O médico diz que ela vai morrer em breve. Desta vez acredito, confesso. Vejo a minha avó mais desistente, mais corpo do que alma. A imortalidade é esquecer o corpo, os anos só passam pelos ossos, pelos músculos, pelos órgãos, pela

pele. Pela cabeça passa o tempo, e o tempo não envelhece, só ensina, só faz crescer, só dá força. Somos cada vez mais fortes por dentro e cada vez mais frágeis por fora. Se Deus existir há-de ser um tanto sádico, ou então um tanto egoísta. Quer os melhores consigo e leva-os, pouco a pouco, sem dar muito nas vistas. Tenho medo que desta vez seja de vez, que desta vez a minha avó fique mas não deixe o corpo ficar também. Digo-lhe agora tudo o que tenho para lhe dizer, conto tudo sobre eu e a minha mãe, a minha mãe ouve e não diz nada, deixa-se ouvir, deixa-se chorar, mão dada com ela. Digo tudo o que faltava à minha avó. Falta a palavra final. Amo-te.

*

— Quando eu morrer amas-me para sempre?

*

Não sei se foram as últimas palavras da minha avó, mas foi ela que as disse quando me olhou nos olhos antes de os fechar. Quando tu morreres amo-te para sempre, como te amo para sempre quando estás viva, e estarás sempre. Não tenho o meu pai e nunca deixei de o ter, o teu Zambé, avó, lembras-te? Não era teu filho mas era teu filho. Não era o teu menino e nunca amaste tanto um menino assim. O teu Zambé estará contigo em breve, os dois juntos a mudarem o céu, a fazerem do céu um melhor lugar para viver, ou para morrer. Os olhos parados da minha avó, a morte e ela num debate intenso, cerrado. Ela continua a não querer ir, tenta abrir de novo os olhos, olhar para o mundo de fora. Não consegue. Passo-lhe os dedos pelas pálpebras fechadas, sinto a batalha que vai no meio delas. Beijo-lhe a testa, depois o rosto, depois os próprios olhos. Choramos todos juntos, a minha mãe, o Zé Pedro, a minha mulher. Há algo de mágico e de nojento no momento da despedida absoluta. Obrigado, avó.

*

— Vivemos juntas. Só faltava mesmo morrermos juntas.

*

A minha mãe desesperada a não querer que a minha avó vá para debaixo da terra sem levá-la com ela. Abana-a, quer que ela reaja. O médico a pedir-lhe para parar, a pedir-lhe para desistir. Nunca se desiste do que se ama, doutor, nunca acaba o que se ama, doutor. Abraço o médico também. Trago-o para junto de nós. Somos agora quatro a despedir-se com lágrimas de uma. Os gritos da minha mãe, o desespero da minha mãe. Abraça-a, aperta-a, exige-lhe resposta, palavras, vida. Queremos sempre que quem amamos na nossa vida tenha vida. Como se sobrevive ao final da vida de quem nos dá vida, de quem nos deu a vida? Como se sobrevive a uma mãe que vai, como se sobrevive às lembranças que não passam, as brincadeiras, o colo, a protecção, as histórias para dormir? Como nos salvamos do que não tem salvação, alguém sabe?

*

— Se fui feliz foi sem querer.

*

A minha mãe diz-nos que estas, sim, foram as últimas palavras da minha avó quando lhe encostou a boca aos ouvidos. Diz alto, grita alto, para todos ouvirmos, agora que os senhores da funerária chegaram, o corpo da minha avó tapado, a carne aberta da nossa dor. Abraço o corpo acabado da minha avó, a minha mulher abraçada a mim, sem uma palavra, o Zé Pedro ao canto, a chorar para si. A minha mãe a correr pela casa, a dizer um não interminável, a gritar um não interminável. A morte acaba com tudo e quase nunca acaba, as mortes permanecem em quem não morre, morre mais vezes quem fica

vivo, quem vê as mortes a passarem, uma a uma, por si, a apagar cada uma das luzes que nos iluminam por dentro. A minha avó morreu e nunca deixará de ser a minha avó. Quero dedicar-lhe cada vitória, pedir-lhe ajuda em cada derrota, e quando a vejo ir no carro fúnebre passa-me por momentos a imagem da minha mãe um dia a poder ir também, eu a vê-la ir, e não aguento, não suporto, procuro a minha mãe, peço-lhe para me amar, para me apertar. Como poderei chorar nos braços da minha mãe quando a minha mãe morrer? Digo-lhe que a amo acima de tudo, e amo. Ela não reage. Está fechada na morte. Quando voltares volta para mim, prometes?

41.

— Quando morrer quero paz. E tu?

— Um mata-moscas.

*

O Zé Pedro faz o que pode com a dor, com o vazio. Há vazios que ficam como partes de nós? Ri-se no meio do choro, brinca, faz piadas com a faca espetada no peito. É o que fazemos todos. Há uma inusitada felicidade na morte. Nunca percebi a morte. Nem a vida, aliás. Morrer é difícil mas viver é ainda mais. Ficar depois do fim, sabem? Que é isto de quererem que continuemos os mesmos quando acabamos de perder uma peça do que éramos? A minha avó não vai mais dar-me os ombros para pousar, não vai mais contar-me as histórias que me faziam entender o mundo de mais perto, ou às vezes de mais longe. Precisamos dos que amamos para nos amarmos mais a nós mesmos, não há mal nenhum nisso, descensem. Somos pessoas fortes quando sabemos que amar o outro faz parte de amarmos a nós. Não perdi a minha avó, perdi a possibilidade de ela me amar de volta. Posso estar triste com isso, não posso?

*

— Sou realmente imortal.

— Porque morreste então?

— Distraí-me.

*

Sonhei com a minha avó e estou melhor. Fez-me bem sofrer mais fundo, colocar todas as minhas dúvidas, e sobretudo entender que estava errado e que posso amá-la e ser amado de volta mesmo depois da morte. No sonho

fomos o que sempre fomos, passámos pelo que sempre passámos. Disse-lhe que estava um bocado zangado com ela, que deixar-me com tantas histórias por contar é uma crueldade, que não poderei rir-me nunca mais da mesma maneira. Explicou-me com toda a calma do mundo, a calma de quem tem uma eternidade para viver, que só foi para eu fazer as minhas próprias histórias, que quando voltarmos a encontrar-nos serei eu o velho maluco e ela a juvenzinha que o ouve narrar as suas mil e uma histórias com fascínio. Explicou-me que o bem da morte é matar a idade, o peso do tempo sobre nós. Desde que morreu que é outra vez a menina, desde que morreu que tem a vida toda pela frente mesmo que toda a vida tenha ficado para trás. Ainda tentei saber como era o tempo onde ela estava agora, como era a vida onde ela permanecia agora. Riu-se alto, disse que tinha todo o gosto em responder, mas quando ia começar acordei. Não sei nada sobre a vida depois da morte mas fiquei a saber mais sobre a vida antes dela. Não deveria ser sempre isso o mais importante?

*

— Quero entender-te melhor.

— Queres que me explique?

— Quero que não digas nada.

*

A minha mulher tem teorias interessantes. Faz-me uma massagem, os dois na cama. Temos um casamento feliz porque somos, cada um de nós, felizes. Entendemo-nos como parte um do outro e como organismos independentes. Somos dois em dois e dois em um e um em dois. Dividimo-nos, multiplicamo-nos, somamo-nos, às vezes subtraímos-nos. Tudo isto para vos dizer que não interessa nada o que lemos por aí sobre a necessidade de não

nos anularmos para amarmos o outro, ou para termos cuidado para não deixarmos de ser quem somos quando amamos muito. O amor é o que somos, ponto. Seja o amor pelo outro, seja o amor por nós. Somos aquilo tudo e está tudo bem. Não podemos deixar de ser quem somos, claro, mas só deixamos de ser quem somos quando deixamos de amar, quando temos medo de que amar nos leve de nós e por isso preferimos não amar, e é assim que vamos para longe de nós. O amor, quando é amor, é amor-próprio. Mesmo quando não é amor por ti mesmo. Somos tão pouquinho se só formos bons para nós próprios. Temos em nós todas as contas, todas as equações, as boas e as más, as que fazem rir e as que fazem chorar, só não temos as que não fazem nada. Temos todas as possibilidades mas falta mais uma. Falta a felicidade da minha mãe na nossa, na minha. Não sei o que faço para voltar a tê-la em mim, está mais distante, ainda mais distante, desde que a avó foi. O que se faz quando se perde uma avó e uma mãe no mesmo dia? Odeio o dramatismo, só não sei responder. Terei de procurá-la, de desistir do ego, do orgulho, terei de ser o filho que pede permissão para entrar, e que mesmo quando não a obtém entra na mesma. Com licença, mãe.

*

— Sofro de um problema de anatomia.

— Qual?

— Tenho coração a mais.

*

O Zé Pedro continua com uma forma única de me fazer pensar, e mais ainda de me fazer rir com o que penso, com o que pensamos juntos. Diz-me que tenho de esperar, que tenho de deixar a minha mãe integrar o que é depois do que deixou de ser, depois da mãe que deixou de ter. Não sei se

aguento, não percebo ainda porque devo aguentar. Adia-se de mais o inadiável, quer cobrir-se de pensos rápidos o que exige uma cirurgia. Depois, a cirurgia dói mais e pode correr mal. O que era uma ferida transforma-se numa doença. Há tanto quem tenha morrido de doenças evitáveis, não há? Não sou médico mas sou pessoa, deveria bastar para saber curar-me, raios. O Zé Pedro pede-me mais uma semana, pede que eu peça a mim mesmo mais uma semana antes de ir falar com a minha mãe. Pergunto-lhe que diferença faz uma semana e ele diz-me que dentro de uma semana saberei. Não é uma resposta mas responde a tudo. Aguardarei. Faltam sete dias para saber quem sou.

*

— Amas-me.

— Na exacta medida em que me amo.

*

A minha mãe anda a ler livros para poder levantar-se melhor, para poder amar-se melhor. Vamos finalmente ter a conversa que já deveríamos ter tido há muito. Passou uma semana e eu vim. Peço-lhe que me ame, que continue a amar-me, só isso. Diz-me que me ama mas que não ama o que sou, a pessoa que sou desde que estou com a minha mulher, desde que deixei de ser apenas o filho dela e passei a ser também o marido de outra. Não me explica porquê, não consegue explicar-me porquê. Diz-me apenas que não é por ciúme, muito menos por sentimento de posse, por me ter perdido em parte. Revela-me que sente coisas más quando estamos juntos, que não consegue suportar o que essas coisas más fazem em si, o que essas coisas más lhe fazem doer. Magoa a minha mãe sem querer, deve ser sempre assim que se magoa quem se ama, não? Estou de olhos no chão, sem saber para onde olhar, sem saber para onde

pensar, para onde sentir. Ela pede desculpa mas diz que não consegue mais do que aquilo, mais do que aquelas palavras, mais do que aquela distância. Estou a salvar-me, diz-me, e eu viro costas, vencido. Beijo-a respeitosamente no rosto, peço-lhe permissão para deixar a sala. Estou tão escuro, não estou?

42.

— Descobri o sentido da vida.

— Qual é?

— O descendente.

*

A queda da minha mãe é também a minha. Quando a vejo assim, a tentar erguer-se e ao tentar erguer-se a deixar de ser a minha mãe e a transformar-se numa pessoa diferente para conseguir ainda ser uma pessoa qualquer, percebo que o amor é um milagre em que podemos acreditar mas com que não podemos contar. De repente a pessoa que amamos deixa de existir mesmo que continue viva, não é? Aconteceu o que nunca pensei que acontecesse, o que nunca esperei que alguém que amo fosse capaz de fazer. A minha mãe a perguntar-me outra vez com quem fico, a dizer-me com todas as palavras que tenho de escolher quem quero na minha vida. Ou ela ou a minha mulher. O que se faz quando temos de escolher entre matar quem amamos acima de tudo ou matar quem amamos acima de tudo? Tenho dois amores eternos por mais que elimine um. Peço-lhe que não faça isso, digo-lhe que não pode fazer isso. Coloco-me de joelhos, rogo-lhe que mude de ideias, que deixe de ser esta pessoa e que volte a ser a minha mãe linda. Nem responde. Manda-me levantar, vai-se embora daqui. Fico a sós com uma decisão que não sei tomar, que ninguém sabe tomar. Há decisões que não tomamos, que só nos tomam, que só nos levam. Seja qual for a minha decisão estarei a tomar a pior opção, é isso?

*

— O que te acontece pouco interessa, na verdade.

— O que é que interessa, afinal?

— O que pensas que te acontece.

*

A minha mulher já sabe que estou no meio do lodo, que só tenho agora de decidir quem tiro de lá e quem levo comigo para nos enchermos de porcaria juntos. Amar também tem de ser isso, por vezes, caminhar no lodo, na lama, até numa quantidade apreciável de bosta, ao lado de quem amamos. Não diz nada sobre qual deve ser a minha decisão. Espera certamente que a escolha a ela, parece-me, é uma pessoa e gosta de ser escolhida. Temos esta necessidade de ter os outros do nosso lado, sabe-se lá porquê. Ela deve tê-la também, tenta escondê-lo, diz-me que tenho é de fazer o que sinto que é melhor para mim, que ela existirá sempre na minha vida mesmo que não exista perto dela. Passo os dias a chorar desde que me disseram que tenho de decidir por quem vou chorar. Como se decide de quem vamos ter saudades?

*

— O teu sexo é único.

— Peço desculpa. É realmente só um.

*

Só as histórias das noites do Zé Pedro me fariam rir neste momento da minha vida. Continua numa vida que não é a dele, a conhecer pessoas que não serão as suas. Precisamos amiúde de quem não vem para ficar, de quem só vem para entreter, para trazer manobras de diversão que nos afastem do silêncio, de uma solidão perene. Estou crescido de mais, não estou? Como deixei em tão pouco tempo de ser o menino para sempre e passei a ser um adulto cheio de problemas? A vida não tem de ser um problema para resolver, tampouco uma equação de difícil compreensão. Sei-o desde sempre mas não evito estar no meio dela como se numa aula de Matemática que não

acaba. O Zé Pedro ouve uma música numa casa ao lado e começa a dançar. É das piores canções de sempre e faz-me dançar mais livre do que nunca, mais longe do que faz doer do que nunca. A arte serve para aquilo que bem entendermos. Há quem precise dela para chegar mais fundo, há quem precise dela para vir à tona, há quem não precise dela para nada até precisar dela para tudo. Há sempre uma música ou um poema para nos salvar a vida, ou para nos matar mais um pouco. Agora pararei de escrever. A música parece estar no pico e não quero que a letra fique tremida, OK?

*

— Não gosto de agir por bem.

— Gostas de agir por mal?

— Gosto de agir por amor.

*

A minha mulher acabou de perceber que não a escolhi. Está a chorar e aí dela se não chorasse. Abraça-me como se fosse a última vez, e pode muito bem ser, vai para o quarto como um indigente. Enquanto faz as malas, fico a vê-la encontrar em cada peça de roupa um motivo para lembrar melhor, para sofrer mais fundo. O que fica do que já foi mata mais do que o que nunca foi, não é? Pede-me para não ficar ali, à porta do quarto, a vê-la preparar vagorosamente o fim. Quero pedir desculpa mas só consigo dizer que a amo, que a quero, que preciso dela. O que se diz a quem tivemos de rejeitar por mais que quiséssemos mais do que tudo ficar com ela? Escolhi a minha mãe porque quero salvá-la do final, de uma autodestruição que parece estar prestes a acontecer. Estou a tomar a pior opção, talvez, mesmo que na verdade não esteja a tomar opção nenhuma. Vou ser sempre o homem desta mulher case ela com quem casar. A mala está pronta, a despedida está pronta. Pede-me só

para lhe dar uma semana para preparar tudo para o divórcio acontecer. Quer ter a vida organizada seja lá onde for antes de assinar o caos. Vou separar-me de quem amo, de quem me ama, para não perder quem amo, quem me ama. Nem um abraço temos força para dar, damos um toque leve mão na mão, a porta bate. Como continuar?

*

— Mas isso não tem piada nenhuma.

— Eu sei. É tão engraçado, não é?

*

Sabe bem rir do que não tem piada. Rir por rir, rir por tudo, rir por nada. Não conheço melhor motivo. Vim com o Zé Pedro ver como são as noites sem tino dele para ver se perco um pouco o meu. Há pessoas por todo o lado e nenhuma é a minha mulher, que tragédia. Penso onde estará, penso no que fazer para saber que a amo. Alguém me toca no ombro. É uma rapariga jovem, não terá mais do que vinte dois ou vinte e três anos. Pergunta-me se sei dançar. Respondo que não. Ainda bem, diz ela, eu também não. Gosto da maneira arejada como sorri. Vou com ela para o meio da pista. São os três ou quatro segundos mais felizes do dia de hoje. Depois peço desculpa e volto à minha vida solitária no meio das pessoas. Aguento meia hora, vejo que o Zé Pedro encontrou um dos grupos com que costuma sair, aceno-lhe e regresso a casa. A minha mãe já dorme, em paz. Afago-lhe o rosto, digo baixinho que a amo e ouço baixinho um amo-te profundo. Deito-me com a sensação de missão cumprida, e de vida acabada. Lembrem-me de que amanhã tenho de mudar as fronhas das almofadas, por favor. Será que ficarem a noite toda molhada de lágrimas vai dar cabo do tecido?

43.

— Não é a dor que me dói.

— Então o que é?

— É a certeza de que vai doer ainda mais.

*

Fazer o errado nunca dá certo. Estou sozinho com a minha mãe, a casa deserta. O Zé Pedro veio para me ver sofrer, para me fazer entender mais daquilo em que me tornei. Passo o tempo a pensar na minha mulher, no que será dela, no que será de mim. Às vezes ligo-lhe, pergunto se está tudo bem, ela diz-me que sim, diz que não tenho de estar assim, que estava numa situação em que todas as respostas eram erradas. O Zé Pedro quer que eu saia com ele, vamos apanhar um bocado de ar e todos os locais onde fui feliz com ela me entram pelas veias. Somos sobretudo o que já não podemos ser? Estou um velho. Fiquei um velho de um momento para o outro. O que envelhece não é o tempo, é a falta dele junto de quem amamos. Sabem para que serve a vida se não for para amar?

*

— Custa-te estar sem ela.

— Não. Custa-me estar sem mim.

*

Há pessoas que nos tornam no que somos, naquilo que gostamos de ser. Não as ter é não sabermos quem somos, ficarmos perdidos à procura da nossa imagem no meio dos outros. Era a minha mulher quem me espelhava melhor, é isso? Desde que não a tenho que sou um autómato, um *robot* do que há para fazer. A alegria é um corpo estranho, conto anedotas, ouço piadas, faço

graçolas, rio-me para deixar por segundos as lágrimas nubladas. Quando passa o riso fácil, chega a verdade. A verdade é um território seguro, é lá que sabemos com o que contamos, e pior ainda com o que não contamos. Acabei de a ver ao longe, a sair de uma loja, e ganhei o dia. Assim já vou ter o que recordar, já vou ter o que me puxar até ao final do dia. Sou um triste, eu sei. Mas sou o triste dela. A minha mãe está bem, parece que renasceu. Guardo essa vitória para a minha derrota ser suportável, mas não é. Acabei de lhe telefonar só para poder guardar a voz dela. Guardei mesmo a chamada, as palavras dela. Quando quiser sofrer já tenho banda sonora, que fixe.

*

— Quero-te.

— Temos algo em comum. Eu também me quero.

*

Esta mulher que me procura no meio da pista quer o que não posso dar-lhe, o que não sei se voltarei a poder dar a alguém. Aceitei sair à noite com o Zé Pedro, mas continuo sem sair de mim. Tento tudo, até a fuga artificial da bebida. Nunca bebi tanto, nunca estive tão fora de mim. O pior é que o álcool só aumenta o que sentimos, e cada vez a sinto mais. Preparo-me para lhe telefonar a estas horas da madrugada mas felizmente o Zé Pedro chega e salva-me da humilhação. Pede-me para resistir, exige-me que aguente, lembra-me da pessoa que sou, do menino que posso continuar a ser. Desaprendi a infância quando deixei de ter com quem brincar ao amor. É o amor que nos mantém crianças, é isso?

*

— Mas não te amas?

— Amo. Mas platonicamente.

*

É isso: tenho por mim um amor impossível. Não consigo chegar-me, sou-me inatingível. Sou incapaz de amar-me, não há química entre mim e mim. Estou desiludido comigo, com a banalidade daquilo em que me tornei. Quis ser o eterno menino e tornei-me num velho precoce. É tão curta a distância entre a brincadeira no parque e a queda no abismo. Vivemos entre o confetti e o cadafalso, basta um passo mal dado e somos o que víamos nos nossos pais e não gostávamos. Um dia ergo os braços, tento a manobra arriscada de tentar ser o que nunca pensei deixar de ser. Tenho alguma repulsa da criatura medíocre que sou. Resta-me o Zé Pedro para me colocar no lugar, para me fazer virar-me ao contrário. Falo literalmente. O Zé Pedro acabou de me exigir que fizesse o pino à entrada do Conservatório. Estamos os dois a entrar de pernas para o ar no pátio de uma universidade e os risos que ouvimos fizeram-me entender que ainda tenho, ainda sou. Será que temos de virar o mundo ao contrário para vermos tudo do melhor ângulo?

*

— Ficou um vazio?

— Não. Ficou um espaço ocupado com nada lá dentro.

*

É absurdo o espaço que um vazio ocupa, não é? Não consigo parar de pensar nela, de viver com ela. Penso na minha avó, no que me diria. Precisava muito das palavras dela agora, precisava sempre muito das palavras dela. Habituei-me ao que ela pensa no meio do que eu faço. Todos os meus actos traziam a certeza de que teria o comentário dela a olhar para eles, a visão dela a ensinar-me o que poderia tirar daquilo tudo. Tira-se pouco, ou nada, do que não inclui amor, não tira? A música tem sido útil mas também

tem sido sádica. Foi ela a minha primeira professora, foi com ela que aprendi a ser o que a música é. Sou da música para fugir dela e para ser só dela. No interior do acorde estamos só os dois outra vez, não há mundo a tirar-nos dos braços. Vamos começar mais uma aula e sinto-me forte para seguir em frente. Só preciso de ouvir mais uma vez a gravação da voz dela a falar comigo ao telemóvel. Gosto da desgraça do incontrolável. Em que ponto perdemos mesmo o comboio?

44.

— Gostava de não saber que idade tenho.

— Para quê?

— Para saber que idade tenho.

*

Somos preconceito, vivemos preconceito. Tudo o que sabemos nos ocupa, nos impede de saltar as redes. Ninguém vive fora da caixa, só temos caixas de tamanhos diferentes, de texturas diferentes, de luxos diferentes, para viver. Algumas são tão boas que até nos fazem esquecer de que são caixas. Há caixas que parecem liberdade. Estou a ter um debate filosófico com um dos meus professores e enquanto estou na Filosofia não estou na emoção. Será essa a grande valência da razão? Estes momentos de palavras só pensadas fazem-me falta, afastam-me da saudade, da tentação fácil da dor. A turma está do meu lado neste debate, todos tentam explicar ao professor que a idade acontece àqueles que sabem exactamente que a têm, que somos o que sabemos ser e só depois o que somos mesmo. Ninguém olha para o que está à volta sem precisar de saber o que está à volta. Os adultos são isso, necessitam disso. As crianças, essas, sabem intuitivamente o que vale a pena saber. Se as faz felizes vale a pena; se não faz não vale. Não é Engenharia Nanotecnológica nem uma equação polinomial de 8.º grau ou a Hipótese de Riemann. É bem mais complexo do que isso.

*

— Achas que fazer isso vai dar certo?

— Sei o que não vai dar certo.

— O quê?

— Não fazer nada.

*

A minha mãe tomou uma decisão e mudou a minha vida. A chegada da esperança muda-nos sempre a vida, não é? Quer agendar um jantar a três. Eu, ela, a mulher que eu amo. Quer saber melhor quem ela é. Quer mais do que isso saber como conseguirá salvar-me do deserto que é a nossa casa desde que aqui estou, com ela, a ver passar as horas sem a ver passar a ela. Telefona-lhe, explica-lhe o que quer, faz-lhe o convite. Não ouço o que ela diz do outro lado, mas a resposta é positiva. Estão a marcar o dia certo. É já amanhã. Amanhã poderei ser feliz, e só isso, só imaginar que amanhã poderei ser feliz já está a fazer-me feliz agora, só isso me fará feliz entre agora e a hora do jantar de amanhã. Agradeço à minha mãe, dou-lhe a mão, peço-lhe para me olhar sem o medo de me perder, para olhar para ela sem o medo de me perder para ela. O luto está a baixar. Está lá mas mais esbatido. A dor nunca acaba, não é? Vai-se esmagando contra os dias, está sempre lá mas torna-se mais digerível, mais suportável, como se transformássemos uma dor enorme, insuportável, em mil ou dois mil pequenos fragmentos de dor pequena, suportável. Amanhã posso ser feliz. Não sei se há felicidade maior do que saber disso.

*

— A vida é curta de mais para tomar um café mal tirado.

*

A minha mãe ri-se alto quando a minha ex-mulher diz isto. Não sei o que está a acontecer aqui mas estou a pechimperar da cabeça. Estou de regresso. Estabeleço que a partir de hoje, de uma vez por todas, recuso fazer o que não gosto de fazer e recuso gostar do que não tenho coragem de fazer. A partir de

agora sou do que quero, mais do que do que tenho. Ouço-as falar, vejo a maneira descontraída como debatem as coisas mais pueris como se não fosse nada, e não é, pois não? Nada as separa, ambas me amam e ambas são amadas por mim. Não há que fazer colidir amores. Sou das duas de corpo inteiro, sem metades. Fico a observá-las, não me meto, só me vou rindo do que dizem, do que se fazem rir. Acho que estou quase a chorar e por isso levanto-me rapidamente da mesa, simulo que tenho de ir à cozinha buscar qualquer coisa, deixo-as a falarem do que não interessa nada. Amar pode ser a capacidade de olharmos juntos para o que não interessa nada, e obviamente aquilo se tornar num tema fracturante e decisivo para o futuro da Humanidade. Da nossa, pelo menos. São tão bonitas juntas, não são?

*

— Pensei que era possível mudar o mundo.

— E depois?

— Depois mudei-o mesmo.

*

Vou ser capaz de ser. Simples assim, certo? Farei apenas aquilo em que acredito, não aquilo que me conforma. A conformação mata. Já fui velhote mas depois amei. Se soubesses que a tua vida só teria vinte ou trinta anos, o que viverias de maneira diferente? Respondo a essa pergunta todos os dias, por mais que doa vou atrás da resposta que quero naquele dia. Vejo-lhes no olhar que precisam de mim assim, precisam do meu regresso. Estão aqui porque este que eu sou não as faz felizes, e só sou este que sou por culpa delas, pela ausência do que elas são em mim. Regressarei à infância para poder entender o que nunca deixei de entender por mais que tenha deixado de praticar. Acho que a felicidade é uma questão de prática, o que vos parece?

*

— Não consigo deixar o que não me chega.

— ...

— E assim não consigo saber o que me falta.

*

Acabo assim o jantar, a deixar tudo no ar, sobretudo eu próprio, que desde que ela chegou que não saio das nuvens. Sei mais claramente do que nunca de que a quero na minha vida, na minha vida real. Se soubesse que todos os que tenho na minha vida morreriam amanhã seria ela a primeira que visitaria. Sou apaixonado pela paixão que me faz sentir. A minha mãe despede-se dela com um cumprimento formal mas verdadeiro. Não tenho a certeza do que vem aí. Será com certeza melhor do que aquilo que já vivemos os três. Suportá-la é um passo gigante para a minha mãe. Sabe que sou feliz com ela. Sempre soube. Havia o egoísmo a impedi-la de amar a mais do que a si mesma. A dor da perda faz-nos temer perder tudo o resto. Há quanto de sismo em cada pessoa? Achamos que tudo vai escorregar-nos das mãos, e vai mesmo. É bom que aproveitemos antes que isso aconteça. Só espero que não tenha visto o apalpão descarado que demos um ao outro quando batemos a porta.

45.

— Tenho um método infalível para tomar decisões.

— Qual é?

— Um-dó-li-tá.

*

Explico à mulher que amo que é por isso, por causa deste método que mais não é do que a consciência absoluta de que tudo o que se decide é por ciancice, por instinto, porque amo mais isto do que aquilo, que decidi fazer o que fiz. Ela no começo não me entendeu mas agora está do meu lado. Só podia ser assim. Se o meu amigo Zé Pedro é um aluno mediano e se se sente mal com isso seria muito triste eu continuar a ser o aluno brilhante que era. Primeiro tentei ajudá-lo a ser também ele brilhante. Estudámos juntos, praticámos instrumentos juntos, mas ele, sabe-se lá porquê, não conseguiu mais do que a mediania. Tomei então a opção errada mais acertada da minha vida, como já expliquei. Sou há algum tempo já um aluno razoável, faço por isso, não estico muito a corda, vou fazendo o mínimo possível para conseguir resultados positivos mas distantes da excelência. Quem disse que a mediania não pode ser extraordinária?

*

— Queres saber quando é que uma discussão termina?

— Quando é?

— Quando eu deitar a língua de fora.

*

Complica-se muito o que é simples, não é? Queremos fazer do sentido da vida uma conjugação intrincada de reflexões, de filosofia, de encadeamentos

históricos mais ou menos rebuscados, quando o sentido da vida é o sentido de nós, o sentido do que sentimos. Se não sentimos não faz sentido, qual é a dificuldade de entender isto? Estou sempre a dizer isto, sempre a tentar fazer os outros sentirem isto, mas se eles não o sentem é porque para eles não faz sentido, certo? Não pretendo convencer ninguém de nada, só a tentar ser feliz e a chorar, claro. Faz tanta falta mais choro ao mundo. A minha mãe está cada dia mais ela, cada dia menos o *zombie* que durante tanto tempo só conseguia ser. Estamos os dois a jantar juntos, sozinhos, mas desta vez não sinto que há um deserto aqui em casa, há uma paz viva, com nervo. Estamos os dois vivos, que bom. Eu tenho de volta o amor, ela tem de volta a esperança. Contamos o nosso dia, a minha escola, o trabalho dela, como se contássemos um conto infantil. E se tudo o que nos faz felizes começar por Era uma vez?

*

— Se precisares de mim, já sabes onde me encontrar.

— Onde?

— No recreio.

*

Quando deixamos de ansiar pelo tempo do recreio, pelo intervalo das aulas para ir à procura da liberdade? Quem disse que só as crianças têm direito ao recreio, quem? A vida tem de ter recreio do começo até ao final. Eu gosto da seriedade porque depois vem o recreio, e gosto do recreio porque depois vem a seriedade. Somos massas de duas faces, e é assim que somos inteiros, e felizes, já agora. Bem sei que a felicidade a toda a hora é impossível, e uma seca, se querem que vos diga. Quem está sempre feliz vive uma vida entediante, não acham? São as montanhas que temos para subir que nos

fazem felizes quando chegamos aos vales profundos e pacíficos. Descansar sem estar cansado é só preguiça, não é descanso. Eu e o Zé Pedro continuamos a ser as crianças neste recreio deste Conservatório. Procuramos a diversão como se procurássemos nela o sentido da vida. E o pior é que o encontramos mesmo, já viram?

*

— Estamos todos de acordo?

— Sim.

— Que tristeza.

*

A unanimidade dá-me bocejos. A nossa turma tomou uma decisão conjunta e não houve divergência, o que quer dizer que não houve evolução. A unanimidade é oca. Queremos ser aceites e por isso aceitamos. Há tantos que só fazem o que os outros querem que eles façam, não há? Que vida desgraçada levarão. Resolvo animar a coisa e vou contra a decisão só para ver quem está aqui, quem são estas pessoas que partilham salas de aula e música comigo. Acho que é quando alguém não vê o que nós vemos que começamos a ver melhor, não vos parece? Precisamos de quem nos faça olhar para outro lado, para um lugar diferente, que nós até já podíamos conhecer mas no qual nunca reparámos. Passa tanta vida por nós sem que consigamos vê-la. As paredes às vezes não servem para nos parar, só para nos fazer ir mais alto. Quem nunca trepou ao jardim do vizinho para ir buscar a bola que lá foi parar nunca soube o que é ser criança, e pessoa. Somos pessoas quando usamos as paredes que querem parar-nos como rampas para ir mais alto, para chegar onde sem elas jamais chegaríamos. As paredes, e os muros também, às vezes são rampas, repito. Quantas já usaste hoje ?

*

— Tens medo da morte?

— Não. Da indiferença.

*

É com a minha avó que falo. Sim, a minha avó. Eu bem vos disse que ela não tinha morrido. Nos últimos tempos temos falado outra vez muito. Ela aparece nos meus sonhos, ou simplesmente quando fecho os olhos um pouco para ver o mundo por dentro. Há dois mundos no nosso, já viram? Há o mundo que vem de fora e o mundo que vem de dentro. É do encontro dos dois que nasce o que sentimos, o que somos, o que fazemos. A maioria foca-se no que acontece por fora para explicar o que acontece por dentro. Eu acho, e a minha avó também, que a ordem é a contrária. É o que acontece por dentro que explica, e muitas vezes provoca, o que acontece por fora. Por mais que haja tanta coisa que não controlamos, e há, por mais que haja dor que não podemos evitar, e há, somos muito daquilo que queremos ser. Temos muito nas mãos, sabem? Temos o poder divino em cada passo banal, em cada decisão diária. Somos anjos ou diabos de nós mesmos?

— Preciso de uma oportunidade.

— O que tens feito?

— Estou à procura dela.

— Não a procures. Cria-a.

*

É oficial: a minha mãe está a ler livros de auto-ajuda a mais. Nada contra, até porque pode muito bem ser por causa deles que estou a conseguir regressar aos braços da minha mulher. Estamos juntos de novo, amanhã mudo-me de novo para a casa dela. A minha mãe vai ajudar-me em tudo, já está a ajudar-me, aliás. Fez cuidadosamente a minha mala, juntou os meus livros todos, acondicionou devidamente a minha guitarra. Agora estamos os dois sentados no sofá da sala, à espera de que a mulher que eu amo venha buscar-me. Espero com a ansiedade desesperada que não consigo controlar a forma como vão olhar-se, a forma como vão falar-se. Se houver cordialidade ficarei feliz, será sinal de que poderei ir feliz. A cordialidade é uma lição tantas vezes, não é? Ser cordial perante quem faz bem a quem amamos, mesmo quando não gostamos particularmente dessa pessoa, é uma prova de um amor maior do que o ego, e não vejo maneira de haver outro amor, será que há? Aí vem ela, a minha tudo. Pára o carro, estaciona, sai, olha cá para cima, onde nós os dois a olhamos pela janela. É agora que fico a saber se saio daqui ou se fico preso aqui por mais que saia. Como se pára de tremer numa altura destas, como?

*

— Acabaste de te contradizer.

— Que maravilha.

*

A minha mãe diz-me que adora a minha mulher e eu não sei de que forma hei-de comemorar tamanha incoerência. Comemora-se pouco a felicidade simples, comemoramo-nos pouco a nós mesmos, só se vê a comemoração de felicidades grandes, cheias de glória exterior, vencer uma prova, ganhar um campeonato, coisas assim, e nunca se comemora a felicidade da paz, de sermos pessoas e termos quem nos ame, de estarmos vivos por dentro e por fora, de termos mãe quando a temos, e eu tenho, e estou feliz, e abraço-a, e aperto-a, e estou tão feliz que não sei o que fazer, apetece-me saltar, dançar, gritar aos meus vizinhos que sou feliz, que não existe mais do que isto, que a vida é isto e pouco mais do que isto, e é boa pra caracas, aí não que não é. Acho que exagerei no tamanho da frase anterior mas não queria pará-la nunca mais, queria que fosse a frase mais extensa da minha vida, a maior frase da minha vida, só assim representaria a maior alegria da minha vida. Brindo com as duas à nova vida, à nova família, eu, a minha mãe, a mulher que amo, juntos para nos fazermos felizes. Gostava de ter aqui também o Zé Pedro para o quadro estar completo, daqui a pouco já lhe ligo. Pensando bem não é daqui a pouco, é agora mesmo. Dêem-me um segundo que já volto, está bem?

*

- O génio sabe tudo.
- Não. O tolo é que sabe tudo.
- Já sabia que irias dizer isso.
- Foi o que eu disse.

*

Não sei como é que a conversa com o Zé Pedro descambou para coisas assim, mas o certo é que descambou como descamba sempre. Podemos

começar a falar das coisas mais sérias do mundo que acabamos a ter debates parvos sobre assuntos nada parvos mas que nós, parvos como somos, conseguimos transformar em imbecilidades indiscutíveis. O que interessa é que ele ficou feliz quando lhe disse o que estava a acontecer, ouvi-o a saltar do lado de lá, ouvi-o a gritar pela rua que o amigo dele é feliz, e é, ouvi-o até a dar um mergulho no rio aqui da cidade, que de limpo tem muito pouco. É por isso que estou a exigir-lhe agora que vá tomar banho com urgência antes que lhe aconteça algo de mal. Ele insiste em ficar mais um pouco a ouvir-me e a falar-me. A minha mulher veio aqui, perguntou-me com quem eu estava a falar ao telefone, eu disse-lhe que era com o Zé Pedro, ela fez uma cara estranha, disse um Ah caído e regressou para junto da minha mãe. Não entendi muito bem esta reacção mas não me preocupo muito, não quero nada que belisque o estado bendito em que estou. Despeço-me à pressa do meu amigo, ele diz-me que sim, que vai tomar banho agora mesmo, e eu envio-lhe um abraço como todos os nossos, daqueles que me levam dentro. Quando regresso à sala, a minha mulher e a minha mãe trocam impressões sobre qualquer coisa, acho que ouço o nome do Zé Pedro lá pelo meio, mas quando vêem que eu cheguei param de falar e recebem-me com aqueles sorrisos que me fazem esquecer de tudo. Mais uma vez resultou. Já não sei quem sou mas sei que sou delas, e ao saber que sou delas sei que sou feliz. Chega para saber tudo, não chega?

*

— Nunca desisto de nada.

— Mesmo quando não queres muito?

— Aí nem tento.

*

O Zé Pedro está desanimado com o Conservatório. Sente que não vai muito longe naquilo, que nunca será um grande músico, e quer parar já por aqui. Não consigo negar aquilo que ele diz com total veemência, nunca fui bom a mentir, mas quero apenas que ele lute mais por aquilo que quer, se é que é mesmo isto que ele quer. Até que ponto temos o direito de influenciar as decisões de quem amamos? Penso muito nisso, não quero ser opressor, pressionar uma decisão só porque é melhor para mim e não para quem vai tomá-la. Se o fizer feliz desistir, até desistir pode ter mais coragem do que cobardia. Quem abdica do sonho por saber que não vai conseguir alcançá-lo deixa de ser um sonhador? Ouve-se muito, e muitos, advogarem que o impossível apenas leva mais tempo, que nada é impossível, mas há momentos em que sonhar exige parar o sonho, reformulá-lo se possível, ou então criar um novo, um sonho que nos alimente a realidade, e não um sonho que só sirva para atormentá-la impiedosamente. Há tantos que foram sonhadores a vida toda e viveram a vida toda, por isso mesmo, sem saberem sonhar, não há? Sonho com o impossível, sim, mas sei o quanto isso custa, o quanto magoa vê-lo a ir, e a nunca chegar, todos os dias. Por mim aguento, mas que amigo seria eu se quisesse que o meu amigo aguentasse também se ao ver o sonho a ir está ele a desistir não só do sonho mas também de si no meio dele? Desiste, meu amigo, se só assim não desistires de ti. Em cada cobardia para fora pode haver uma coragem invisível por dentro, já pensaram bem?

*

— Ontem disse ao Zé Pedro que vi extraterrestres.

— E ele o que fez?

— Riu-se.

— E depois?

— Depois fomos à procura deles.

*

É deste Zé Pedro que sinto a falta, é deste Zé Pedro que eu preciso, do que vai comigo à procura dos extraterrestres que não acredita existirem. Um amigo é isso, nada mais do que isso, orgulhosamente isso. Um amigo vai connosco à procura do que pode fazer-nos felizes por mais que acredite que o que pode fazer-nos felizes não existe, mas se nós o sentimos é porque existe, não é? Isto é simples, tão simples que só as crianças, sem o peso do preconceito da passagem dos dias, o entendem. O que mexe comigo existe por mais que não exista. Se eu acredito, e acredito, que vi extraterrestres é porque eles existem, até mesmo, ou sobretudo, se não existirem. Conto isto tudo à minha mulher e vejo nela uma alegria comedida, é como se quisesse mostrar-se feliz com a minha felicidade mas houvesse algo a prendê-la, a segurá-la, um fio invisível e fino junto ao pescoço. Acaba por me perguntar se no fim de tudo encontrámos mesmo os tais extraterrestres que tínhamos ido procurar. Respondo-lhe com a verdade, explico-lhe que não eram afinal, que surpresa, extraterrestres nenhuns, eram só uns gatinhos bebés que agora estão no meu carro à espera do sim dela para serem os nossos gatinhos. Vamos passar a ser sete cá em casa, digo-lhe, seis gatos e tu, miau, aceitas?, pergunto-lhe com ar pedinchão e uma espécie de beicinho fofinho. É irresistível ou não é?

47.

— Sabes que juntos podemos mover montanhas, não sabes?

— Sei, mas ainda assim prefiro contorná-las.

*

Se houvesse um concurso para me imitar não sei se conseguiria ficar nos cinco primeiros lugares. Ninguém ficaria, suspeito. Somos muito diferentes do que vemos em nós, não somos? Acho que quero sempre que haja uma possibilidade de felicidade no que faço. O Zé Pedro vai desistir do Conservatório. Não aguenta mais não aguentar mais. Diz que não é feliz, que nada aqui, nestas aulas, se junta a si, ao que vê em si. A verdade é que estou a ser egoísta quando lhe peço para ficar. Peço-lhe desculpa por ter sequer tentado fazê-lo mudar de ideias. Abraço-o, digo-lhe que o compreendo, que qualquer decisão que lhe faça bem é uma boa decisão. Vou deixar de o ter comigo o dia todo, todos os dias. Vou passar a desejar que as aulas, o tempo delas, sejam mais curtas, mais próximas de estar com ele, com a minha mulher, com a minha mãe. Fico aqui por paixão, porque vejo na música a melhor maneira de fazer chorar. A segunda, pelo menos. A primeira pode muito bem ser ver o nosso melhor amigo a abandonar a nossa escola de cabeça no chão, não pode?

*

— Respeito todas as opiniões.

— Ótimo.

— Desde que sejam iguais à minha, claro.

*

Preciso de respirar tudo até ao fim. Será que isso pode fazer-me explodir os pulmões? Continuo a ser o que não quero ser para o meu amigo. Acabou de me dizer que vai trabalhar para a caixa de um supermercado e eu julguei-o, disse-lhe que não devia, que não era o trabalho certo para si, quase que lhe disse que merecia mais do que isso, que nojo tenho de mim. Acho que os empregos deveriam ser a nossa maneira de experimentar a vida, como as viagens, por exemplo. Íamos uma semana para a caixa de um supermercado como se fôssemos uma semana para a neve, depois íamos uma semana para um escritório de advogados como se fôssemos para um destino tropical, e por aí fora, até experimentarmos todos os empregos como se fossem todo o mundo. O que nos faz viajar por fora é a sensação que nos traz por dentro, a novidade, os cheiros novos, as pessoas novas, as aprendizagens diferentes. Um emprego novo, seja qual for, é uma experiência imperdível, vai dar-nos mais do que aquilo que vai tirar-nos, estou certo. Quis regular a experiência do meu amigo porque sou preconceituoso, porque continuo preconceituoso, porque não consigo deixar de ser preconceituoso. Peço-lhe outra vez desculpa, disso não abdicó, de pedir desculpa vezes sem conta, até ele perceber que sinto mesmo que errei, que não devia, que fui leviano, que fui burro, que fui incapaz de o ver por detrás do que eu vejo. Há tantas pessoas escondidas atrás do que vemos nelas, não há?

*

— Fui agredido verbalmente.

— Como?

— Deram-me com um dicionário.

*

O que pesa no mundo é o amor, mais ainda a sua presença quando não o temos, mais ainda o uso que damos ao amor que temos. As histórias do Zé Pedro no supermercado só conseguem ser felizes porque ele as conta à maneira dele. Não sei se está feliz ou triste, sei que está a ficar mais denso, mais espesso, mais capaz de resistir ao mundo. Acho que não tenho a certeza sobre se isso é bom. Resistir ao mundo é suportar melhor as coisas más, sim, mas é também não aproveitar em pleno as coisas boas, ter medo do que elas possam trazer, vivê-las com um intervalo de segurança que passa a ser um intervalo entre nós e a euforia. Matar a possibilidade da depressão pode ser matar a possibilidade da euforia. Não sei se sou capaz de viver sem isso, por mais doentio que possa ser, e é. Todos temos um último reduto, um espaço a que só nós ascendemos, cheio de pequenos segredos, mais ou menos proibidos, mais ou menos inaceitáveis, pensamentos que não partilhamos com ninguém, gestos que não queremos que ninguém veja. Todos temos um último reduto, no qual está o que nunca ninguém viu. É lá que está o que somos.

*

— O mundo dá muitas voltas.

— Sim. Por isso é que há tantos tontos.

*

Pechimpear é uma corrente de parvoíce, na verdade. É com as crianças que se aprende a liberdade, e é tudo. A minha mulher fala-me da vida dela, do que já foi, do que é. Conta-me que esteve a conversar sobre isso com a minha mãe, revela-me que acabaram as duas em lágrimas a pensarem no que poderiam ter sido. Nestas alturas gosto de esperar a pele da mão dela, sentir que estamos juntos em todas as dimensões do que estamos. Acho que a

insatisfação é um fardo e uma bênção, o que vos parece? Acho até que os fardos são muitas vezes bênções disfarçadas, e o contrário também. Muitas vezes é o que nos deixa felizes, que nos abençoa, que depois se torna num fardo difícil de carregar, porque não há como igualar aquilo, a memória daquilo. Ficamos reféns mais depressa do que nos faz felizes do que do que nos faz tristes, será? Certo é que há alturas em que somos um lago gelado à espera de um machado qualquer que o destrua. Esse machado só pode ser o amor. É o que nos parte todos que nos une os pedaços, não é?

*

— Deixei de ter motivos para sorrir.

— Não faz mal. Toma os meus.

*

Não é por teres uma versão de certo diferente da dos outros que tens de estar errado. Acho que preciso do perigo, será isso? O Zé Pedro também, está triste porque no supermercado lhe falta isso, só pode ser e é isso que eu lhe digo. Os suspiros estão subvalorizados e são uma das partes mais importantes da vida, garanto-vos. A morte acontece quando deixamos de respirar mas acontece também quando deixamos de suspirar. Ninguém morre da falta de respiração, só da falta de não ter pelo que respirar, e mais ainda da falta de não ter pelo que perder a respiração. Amo o que me leva para o fim de mim, para a fissura que me separa do que não sei o que serei. Exijo desconforto muitas vezes, exijo a poesia muitas vezes, o passo em falso muitas vezes, a queda muitas vezes, a bondade sempre, a liberdade sempre, eu sempre. Exijo-me sempre mesmo quando a realidade me pede algo mais fácil, algo mais levezinho. Mas nada levezinho pesou algum dia na felicidade de alguém, ou achas que sim?

48.

— Tive sorte.

— Que azar.

*

Quem disse que ter sorte é uma coisa feliz? Há azares que vêm para nos resgatar, para nos fazer erguer, e há sortes tão azaradas, não há? O Zé Pedro estava sem ter onde ficar e não queria voltar para casa dos pais. A minha mulher, o seu coração gigante e a sua imensa fortuna, aquela de dinheiro mesmo, ajudaram-no. Veio morar connosco, temos tanto espaço, ele fica tão bem aqui. Agora moro com a minha mulher e com o meu melhor amigo, não sei se é saudável mas é bom que se farta. Ainda acho que ela o ignora de mais, ou sempre, quando estamos os três juntos, mas quero acreditar que é só porque está focada em mim, nada mais. Acabo por ter de ser eu a transmitir o que ele diz, como se ela não o ouvisse, que estranho, não é? Acho que todos ouvimos o que queremos e que isso nada tem que ver com a nossa capacidade auditiva, entendem? Temos um filtro emocional que organiza tudo o que os sentidos captam. Ela respeita-me, deixa-me tê-lo ao meu lado, mas preferia que eu não o tivesse. Deve ser só porque sem ele era mais dela, parece egoísmo mas se não fizer mal a ninguém é mesmo só amor, pode ser?

*

— Não quero que suportes os meus defeitos.

— Então?

— Quero que os ames.

*

Quero. Quero mesmo. Quero que a minha mulher entenda, sim, que nem tudo em mim é bom, ou sequer razoável, quero que saiba que há partes de mim que não gostava de ter, nem ela, mas que até essas partes são o que sou, e que talvez sem essas partes não existissem as outras, as boas, as que apaixonam, e que provavelmente são essas duas, as boas e as nem por isso, bem juntas, como uma só, que fazem de mim a pessoa que ela ama, que ela tem de amar, e amar é isso, só isso, sempre isso, para sempre isso, perceber que há uma pessoa na pessoa que amamos, e que uma pessoa sem defeitos não é essa pessoa, não é nenhuma pessoa, aliás, é uma construção da nossa cabeça, uma personagem, um qualquer altar com um deus lá colocado, e mais cedo ou mais tarde esse deus revela-se porque aos poucos vamos vendo mais longe quem amamos, mais fundo quem amamos, e quando as imperfeições chegam só fica o amor, o resto vai quando o fascínio vai, quando a perfeição vai, o que resiste ao imperfeito é que é perfeito, isso sim. Quero que a minha mulher me ame incompleto, inacabado, defeituoso, porque é isso que sou, porque é dessa falta que nasce o amor completo. Se todos fôssemos perfeitos éramos todos iguais, já viram que enjoo?

*

— Acho que a vida me tem dado coisas a mais.

— O quê?

— Estes três quilos, por exemplo.

*

A minha mulher olha-se ao espelho e diz estas coisas, e eu amo-a tanto. Respondo-lhe que como já pesa mais ainda a amo mais, que assim temos um amor mais pesado, mais real, mais denso. Ela primeiro ri-se, depois fica triste, acho que não deveria ter brincado com isto e agora peço desculpa por

isso. Desvalorizamos tanto a aparência e ela vale muito mais do que só o que parecemos, não vale? Somos um todo e a pele também conta, o que vemos com os olhos também conta. Pensamos que é superficial o que é estético, o que procura a beleza, o que quer a elegância, sentir-se bem com o que encontra em si por fora, mas a superficialidade é ver só assim, só por fora, o que nos mexe por dentro. Se não gostarmos do que vemos no que o espelho mostra vamos gostar menos do que vemos por dentro, e não há crime nenhum nisso, nenhum, só temos de perceber, de ajudar, de encontrar a melhor estrada para que o amor, o próprio, regresse, com mais ou menos peso seremos sempre nós, e quem nos ama vai ser a pessoa que vai levar-nos a entender isso, a sentir isso. Abraço a minha mulher, não digo uma palavra, fico a ouvi-la, a senti-la, a vê-la tirar de si o volume do que não gosta, do que a carrega do que não queria carregar. Amar é muitas vezes ficar quieto, mas ficar. Deixas-me ficar?

*

— Posso comprar-te com dinheiro?

— Só se for de chocolate.

*

As coisas valem o valor que lhes dermos. Um maço de notas no meio do deserto vale muito menos do que um copo de água. Estou nestas reflexões enquanto a minha mulher me olha com aquele ar de quem está a ouvir mas não está a ligar nenhuma, está é a pensar no que vai fazer a seguir, no que vai preparar-me a seguir. Está com aquele sorriso que não engana ninguém, pelo menos não engana ninguém que ame, isso é certo. Tal como esperava, aqui está o que ela tinha preparado, tem uma guitarra, a guitarra de sonho que eu há muito, desde a primeira vez em que falámos lá no país distante, lhe tinha

dito que era o meu sonho, a que o meu ídolo usou tantas vezes, essa guitarra está aqui, nas mãos dela, e eu sei que custou muito dinheiro, e ela agora só quer que eu dê o braço a torcer, só quer que eu diga que o dinheiro afinal pode comprar-me, e pode, ai não que não pode, desde que seja um dinheiro apaixonado como é o dela, limpo como é o dela, um dinheiro lindo como é o dela. O mal não está no dinheiro, nunca está no dinheiro, mas na falta de amor com que é usado, na falta de amor com que é vendido, trocado, colocado no papel principal quando é apenas um papel secundário e verde. Acabei de ser subornado pela mulher que amo, que orgulho, não é?

*

— Porque estás a dar cambalhotas?

— A minha vida está azeda.

— ...

— Estou a ver se o açúcar sobe.

*

Para entender o Outono podemos ser a folha que cai mas também podemos ser a camélia que floresce, ou não? O Zé Pedro brinca com o que acabei de lhe dizer. Está azedo, está mesmo. Nada mais natural. Agora estamos os dois a correr juntos no parque ao lado da praia e ele tenta esconder isso, tenta dizer-me que está tudo bem. Eu sei que não. Agora vou escrever frases mais curtas. Tenho sentido que as minhas frases ficam cada vez mais longas e isso é uma coisa de velhote, não é? Não quero ser já um velhote, descansem. Quem parece mais acabadito é mesmo o meu amigo. Tenho de fazer qualquer coisa para o animar. Começo por ir com ele dar cambalhotas, basta isso para ver o mundo de outra maneira. Estamos os dois a ser olhados como sempre pelos outros enquanto damos cambalhotas mais ou menos espalhafatosas no

centro do parque mais concorrido da cidade. Nestas alturas, a reprovação dos outros faz-me tão bem, sabem? É como um atestado de infância, um selo. Ainda somos crianças sempre que o adulto quer açambarcar-nos por inteiro, meu amigo. Dá cá mais cinco, dás?

49.

— Odeio contos de fadas.

— De que gostas, então?

— De contos de falhas.

*

Casar pode muito bem ser encontrar a pessoa especial, aquela que vais querer irritar várias vezes por dia até ao final dos teus dias. Acho que encontrei a minha. Amo-a pelo que é, pelo que o que ela é faz no que eu sou. São sempre os que fazem todos os dias mais para serem todos os dias mais quem são os que nos levam mais longe, não são? Hoje viemos ao parque de diversões maior do país, milhares de pessoas à procura da felicidade imediata, de uma adrenalina que lhes tire a apatia, de um medo que as afaste da previsibilidade crónica em que se enfiaram. Viemos só os dois, o Zé Pedro não quis vir, está demasiado entretido a ter pena de si próprio. Não veio mas está aqui, não consigo deixar de pensar nele, no que pode ser dele, no que vai ser dele. A minha mulher sabe disso, sabe que não estou como poderia estar, tenta puxar-me mais para lá, para ela, para a montanha-russa de fora que me tire da montanha-russa de dentro. A maior justiça do mundo é não poder comprar-se a felicidade, não é?

*

— Bem vistas as coisas até sou útil.

— És?

— Sim, sirvo de mau exemplo.

*

Às vezes temos de fazer um *roast* a nós mesmos, atacar cada imperfeição, cada ponto mais negro, explorá-lo, olhar para ele como olharia o nosso pior inimigo. Às vezes precisamos de ser os piores inimigos de nós mesmos para estarmos preparados para os maiores inimigos de nós mesmos. É isso que estou a fazer com o Zé Pedro, quero que olhe para o que é, para aquilo em que se tornou. Quero que perceba qual a dimensão do buraco onde está, quero mais ainda que perceba o quanto tem de trepar para poder sair dele. Não sei se estou a conseguir. Acho que não estou a conseguir. Vejo-o triste, por mais que tente mostrar que está ligado. Não está. Há uma luz que se apagou nele que ele não sabe, e eu também não, como voltar a acender. Deixou de saber quem era. Felizmente eu sei, saberei sempre. Há alturas em que temos de ter um gerador ao nosso lado para que possamos olhar para nós quando há um apagão geral naquilo que somos. Estamos os dois a chorar. Como dizia, às vezes precisamos de um gerador que nos faça encontrar maneira de nos ligarmos de novo. Chamam-lhe amor.

*

— Tens de deixar a bebida.

— Já deixei.

— Já?

— Sim. Só não sei onde.

*

O vício está na esquina onde pára o desespero, à espera. É o amor que nos descansa um pouco da loucura, não é? O Zé Pedro sente que não tem objectivos, o que faz com que não os tenha mesmo. Somos aquilo que acreditamos que somos muito mais do que aquilo que somos mesmo. Quantos morreram enganados, sem saberem o que eram, presos a concepções

que estavam erradas? O meu amigo está assim, distante de perceber qual o seu lugar no mundo, qual o sentido que a vida encerra para a sua vida. É um simples empregado de supermercado quando pensou que seria um dia um espectacular músico. Temos mesmo de ser o que fazemos? Tento explicar-lhe que está a tempo de tudo, que até a minha avó esteve sempre a tempo de tudo, que nunca somos velhos de mais para sonhar, para tentar, para viver. Sinto que as minhas palavras soam a filosofia barata, e é o que são. Não sei como pegar nele ao colo e dar-lhe mimo. Agora já sei: pego mesmo nele ao colo e dou-lhe mimo. As grandes respostas são quase sempre as mais simples, não são?

*

— Sabes que isso está a matar-te lentamente, não sabes?

— Sei. Mas eu não tenho pressa.

*

Não tenho vergonha de subir aos ombros de quem amo para ver mais longe, vocês têm? O Zé Pedro continua a tentar fazer de conta que está bem, não o censuro. Fazer de conta que estamos bem pode muito bem ser o passo inicial para ficarmos mesmo bem. Só queria que não caísse no vício fácil para se livrar do difícil. Viver é muito regularmente escolher o vício que nos mata menos, ou menos depressa, pelo menos. O Zé Pedro está a experimentá-los a todos para poder evitar-se o mais que consegue. Não consegue. Mais cedo ou mais tarde, o muro aparece e é bom que quando aparecer não nos encontre bêbedos. Só assim poderemos trepá-lo. Eu e ele não estaremos tão cedo em condições de trepar o que quer que seja. Fui com ele para o álcool, quis fazê-lo sentir que até para cair ao lodo terá a minha companhia. Tenho pena pela minha mulher, pela minha mãe. Olham para mim como se fosse um incapaz,

um fraco, que não consegue deixar de se entregar ao que faz sofrer o seu amigo só para poder tentar dividir a dor que ele sente. Acho que estou a pagar com a felicidade delas para comprar a felicidade dele. Podemos escolher que sonho nos mata?

*

— Tenho a consciência limpa.

— Então tens fraca memória.

*

Não há quem não tenha vergonha de algo que fez. Todos fizemos algum dia algo que não queríamos fazer, algo que não voltaríamos a fazer. Eu não voltaria ao que fiz ontem, e é por isso que estou sempre a voltar ao que fiz ontem. Deixei-me ser o desgraçado que não era só para que o desgraçado que o meu amigo era pudesse ter companhia. Dividir uma desgraça multiplica-a por dois? Agora estamos os dois com o corpo deitado, a esperança deitada, incapazes de sonhar, à espera de que um medicamento qualquer dos que a minha mulher nos deu nos faça erguer de novo. Pedimos-lhe desculpa, ela aceita, condescende. Sei que me ama e que me perdoa ser uma pessoa. Peço-lhe autorização para beijá-la no rosto. Permissão concedida. Digo-lhe obrigado ao ouvido. Diz-me Amo-te, meu parvo. Quando voltar levo-te comigo, vens?

50.

— No fundo, só há três tipos de pessoas.

— Quais?

— As que sabem contar e as que não sabem.

*

Eu e a minha mulher a fazermos contas somos uma multidão de comediantes. Vamos criar uma editora só para fazer o Zé Pedro feliz, que é o mesmo que dizer que é só para me fazer feliz, que é o mesmo que dizer que é só para fazer a minha mulher feliz, que é o mesmo que dizer que é só para me fazer feliz outra vez. Vamos criar uma editora para me fazer feliz, ponto final. Ou de interrogação: vamos criar uma editora para me fazer feliz? Vamos pois. A felicidade é uma obra-prima, é com o corpo que se ouve o poema. Vai chamar-se Cinco Gatos, em homenagem aos nossos cinco meninos com garras. As contas não batem lá muito certo, o mercado está incerto, mas temos ideias, eu e o Zé Pedro, que mais ninguém teve ou tem ou terá. Vamos fazer diferente, experimentar diferente, fazer de uma editora de música uma máquina de emoções. Não é isso que no fundo é?

*

— No começo acreditei no amor à primeira vista.

— E depois?

— Depois acreditei nas lentes de contacto.

*

Enquanto montamos o escritório da nossa nova casa, da nossa editora, o Zé Pedro vai contando mais e mais aventuras de uma vida que não acalma, que não há maneira de acalmar. Continua a andar de cama em cama, de corpo em

corpo, e em nenhuma ou nenhum sabe onde está, sabe que é ali que tem de estar. Felizmente vai ter agora um porto de acolhimento, um lado do seu mundo vai ser o que quer. Aqui vamos ser felizes, aqui recrearemos o recreio, não é por isso, por recriar, que se chama recreio? Sinto-me o velhinho da nossa relação, eu que já fui o menino sem parar. Peço-lhe para ter cuidado, pareço um pai a pedir ao filho para não trepar ao baloiço mais alto do parque. Perdemos tantas emoções por medo da emoção, não perdemos? Não vou ser mais este chato, vou deixá-lo viver, não vou ser juiz de coisa alguma. Não adestrarei a felicidade, não procurarei colocá-la dentro do que para mim é feliz. Há tanto quem ande em praias sem vista de mar. Não há uma felicidade certa ou uma felicidade errada. O que é errado é não haver felicidade.

*

— O amor é como uma faca: tem dois gumes.

— É.

— Só ainda não encontrei um que não faça doer.

*

Estamos a debater os novos projectos e só queremos que haja amor em tudo o que vamos lançar. Não queremos ser uma editora de música, queremos ser uma editora de amor. Queremos que o amor vá lá, ao outro lado. Queremos a lágrima, é isso, é sempre isso. Queremos ser uma editora de lágrimas, vender a capacidade de nos emocionarmos. Queremos a experiência absoluta em quem nos escolhe. Tudo isto faz sentido, tudo isto é bonito, só ainda não sabemos como transformá-lo em notas. Só é bem-sucedida uma empresa que dá dinheiro e não uma empresa que dá amor, que sentido tem isto, sabem? Vamos vender amor, assim é que é. Pode estar encapotado, pode vir em caixas com formatos estranhos, com sons diferentes, mas é amor o que vamos

vender. É o que todos querem, mas o que tão poucos investem para ter. Damos pouco e queremos receber tudo, não é? Vamos colocar o amor no mercado. Olhó amor fresquinho, freguês, quem compra?

*

— Depois de tantos anos a observar os humanos, não é a guerra que eu não percebo.

— Então?

— É a paz.

*

As nossas primeiras abordagens ao mercado não têm corrido bem. Colocámos tanto amor, encontrámos tanto talento, fizemos tanta gente chorar, e nem assim há quem compre o que vendemos. Os discos não vendem, as pessoas não vão aos espectáculos. Seremos demasiado apaixonados para tanto medo? A paixão assusta, eu sei. Acho que tememos mais o amor do que a dor, que tontos. A indústria da guerra vale milhares de milhões, a do amor não existe. O que há é simulacros de amor, amores ao pacote, vendidos para mascarar a falta de amor. O amor não vende; o que vende é a fuga. A lua-de-mel, a viagem de finalistas, o copo de *shot*, o espectáculo de humor onde durante uma hora fazemos de conta que estamos felizes. Queremos o amor fácil para escaparmos à realidade difícil de não o termos de verdade. A profundidade não tem adeptos, o superficial contagia, é simples, está ali, à espera de ser devorado. O que nós vendemos é uma poesia que só poetas comprarão. Todos sabemos que os poetas não têm onde cair mortos, como haveriam de sustentar os outros poetas vivos?

*

— És mesmo tu?

— Não falo sobre temas que não domino.

*

Sabemos pouco sobre quem somos, é natural que quando nos olhamos possamos confundir-nos com outras pessoas. Se tivesse de me definir não teria palavras, nem sei bem qual é o aspecto do meu rosto, para ser sincero. Somos substitutos de nós mesmos, queremos sobreviver, é só. Eu e a minha mulher estamos a fazer as contas ao mês, ao primeiro mês, e não sabemos bem se chorar se rir. Temos de mudar qualquer coisa se não quisermos que esta editora não seja mais uma incineradora de dinheiro do que uma fábrica de lágrimas. Fazemos um pequeno *brainstorming*, tentamos perceber o que fazer para sair do buraco que em tão pouco tempo já cavámos. Acabámos por nos enrolar, o que não está nada mal, pois não? Há problemas que só se resolvem debaixo dos lençóis, embora nós agora estejamos a resolvê-los por cima deles, também pode ser, não pode?

— Lavoisier estava errado.

— Porquê?

— Afinal tudo se perde quando se transforma.

*

As conversas que nós temos enquanto preparamos mais um projecto davam para um livro. Desta vez estamos quatro: eu, a minha mulher, a minha mãe, o Zé Pedro. Queremos todos salvar a empresa, conseguir bons resultados, bons números, mas queremos mais ainda conseguir uma boa vida. Só temos uma boa vida quando temos boas pessoas connosco, não vos parece? Descobrimos uma banda num festival de garagem, daqueles mesmo escondidos, já nem sei quem descobriu, quem ouviu dizer a quem, mas o que é certo é que a banda é mesmo boa e eu tenho a certeza de que vai ser a nossa salvação. Estamos aqui a preparar todo o plano de ataque ao mercado, amanhã começamos a gravar, ainda este mês o álbum estará na rua. Estamos excitados com tudo isto, brincamos muito, há sorrisos e esperança por todo o lado. Há sorriso e esperança por todo o lado, não será isto o verdadeiro amor?

*

— Pronto. Já não te ouço mais hoje.

— Porquê?

— Já passou meia hora. E o meu pai sempre me disse que todos temos direito a meia hora diária de estupidez.

*

É o abismo que fica mais pequeno ou somos nós que ficamos maiores? O humor do Zé Pedro está cada vez mais agressivo, e eu adoro. É ele que está a

regressar, aos poucos, a ser o amigo que eu tanto quero. Preciso dele em mim, de o sentir comigo, de o levar comigo em grande parte do que penso, em grande parte das decisões que tomo. As pessoas mais importantes da nossa vida são aquelas que levamos connosco, estejam ou não em todas as grandes decisões que tomamos. Pensamos o que fariam elas naquela situação, o que nos diriam, que perguntas fariam. Vamos respondendo, imaginando, e assim decidindo. As pessoas mais importantes da nossa vida são importantes em todas as decisões que tomamos, nem que não falemos uma palavra que seja sobre essas decisões. Decidimos sempre com elas, somos sempre com elas. Somos muito o que amamos, não somos? Nestes nossos diálogos a dois continuamos a ser um pouco ignorados pela minha mãe e pela minha mulher, será que ainda têm ciúmes da nossa relação? O desgraçado está aqui de pé, estamos todos reunidos à mesa e só colocaram três cadeiras à volta, tive de ser eu a ir buscar mais uma e a encaixá-la como pude aqui ao meu lado. Deve ser uma mistura de ciúme e de brincadeira, não será? Uma mistura de ciúme e de brincadeira, não será isto o verdadeiro amor?

*

— Já experimentámos em todas as posições.

— E nunca deixei de estar de joelhos.

*

Amar é estar aos pés de quem se ama. Eu e a minha mulher sabemos disso, somos senhores e escravos disso. Hoje apetece-me dizer-lhe que me estou nas tintas para amores pequeninos, equilibradinhos, que não nos consomem. Que se danem amores que não são o que nos leva todos, que não fazem de nós aquilo que eles bem querem, porque amamos que nem loucos, porque queremos que nem loucos, porque desejamos que nem loucos, porque

precisamos que nem loucos. Hoje apetece-me fazer a homenagem ao amor de verdade, ao amor intenso, profundo, incompreensível tantas vezes, incontrolável outras tantas, indomável quase sempre. É esse o amor que quero, digo-lhe, e ela diz-me que sim, que só pode ser assim, que fugiu do outro, do certinho, do garantido, para vir à procura deste, do que a deixa viva, do que a deixa ela. Quero, e ela também, o amor inteiro, o que nos deixa dependentes, e ainda bem; o que nos deixa ansiosos, e ainda bem; o que nos tira do sério, e ainda bem; o que dá como tira, o que ri como chora, o que se vem e nos leva. Esse amor. É esse o amor que quero, é esse o amor que queremos, que fazemos, neste chão que nunca viu tanta vontade, tanta verdade, tanta vida. Tanto amor. Queremos o amor perigoso, o que anda ao lado do bátrio, o que nos tira a respiração e nos faz respirar. Queremos o amor simples, o amor que queima e sara. Queremos o amor. Queremos o amor.

*

— O que é que os adeptos estão a gritar?

— Palhaço, palhaço!

— Como souberam que eu cá estou?

*

Vimos ver um jogo de futebol os quatro. Temos andado muito os quatro. Acabámos as gravações com a banda que vai salvar-nos e vimos curtir um pouco, experimentar o que nunca tínhamos feito. Há uma cumplicidade grande em quem sonha os mesmos sonhos, uma união tácita, como se olhássemos para o céu e víssemos o mesmo. Continuamos os quatro espantados de existir, é isso o que mais nos une. O meu processo de normalização vai acontecendo mas acho que tem acontecido pelo lado certo.

Ou então simplesmente ainda não aconteceu. Basta ver que acabámos, eu e o Zé Pedro, de entrar no campo em pleno jogo, a adrenalina sobe-nos pelas veias, o público ri-se e aplaude, há um barulho que nunca esquecerei. Então é isto que é ser uma estrela? Estamos os dois a ser perseguidos pela Polícia, se bem que me pareça que só andam atrás de mim e já deixaram o Zé Pedro fugir sem ninguém o apanhar. Deve ser um espectáculo bem giro ver dois polícias a correrem enquanto tentam segurar os chapéus na cabeça, no meio de um campo de futebol e a meio de um jogo decisivo do campeonato. Ao fundo só vejo a minha mãe a chorar e a rir-se, a minha mulher a chorar de rir. A brincadeira vai ficar cara, mas também para que serve uma brincadeira baratucha, sabem?

*

— Estavas quase a convencer-me de que dormir é uma perda de tempo.

— Estava?

— Foi uma pena ter adormecido.

*

Quantos só depois do mergulho perceberam que era um poço radioactivo e não o mar? Não foi fácil sair da esquadra mas lá acabei por conseguir. Agora é o descanso do guerreiro, o descanso do infractor, do delinquente. Vale-me que tenho uma mulher que não entende os meus defeitos; que os ama. Tenta dar-me uma reprimenda mas acaba a rir-se comigo, acabamos os dois estendidos no chão a contar a visão de cada um sobre a tragédia cómica que nos aconteceu. De repente as palavras acabam, ficamos olhos nos olhos, parados, a amar o que somos, o que ainda somos, o que cada vez mais somos. Pousei a cabeça no ombro, adormeço-a com os meus dedos no interior do

cabelo. Uma mulher com a cabeça no meu ombro pode ser o suficiente para a vida valer a pena. E é.

— Tenta ser razoável.

— Que nojo.

*

O que evita o destino é a paciência, a capacidade de olhar pelo lado que menos magoa, encontrar o caminho que melhor chega ao que queremos sentir. Temos de colocar a hipótese de o destino se cansar a meio de escrever, não temos? Ser razoável traz descanso mas nunca traz felicidade. A felicidade nunca está no comedido, mas é amiúde o comedido que nos permite depois chegar à felicidade. A banda que podia salvar-nos não atende o telefone há três dias. Precisamos de uma assinatura e ninguém sabe onde estão, o que fazem, porque fogem. Estamos atarantados por aqui, as contas chegam e nada chega para as cobrir. Pensamos em tudo, naquilo que poderíamos fazer, para resolver isto. Nada nos ocorre. Estamos nas mãos deste grupo de pessoas que mal conhecemos, como pudemos ser tão ingénuos, pergunta-se por aqui. Apostámos tudo neles. Agora estamos de mãos atadas, de pés atados, à espera de que chegue uma notícia que nos desate os nós. Temos mesmo de ser cobras para não sermos feridos por cobras?

*

— Sou um adepto fanático da fidelidade.

— És?

— Sim, mas raramente tenho possibilidade de ir ao estádio.

*

O representante da banda ainda goza com a nossa cara. Que prazer trará humilhar, alguém sabe? Acho que a humilhação é humilhante sobretudo para

quem humilha, para quem mostra que precisa de pisar o outro para se sentir mais alto. A necessidade de usar o outro para escaparmos de nós, da vergonha de nós, é um dos maiores problemas das pessoas, e do mundo, claro. A minha mulher quer partir para o insulto, dizer-lhes poucas e boas. Peço-lhe para não fazer mais, para desligar a chamada, para lhes desejar toda a sorte do mundo. Bem irão precisar dela. Escolheram o caminho mais fácil, mais imediato, o que normalmente traz tudo o que parece que querem mas que é apenas o que lhes mata a fome. O que é imediato é passageiro, traz prazer mas não traz paz. No final de tudo não é Descansa em Prazer que se lê nos epitáfios, pois não? É da paz que vem o prazer verdadeiro, derradeiro, profundo. Fui aos poucos sabendo disso, entendendo isso. Agora que fomos traídos e estamos arruinados, sorrio, aliviado. Há alturas em que o que corre mal nos livra do mal, já viram?

*

— Não admito que voltes a acusar-me de ser prepotente.

— ...

— Não é para isso que te pago.

*

Porque transformamos o amor em coágulo? A minha mulher está revoltada. O Zé Pedro é que paga, coitado. Estamos todos nervosos com o que perdemos, com o que não sabemos como contornar, como superar. Estamos oficialmente no fundo do poço e em vez de nos apoiarmos nos ombros uns dos outros para subir estamos cada um por si a ver quem trepa melhor. Choro um pouco, vejo que todos me olham, surpreendidos. As lágrimas podem ser úteis até para isso, para chamar a atenção para o nosso egoísmo, para a nossa brutalidade. A lágrima do outro faz-me pensar nas minhas insatisfações

pequenas. Quem consegue dizer-se infeliz perante uma dor muito maior do que a sua? Num instante já estamos os quatro abraçados, a partilhar o choro como se partilhássemos uma refeição. Repartir o choro torna-o menos insuportável mas ainda mais profundo. Quando quero saber quem me ama choro um pouco. Quem não o temer gosta de mim. As lágrimas assustam? Tenho pelo menos três pessoas que me amam, que felicidade.

*

— Gosto do seu sorriso.

— Sim?

— Sim, sempre me fascinou conhecer os podres dos outros.

*

A minha mãe ri-se, derretida, com as palavras orgulhosamente idiotas do Zé Pedro. O ambiente está mais solto mas a situação não está melhor. Perdemos aquela que seria a nossa corda de salvação e agora é essa a corda que pode servir para nos enforcar. Acho que tudo o que existe é bom e mau, aberração e Deus, ao mesmo tempo. Depende do uso que lhes damos. À minha boca, por exemplo, gosto de dar o uso de a encostar à boca, e ao corpo, de quem amo. É o que tento agora. A minha mulher não deixa. Percebo que está de rastos, realmente de rastos, com tudo o que está a acontecer à Cinco Gatos. Acho que estou a ser um bruto, é isso. Usei o dinheiro dela para salvar o meu amigo, para me salvar a mim da dor do meu amigo, e agora deixei-a assim, ainda com muito dinheiro porque tem muito mais e vai ter sempre, mas fracassada, com um projecto falido nas mãos. Fiz do que era dela o meu brinquedo e depois não me importei que o brinquedo partisse uma roda. Quando estivermos só os dois vou pedir-lhe desculpa, confessar-lhe que falhei, que falhei muito. Para já dou-lhe espaço para se atirar da falésia. Se

quiser dar-me as mãos vamos juntos, e vamos felizes. Será amar também dar as mãos a quem vai atirar-se de um precipício?

*

— Finalmente estamos a fazer exercício físico.

— Qual?

— Corremos atrás do dinheiro.

*

A minha mulher quase que se ri. A situação não tem piada nenhuma, diz ela, diz toda a gente. Acho que sempre tive a necessidade de brincar em cima do fogo, em cima da lâmina. É lá que está a grande filosofia, a grande comédia, a que salva vidas. Toda a comédia existe para nos tirar peso de cima. Ou pelo menos para nos fazer olhar para o que nos coloca o peso em cima. Hoje é fecho de mês, fecho de contas. Serão os únicos fechos que vão acontecer hoje? Chegou a minha encomenda. Aluguei escorregas, trampolins, baloiços, um pequeno carrossel. Salto de imediato para o escorrega e começo a descer e a subir a dor. Se é para acabar que seja no meio de uma intrusão inesperada de alegria. Parar sempre nos STOPS tem tanto de seguro como de perigoso: sabe-se lá quem está parado à espera da nossa paragem. Se é para comer pão do dia anterior que seja com vontade de hoje, por mais difícil de mastigar que seja. A dor é tão feia mas é tão bonito virá-la do avesso, não é?

— Pior do que está não fica.

— ...

— Acabou de ficar.

*

Está assumido: a minha mãe e o Zé Pedro são um casal. Ainda não disseram nada, talvez nem venham a dizer nada, nem têm de o dizer, mas é evidente para mim que são um casal. Estão sempre juntos e não deixo de ter algum ciúme. Sou uma pessoa e gosto de ter aqueles que gosto comigo, ao meu lado. Agora eles os dois só estão um com o outro, estão naquela fase da descoberta e não querem saber de mais ninguém. Fazem muito bem mas fazem-me muito mal, devo confessar, meio a brincar meio a sério, mas mais a sério do que a brincar, suspeito. Acho que preciso do amor deles para ligar as luzes dos meus pirilampos, sabem? Sem a poesia deles a vida é uma espécie de prosa seca, um texto jornalístico com tudo no lugar, quem, quando, onde, como, essas coisas, mas sem o toque que só a emoção dá, sem a pessoa que escreve por detrás. Quando somos temos de ser, entendem? Ser mesmo. Não podemos ser como se não estivéssemos. Temos de estar, temos de ser, repito. Ou sofremos de poesia na pele ou estamos doentes, percebem?

*

— Eu avisei-me.

— E porque continuaste?

— Tenho a mania de não me ouvir.

*

Tentei outra vez salvar a Cinco Gatos. Perdi o que me restava de orgulho, fui pedinchar à banda que voltasse para nós, quase que lhes disse que sem eles a editora morreria, e acho que morre mesmo, que tristeza. Ainda gozaram comigo, ligaram ao agente deles, puseram-nos em alta-voz, ele a brincar comigo, a dizer-me que a nossa editora era pequena para o talento deles. Respirei fundo, procurei não levar a mal o que disseram. Continuaram. Saí, sem dizer mais nada, enquanto ouvia o riso deles ao fundo. Quem chega ao topo sem merecer saberá que quando cair, e vai cair, continuará a ter o tamanho que sempre teve? Somos do tamanho do que respeitamos, não mais, não menos. O talento nas pessoas erradas é mediocridade. Este grupo nunca estará no lugar que o seu talento merece, só no lugar que as suas pessoas merecem. Não desejo o mal a ninguém, mas não sou hipócrita. Vou ter um certo prazer ao vê-los penar. Terão um fugaz estrelato, aposto. Só quem sabe quanto brilha uma estrela sabe o quanto é insuportável quando ela se apaga. Fecho a porta, choro encostado a ela, do lado de fora. Como se sai do que não tem saída?

*

— Metade de mim é paz e amor.

— E a outra metade?

— É Vai-te foder.

*

Há alguém mais nu do que aquele que expõe a sua imperfeição? Perdi a cabeça, disse o que não deveria, ou o que deveria mas não poderia, ou o que poderia mas não deveria. Voltei a entrar e disse àquela gente tudo o que tinha para lhes dizer. Agora conto tudo à minha mulher, estamos os dois a perceber o que se passou comigo, o que se passa connosco. Sinto-a descrente, sem

esperança. Não acredita que vamos poder dar a volta, só acredita que a Cinco Gatos está a pouco tempo de ter de ser encerrada. No meio de todas as lágrimas há sempre uma que me faz levantar. Foi esta. Levanto-me do chão onde estava deitado, olho pela janela, penso em mais ideias para sair do buraco. Quanto mais percebo que não há ideias, mais caio fundo nele. É importante, às vezes, não pensar em soluções no meio dos problemas, deixar que os problemas fiquem do lado de lá de nós, entreter a dor com outra coisa qualquer. Não é escavando mais fundo que se encontra o ouro; é escavando noutro lado. O grande garimpeiro não é o que escava melhor; é o que escava no sítio certo. Há buracos que só servem mesmo para cair neles, não há?

*

— As pessoas para mim são como nuvens.

— Levam-te ao céu?

— Não, às vezes parecem animais.

*

O Zé Pedro está revoltado. Não entende como é que nos dias de hoje, com tanta informação à mão, Internet e tal, as pessoas ainda conseguem ser tão ignorantes. Queixa-se de preconceito, de ser olhado de canto só porque namora com uma mulher mais velha. Sei do que fala, embora me custe vê-lo com a minha mãe, não posso negar. Sou preconceituoso em relação aos que amo, posso? Acaba de me revelar que aquela ferida que tem na boca foi por não aguentar mais e ter partido para a violência com um grupo de adolescentes que lhe disse que era feio namorar com a avó. Ainda é uma ferida substancial. Trago-o para casa, faço-lhe o curativo possível. Há uma verdade para cada um, não é? Somos diferentes porque vemos diferente, vemos de lados diferentes, de experiências diferentes, de paixões diferentes.

O meu melhor amigo confessa-me que está apaixonado pela minha mãe como nunca esteve por alguém. Apetece-me abraçá-lo e esbofeteá-lo. Por qual querem que comece?

*

— Às vezes temos mesmo de continuar o nosso sonho da forma mais simples.

— Qual é?

— Continuar a dormir.

*

A minha mulher tem cada vez menos paciência para mim. Será que a infância cansa os adultos? Tento brincar com o que é possível brincar, tento explicar-lhe que nunca devemos desistir do que nos deixa felizes. Não liga muito, pensa que são tretas, só tretas, e são, tudo aquilo em que nós não acreditamos são tretas. Sonhar exige antes de mais nada um pré-sonhador, alguém que esteja disposto a acreditar que cair numa poça de lama é uma maneira excelente de começar a voar. Eu e a minha mulher estamos cada vez mais distantes, a minha mãe e o Zé Pedro estão cada vez mais próximos. Queria ficar feliz pela felicidade deles, e fico mesmo. Dou por mim a chorar ao ver como se querem, como se cuidam, como se tratam. Estou apaixonado pela paixão deles. Será ficar feliz pela felicidade dos outros a única maneira de ser feliz para sempre?

— Lamento que não gostes de mim.

— Porquê?

— Não deve ser fácil ter mau gosto.

*

Às vezes até molhar os pés pode ser um desporto radical, já viram? Preciso de quem me estrague a paz, de quem me olhe pelo meio da realidade, naquela frincha que o amor não deixa ver. Dizem que o amor desampara, que nos deixa expostos de mais ao que nos acontece, quando o que me parece é que o amor nos protege, ficamos atrás do amor como atrás de uma muralha. Ao que ama só chega quem ama, pelo menos deveria ser assim, como é. Só me toca, só mexe comigo, quem eu amo, os outros podem ser importantes, e são, mas não conseguem magoar-me. Só me magoa quem eu amo, simples, não? A minha mulher sofre com o que está a acontecer à empresa, sofre com o que está a acontecer-nos por causa do que está a acontecer à empresa. Os adultos colocam tudo ao contrário, já percebi. Primeiro pensam em salvar as empresas, depois pensam em salvar as pessoas das empresas. Acho que se pensassem em salvar primeiro as pessoas das empresas talvez nunca fosse necessário salvar as empresas, o que vos parece?

*

— Não está fácil aguentar.

— Precisas de paciência.

— Não, preciso de uma metralhadora.

*

Tudo o que a minha mulher diz é negativo, traz revolta dentro. Acabo por entendê-la, já lhe pedi desculpa pelas más opções, mas não entendo como continua assim, a atacar, só a atacar, a destruir, só a destruir. Não é possível construir quando só se trabalha de espingarda na mão, é? O que ela quer dizer eu sei bem, já toda a gente sabe, na verdade, até porque ela acabou de dizê-lo, finalmente teve a coragem de dizê-lo, a mim, ao Zé Pedro, à minha mãe. Vai fechar a empresa, a Cinco Gatos vai deixar de existir, nada de inesperado, mas sempre tudo de doloroso. Esperava que apesar de tudo ela tentasse mais um pouco, tenho de confessar. Acho que não amava a empresa, é isso. Entrou nela porque me amava, apenas. Acho que nunca amou a empresa, nunca a viu como sua, bem sua, profundamente sua. Tratou-a como a um bastardo, era o bastardinho favorito dela, no máximo. Não lhe levei a mal, não lhe levo a mal. Estou triste, posso?

*

— Há cada vez mais pessoas bilingues.

— Que línguas falam?

— Português e bosta.

*

A maneira como o Zé Pedro fala com os técnicos de sei lá bem o quê que vieram aqui às instalações da empresa tratar de a fechar, de colocar os cadeados em tudo, de nos fazer assinar os papéis todos, diz tudo sobre a maneira como nos sentimos. Estamos mergulhados numa quantidade razoável de desalento, para usar de um eufemismo. Acho que às vezes precisamos de eufemismos para nos acalmar a dor. As palavras certas nestes momentos estão completamente erradas, magoam mais longe, apertam mais forte. Temos de tratar a dor com cuidado, como se fosse um objecto frágil, e é, ou

não é mas nós somos, e ela está em nós. Nunca se trata apenas uma dor, nunca se cura apenas um pé ou uma mão. Cura-se uma pessoa, trata-se uma pessoa. Temos de olhar para o problema assim, no todo, entender que mexer aqui, salvar aqui, pode mexer ali, estragar ali. Somos uma máquina infernal, para o bem e para o mal. E uma pessoa, por mais que lhe doa o pé ou a mão, é muito mais do que esse pé ou essa mão. Uma pessoa é uma pessoa. Eu e o Zé Pedro, sobretudo nós os dois, somos agora duas pessoas tristes, a quem lhes foi retirado o sonho. Felizmente há mais sonhos para sonhar. Só ainda não sei qual será o meu próximo, sabem?

*

— Não sei como tens frio.

— Porquê?

— Estás sempre coberta de razão.

*

Não consigo ter pedaços de mim sem ela, estou sem as minhas solidões a segurarem-me o equilíbrio. Estamos cada vez mais distantes, é um facto. Já não somos a unha com carne, somos duas unhas, na melhor das hipóteses, sempre juntas mas quase sem se tocarem a sério, conseguem no máximo raspar-se com regularidade, sentir-se com regularidade, uma até pode coçar a outra, satisfazê-la de alguma precisão que ela não consegue satisfazer sozinha, mas já não estamos no interior do outro como sempre estivemos, como quem se ama tem de estar. A derrota separou-nos um pouco, não o nego. A forma como a derrota entra na vida define quem somos, será? Há tantas derrotas todos os dias. Podem ser as pequenas, uma comida que cozinhámos mal, uma palavra que dissemos mal, uma meia que esquecemos pela casa, as chaves do carro que não sabemos onde pousámos. Há tantas

derrotas todos os dias a testar-nos todos os dias. A forma como a derrota entra na vida define quem somos, pode ser, mas é mais a forma como não deixamos a derrota entrar no que amamos que nos define. Amo a minha mulher seja ela uma vencedora ou uma falhada, eu nem acredito em falhados. O que é um falhado senão alguém que sabe muito mais do que eu sobre tudo aquilo em que ele já falhou e em que provavelmente eu estou prestes a falhar? Não conheço nada que ensine mais do que a derrota, sim, não conheço também nada que magoe mais do que a derrota. Talvez apenas a queda de um amor. É isso aquilo a que estou a assistir?

*

— Desculpa se te chamei burro de forma implícita.

— ...

— Mas pensei que nunca o entenderias.

*

A minha mãe tenta quebrar o gelo, quem diria? Está apaixonada e isso muda-a. Está melhor, muito melhor. Está tão melhor que até tenta olhar para mim e para a minha mulher como se fosse ela, como se estivesse a tentar salvar-se a si mesma. Brinca connosco, comigo, com ela mesma. A minha mulher continua distante daqui, num lugar ao qual não acedo, um lugar ao qual só os adultos devem conseguir aceder. Será o inconsciente a nossa região favorita? Falhei, fui estouvado, imprudente, assumo, com o dinheiro dela, mas sempre pensei que a fortuna de alguém é a que dorme connosco, não a que está guardada num cofre de um banco. Estou tão desiludido com ela que se me pedisse para casar com ela outra vez aceitaria e choraria, sim, mas jamais daria as quatro cambalhotas que dei na altura, no máximo umas três e meia. Já viram como estou zangado?

— O que queres fazer então?

— Boas lembranças.

*

A minha mãe e o Zé Pedro são agora as crianças de serviço. O amor deixa-nos num estado de infância constante, é isso? Somos outra vez meninos de alma, e de corpo, sempre à procura de explorar todos os brinquedos que temos, todas as brincadeiras que temos para brincar. Gastam os dias a criar o inesquecível, não serão eles os certos? A minha mulher está crescida de mais, adulta de mais. Cada vez brincamos menos, não sei mesmo se ainda brincamos ou se para ela a brincadeira é a maneira mais fácil de fazer de conta. Anda tanta gente a fazer de conta, não anda? Eu até gosto de fazer de conta, mas não no que sinto. Gosto de jogar ao faz-de-conta, gosto de inventar histórias. Não gosto de fingir, de mentir, isso não. Fazer de conta é o contrário de mentir, de fingir, de enganar. Fazer de conta, para mim, para as crianças, é uma forma criativa de ser verdadeiro, de trazer a verdade por caminhos alternativos, de sentir mais, de sentir diferente. Fazer de conta, para as crianças, é uma prova de amor. Nunca alguma criança faz de conta qualquer coisa com quem não ela não gosta, já viram?

*

— Chamava-me bebé e abandonou-me.

— E agora?

— Agora estou para adopção.

*

É assim que me sinto. Estou a confessá-lo à minha mãe, ao Zé Pedro. Não sei se deveria fazê-lo, mas não aguento. Devo ter vergonha de odiar o pôr-do-sol só porque não o vejo com ela? Estou fechado, cada vez mais fechado, nesta nossa incapacidade de sairmos desta fossa em que entrámos desde que a Cinco Gatos fechou. Abro-me inteiro para estas duas pessoas que restam sempre que não a tenho, e ultimamente não sinto que tenha. Estamos separados na mesma casa, vivemos uma relação à distância e moramos juntos. Vejo pelo olhar deles que querem dar-me força mas que só conseguem dar-me desânimo. Dizem para eu acreditar, para eu continuar a ser o apaixonado de sempre mas a maneira como me olham diz-me que têm vontade de me abraçar e de me dizer para parar com isto, vontade de me abanar e de me dizer para deixar de me entregar ao que me magoa tanto. Sai-se do buraco a rastejar ou em salto de gazela?

*

— Porque não vieste dormir a casa?

— Porque não tinha sono.

*

Tudo o que não aconteceu parece perfeito, não é? Acabei por perder a noite a conversar com eles. Quis fugir do que me dói, do que só me dói. Falámos de tudo menos dela, a partir de uma dada altura. As nossas lembranças são como um trapo, nada valem já. O que amo já me é incomportável há muito, pernoita em mim como uma fogueira pernoita sobre o chão. Acabamos a discutir, mais uma vez a discutir, e vejo em mim, em nós, o que nunca pensei que pudéssemos ser. Todas as pessoas estão mais perto do que julgam de passarem a ser o que nunca disseram que conseguiriam ser. Só quer a perfeição quem tem pouca imaginação, não é evidente? O pior de tudo é a

ironia, o sarcasmo com que quem joga as peças as espalha pelo tabuleiro. Tornámo-nos no oposto de nós com uma facilidade incrível, como é possível?

*

— Não te mexas muito.

— Porquê?

— Gosto de investir em imobiliário.

*

Alguém arrenda sem caução? A minha mãe quer que eu a procure. Sabe que quanto menos falar com ela mais falo comigo, mais me faço doer, mais me ataco sem misericórdia. Sou insaciável no bem, sou insaciável no mal. Procuro o final da meada, nunca o meio me contenta, nunca. Acabo por aceder. Estou com a minha mãe a ouvi-la dizer enfim o que pensa, o que sente. Diz-me que não quer que eu seja este simples resto de mim que tenho vindo a ser. Diz ainda que não me reconhece, que tudo o que lhe ensinei a ser já não sou. Pede-me para falar com a minha avó, para ouvir o que ela tem para me dizer. Tem a certeza de que me dirá o que ela está a dizer-me. Eu também tenho, por isso a tenho evitado dia após dia. Não quero olhar-me quando ela me olhar. É isso que ela me faz, faz-me olhar para mim porque me vê exacto, real, como sou, como estou. Despeço-me em lágrimas como cheguei em lágrimas, como talvez tenha estado sempre em lágrimas. Garanto-lhe que vou fazer algo, que assim não fico, que assim não consigo ficar. Não consigo. Quando chegar a casa vou fazer o que tem de ser feito, o que só pode ser feito, o que por mais que custe vai ter de ser feito. Alguém sabe o que é para eu ficar a saber também?

*

— Vendeste a alma ao Diabo?

— Não. Ele disse que já não dava muito por ela.

*

Sinto-me assim, a valer pouco, quase nada. Ouvi a minha mãe, ouvi a minha avó, separei-me da minha mulher. Estou a fazer as malas, regressarei ainda hoje a casa da minha mãe. Cada coisa que guardo me traz o que ela é nessa coisa. As coisas servem para trazer lembranças, nada mais. A valência do que não são pessoas é trazer as pessoas que elas nos trazem, já pensaram nisso? Não queremos o carro pelo carro, queremos as pessoas que o carro nos traz, que o carro nos recorda, a primeira vez que andámos nele com quem amamos, a cara de quem amamos quando o viu, quando o conduziu. Queremos as coisas para amarmos melhor as pessoas, para juntarmos matéria ao que é intangível. Se não houvesse coisas seria mais difícil amar, será? O anel não é o que o anel é, é o que quem o usa, ou o que quem o deu, é. As coisas são as pessoas que estão dentro das coisas, que trazem ou levam as coisas. Não se ama uma coisa, ama-se uma pessoa, nem que seja a nossa, através da coisa. Olho-me de relance no espelho do quarto ao fechar a mala, vejo que eu mesmo sou uma coisa. De que serve uma coisa sem alguém para ser feliz com ela?

— Fui sonhar para descansar do trabalho, mas não consegui.

— Porquê?

— Sonhei que estava a trabalhar.

*

Às vezes temos de simplesmente sair do pântano. Abanar a cabeça, abanar o corpo todo, sacudir a lama toda para fora. Somos feitos das histórias que vivemos, não tanto de ossos, ou de músculos. Estou sozinho. Já estava desde que me separei da mulher que amo. Fiquei agora ainda mais sozinho, completamente sozinho. A minha mãe trabalha num supermercado, o mesmo em que o Zé Pedro trabalha, e agora foi viver com ele. Com o Zé Pedro, não com o supermercado, entendem? Diz-me que foi viver sozinha e eu rio-me. Estar com alguém que amamos é em parte como estar sozinho, não é? Sabemos que aquela pessoa faz parte do que somos, faz tão parte do que somos que acabamos por estando com ela estarmos connosco. Amar o outro é cuidar de nós, certo? Vivem os dois sozinhos e os dois juntos. É isso o amor, uma relação em que ambos continuam a estar sozinhos, com as suas idiossincrasias, mas juntos no que sentem, no que amam, no que são depois de si mesmos. Somos todas pessoas antes do amor, depois dele só ficam mesmo os que se amam. A minha mãe ama-se e parece-me que ama o Zé Pedro. Não vejo sorte maior do que ter a possibilidade de viver com ele, há?

*

— A vida é de facto passo a passo.

— É?

— Um estalo a seguir ao outro.

*

Se não é o sonho da mulher que eu amo, não será certamente o meu. Se não sou o sonho da mulher que amo, não será ela certamente o meu, por mais que seja. A minha mulher é o meu sonho mas já não a tenho. Não a vejo há alguns dias, anda atrás de outro sonho qualquer, com certeza. A falência pior é a das relações, a que mina por dentro todas as outras. Não somos ADN, somos ligações. O que nos une ao outro ajuda a unir-nos a nós, faz-nos superar o que sozinhos seria mais complicado. A pessoa mais solitária do mundo continua a ser uma dependente de ligações, dependente do outro, apenas procura encontrá-lo dentro da sua cabeça, no interior das suas memórias, da sua imaginação, até. Ninguém vive sem estar permanentemente com o outro, ainda que esteja permanentemente sozinho. O mundo é uma soma de solidões que se ajudam, que se mascaram. Gostaria muito de saber como mascarar a minha, têm ideias?

*

— Já vi que estás cheio de problemas.

— E estou.

— Posso ser mais um?

*

Não tenho pena de quem perde a razão, só tenho pena de quem nunca a perdeu. Tenho saudades dos problemas que a minha mulher me dava, grandes ou pequenos eram nossos, meus e dela. Queremos a vida toda sem obstáculos mas quando olhamos para trás é deles que vamos ter saudades, dos momentos em que por mais complicado que tivesse sido conseguimos superar, demos as mãos, os pés, a alma toda, e seguimos, e conseguimos. A grande vitória não é a que traz o melhor prémio, é a que tem o melhor caminho, é a que veio de

mais longe, de mais fundo, de mais eu e tu e nós. Fomos impossíveis desde o começo e só penso que o impossível é não te ter, afinal. Desculpem se escrevo para ela, se preciso de fazer destas palavras as minhas de mim para o que ela é. O pior de tudo é que ainda é tudo. Ou será isso o melhor?

*

— Porque é que casaste comigo?

— Porque tens piada.

— E eu a pensar que era porque sou lindíssimo e inteligentíssimo.

— Vês como tens piada?

*

Se o que fazemos é bom, importa mesmo saber porque o fizemos? Fiz a minha mulher rir-se mais uma vez, ela fez-me rir mais uma vez. Encontramo-nos por acaso à saída de um espectáculo, um teatro do absurdo que bem poderia ser o nosso. Todos os actos bons podem ter más raízes, raízes egoístas, fazer apenas para ficar bem, para os outros verem como somos bons, e sensíveis e atentos. Ainda assim, por mais insondáveis e até miseráveis que sejam as origens do acto bom, o acto bom continua a ser um acto bom, como um acto mau continua a ser um acto mau mesmo que venha de um sítio bom, de uma intenção boa. Acho que não somos o que pensamos, o que sentimos. Somos o que fazemos, o que mostramos que somos é o que na realidade deve ser avaliado na hora de decidir de que lado estamos. Gostava muito que quisesse vir comigo passear por onde quisesse, porque se viesse comigo iríamos estar a passear os dois um pelo outro. Não veio, diz que tem coisas para fazer, muito em que pensar. Não sei o que sente quem sente uma faca a entrar pelas costas. Será que é pior do que isto que acabei de sentir?

*

— Qual dos filhos costuma dar mais trabalho: o primeiro ou o segundo?

— O da sogra.

*

A minha mãe pensa que tem piada e às vezes tem mesmo. Está feliz a viver com o Zé Pedro. Continua a dizer que vive sozinha e que é assim que quer continuar. Estou feliz por eles. Jantamos juntos todos os dias, contamos o pouco que a nossa vida tem para contar. Eu e o meu curso quase a acabar, a minha música que não sei onde vai desaguar. Ela e ele e o supermercado sempre cheio, as histórias das pessoas, das vidas, de quem vai às compras para se escapar do vazio. Acho que nos enchemos de coisas para não nos enchermos de nós, já vos tinha dito? Eu estou cheio de mim, confesso, mas amo a maneira como quanto mais me encho de mim mais criança tenho de ficar para sobreviver. Acabei de encher de picante o prato de arroz da minha mãe sem ela notar. Estão prontos para se derreterem de riso com a reacção dela?

- Magoa-me o que dizem de mim.
- É uma escolha tua.
- Como, se não consigo deixar de ouvir?
- Podes deixar de te importar.

*

Sei muito dos outros pela maneira como me olham, pela maneira como escolhem ver-me. Digo que não me importo, e não, mas magoa sempre. Saber que não nos amam magoa sempre. Estou como sou, basta-me isto para estar bem. Tenho estado sozinho muito tempo, o Zé Pedro está com a minha mãe o dia todo, ou quase, dentro e fora daquele supermercado em que ambos trabalham. Aproveito estes momentos para a minha música. Tenho estado distante dela, tenho procurado a vida fora das notas. Agora resta-me compor para não assistir quieto à decomposição dos meus sonhos. Até a música a traz, partilhava tudo com ela, pedia-lhe a opinião da especialista que também é. Acho que sempre que escrevemos, seja o que for, estamos a amar, a encontrar uma linguagem nova para o amor que sentimos. Criar é um acto de amor. Acabei de escrever a canção que a traz inteira, como lembrança, como se para desistir dela tivesse de escrever que nunca deixarei de a querer. Está feita, está finalizada. Quem quiser sofrer como deve ser já tem uma canção nova para doer mais. Escusam de agradecer.

*

- Às vezes tenho medo de sonhar.
- Porquê?
- Posso perder o chão.

— E se ganhares o céu?

*

Quanto pesa um coração vazio? Gosto de cair para cima, do trambolhão que me leva mais alto. Que mal tem regar flores de plástico? Vou estrear agora a nova canção. É um bar pequeno, meia dúzia de pessoas nas mesas, meia dúzia de pessoas em pé. Só quero saber como sofrem os outros, só quero as lágrimas dos outros para me fazerem esquecer um pouco das minhas. Pagamos vezes de mais para sofrer? Há uma atmosfera sombria aqui, ou então fui eu que a trouxe comigo. Sentimos no ar o que atiramos para o ar, será? A minha mãe e o Zé Pedro na mesa da frente, só um copo na mesa, aposto que é da minha mãe, que nunca aguentou ver-me sofrer sem uma ajuda qualquer. Entro em palco e há dois ou três aplausos, agradeço com a vénia que consigo fazer. Os olhos de quem me vê, de quem me ouve, são lagos vazios, espaços de gente sem mim. Vemos em quem olhamos o reflexo de nós, uma tentativa de nos vermos de fora por dentro, será? Começam os primeiros acordes, as primeiras lágrimas. Quero mesmo especializar-me nisto?

*

— Eles não têm o direito de falar de ti porque não são eles que pagam as tuas contas.

— Nem eu tenho, então.

*

Um homem de cabelos muito compridos veio ter comigo no final do espectáculo. Fala-me em números, diz-me que os meus podem ser enormes se me deixar ir nas mãos dele, nos conhecimentos dele, nos projectos dele para mim. Conta-me histórias de outros nomes, de outros músicos que já levou

consigo para palcos maiores, para os maiores. Diz-me que estava ali por acaso, naquele bar, que era a primeira vez que tinha entrado ali, que parece que houve algo a puxá-lo para entrar quando caminhava pela rua. Ele pensa que era para me encontrar, eu tenho a certeza de que era para se encontrar. Tinha de chorar e não sabia como, será? Ouço-o com atenção, tento perceber-lhe que amor tem para dar. Trabalharei apenas com quem possa amar, que isso fique registado. À volta vejo outras pessoas ainda emocionadas, ainda tocadas pela canção que escrevi para ti. Sim, para ti, escrevo outra vez para ti. Acho que posso escrever sobre análise biomecânica ou sobre terapia fotodinâmica que estarei sempre a escrever para ti. Quero mesmo especializar-me nisto?

*

— É claro que todos têm muitas coisas bonitas para dizer sobre ti.

— Estão à espera de quê, então?

— De que morras.

*

Tenho um estúdio de televisão cheio a aplaudir-me, tenho a apresentadora a aplaudir-me, tenho toda a gente a chorar aqui à volta. Tudo porque todos temos algo para chorar, será? Fazer chorar é a felicidade que posso ter agora. Há muitos números que saltam de repente, muitas propostas, o meu empresário cabeludo está eufórico, pensa ter encontrado a mina de ouro que tanto procurava. Procuramos sempre uma mina de ouro para enterrar a cabeça e não vermos quem somos, será? Saio em braços do estúdio, há quem esteja à minha espera para um autógrafo, para uma fotografia. Haverá algo mais triste do que ser estrela quando nada em mim consegue brilhar? Deixo-me fotografar, deixo-me abraçar, deixo-me viver. É isso o que a tristeza nos faz.

Deixamos de viver e passamos a deixar-nos viver, será? Mais um *flash*, mais uma *selfie*. Quero mesmo especializar-me nisto?

*

— O meu telemóvel é como tu.

— Também queres que ande sempre contigo, é?

— Não, também me disse que precisa de espaço.

*

Acho que bebi de mais. Não aguentei e quando cheguei a casa liguei-lhe. Quis contar-lhe tudo, dizer-lhe que só sou amado pela música que fiz porque só a fiz por amor. Não a sinto comigo, ainda assim. Está distante, continua distante. De que vale a vitória se não tiver quem amo para celebrar comigo? Quero continuar a conversa mas deixo de ter força. Preciso de chorar, tenho precisado mais de chorar do que de comer. Acho que me tem faltado mais infância, será? Ou será que sou ainda infância a mais, será que me sinto no meio da rua sem os meus pais, sem saber quem sou, sem saber para onde vou? Despeço-me sem o Amo-te que queria dizer, que é a única palavra que tenho dito. Peço-lhe perdão mais uma vez. Pedimos perdão para nos salvarmos, será? Despede-se com um Fica Bem frio, duas palavras formais para ser educada. Deixo-me chorar por inteiro, deitado no meio da sala. Quero mesmo especializar-me nisto?

— Há pessoas que gostavam de andar nos sapatos dos outros.

— E tu?

— Eu só queria andar descalço.

*

O problema da bola é se não se sente redonda. Começa então a doer-lhe cada queda, cada viragem, cada pontapé mais forte. Temos de ser o que nos evita de nós, às vezes, quando nós somos o que mais nos fere. Sou um fã incondicional da vida, isso é inalienável. Sou também aquele que tem fãs incondicionais, aos poucos está a criar-se uma legião de admiradores da minha música, embora nem todos saibam que é afinal a música dela. Sim, a tua. Já toco em bares maiores, até em pequenos teatros, onde as pessoas aplaudem, gritam, cantam. Choram. Gosto de fazer chorar, como sabem, eu próprio estou a chorar sempre que subo ao palco para descer a mim. Não sei nada dela há dois dias, o que significa que não sei muito de mim há dois dias. Amo-me como um louco, mas ela faz parte da minha loucura. Não creio que ficar maluco possa ser tão pior do que ficar apaixonado assim. Preciso de uma transfusão urgente de febre. Devemos mesmo evitar a senilidade?

*

— A minha mulher deixou-me e nem se importou.

— Se ela não se importou, imagina eu.

*

Só é vergonhoso quem tem vergonha de brincar, não é? Gosto de quando o Zé Pedro tenta brincar com o que me deixa todo pisado. A dor, essa, não passa, não vai passar. Soube há minutos que a minha mulher, que já não é a

minha mulher, regressou ao país onde nos conhecemos. Há agora milhares de quilómetros entre nós e nunca a senti tão próxima. Imagino-a na nova casa, no velho país, a construir de novo o que já tínhamos construído juntos. Desejo-lhe toda a felicidade, desejo-lhe todo o amor, mas desejo-lhe acima de tudo que me deseje, pode ser? Tenho de me levantar urgentemente do que me atira ao chão. Lá fora, junto ao palco, algumas centenas de pessoas pedem bem alto para ir começar o concerto. Vieram aqui só para me ver. Como é que ainda há quem duvide de que somos mesmo fascinados por ver de perto um acidente?

*

— És linda.

— Deves dizer isso a todas.

— Sim, mas é a tua vez de o ouvir.

*

Uma mira só é perigosa se tiver uma arma por baixo. Tento substituir quem amo pelo prazer, mas nem prazer tenho com isso. Há muitas mulheres que me querem, muitas pessoas que procuram tirar-me do chão. Continuo lá. Nem zangado estou, só triste, só sem mim. Danço no meio das luzes, distante de mim. De repente tenho a sensação de que sei com rigor o que quero, e sei também que o que quero vai tirar-me muita coisa, tanta coisa da qual ninguém abdicaria. Felizmente eu não sou ninguém. Quanto custa o direito de não sermos como os outros? Peço desculpa às pessoas com quem estou, chamo o Zé Pedro à parte, a minha mãe à parte. Conto-lhes o que quero fazer. Abrem a boca de espanto, pedem-me para não o fazer, dizem-me que não é a melhor opção, que depois me arrependerei. Qual arrependimento mata mais: o que magoa por existir ou o que magoa porque poderia ter existido? Vou.

Sem a aprovação deles, abandono-os, nem ouço mais o que têm para me dizer, não quero saber dos avisos que me dão. Procuro o meu agente, tenho de encontrá-lo o quanto antes. Pergunto por ele a toda a gente. Vejo-o, enfim. Peço-lhe para se sentar. Respiro fundo. Como se diz a alguém que vamos tirar-lhe a esperança que ele próprio nos deu?

*

— Já deixei de olhar para os erros do passado.

— Ótimo.

— Agora prefiro planear os erros do futuro.

*

Às vezes é com os piores que se aprende. Deixei tudo. Já não sou o músico, já nem sequer o cidadão que mora no seu país. Estou a caminho da mulher que amo, levo comigo o amor, costuma chegar, não costuma? O avião é pequeno, a viagem é grande, a esperança também. Acho que vou o caminho todo a amar a queda da distância entre nós. Parece que a sinto, minuto a minuto, a diminuir. Quando chegar vou dizer-lhe que não quero a fama, o dinheiro, os aplausos. Quero as lágrimas dela nas minhas para poder continuar. Se não me quiser voltarei acabado mas pronto a recomeçar. Só termina quem não acaba de vez com o que o magoa, quem estica a corda que enquanto não rebentar não sabemos até onde pode ir. Vou dar-lhe tudo o que posso, dizer-lhe tudo o que posso, entregar-lhe tudo o que posso, para em definitivo saber se somos a pessoa um do outro, o amor um do outro. Daqui a uma hora aterro. É aceitável querer o monopólio da inquietação dela? Quem disse que o contrário de tudo é nada nunca amou; o contrário de tudo é só um pouco, só um pedaço, ou então a incerteza, ou então a indiferença. Quem sabe que já nada tem é muito mais feliz do que quem não sabe ainda o que

tem, ou do que quem só tem uma parte do que deseja todo. Daqui a minutos aterro. A vida é pequena de mais para termos a casa arrumada, não é?

*

— Pensei que tinhas uma mente brilhante.

— E não tenho?

— Não. Só tens a testa oleosa.

*

Ela tem razão, pois tem. Não sou brilhante mas estou aqui. Olho-a a abrir-me a porta, a ter a certeza de que vim mesmo, de que não estava a brincar quando há pouco lhe liguei a perguntar onde morava. Não me convida a entrar, acho que a perdi de vez. Estou prestes a desistir de vez. Não desisto. Ela diz-me Obrigada, eu digo-lhe Obrigado eu, e não há tempo para mais palavras, para mais sintaxe. Chegou o tempo dos corpos. Poderia teorizar sobre o que está a acontecer agora no sofá desta casa, construir poesia sobre a maneira como nos queremos como se nunca tivéssemos deixado de nos querer. Seria perda de tempo. Do vosso mas sobretudo do meu. Dão-nos licença, por favor? Obrigado.

59.

— Pensei que havia química entre nós.

— Não há.

— Só há matemática. É problema atrás de problema.

*

Sei muito sobre nada e quase nada sobre tudo. Sei apenas dar uma cambalhota e ser um palhaço sempre que a vida fica séria de mais, e fica séria de mais vezes de mais, não vos parece? Estamos os dois, eu e a minha mulher, sozinhos neste país que não é o meu, que é o nosso. Não posso dizer que estou triste, posso dizer que me falta algo. Não tenho a minha mãe, não tenho o meu Zé Pedro. Tenho-a a ela, que quando chega deixa que eu esqueça o que me falta. Estamos aos poucos, problema a problema, a reconstruir o que somos, o que o outro precisa que sejamos e o que nós temos de ser para continuarmos a ser quem somos. O que se faz quando amamos quem ama o que nós não somos? E a mudança: o que fazemos com ela? O que fazemos quando amamos alguém que aos poucos foi desaparecendo, que todos os dias acorda mais longe da pessoa que começámos por amar? É possível amar o estranho ou a estranha que mora agora connosco?

*

— Ensina-me a amar.

— Como?

— Amando-me.

*

O exemplo não é uma maneira de ensinar, é a única, não é? Todos o sabem, eu também o sei. A minha mulher também o sabe, e por isso percebeu, e por

isso me amou, está a amar-me neste instante. Gosto por exemplo de fazer o bem sem olhar a quem. Vou na rua e abraço uma pessoa qualquer, depois vejo como reage. Se reagir bem ganhei um amigo, tenho muitos assim. Se reagir mal conto-lhe da importância de sorrir. Sim, às vezes também sorrio sem olhar a quem. Sorrio por sorrir, sobretudo quando vejo que a pessoa vai triste, no seu caminho solitário, enclausurada no que lhe dói. Nessas alturas posso ir ainda mais longe, dou a tal cambalhota de que falei há bocado, sabem? Dou-a em plena rua, onde for. Depois dou saltinhos de pés juntos, danço um *break*, canto um *rap* qualquer que invento na hora. Não descanso enquanto não faço quem sofre deixar de sofrer um segundo, ou dois, se correr bem. Se todos fizéssemos isso, era matematicamente impossível haver infelicidade, certo?

*

— Posso dizer-te uma coisa?

— Não precisas. Já sei o que é.

— O que é?

— Que me amas, não é?

*

É. É sempre. Perdemos muito tempo com palavras sem amor dentro, palavras de punição, de sugestão, de negação, de discussão, até de imaginação. Esquecemo-nos regularmente da regularidade de que o amor também precisa. Precisa regularmente de um Amo-te, de um Quero-te, de um Preciso-te, de um És linda ou És lindo, de um apalpão às escondidas no cinema, de uma palavra mais forte ao ouvido quando o prazer chega. Precisamos com regularidade de algo que nos faça sentir amados. As palavras costumam ser boas nisso. Subalterniza-se a palavra quando é nela que está a

salvação do mundo. As palavras são questões de vida ou de morte. O que dizemos define de que lado estamos. Digo-lhe dezenas de vezes que a amo, todos os dias. Ouço dezenas de vezes que sou amado, todos os dias. Há quem diga que o banaliza, eu só digo que o solidifica, que o torna presente. Há tempo para a surpresa, para aquilo que nos mostra esse amor, mas tem também de haver tempo para o previsível, para o que nos diz esse amor. Quem disse que a felicidade não pode ser previsível não sabe do que fala. Há coisa mais previsível e mais feliz do que um orgasmo?

*

— Estás linda.

— Estou sempre.

— Nem sempre.

— Quando é que não estou?

— Quando estás zangada comigo.

*

Tem-se zangado algumas vezes comigo, não sei bem porquê, nem ela o saberá, suspeito. Acho que estamos os dois a tentar o ajuste ao que não sabíamos que queríamos, será que já sabemos? Não sei se devemos acomodar-nos ao que nos deixa confortáveis, também não sei se devemos tentar acomodar-nos ao que nos deixa desconfortáveis, já viram que complicação é a vida? Vivemos em cima de um tabuleiro de xadrez e alguns nem sabem as regras, eu, por exemplo. Vou levá-la a jantar ao restaurante que vi pelos *likes* dela na sua página que é o seu favorito aqui da zona, aqui do país inteiro, na verdade. Ainda é uma viagem longa, mais um motivo para ser uma boa escolha. Quero falar com ela sem nada entre nós. Ao volante um vai para o outro, disponível, sem ver mensagens, sem responder a e-mails. A

felicidade às vezes é uma notificação, é isso? É ela a minha notificação favorita. És a minha notificação favorita, digo-lhe agora, e ela sorri ao desenhar com os braços mais uma curva. Quero-a para mim, ao volante. Irei ao lado, satisfeito. Quem disse que não há felicidade em ser o pendura?

*

— Quando for velhinha vais cuidar de mim?

— Mas tu já és velhinha.

*

Ficamos velhos só de pensar que vamos ficar velhos, será? Perdemos o tempo todo a pensar no tempo todo que perdemos, esquecemo-nos de o aproveitar, de o fazer passar depressa. Queixamo-nos quando o tempo passa depressa de mais, mas é só quando o tempo passa depressa de mais que estamos a vivê-lo. Já ouviram alguém feliz dizer que a vida é longa? A vida vagarosa, que custa a passar, é a vida que se esquece. O que fica, quando olhamos para trás, é a que quase nem reparámos que aconteceu, e que nos fez acontecer. Ao longe, na janela deste restaurante, vemos juntos as ondas a baterem na areia, a morrerem ali, felizes, no destino final. Se tiver de ser onda que seja ela a areia, posso usar como mensagem romântica? Vou usar. Ia, não consegui, não tive tempo, o telemóvel dela tocou e ela levantou-se. Fico sozinho com as ondas, com a areia e as suas mil e uma amantes. Penso no que fará o Zé Pedro, no que fará a minha mãe. Imagino-os felizes, a tirarem o uniforme, a saírem de mão dada do supermercado onde ganham a vida. Ser feliz é tão simples, não é?

60.

— Somos a evolução dos macacos, certo?

— Certo.

— Então porque é que ainda há macacos que não evoluíram?

*

O mais difícil é desaprender. Voltar a começar do zero é uma impossibilidade, somos uma malha interminável de recordações, de dores, de coisas que passaram e que nunca passarão. Trazemos o que vivemos antes para o que vivemos agora, caminhamos com pesos que muitas vezes não sabemos como transportar. Decidi que vou dar aulas de Música, vou estar do outro lado de quem aprende. Fizeram-me o convite, hesitei, ainda me sinto o discípulo e não o mestre, percebem? Acabei por aceitar, quero fazer mais do que amá-la o dia todo, até porque não posso amá-la o dia todo, há as empresas dela, os projectos dela. O meu único projecto era ela e não era recíproco, nada de mal, cada um entrega-se ao que o mata melhor, será? Começo amanhã numa pequena escola de Música daqui, meia dúzia de alunos, um sonho inteiro em cada um. Quando ela chegar vou contar-lhe, ver se fica feliz ou com ciúmes de não me ter aqui sempre à sua espera todos os dias, a toda a hora. Ainda não sei qual das duas possibilidades prefiro, sabem?

*

— Antigamente não tinha dúvidas de que era uma pessoa indecisa.

— E agora?

— Agora não tenho a certeza se sou.

*

Acho que és tão maravilhosa que nem consigo dizê-lo aos outros para que não fiquem a sabê-lo também. Foi assim que te disse quando te conheci, ainda nem dez minutos tinham passado e já tinha essas palavras na minha cabeça. Eras, ainda és. Estás escondida entre o que tens de ser. Acho que temos de ser quem somos, até porque ser outra pessoa qualquer já está ocupado. Disse-lhe que ia dar aulas, contei-lhe o meu entusiasmo, o meu medo. Quase nem reagiu, continuou a fazer o que estava a fazer antes, a pensar o que estava a pensar antes. Disse apenas um Fazes bem seco, fechado, quase inaudível. Sei pouco com o que devo fazer para suportar a indiferença, para viver com ela. Estou disposto a aprender, até isso posso aprender para conseguir entendê-la, para conseguir amá-la melhor, sabê-la melhor. Tento falar de outra coisa qualquer mas não consigo. Diz que tem de ir rapidamente embora, uma urgência numa empresa qualquer. Fico sozinho, a pensar no que sou para ela, no que sou para mim. Ligo ao Zé Pedro para chorar comigo. Acabamos os dois a chorar de saudade, ele de mim, eu dele, da minha mãe, e sobretudo de mim, não é?

*

— Então de que se queixa, meu caro?

— Sofro de excesso de humanidade, doutor.

*

Sim, eu empurro portas que dizem “PUXE”. Temos mesmo de saber o caminho para continuarmos a caminhar? A mudança é o contrário da sabedoria, exige que estejamos prontos para o que não sabemos o que é, como a criatividade, claro, fazer o que não foi feito, saber que pode correr mal, pode correr bem, pode correr mais-ou-menos, mas fazer ainda assim, ir ainda assim. A minha turma é linda, linda. Os mais jovens sonham com o

mundo todo, os mais velhos ainda não perderam a janela que dá para o sonho, por mais distante que ele esteja, por mais que o vejam só por uma frinchazinha. A paranóia é conhecimento a mais? Temos de morar numa casa com vista para o sonho, seja onde for. Gosto tanto de pessoas, tanto. Com eles, nestas duas horas da primeira aula, esqueci-me do que não posso ser, descobri que aqui, com eles, posso tudo. Até chorar, imaginem só. Toquei para eles, nota a nota, a canção que fiz para ela. Choraram, abraçados uns aos outros, e alguns nem se conheciam ainda antes da aula. É assim que sou feliz, a fazer chorar e a chorar, poderia ser doença, dor, também é, mas é antes de mais amor, não é?

*

— Não estou aqui para me justificar.

— Então?

— Estou aqui para amar.

*

Dou pouco uso às conclusões dos outros sobre o que viveram, eles sabem lá o que vivi eu, não é? Tenho a minha espécie de loucura, à qual só acede quem é louco comigo, quem tem alma comigo. A minha mulher não lhe chega como chegava, alguma vez chegou? Temos de construir, temos sempre de construir. Amar é construir, evitar as pedras no caminho, saltar quando surge um muro, desviar sempre que possível das balas que andam pelo ar. Amar é construir. Estou a tentar, estou mesmo a tentar, juro. Não entendo porque está chateada porque eu cheguei mais tarde, porque não cheguei a tempo para o jantar. Pensei que ela não estava, não costuma estar. Hoje estava e eu não. No fundo, até estou satisfeito, será que sente a minha falta? Não sei, não lhe vejo saudade nos olhos, só raiva, só aquilo que nunca poderá

ver nos meus. Sai para o quarto, sem uma palavra, sem ouvir as minhas palavras. Vou atrás dela, beijo-a levemente na cara, peço perdão, garanto que não volto a ficar até mais tarde sem avisá-la. Diz Está bem, vira-se para o outro lado, vai para o sono sem me levar ao colo. Vou começar a chorar, mas sou interrompido pelo telefone. É o Zé Pedro. Sente que estou mal, pergunta-me o que tenho. Respondo que não tenho nada, não tenho nada, repito, e é mesmo isso, não é?

*

— Sabem o que é mais curioso sobre o caminho certo?

— O que é?

— Às vezes é a opção errada.

*

Às vezes temos de matar a sede com ácido sulfúrico, será? Rico é o que tem mais coisas que não se comprem com dinheiro. Debato com os meus alunos lindos o que é a beleza, o que é a arte, o que é a música, o que é o amor. Explico-lhes a minha dependência das lágrimas, a minha tese segundo a qual o mundo é aquilo que chorarmos dele. É da lágrima que sai a solução, afirmo, e eles riem-se, sorriem, pelo menos, ainda não estão prontos a perceber que tenho razão, espero que um dia estejam. Temos evoluído bem, amanhã temos o primeiro espectáculo, ou melhor eles é que o têm, eu fico de fora, a ver, a ouvir, a aplaudir. Se não me fizerem chorar falharam, aviso-os, sinto-lhes o medo de falhar, a pressão de falhar, a tentação para atirar a toalha ao chão antes de o combate se iniciar. Descanso-os. Digo-lhes que falhados nunca serão. Só falha quem desiste da tentativa, não é?

— A poesia não ocupa espaço.

— Não?

— Não. Constrói-o.

*

Não há ninguém como eu, não há ninguém como ninguém, nunca haverá, que maravilha, não é? O problema é quando a normalização acontece, quase sempre sem notarmos, debaixo do pano. Chega a vida, as contas, as necessidades, a maneira que encontramos para nos encontrarmos com ela pode ser perigosamente ficar como temos de ficar, mais normais, menos nós, mais previsíveis, mais enquadrados. Sem poesia resta-nos a vida, sabe a pouco? A minha mulher diz-me que sim, que estou demasiado como todos os outros, que estou cada dia mais longe da pessoa que a apaixonou. Não sei se resisto vivo à morte que as suas palavras me dão. Os murros doem, as balas podem matar, mas as palavras matam mesmo, sobretudo quando vêm de quem nos amou. Há maneira de sobreviver ao que nos mata?

*

— É óbvio que sou culpado.

— De quê?

— De ser inocente.

*

Acho que gostaria de pedir à vida para tudo continuar como é, e já não seria pouco, seria? Seria feliz e saberia, tenho a certeza. Saberia que era feliz e saberia que era amado, que a minha mulher me queria, que eu a queria, e que era também por nos querermos que queríamos tanto a vida, a continuação

da vida, daquela vida. Fui ingênuo, pensei que o sentimento não acabaria, que o que é eterno não acaba. É o eterno que mais pode morrer cedo, sabiam? Eu agora sei. Nada me fará esquecer dela, mas acabou-se. Quando a magia vai, acabou-se. Tornei-me num homem comum para a minha mulher, já viram que tragédia? O perigo não é o grito, nunca é. O perigo é o silêncio, a conformidade, a instalação do marasmo. Quando vi que ele estava a chegar já ele estava no nosso quarto, na nossa cama, no meio de nós. Quando chega a indiferença é tempo de nós irmos. Amanhã vou, digo-lhe. Podem dizer-lhe que lhe dou só a vida toda para me pedir para ficar?

*

— A idade ensina tudo sobre a dor.

— Quase tudo.

— O que não ensina?

— A suportá-la.

*

Porque choramos por ter acabado em vez de sorrirmos por ter acontecido? O amor é o que interrompe a decadência, é isso. A minha mãe explica-me que todos os fins doem, que tudo o que acaba com amor acaba antes do fim, mas que é ainda assim melhor acabar com ele do que sem ele. Não sei se acredito. Sou viciado em começos, posso? Acho que preferia não a amar se não puder tê-la. Sei que é aquele egoísmo que às vezes tenho em mim, mas é o que é. Deixei de sonhar com ela, foi isso. Amar é sonhar com o outro, não lhe permitir que crie a sua própria jaula, a sua própria gaiola. Amar não é repartir uma jaula, é partilhar um céu, já vos tinha dito? Amar é deixar que o riso de um se misture com o do outro, que as lágrimas de um escurram pela cara do outro, que um complete as frases do outro, os desejos do outro. Perdemo-nos

pela distância com que quisemos proteger-nos. Não sei se voltarei a amar mas se voltar não darei espaço, darei amor. Se não coubermos os dois nele é porque não é amor nenhum, será?

*

— Sou viciado no excessivo.

— E se não for excessivo?

— É incompleto.

*

O amor é o que pausa o inferno, será isso. Quando esquecias os olhos em cima dos meus esquecias tudo, eu esquecia tudo, esquecíamos-nos de tudo e parecia que o mundo percebia tudo e também se esquecia de nós. A vida parava para nos ver mexer um para o outro. Escrevo-te estas palavras, deixo-as num papel debaixo da almofada, pode ser que o leias antes de o deitares no lixo. À vida temos de fazer também isso, não é? Temos de a ler bem antes de a deitarmos no lixo. Escolhi uma altura em que não estás para eu deixar de estar. Ontem dissemos tudo, definimos tudo. Pedi-te para levar os nossos cinco gatos e aqui vão eles, em duas transportadoras pequenas que espero que não criem problemas no aeroporto. Estranhei que nem quisesses ficar com eles, ou com pelo menos alguns deles. Será que conhecemos mesmo quem amamos? Quero acreditar que o fizeste porque estás amorfa, deitada sobre o que não sabes o que é. De qualquer forma fico feliz por levá-los comigo, vou ter ao meu lado, seja onde for, os cinco que nos viram ser dois, às vezes um. Acompanharam-nos por toda a alegria, merecem saber que também existe a tristeza. Precisamos de sair da luz para ver a luz, já pensaram nisso? Levo ainda a viola, a mochila com que voltei e o começo da saudade que me trouxe de regresso aqui. Claro que se volta onde se foi feliz, desde que isso nos faça

felizes outra vez, e fez. Acho que o que é bom não acaba depressa, apenas acaba depressa porque é bom, percebem a diferença?

*

— Sou viciado no que sai dos limites.

— E se não sair?

— É limitado.

*

Podemos mesmo escolher quem somos? Quando o fazemos ficamos maiores, mais leves, dentro de uma felicidade só nossa. Quando o fazemos sabemos que só queremos connosco quem seja tão bom como a nossa solidão. Raramente se morre enquanto se ama, ou morre? Eu morri, e sobrevivo. Entro no avião com as duas transportadoras e uma viola, olham-me de lado por causa deles, por causa do espaço que ocupam, pela forma assustada como miam. Faço-lhes mimos por entre as grades, dedo a dedo percorro gato a gato, medo a medo. Estamos juntos para o que der e vier, para o que não der e para o que não vier também. Para os outros vim com uma mão à frente e outra atrás, eu acho que vim com o amor à frente e com o amor atrás. Nunca desistirei de amar, que isso fique anotado em todo o lado, em todas as paredes. Fui por amor, volto por falta dele, e por isso por amor também. Consegue-se algum dia limpar o quarto de um filho que já morreu?

— Acho que nos falta tudo.

— Porquê?

— Porque nos falta algo.

*

Preciso amiúde de deixar de pensar para ver tudo melhor, entende-se? Há que procurar um prejuízo para nos livrar do mal. Não aguentei, liguei-lhe quando cheguei. Quis explicar-lhe mais uma vez porque vim, mas no fundo só queria ouvi-la, nada mais. Ainda preciso dela, não consigo deixar de precisar dela. Estou a caminhar no aeroporto com os cinco gatos e uma saudade inultrapassável. Choro sem saber que choro, só sei que choro porque há segundos me vi reflectido no vidro de uma loja. O que farei com o que não sei ser? Sento-me num canto, pouso os gatos ao meu lado, eles entendem-me, ficam tranquilos a ver-me chorar. Tiro a viola do saco, dedilho uns acordes, canto o que me sai no momento, a dor deve cantar assim. Em segundos já caíram duas ou três moedas junto à transportadora dos gatos. Primeiro não entendo o que está a acontecer, depois entendo tudo, sorrio. Há sempre uma obra de arte para nos salvar a vida, não há?

*

— Odeio o equilibrado.

— Porquê?

— O inesquecível nunca é equilibrado.

*

Acusam-me de poesia aguda, que blasfémia. No máximo sofro de poesia crónica, de antiprosa primária, facciosa. Fui arrastado para fora do aeroporto

por dois seguranças, que brutos. Não entenderam quando lhes disse que só estava a fazer chorar, quando lhes falei da importância vital para o futuro do mundo que as lágrimas têm. Expulsaram-me com alguma agressividade, sem uma lágrima, coitados. Quando aprenderem a chorar vão desaprender tudo o que pensam saber. Entro num táxi, peço para me levarem ao sítio da cidade onde mais pessoas conseguirei fazer chorar. Pergunta-me onde é isso, respondo que ele saberá, basta levar-me ao lugar onde mais lhe apetece chorar quando conduz. Dez minutos depois estou no centro de uma rua movimentada, hora de ponta, milhares de pessoas coladas umas às outras, as vidas a correr, a fome de chegar a qualquer lado em todas elas. Alguém algum dia saberá entender que é tão importante parar como correr para chegarmos a qualquer lado?

*

— Deste-me a paz de que eu precisava.

— Porque me deixas, então?

— Não me deste o desassossego de que também precisava.

*

O sonho serve para continuarmos a caminhar, é isso? A vida não é só a vida, nunca é, não pode ser, nunca será. Entre um espectáculo e outro no meio da rua tenho tempo de lhe ligar, tenho sempre tempo de lhe ligar. Conto-lhe o que está a acontecer-me, tento disfarçar o que quero realmente. O que quero realmente é que veja que sente a minha falta, que não consegue estar sem mim como eu não consigo estar sem ela. Ainda não foi desta que isso aconteceu. Não perco a esperança, muito menos a vontade de fazer estas pessoas ouvirem as minhas palavras, a minha música, para conseguirem ouvir um pouco de si, nem que quase nada. Sou um músico de rua de sucesso, que

isso fique devidamente noticiado aqui. Tenho um cesto cheio de moedas e ainda o dia vai a meio. É tempo de tratar de saber onde vamos passar a noite, os meus gatinhos merecem conforto. Sabemos que somos de uma raça inferior quando para nós dormir num jardim é ser um desgraçado de um sem-abrigo e para cinco gatos é uma felicidade sem igual, não sabemos?

*

— O amor serve para mudar o mundo.

— E se não servir?

— Não serve para nada.

*

O caçador viciado, e desesperado, desenha um coelho numa folha só para poder caçá-lo, que crueldade imaginária, já viram? É claro que sou eu esse caçador e ela é a minha presa. É claro que amo como um drogado a minha mulher. Mas já desisti dela. Desisti dela e pelo menos para já desisti de quem amo. Não quero agora, nos próximos tempos, nem a minha mãe, nem o meu Zé Pedro. Voltei e não lhes disse nada. Fico para aqui, a tocar onde calha e a dormir onde me deixam, onde a Polícia me deixa pousar com os meus gatos. Não posso dizer que sou mais infeliz assim do que era lá, com casa e luxo. Também não posso dizer que sou mais feliz, seria mentira. Sou uma nova dimensão de mim, percorro estradas no que sinto que não sei onde vão dar, o que assusta tanto como fascina. Seduz-me o futuro, sou viciado nele. Quando me perguntarem o que mais quero na vida responderei com orgulho que pretendo ter sempre um futuro, posso tê-lo, posso?

*

— Suporto quase tudo.

— O que não suportas?

— O suportável.

*

A maturidade magoa, temos de saber dia-a-dia das nossas limitações, do que já não conseguimos ser, temos ainda de saber da saudade do que já não será mais. Há hábitos que se não forem destruídos nos destroem. Antes o quase-caos do que o quase-tédio. Sem susto não há vida, há? É assim que tenho vivido, entre o caos e o quase-caos, entre fugas à Polícia que não me vê como artista e apenas como trabalhador ilegal, entre festinhas nos meus gatos que estão mais felizes no meio das ruas do que no meio da ração *gourmet* que tinham na outra casa. Vivo na extremidade da navalha. Para dizer a verdade sinto-me melhor aqui do que no meio da faca sem serrilha que era a minha vida anterior. Já deixei de lhe telefonar, ainda passo muitas horas por dia a pensar no que está a fazer, se ainda me quer, mas já não a quero como minha mulher por mais que continue a ser o meu amor. Não segui em frente, no máximo fugi para o lado, olhei para o sol a nascer e a pôr-se, percebi a força que uma simples brisa marítima pode dar-nos, olhei para os olhos de lágrimas dos poucos que ficam parados muitos minutos a ouvir-me, senti que talvez aqui seja muito melhor pessoa do que lá. É mais sem-abrigo quem não tem casa ou quem não tem sonho?

63.

— Não voltei porque não a amava mais.

— Então?

— Voltei porque não podia amá-la mais.

*

Amar tanto pode cegar como fazer ver na escuridão, ou se calhar é mesmo por cegar que faz ver na escuridão, será? A infância faz-nos falta, é dela que se faz o crescimento, por mais paradoxal que pareça. Preciso de ser menino às vezes para saber como crescer, para onde crescer. A maturidade exige uma criança ao lado, faço-me perceber? Com ela já não dava mais, já não sabia onde estava a criança, devo tê-la asfixiado debaixo de uma almofada qualquer. Continuo a passar os dias pelas ruas, os meus gatos e eu sem sabermos mais do que aquilo que vem no momento a seguir. Navegar à vista traz uma segurança própria, a daqueles que nada têm a perder, que nada têm a ganhar, a daqueles que apenas se têm uns aos outros e pensam que têm tudo. Acho que têm mesmo, não têm?

*

— Qual é o teu passatempo favorito?

— Sonhar.

*

Há um espaço em que a vertigem não nos permite voltar para trás, um lugar de onde não se volta mais. É nele que temos de estar com regularidade, só lá voltas a ti, retornas ao ponto de partida. Sim, aquele em que te partes todo. Estou perdido nos meus sonhos, deitado num canto do jardim, ouço os meus gatos em alvoroço, algo está a acontecer, algo está para acontecer. Acontece

mesmo. Dois ou três homens, bem grandes, bem fortes, chegam, pontapeiam as caixas dos gatos, pontapeiam-me a mim, dão-me murros, estalos, até que caio no chão. Insultam-me, dizem que sou uma vergonha para a sociedade, chamam-me parasita enquanto me enchem de pontapés, estendido no chão. Rebolo um pouco, levanto-me a custo, fujo com uma das caixas e com os outros gatos ao colo. Deixo tudo o que tenho, tudo o que ainda tinha, tudo o que fui juntando por entre os trocos que sobravam da minha comida e o que ia amealhando em alguns caixotes de lixo mais luxuosos. Tenho sangue a escorrer por todos os lados, a noite cerrada, sento-me num banco de jardim, tento perceber a gravidade do que se passa com o meu corpo. Os gatos miam, assustados. Ainda faço uma festinha num deles até que sinto uma tontura forte e.

*

— Há dois tipos de pessoas.

— As que sonham.

— E as outras?

— São as que estão mortas.

*

É o Zé Pedro a primeira pessoa que vejo quando acordo. Olho à volta, um quarto de um hospital, velho, o quarto e o hospital. Ainda estou algo tonto, por dentro e por fora. Pergunto logo onde estão os gatos, o que se passa com eles, para onde os levaram. Ele responde-me que está tudo bem, que estão em casa deles, sim, deles, a minha mãe, vejo agora, também está aqui, sentada numa poltrona mais ao canto, junto à televisão. Esteve a chorar, noto-lhe pelos olhos vermelhos, pela voz embargada. Tenta disfarçar, diz-me que está tudo bem, que vou ficar bem, que vai cuidar de mim como uma mãe deve

cuidar do filho, tenha ele a idade que tiver, esteja ele à distância que estiver. Acho que está com estas palavras a pedir-me desculpa por não ter estado mais atenta, por não ter percebido o que se passava comigo. Desiste de esconder as lágrimas e vem chorar comigo, pousa a cabeça no meu colo, a cara colada ao meu peito. Dou-lhe os mimos que ela nunca me negou, lembro-lhe que tem razão, que está tudo bem, que vai ficar tudo bem. Tenho a minha mãe a amar-me, como pode não estar tudo bem?

*

— Porque vais a andar de pernas para o ar?

— Quero ter um pontapé sempre à mão.

*

Tenho a sorte de ter quem me ame, não me falta nada. Passo os dias estendido no sofá da sala da casa pequena da minha mãe e do Zé Pedro. Não me mexo muito, ainda não me mexo muito, mas já consigo ser um pouco independente. Os gatos ficam no meu colo, a lutarem avidamente por um centímetro de colo como se nele estivesse a felicidade. A felicidade pode muito bem ser um colo, não pode? Quando ficar bom não sei ainda o que vou fazer, mas vou ser feliz, garanto. Tive de partir o corpo todo para encontrar em mim os pedaços que andavam espalhados por aí. A sorte às vezes vem mascarada, entra na vida pela porta dos fundos, por onde normalmente só entra quem não é bem-vindo. A ironia é sempre o melhor da vida, e o seu pior. Quanto mais queremos ferir mais nos ferimos, podemos até ferir-nos mais do que as feridas que impomos ao outro. Será que quem faz o mal sabe que pode admiravelmente estar a ser o melhor amigo daqueles a quem faz mal?

*

— Ficámos felizes para sempre.

— Foi?

— Sim. Mas antes separámo-nos.

*

Alguns usam um cigarro, outros usam um beijo: cada um mata-se como lhe dá mais jeito, não é? As pessoas magoam, ponto final. Conteí assim a minha história. Amar é desejar o caminho mais longo só para podermos caminhar mais tempo ao lado de quem amamos. Cego é o que não consegue ver o que tem por dentro. Contarei sempre assim a minha história. Só a contarei a quem quiser saber dela, não farei questão de me lembrar dela, até porque mesmo não fazendo questão vou estar sempre a lembrar-me dela. O meu único projecto é ficar bem para ficar bem, para ir à procura do que me faz bem, até de quem me faz bem. É só desses que temos de ir à procura, não é? Só aqueles que nos fazem bem estão à nossa altura, a altitude nasce da atitude, entendem? Já falta pouco para poder andar normalmente, para poder ter o meu corpo a responder às ordens que ansiosamente quero dar-lhe. Amanhã tiro o gesso, vamos ver se voltam a colocar-me as asas. Adormecerei agora, como adormeço sempre, a ver uma fotografia dela para que saiam as últimas lágrimas do dia, para os olhos já poderem fechar-se sem perigo de afogamento. Amanhã aprenderei a andar outra vez, quantos não entendem a felicidade que é poder fazê-lo todos os dias?

— Nunca me perco.

— Mas acho-te parvo.

*

O que mais custa perder é o abraço, não é? De repente parece que os abraços já não são os mesmos, ficamos distantes do que sentíamos quando abraçávamos quem abraçávamos. Resta o corpo a quem nada tem, um orgasmo aqui, um prazer sem lei ali. Eu tenho muita coisa, ainda assim. Perdi a mulher que amava, deixei de amá-la, acho, mas continua a ser a mulher incrível que é, esteja onde estiver. As pessoas incríveis que deixamos de amar não deixam de ser pessoas incríveis só porque deixámos de amá-las, fixem bem isso, sim? Quero dedicar-me, nos dois ou três meses que me faltam até estar pronto a trabalhar como gente grande, a dar. A dar tudo o que tenho para dar. Estou à porta do hospital onde estive internado, trouxe um saco com todos os meus brinquedos de menino, com todos os meus brinquedos de adulto, livros, telemóveis antigos, canetas, folhas, tudo o que tinha para dar está aqui. Amar é fundirmo-nos como se fôssemos os dois água, e só assim evitarmos o afogamento solitário. Vou esperar que venha alguém com vontade de chorar para chorar com ele, para perceber o que posso dar-lhe para chorar melhor. Aí vem o primeiro, desejem-me sorte.

*

— A imortalidade só tem um problema.

— Qual?

— É altamente passageira.

*

A maioria das pessoas só precisa de palavras, de quem olhe para as suas e queira mesmo saber delas. Estive o dia todo aqui e ainda tenho o saco cheio, só ofereci uns brinquedos a um menino que saiu cansado de um tratamento contra o cancro, esse merdas. Todos os outros só queriam quem os ouvisse, quem lhes dissesse que a esperança existe, que as pessoas existem, que há quem esteja do lado de lá da cerca que é a doença para lhe amparar o tombo quando tentar subir o muro e atirar-se para a possibilidade da cura. Para saltarmos bem temos de ter quem nos ampare a queda se correr mal, será? Temos ainda de ter quem nos empurre para o salto, quem esteja junto à linha de partida a dizer-nos Vai, que tu consegues, ou Vai, que eu vou contigo. É claro que sozinhos somos poderosos, a solidão serve para nos ensinar o que conseguimos fazer sem ajuda directa de alguém, e é tudo, conseguimos tudo. Mas a força maior é a que vem do amor pleno, amar e ser amado torna-nos super-heróis, criaturas inextinguíveis, de uma eternidade possível. Acho que há heróis sem tudo menos sem amor, concordam?

*

— Assumo tudo.

— Tudo?

— Menos a minha cobardia.

*

Acordei cobarde, a sentir-me cobarde. Acho que estou a passar estes dias a tentar estar com os outros, a tentar curar estranhos, por cobardia, para tentar acalmar os medos que eu tenho, o medo que eu tenho, de não ser capaz de me curar, de não ter coragem de ser para mim o que sou para os outros. Há tantos heróis por cobardia, não há? Há tantos que andam pelo mundo a salvar os outros apenas para não olharem para a sua própria doença. É simples salvar o

mundo quando isso nos faz esquecer de que precisamos de nos salvar a nós. Acordei covarde, com vontade de deixar de o ser, com vontade de assumir de vez o que quero, o que profundamente quero. Quando souber o que é, juro que não recuarei mais, acreditam?

*

— Sabes o que é viver bem?

— O que é?

— É ver mal.

*

A fofoqueira tanto serve para espreitar pelo buraco da fechadura como para descobrir o caminho marítimo para a Índia. O Zé Pedro diz-me que vistos de longe todos são boas pessoas, que até a guerra vista de cima, de bem longe, pode ser um espectáculo pirotécnico incrível. O problema é quando chegamos perto, quando estamos perto o suficiente para cheirar, para ver, para tocar, para ouvir. O problema é quando os sentidos se juntam às memórias, às tentações, às pulsões, às necessidades. O problema é quando temos de escolher entre fechar os olhos para aguentar ou abri-los para tentar. Comecei hoje a trabalhar numa loja de música aqui da cidade, tudo começou bem mas aos poucos estou a ver o que não quero, estou a ver o dono da loja a humilhar quem precisa do dinheiro dele, do emprego que ele representa. Como é que há pessoas que usam o que têm para terem quem querem ter? Trata-me, e aos outros, como se fôssemos o lixo que ele vai descarregar quando quiser. Pode ser que não sejamos mais do que isso para ele, que não nos veja para além disso. Acabou de me insultar porque estive dois minutos a falar com um cliente que no final não comprou nada. Olho-o, tento vê-lo,

tento perceber em segundos se escolho sobreviver ou se escolho tentar. Já fiz a escolha.

*

— Sou obsessivamente asseado.

— E um merdas.

*

É claro que vou ser despedido, é claro que não voltarei à loja. Antes deixo o que tinha para deixar. Digo a este homem que tenho pena dele, que gostava de o ajudar a ser a pessoa que ele pode ser, ele insulta-me, claro, insultar serve sempre para escapar, não é? Acho que prefiro desistir dele, nem ouço o que está a dizer, dirijo-me aos meus colegas de trabalho, são boa gente, abraço-os, peço-lhes para quando puderem terem a coragem de tentar, que não temam o choro porque é com choro que se faz a revolução, muito mais do que com armas. Ele está a empurrar-me, exige aos seus funcionários que o ajudem a expulsar-me, e em segundos já ouviu o que não esperava, já todos disseram que se despediam, que não voltavam mais ali. Vamo-nos todos embora, penso, mas engano-me. Em segundos já ouvimos o choro convulsivo dele, está deitado no chão, agarrado à cara, agarrado a si, agarrado a nada. A maldade não existe, existe? O que existe é medo, é revolta, é saudade, é pessoas que por não sentirem o que queriam sentir se refugiam no mais fácil. Estamos todos abraçados à pior pessoa que conhecemos, e porque não?

— O amor é um cabrão.

— É.

— Não há nada melhor.

— Pois não.

*

Amar é não querer ir trabalhar no dia seguinte, percebem? É estarmos tão felizes no que sentimos que fazer o que quer que seja é abandonar o Verão. Queremos sempre voltar aos primórdios dos sentidos. Nunca regressamos aos mesmos lugares, porque sempre que voltamos vamos diferentes, somos diferentes, vemos diferente, sentimos diferente. Estou apaixonado por mim outra vez. Perdi o sonho algures pelo caminho, eu que só quero viver de sonhos. O homem mau da loja de música era afinal o homem infeliz da loja de música, não são todos? Tenho preguiça para ficar zangado. Ficámos amigos mas vim-me mesmo embora, os outros ficaram, ainda bem, ele precisa de quem o proteja de si mesmo. Estou agora a ser entrevistado pela gerente do supermercado onde a minha mãe e o Zé Pedro trabalham. Quero fazer mais gente chorar, um supermercado tão movimentado como este é o ideal. Vou poder olhar muitas pessoas, perceber-lhes quem são, o que lhes dói, tentar mostrar-lhes que é na lágrima que está a vida, o começo da redenção. A gerente não é muito afectuosa, deve ser natural, mal me conhece. Acho que quer mostrar que é decidida, uma líder a sério. Pode até ser, mas também se pode ser uma trabalhadora exemplar de sorriso no rosto, não pode?

*

— Sabes o que é que aconteceria se eu recebesse um euro por cada vez em que penso em ti?

— Ficarias rico?

— Não. Começaria a pensar em ti.

*

Liguei ao Zé Pedro para descontrair um pouco, estava a precisar de alguma imbecilidade gratuita, de um amor com disparate, entendem? Se não amarmos somos apenas mortos em período de férias, mas férias más, daquelas em que fomos alvo de publicidade enganosa. A piscina é afinal um tanque, uma banheira maiorzita suja e velha, o sol todos os dias é afinal uma chuva fria nos ossos, a vista para o mar é afinal um quadro pintado por um miúdo do quarto ano colocado na parede. Como se cobrem com panos os móveis de quem já não está? Regressei a casa depois da entrevista mas afinal não regressei nada. Continuo lá, a pensar em lá, na mulher gerente que não me disse se vou ser escolhido ou não. Fiz de tudo para parecer normal, confesso. Que mundo ébrio é este em que temos de parecer todos iguais para sermos aceites, conseguem saber? Não me mexi muito, não contei anedotas, não me ri com toda a força. Estive mais ou menos formal, que seca, que vida secante é ter de conter o que é bom, o que é incontável em mim. No máximo amanhã terei a resposta, ou nenhuma resposta, que é a resposta que tem quem não é escolhido. Até lá, poderia ficar ficar aqui a olhar para mim, prefiro olhar para os outros. Vou à janela e começo a atirar balões cheios de água às pessoas mais macambúzias que passarem na rua. Olha, lá vai um com ar de quem vai para uma reunião importante. Vamos ver como é que o fato de linho dele resiste à água, vamos?

*

— Antigamente, os maus eram perseguidos.

— E agora?

— Agora, são entrevistados.

*

O erro é sempre a energia que gastamos a negar. Acabamos a ficar viciados no que diminui a estranheza, no que nos anula um pouco o espanto, porquê? Ligo a televisão, encontro pessoas em dor a ajudarem pessoas em dor. É isso a Humanidade, lá no fundo, bem no fundo, somos todos náufragos a salvar náufragos, não somos? Cada um carrega o seu peso, cada um tem a dimensão da sua bóia. O pior das bóias é que quando deixam de salvar servem para ir mais ao fundo, mais depressa. Há bóias que são só pesos cor-de-laranja, disfarçados, pedras que colocamos nas mãos como se fossem flutuantes e que só nos levam ao fundo do mar. Desligo a televisão, preciso de um pouco de maravilha. Tocam à campainha. É um dos homens que ficaram encharcados com os meus balões de água. Pergunta-me se acho bem o que fiz. Digo que não, que foi uma acção exagerada da minha parte, e que por isso mesmo o fiz, para perceber até que ponto a felicidade não é o uso do excesso na medida certa, e o que parece exagerado está no tamanho perfeito. Percebo em segundos que a mão dele está no tamanho certo do meu nariz, sem tirar nem pôr. Viva a geometria, viva.

*

— Invisto na bolsa.

— Qual?

— A dos outros.

*

As rainhas precisam de ter muita coisa na cabeça, mas não uma coroa. Digo-a à primeira cliente que atendo na caixa do supermercado hoje. A minha primeira cliente que me falava, já não sei a propósito de quê, do quanto queria ser a princesa de alguém, a rainha de um homem qualquer. Não entende, primeiro, depois sorri, depois olha-me com um ar sério, não comenta, entrega-me as notas, coloca as compras no saco e vai à sua vida. Acho que vai chorar bastante quando chegar a casa, se não for mesmo pelo caminho. Missão cumprida. Respiro fundo, preparo-me para o próximo cliente. Quando me preparo para o atender, sinto alguém a tocar-me no ombro. É a mulher que acabei de atender. Encosta a boca ao meu ouvido, diz-me Que seja a última vez que me magoas assim, dá-me um beijo na cara, diz-me ainda Obrigada, e vai. Temos de ficar sem algumas pessoas para não ficarmos sem nós, será? Estamos mais perto de nós do que pensamos. A vida está sempre ao virar da esquina, mas insistimos em parar ali, como se fôssemos prostitutas do mais-ou-menos, do regular. E somos, não somos?

*

— Tem cuidado.

— Porquê?

— A infância é um brinquedo frágil.

*

É com os amargos que aprendemos a ser doces, certo? Podemos ser criminosos, mas com ética. Amar não é ensinar a voar, é dar a certeza de que teremos onde pousar. Em breve não terei onde pousar. O Zé Pedro e a minha mãe não o dizem, mas eu sei que estão fartos de ter-me aqui em casa deles. Têm razão, não faz sentido estar aqui quando já tenho rendimentos, quando já posso ter a minha casa. Hoje à tarde, quando sair do supermercado, vou ver

uma ou duas possibilidades. Nada irá mudar muito, convenhamos. Vivemos sempre sozinhos, moramos sempre sozinhos morem quantas pessoas morarem ao nosso lado. Amo como um louco o Zé Pedro e a minha mãe, mas com eles continuo a morar em mim, eles e o mundo são o pano de fundo de mim, nada de especial, e ao mesmo tempo tão único, já viram? Chegou o homem que vai mostrar-me a primeira casa. Abre a porta, fala em quartos, em casas de banho, eu só quero olhar para as janelas, para as paredes, para os cheiros, para o que sinto ao entrar aqui. Diz-me quantas assoalhadas tem, quantos quartos. Sorrio sem ele perceber, que sorrir é mal aceite por quem não sorri assim tanto. Quero que a minha casa não tenha divisões, que não sirva para separar, pode ser?

— Dei mais cor à minha vida.

— Como?

— Estou-me nas tintas.

*

Confesso que quero tudo, mesmo que passageiro, ou sobretudo porque passageiro. Temos de ser felizes contra o mundo, não é? Deixei a casa da minha mãe, do Zé Pedro. Já moro na minha casinha, sinto-a como minha, o que é tudo o que é preciso sentir quando se fala de casas, nunca de pessoas. Com as pessoas acho que podemos até sentir que há algo nelas que nos pertence, não tem mal nenhum, mas o que fascina no outro é precisamente o facto de não ser nosso, não é? A diferença é o que nos une, já repararam? Estou no supermercado onde trabalho a escolher as primeiras coisas para a minha casa, nada de especial. Já deixei de me preocupar com o que possam pensar de mim, até me parece que já deixei de me preocupar com o que eu mesmo penso de mim. Perdemos tantas coisas boas quando pensamos de mais em quem temos de ser, não perdemos? É certo que também podemos livrar-nos de coisas más, mas se me dissessem que teria de viver tudo o que de mau já vivi para poder viver tudo o que de bom já vivi fazia tudo de novo, acham mal, acham?

*

— É horrível estar contigo em tantos sítios.

— Porquê?

— Já sei o que vai doer-me quando aqui estiver sem ti.

*

As grandes palavras são como abraços, não são? E os grandes abraços não precisam de palavras, não é? O amor é o terrorismo dos bons, o contrário da desgraça, por mais desgraçado que às vezes seja. Vejo regularmente vídeos antigos, pequenos cliques que tenho no telemóvel, de nós, eu e a minha mulher que nunca voltará a sê-lo, Deus me livre, que eu gosto de mim. Neste tinha mesmo razão, admito, todos os lugares onde fui feliz com ela me ferem, me trazem a felicidade que foi, e dói tanto, não dói? A minha sorte é que acabou o intervalo para almoço, tenho de voltar à caixa. Limpo as lágrimas, tento parecer a pessoa alegre que até sou mas que o amor lembrado esconde quando me lembro dele. A primeira cliente é uma mulher jovem, não terá mais do que trinta anos, parece que tem um desastre natural pousado nos passos, custa-lhe cada movimento e o corpo move-se sem sombra de emoção nele. Chama-se desastre natural porque é natural que aconteça, não é? Tento entabular um diálogo, saber como lhe tirar as lágrimas que têm de sair antes dela, antes de ela desistir. Não consigo. Não olha, não comunica. Não está. Quantas pessoas que dizem Estou aqui estão mesmo, já contaram?

*

— Só dois ou três por cento das pessoas gostam mesmo de ti.

— E as outras?

— Gostam do que tu podes dar-lhes.

*

Dói mais a ausência de uma trepidação frequente da espinha dorsal ou a ausência frequente de pão, alguém sabe? O Zé Pedro comenta o que acabei de fazer, o que hoje fui fazendo pela primeira vez. Deixo bilhetes no meio dos sacos das compras das pessoas que me parece que precisam deles. Disfarço como posso enquanto os escrevo a olhar para elas, digo que é uma promoção

qualquer que precisa da assinatura de um funcionário, escrevo mensagens variadas, poemas, aforismos, frases imperativas ou lamechas, o que for, o que sinto que lhes faz falta mais do que arroz, mais do que leite. Ainda não tive qualquer reacção, não sei se algum dos bilhetes foi mesmo lido ou se ficou perdido no meio do lixo, espero que não. Ligamos pouco ao que nos liga, não acham? Vem aí mais um cliente do supermercado, e dos meus bilhetes também, será?

*

- Tenho uma má e uma boa notícia.
- Diz-me primeiro a má.
- É a vida que nos dá a música que ouvimos.
- E a boa?
- Somos nós que escolhemos como a dançamos.

*

Precisamos tanto de fingir para aguentar, não precisamos? Começa muito pelo que queremos vender a nós mesmos, e depois nós mesmos compramos. A maioria das pessoas faz de conta que não dói, nada contra, bem sei que as aparências por vezes nos salvam do mal. O problema pode acontecer quando fazemos de conta que não temos o que pode matar-nos. Sou uma pessoa e sofro, e às vezes estou infeliz, e às vezes apetece-me desistir, porque a vida consegue ser cabra, maluca, insensível, má. A quem está comigo peço que respeite a minha infelicidade quando ela chegar, mas que não me deixem nunca desistir de sair dela, é isso o que pedem também? Acabei de escrever isto num bilhete que ainda não sei a quem deixarei, apenas senti que hoje, nos próximos minutos, vai chegar alguém a precisar dele, alguém que está mesmo mesmo desesperado, mesmo que não saiba, por ler estas palavras, por sentir

estas palavras. As grandes palavras não são as que se lêem, são as que nos lêem, não são?

*

— Amar não é evitar a queda.

— É ampará-la.

— Não. É ensinar a cair.

*

Dizem que para superar a dor temos de a entender, eu acho o contrário. Entender a dor é cravá-la mais fundo, não permitir a chegada da cicatriz. A beleza da cicatriz é essa, dar-nos a certeza de que ficamos acima do que nos feriu. O homem que levou este último bilhete tinha muita raiva nele, olhou-me como se quisesse matar-me, teve de levar um bilhete que o acalmasse, que o fizesse sentir-se agradecido e não ofendido. Não entendo porque está agora a regressar depois de ter olhado para o saco e ter visto o bilhete. Vem com ar de nenhuns amigos, directo a mim, a raiva cada vez maior nos olhos. Posso ter tocado no lado errado da ferida, no que em vez de sarar fere mais fundo, posso?

- O que é a tristeza?
- Quase sempre a tristeza não existe.
- O que existe?
- A pressa de ser feliz.

*

É fundamental haver bordas. Como saberíamos sem elas que algo estava a transbordar? As coisas nunca são só coisas. Os empregos nunca são só empregos. A verdade é que acabei de ser despedido. A gerente do supermercado diz que não tem culpa, que tem de ser assim, que não pode receber queixas todos os dias dos meus bilhetes e fazer de conta que não vê. Fazemos de conta tanta coisa mas nunca nos permitimos fazer de conta que não vemos o que só faz mal, é isso? Entendo-a, não vejo como não a entender. Não faz muito sentido ter clientes a queixarem-se de palavras bonitas nos seus sacos de compras. O último foi a gota de água, fez um escândalo, quis bater-me. Tudo porque quis bater-lhe no tédio. Somos tão apegados ao que nos impede de ser felizes, não somos?

*

- Se pudesse levava-te comigo até à infância.
- Para quê?
- Quero que sejas o meu primeiro amor.

*

A vida vale pelo que não pedimos, não é? Hoje vi-me ao espelho, já não via há muito. Vejo-me como se estivesse a ver uma janela panorâmica no meio de um muro. Falo para mim para dizer-me o que me sinto, sem meias-

palavras, sem porquês. Precisamos frequentemente de quem nos diga o que não pode explicar, não é? Aquilo que não necessita de uma explicação consegue chegar mais longe, vai mais leve, percorre mais caminho dentro de nós. Quando me olhei ao espelho de repente soube que era eu só pela forma como a velhice vai chegando até mim. Vamos ficando caricaturas de nós mesmos, não é? A idade acentua o que temos de mais gravado, vai vincando ainda mais, como uma peça de roupa cada vez mais pautada onde se dobra, nos joelhos, nos cotovelos. É pelo estado dos joelhos e dos cotovelos que se sabe a vida toda de uma pessoa, o que teve de rastejar para chegar onde está, o que teve de rastejar para nem assim conseguir chegar onde queria. Somos o que os nossos joelhos e os nossos cotovelos dizem de nós. A partir de agora só me apaixonarei pelo corpo. Só vou querer os outros pelo seu corpo. Serei superficial a esse ponto. A partir de agora só amarei quem tiver os cotovelos e os joelhos dos meus sonhos. Amo a maneira como os teus joelhos me tiram do sério, que tal isto como declaração de amor?

*

— A pessoa sábia quer aprender.

— E os outros?

— Querem ensinar.

— Obrigado. Já aprendi mais qualquer coisa.

*

Coragem é terminar o que ninguém começou, entende-se? Sinto-me constantemente a puxar uma carroça na qual ninguém anda, e nem assim me sinto menos motivado para puxá-la. Estou desempregado porque quis espalhar poesia pelo pequeno mundo que se cruzava com o meu, porque quis trazer as lágrimas às pessoas que pensei que mais necessitavam delas. Não

tenho outra vez onde cair morto, e, pior do que isso, não tenho onde viver. O senhorio já me deu o aviso. Tenho dez dias para sair do apartamento onde fui feliz à minha maneira. Às vezes ser feliz à nossa maneira não é lá muito feliz, é? Ser burro tem uma vantagem imensa: só é doloroso para quem não o é, para quem consegue vê-lo. O burro em si mesmo está feliz, não sabe que o é, vive feliz na sua estupidez, sortudo. O problema da água é que não sabe nadar, entendem? Resistimos mal a nós mesmos. Estou de novo sem ter um tecto. É para isso, para nos dar um tecto sempre que precisamos dele, que servem as mães, não é?

*

— Desde que sou solitário só estou com alguém por amor.

— E antes era por quê?

— Por companhia.

*

A presença dos outros deve ser usada com cuidado. Há quem a use para não perceber a sua própria ausência, não há? Habituo-me a estar sozinho. É sozinho que fico o dia todo. Vivo com o Zé Pedro e a minha mãe, mas estou muitas horas sozinho, eles vão trabalhar, depois vão namorar. Fico a olhar para o que sou à procura do que posso ser. Para quem vê de fora pode dizer-se que tenho uma vida triste. Não o vejo assim. Conheço-me muito melhor no final de cada dia. Sou capaz de saber o que jamais voltarei a permitir, o que de certeza não voltarei a tentar. Estou à procura de emprego, claro, tenho de estar. Parece que ganhar a vida é ganhar dinheiro, não sei de onde veio essa associação entre duas coisas tão diferentes. Enquanto não tenho emprego tenho-me a mim. O autoconhecimento de cada dia nos dai hoje, que tal isto como oração matinal?

*

— Sabes porque não aprendes com os teus erros?

— Quais erros?

— Porque estás sempre a negá-los.

*

Quem engana é sempre a vítima, não é? A verdade tende a ser um acto de heroísmo, estamos todos metidos numa estrutura de embuste universal, de subsistência ecuménica. Dizer a verdade é um acto de rebelião? O Zé Pedro tem uma conversa aberta comigo, como há muito não tinha. Diz-me que se sente feliz porque não toca na ferida, porque aprendeu a olhar para o lado certo do acidente. Queremos fazer da fuga a única forma de superação. Como se quem se desvia do buraco estivesse com isso a tapá-lo. Não está. Não é por não cairmos no buraco que ele deixa de existir. Continua lá, vai continuar lá, vai estar sempre lá. Todos os dias vai fazer vítimas. Sentimo-nos confortáveis com as quedas dos outros, com as dores dos outros, é isso? A minha mãe chega, a conversa acaba, a fuga dele começa. Ela tem uma estranha forma de o querer. Nunca a vi demonstrar que o ama, nem sequer que ele existe para ela, quanto mais. Vemos o que amamos, já viram?

68.

— Já dependi dos outros para ser feliz.

— E agora?

— Agora só dependo do *whisky*.

*

Não dependo nada, só quero fazer rir a minha mãe, e fiz. O que magoa fica tão bem num poema, não fica? Ando a pechimperar pouco, tenho de o confessar. Estou a pensar nisso quando o telefone toca, não conheço o número, deve ser algo pouco interessante, aposto. Não é. É um homem que me diz que adorou a minha ideia dos bilhetes distribuídos no supermercado, diz que ia àquele supermercado só para receber um bilhete. Depois de ter o seu pediu aos filhos, à mãe, ao pai, aos tios, até aos amigos mais afastados ou simples conhecidos, para ir lá, para fazer uma colecção cada vez maior dos meus bilhetes. Revela-me que tem mais de vinte mensagens minhas lá por casa, adora cada uma delas. Agradece-me muito, pede-me desculpa por estar a incomodar, mas que não podia deixar de me ligar para me dar os parabéns e para me lançar um desafio profissional que pode parecer maluco mas é real. Ainda não sei o que é, mas se pode parecer maluco e é real só tenho é de aceitar, não tenho?

*

— Poderia morrer por ti.

— Porquê?

— Porque me fazes sentir vivo.

*

Quando sentimos os olhos a hesitar chama-se amor, não chama? Eu e o homem que me ligou estamos frente a frente, quis contar-me pessoalmente qual era o desafio, para ver como eu reagia, para sentir como eu estava a sentir o que me ia dizendo. Fiquei com algum medo, sabe-se lá quem é esta gente que não conhecemos, não é? Ao longe somos todos criaturas estranhas, ou boas pessoas, depende do nosso estado de espírito. Ver o mundo de fora, o movimento do mundo, é como entrar num grande recinto musical e não saber se vamos assistir a uma ópera ou a um *rap*, ou a um samba, ou a um desfile de Carnaval, ou uma noite do Dia das Bruxas. O mundo é o que somos quando o olhamos, é isso? O homem olha-me nos olhos, faz um ar sério, conta-me que é um empresário de relativo sucesso, e quando diz relativo diz que tenta não substituir Relativo por Muito apenas para não parecer demasiado emproado, conta ainda que quando começou a ver os meus bilhetes e o impacto que tinham nele e nas pessoas que ia mandando ao supermercado só via uma ideia a ficar cada vez mais clara. Na próxima frase vai dizer-me qual é a ideia. Conseguem aguentar mais uns segundos?

*

— Acho que és egoísta.

— Porquê?

— Não respeitas o meu egoísmo.

*

Somos todos egoístas mas o egoísmo de uns faz bem ao de outros. Liberdade é estarmos onde queremos, não onde nos mandam. Vou estar onde quero. O homem acabou de dizer que o que quer mesmo é abrir um negócio de mensagens, um negócio de envio de bilhetes, mensagens, e-mails, cartas, seja o que for. Quer que as pessoas digam o que sentem, quer que as pessoas

possam saber dizer exactamente o que querem dizer a quem querem dizer, que não deve ser a linguística a impedir o amor, que não deve ser a menor capacidade de escrita a impedir o amor, que não deve ser até a falta de coragem a impedir o amor, que quem não sabe escrever bem vai ter este serviço, que quem não tem coragem para enviar uma mensagem directa vai ter o nosso serviço a deixá-las às escondidas onde for necessário. Chegou o tempo de espalhar o amor, diz-me, o amor que não tem de ser o amor romântico, pode ser o do pai que não fala há anos com o filho, pode ser o do amigo que não fala há anos com o amigo, pode ser o do amor adolescente que já não vê o seu amor de sempre há décadas. Chegou o tempo de espalhar o amor, vens comigo, pergunta-me, e o que acham que eu respondi, digam lá, digam.

*

— Gosto de questionar tudo.

— Porquê?

— Porque perguntas isso?

*

É fundamental trazer algum distúrbio ao básico. Faço as perguntas que mais me inquietam para obter as respostas que mais podem aquietar-me. É claro que aceitei, é claro que já estamos aqui os dois a desenhar o projecto, traço a traço. Onde será a sede, como funcionará, de que equipa necessitaremos. Eu serei o escritor de tudo, pelo menos enquanto o volume de textos deixar. Depois poderei contratar outros escritores para espalharem o amor comigo. Teremos uma equipa comercial a espalhar a nossa palavra, teremos anúncios televisivos, anúncios por todo o lado nos *outdoors*, teremos entrevistas em programas, em revistas, em jornais. Toda a gente vai saber que

o amor agora tem uma empresa ao seu serviço. Eu sei que a empresa tem de ganhar dinheiro mas se ganhar lágrimas já me sinto um empresário de sucesso, estou assim tão errado? Vejo agora que ainda não sei qual será o meu salário. Vejo no final do mês, que se lixe.

*

— Escuta o coração.

— Porquê?

— Bate sempre certo.

*

Sonhar é a melhor maneira de olhar, não é? Acabei assim a primeira carta que escrevi. É de um filho que está a milhares de quilómetros do pai viúvo, de um filho que só sonha com o momento em que vai voltar a ver o pai, que só sonha com o momento em que vai ter condições, ganhar dinheiro suficiente, para trazer o pai de regresso à sua casa, ao seu país. O que o filho mais teme é o que não podia escrever mas que tinha de estar lá, no subtexto, no que se sente mesmo que não esteja nas palavras, o que o filho mais teme é que o pai morra antes do sonho. Ninguém suporta a possibilidade de morrer antes do sonho, suporta? Tenho um emprego e choro todos os dias com ele. Coisa linda, a felicidade.

69.

- Estou cansado de tentar.
- Tens de aprender a desistir.
- Não. Tenho de aprender a descansar.

*

São os tolos que mudam o mundo? Espero que sim. Os tolos não esquecem as pequenas alegrias, é delas que se faz a grande felicidade e eles sabem. Os tolos não ficam loucos por quererem adiar a dor, fugir dela. Estou a tentar ser cada vez mais tolo, passo os dias a escrever tolices, bilhetes que as pessoas espalham, mensagens variadas para pessoas variadas, até canções já escrevi e cantei para que um casal pudesse dizer-se como se quer, como se gosta, como se deseja. A arte serve para dizermos quem somos, e com isso podemos muito bem estar a dizer o que os outros, os que recebem essa arte, também são. O negócio corre bem, temos muitos clientes, temos muitas lágrimas, todos os dias recebemos os parabéns de quem escolhe o nosso serviço, de quem encontrou no nosso serviço muito mais do que um serviço. Não é o cliente que tem sempre razão, são as lágrimas dele. Uma empresa de sucesso não precisa de um marketing qualquer, precisa de amarketing, entendem? Um marketing de amor, de envolvimento, de chamar o cliente para os nossos braços. Acho que a felicidade é a arte da provocação. Um cliente emocionado é um cliente satisfeito, não é?

*

- A ciência existe para que ninguém morra sem motivo.
- E o amor?
- Para que ninguém viva sem motivo.

*

Porque insistimos em fazer a autópsia da tristeza, sabem? Temos de abrir a vida como se abre um beijo, como a lágrima nos abre a coragem. Escrevo estas palavras em mais uma mensagem, sou todas estas palavras, sou tão feliz a ser estas vidas todas, tão feliz. Chega a minha mãe, diz-me que tem saudades minhas, dá-me um abraço, sinto que não está bem. Não digo nada, deixo que ela aos poucos avance no que a magoa, no que a faz do nada vir aqui, à minha casa nova, no meio de um turno lá no supermercado. Começa por chorar, o melhor dos começos, não vejo melhor maneira de chegar a qualquer destino, qualquer um começa assim, no instante em que temos a coragem da lágrima. Não conseguiu ainda articular uma palavra, só soluça, só liberta. As palavras são fundamentais mas só depois da libertação. Antes estão a ganhar forma, a ganhar a sintaxe que a emoção não deixa formar antes. Não é quem não sabe linguística que não sabe falar, é quem não sabe amar, escrevam lá isso, ó teóricos da treta.

*

— Esquece o GPS.

— Porquê?

— Vai tirar-te da rota.

*

Não quero saber da anatomia da dor. Quero antes sentir que somos feitos também dela, e não tem mal nenhum. A minha mãe está frustrada com o que a vida lhe deu. Não conseguiu o sonho, teve tantos, tantos, nenhum chegou. Quer parar de sonhar, que ideia pateta, mas normal. Todos temos o direito de às vezes atirmos a toalha ao chão, há até alturas em que desistir é um acto de coragem, só um cobarde não desiste do que o magoa, não é? A minha mãe

deitada no meu colo, é a minha filha agora. Somos todos filhos uns dos outros, não somos? Amar é ser filho e pai de alguém, é ser a dor e a alegria do outro, se lhe dói dói-nos, se está feliz alegra-nos, se tem medo tememos, se está doente adoecemos. Somos todos uns dos outros, somos todos de todos, somos todos todos. Já há muito que a minha mãe não estava assim, já há muito que a minha mãe não era a minha filha. Deixo-a pousar em mim, pousar em si. Quando estiver pronta para falar estará pronta para se levantar. Tens tempo, mãe. Quantas tristezas se poupariam, ou pelo menos durariam menos tempo, se houvesse sempre quem nos desse tempo para sair delas, sabem?

*

— Vou deixar de ser infeliz.

— Isso não é uma decisão só tua.

— Mas não ser estúpida é.

*

Quando for velhinho quero dizer que vivi muito, chega? A minha mãe ouviu isto e gostou. Sentiu que sim, que apesar de tudo viveu muito, que apesar de tudo sentiu muito. Somos o que sentimos, já vos tinha dito? Digo outra vez, pouco me importa, há que repetir o que é para repetirmos sempre que a vida quiser fazer-nos esquecer-lo. Somos o que sentimos, somos o que sentimos. A minha mãe está de volta, lentamente vem a si, vem até à esperança de si. Não tem o emprego dos seus sonhos, não tem a casa dos seus sonhos, não sei se está feliz com o Zé Pedro, continua sem me falar nele, pergunto-lhe como está ele e ela não diz nada, sorri, condescende comigo, passa-me a mão pelo rosto. Não quer falar dele, nunca quis. Fala de si para falar dele. Estou sozinha, confessa. Ligo ao Zé Pedro, diz-me que não sabia

de nada, diz-me que está em casa, na casa deles, como sempre, como nunca deixou de estar. Não suspeitava de tanta infelicidade da minha mãe, da mulher que volta a dizer-me que ama. Há tanta infelicidade que passa por nós e da qual nós nem suspeitamos, não há? Olhamos para tanta gente mas vemos tão poucas pessoas, deixamos que passem, deixamos que tudo fique à superfície entre nós, perguntamos se está tudo bem e nem ligamos à resposta, só queremos seguir em frente, andar em frente, não olhar, não ver, não reparar, não sentir. Há quanto tempo não vês mesmo alguém?

*

— Não é a morte o que mais mata.

— Então?

— É a falta de motivos para viver.

*

A displicência é a morte dos pequeninos. Que animal é afinal o humano? Levo a minha mãe à porta, digo-lhe que o Zé Pedro a espera, que se não está bem tem de falar com ele, tem de o procurar. Ela volta a sorrir, volta a dizer que não tem nada que ver com ele, que está sozinha, que se sente sozinha, só isso. A solidão não é necessariamente uma coisa triste, só uma coisa solitária, mas nem é o caso dela. Se se sente sozinha é porque não está bem com quem está consigo, com quem lhe faz companhia. Quem nos ama tem de ser no mínimo uma boa companhia, não vos parece? Beijo-a na testa, exijo-lhe que me ligue quando chegar a casa, prometo-lhe que mais logo estarei lá, na casa deles, para jantar, e que quero a comidinha dela no meu prato. Sorri mais um pouco, abraça-me mais um pouco, chora mais um pouco. Vai daqui mais dona de si, com a mesma dor mas mais capaz de andar com ela entre os seus passos. Ninguém vive sem nada a doer, só há quem treine mais caminhar com

ela às costas. Já viram bem o valor que tem quem ainda assim consegue voar, já?

— Estou preocupado.

— Porquê?

— Não tenho tido grandes preocupações.

*

Quando não andamos preocupados o que andamos a fazer mal, têm uma ideia? Andava assim há alguns tempos, feliz, despreocupado, a escrever as minhas mensagens. Até que chegou o desassossego. Precisamos tanto do desassossego mas quando ele chega queremos tanto ficar em paz, que estranhos somos, não somos? Amo a mulher para a qual escrevo. Não a conheço, mas amo-a. É uma cliente habitual. Encomenda mensagens quase diárias para os que ama, o filho, a mãe, o marido. Faz tudo por e-mail, por telefone. Nunca a vi. Amo-a. Amo a maneira como ama, como quer, a maneira como me explica o que quer dizer, como me explica o que sente, o que quer sentir, o que não consegue deixar de sentir. Amo-a pelo que sente, mas mais ainda pelo que me faz sentir. Amo-a pela pureza do que entrega, pelas lágrimas que ouço cair quando me diz o que quer que eu escreva, quando se entrega toda a mim para depois eu a entregar a outros. Amo uma mulher que nunca vi, que não sei como é, que não imagino como seja, e amo-a porque mesmo assim a sei toda, inteirinha, como talvez mais ninguém a saiba. Amo-te pelo que amas, faz sentido?

*

— Não dependes de ninguém?

— No que depender de mim não.

*

Metade da felicidade da vida vem das janelas, não sabiam? Da dimensão delas, daquilo que conseguimos abrir no meio do fogo, ou do fumo, ou da névoa, ou da parede mais bruta que nos aparecer à frente, vem aquilo que nos faz pessoas. As pessoas são as que abrem janelas, as que não se assustam com as portas cerradas porque encontram sempre maneira de ver o céu, entendem? A minha mãe parece ter voltado a si. Almoço agora com ela, olho-a, sinto-a mais equilibrada, seja lá isso o que for, valha isso o que valer. O equilíbrio é banha da cobra? Às vezes penso que sim, que quem inventou o equilíbrio, e quem quer a todo o custo mantê-lo, quer apenas alimentar uma máquina imparável de mais-ou-menos, uma espécie de podridão mascarada, sabem? Acho que o equilíbrio dá jeito como dá jeito um monte de águas paradas. Dá para chapinhar, para brincar à vontade, mas é uma seca desmedida, não é? O mar sem ondas é só um lago salgado, uma banheira maior. A minha mãe está no meio dessa banheira, naquela fase em que ainda não percebeu que se demorar a sair de lá o máximo que vai ter é a pele seca, desnutrida. O equilíbrio seca-nos de nós, não seca?

*

— Porque não me perdoas?

— Para esconder as minhas falhas.

*

Tenho de pedir desculpa pelo meu pavor? Acho que só temos tempo para quem está feliz. Faço de conta que não perdoo a minha mãe, faço de conta que sou como as pessoas todas, se calhar até sou mas disfarço melhor. Ela veio pedir-me desculpa por me ter incomodado com a sua dor, já viram que parvoíce? Não lhe admito, como não me admito, ter vergonha do que a assusta. Temos medo de temer, de ter medos, e de precisar ainda assim

desesperadamente deles. Somos viciados no medo, no que nos interrompe a fala. Eu é que peço desculpa à minha mãe se de alguma forma a fiz sentir que teria de me pedir desculpa. Digo-lhe que a amo porque sofre, porque é uma pessoa. Nunca gostei do intocável, do impoluto, do sempre limpinho, do sempre arrumadinho. A fragilidade é um superpoder, o maior que temos, na verdade. Só nós a temos assim, complexa, profunda, intrincada, fascinante. Porque teimamos em querer amar o Hulk, porquê?

*

— Quanto medes?

— Dois mil livros.

— Mas não somos do tamanho dos livros que lemos.

— Nota-se que leste pouco.

*

Sermos felizes é sentirmos o lugar onde estamos, não o lugar onde gostaríamos mais de estar. Ler, sentir uma história num filme, numa peça de teatro, é olhar de novo para o que nunca olhámos, percebe-se? Olhamos para tudo mas às vezes precisamos de quem nos faça olhar de novo, com uma pitada de poesia pelo meio, com uma pitada de desconcerto pelo meio, com uma cor diferente aqui e ali. Valorizamos pouco a realidade porque não conseguimos deixar de vê-la à superfície. Há realidades, camadas de realidade, escondidas atrás da que vemos ao primeiro olhar. Será que não há amor à primeira vista porque não há profundidade à primeira vista? Não acredito. Acabei de ver a mulher que amo e que nunca tinha visto antes. Hoje veio aqui, diz que estava perto, que dava mais jeito do que telefonar. Diz ainda que no fundo até tinha curiosidade de saber quem era os braços dela, as mãos dela, quando queria dizer o que sentia. Amo-a, sei em segundos todos

os riscos do seu corpo, da sua cara, como se já a conhecesse desde sempre. contei em segundos todos os fios de cabelo que tem na cabeça, cento e cinquenta mil, contas por alto. Conheço-a há segundos e já a amo desde sempre, faz sentido?

*

— Adoro os teus pulmões.

— Porquê?

— Tens sempre fôlego para me soprar nas feridas.

*

É preciso um escravo para entender outro, não é? A minha mãe soprou-me tantas vezes nas feridas, agora sou eu, pelo menos nos últimos tempos tenho sido eu, a soprar nas dela. É aquele que se sente escravizado que escraviza o outro para se sentir mais livre? Sou um escravo orgulhoso de quem amo, aí deles se não forem meus também. Não tenho vergonha alguma disso, de os querer às minhas ordens como eu estou às ordens deles, é só assim que estou às minhas também. Quero o que eles querem porque é mesmo isso o que quero, como eles querem o que eu quero porque é mesmo isso o que querem, aí de quem ousar vir com falinhas ocas, com a bostinha do politicamente correcto, ah e tal não podes ser assim, ah e tal tens de ter equilíbrio. O equilíbrio pode muito bem encher-se de moscas, escrevam isso em grafites espalhados por todo o lado. Já disse e repito, fixem bem isto antes que eu perca a paciência: amar é estar aos pés de quem se ama, ali, mesmo aos pés, enxugar as lágrimas, lambe as feridas, acalmar os medos, chorar ao lado, em cima, por baixo, estar, estar sempre, submisso e mandão, dono e servo, ao mesmo tempo, nas mesmas doses, sempre que um precisa de um lado o outro está do outro, e é isso o amor, esse equilíbrio que não é equilíbrio nenhum,

uma balança que subverte a lógica toda, a matemática toda, uma balança que consegue pender ao mesmo tempo para os dois lados, como se houvesse um só peso, como se mesmo pendendo toda para um lado estivesse a pender para os dois, e está, e está. Mais uma vez, todas as vezes que forem necessárias. Amar é estar aos pés de quem se ama, haja o que houver. A não ser que um dos que ama cheire a chulé, aí já é um caso a rever, não é?

— O que mais queres?

— Continuar a querer.

*

Nunca aceitarei que o amor seja uma tortura, nunca. É a natureza ou são as pessoas a fazerem das pessoas coisas más? Quero, e quando quero quero desesperadamente, nem sei se existe outra forma de querer. Se houver é um semiquerer, um querer de loja barata, sabem? Nada contra o que é barato, mas às vezes o preço faz com que nos entreguemos mais. Olhamos mais para o que custa mais, não é? Temos de sentir que é difícil para sentirmos que é bom, talvez. Estou a desaprender-me porque amo esta mulher, a mulher dos bilhetes, sim. Temos de ser só uma pessoa, é isso? Desaprendo-me todos os dias, quando me lembro dela passo a ser outra pessoa, desaprendo tudo o que era para me programar de novo, inserir um novo *chip* para ver se lhe resisto, para ver se consigo resistir a fazer-lhe mal para a trazer para mim. Sou má pessoa, eu sei, mas não resisto. Não resisto. Sempre que ela me pede para escrever para o homem que ama eu tento não ser perfeito, tento até ser imperfeito, no outro dia até um erro ortográfico dei. Quero que ele perceba, que ele sinta que provavelmente não é tão amado assim, ou que provavelmente ela não é tão inteligente assim. Escrevo cartas de ciúme no meio das cartas de amor que ela lhe envia. Sou má pessoa, eu sei. A pior das pessoas que um dia fui. A maldade pode começar um amor, pode?

*

— Estou sempre em viagem.

— Para onde vais?

— Para ver a paisagem.

*

Fica mais em nós a rua onde rasgamos os joelhos do que a rua paradisíaca que custou tanto dinheiro para visitar, não fica? Estou todo rasgado. Tenho nojo de mim, tenho vergonha de mim. Sou uma criança má, ou nem uma criança sou. As crianças não fazem coisas assim, coisas tão diabólicas assim, pois não? Nem uma criança sou, nem um bocado de criança sou, que dor. Escrevo para o homem dela e não consigo fugir do instinto básico. Sou um animal, nada mais. Um animal que mata para ter o que quer, que não pensa no mal que faz, na corrupção que deixa para trás. Sou um animal, não sou? Quero matar o que ela ama para tentar que me coloque no lugar do que ama. Entretanto só destruo, só deito abaixo. A guerra pode começar um amor, pode?

*

— O amor é o que faz querer cortar os pulsos?

— Não, é o que costura as feridas.

*

Porque não se perdoam os loucos, sabem? Gostava de ser um desses, mas dos bons. Sou agora um louco dos maus, daqueles que usam a loucura, ou são usados pela loucura, para praticar o mal. Tenho em mim amor que me faz querer cortar os pulsos, o que é péssimo, e que pode vir a fazer quem amo também querer cortá-los, o que é horrível, o que é imperdoável, o que é intolerável. Não me tolero como sou, e sempre que tenho a oportunidade de deixar de o ser não resisto. Continuo. Não faço mais do que escrever sem controlar o que escrevo. As minhas mãos vão, o meu amor vai. Não se faz mal por amor, nunca. Tenho um amor doente, um amor que não faz bem ao mundo, um amor que só faz mal ao mundo, às pessoas. Queria ver-me livre

dele, continuar a minha vida, ser a pessoa sem amor que era antes. Antes sem amor do que com um amor venenoso, não? Fazemos tão mal uns aos outros pela maldita vontade de amar, que desgraça. Perdoa-se o imperdoável quando o imperdoável é feito por amor. Eu não. Não me perdoo. Mas continuo. Traio-me todos os dias. A traição pode começar um amor, pode?

*

— Quando te perguntam se vais ou ficas, o que dizes?

— Não digo nada.

— Porquê?

— Porque entretanto já fui.

*

É tão apaixonado o que dá o abraço como o que dá o veneno? Ganhei coragem, larguei o veneno, vou levá-lo a ela, vou levar-me a ela. Dizer-lhe quem sou, o que faço por querê-la tanto. Não espero que me compreenda, não espero que venha desta confissão algo que faça bem ao que a minha vida é, só espero, tenho a certeza de que será assim, que faça bem ao que sou, à minha relação comigo, à maneira como me olho. Temos de saber olhar-nos antes de sabermos viver. A vida tem de ser o reflexo de nós, a nossa continuidade depois do final do corpo. Descobri onde mora, não era difícil, bastou ir à ficha de cliente dela, vou dizer-lhe o que fiz e esperar que nunca mais queira nada comigo, nem olhar-me, nem ler-me. Terei mais nada dela mas terei de mim o respeito. Preciso de respeitar-me outra vez. Não quero ser o contrário de mim, sabem? Amar pode levar-nos para o oposto de nós, para o lado escuro da nossa luz. É atrás da grande luz que mais se nota a escuridão, já viram? Há quem cegue com ela, com a sua aparição repentina. Há que ir, ainda assim. A coragem pode começar um amor, pode?

*

— Aceito melhor os defeitos dos outros.

— Porquê?

— Porque lido melhor com os meus.

*

Há quem ande contra o vento e mesmo assim seja empurrado por ele, como é possível? Amar é essa indisciplina, essa lógica sem tecto. Bato à porta da casa dela, espero que alguém abra. Não sei o que está a acontecer, sinto que estou a viver sem memória, sabem? Ouço os passos dela a aproximarem-se. Vem aí. Estou pronto para ser olhado pelo desdém dela, pelo nojo dela, quando lhe disser o que vim aqui dizer. Estou pronto para ter a certeza de que nunca serei amado pela mulher que amo. Não espero isso, já não espero isso. Espero apenas que este seja o começo do perdão, simplesmente. É apenas isso que procuro, que comece hoje a perdoar-me. Eu e ela. Temos mesmo um diabo no meio dos anjos, não temos? Está nos meus olhos com os seus, a porta aberta. O perdão pode começar um amor, pode?

— Porque não caminhas como os outros?

— As minhas asas não me deixam.

*

Quem tem paciência para esperar pela onda sem entrar no mar? Assim que lançamos a âncora, já o mar parece forçar mais para nos levar dali. Assumi o erro, a maldade. Acho que a diferença entre os maus e os bons não é o que fazem, mas é a maneira como chegam ao depois do que fazem, não é? Os maus fazem o mal e depois continuam a fazer o mal mesmo que saibam que é o mal o que estão a fazer, os bons podem até fazer o mal mas um dia percebem que fizeram o mal e entregam-se todos para o corrigir, para o anular, para no mínimo o amenizar. Porque queremos tanto compreender o infinito? Conteí-lhe tudo, disse-lhe tudo, vi a cara dela a enegrecer, segundo a segundo a ficar mais escura, menos ela, mais medo, mais terror. Não acredita que se entregou, que se mostrou, a alguém tão terrível como ela pensa que eu sou agora. Podia estar tranquilo, escondido, como um criminoso depois do crime. Não sou capaz. Só quando não tenho a consciência pesada é que consigo voar, não é assim toda a gente?

*

— Perdeste-a?

— Não.

— Então?

— Nunca a tive.

*

Há amigos que representam uma fase da nossa vida, o Zé Pedro representa-me todo, em todas as fases, em todos os sentimentos. Acho que nunca gostei assim tanto do que é fácil, sabem? Só somos felizes quando não o sabemos. A conversa com ele tem de ser interrompida, sou necessário em qualquer lado. Era feliz com ela sem a ter. Agora não a tenho, deixei de a ter como cliente. Acho que não irei perder só isso, acho que a minha sinceridade vai tirar-me mais coisas da felicidade que eu sabia que tinha mas que não sabia que iria ser curta assim. Sou chamado ao escritório do dono da empresa, que hoje inesperadamente veio fazer uma visita. Está com cara de poucos amigos, de nenhuns amigos, na verdade. Diz-me que recebeu um telefonema. Está mais zangado ainda, a cada palavra que diz. Já imagino o que foi. Ela deve ter telefonado para aqui, deve ter contado tudo o que aconteceu, tudo o que fiz, a pessoa miserável que sou. Sou agora olhado dessa maneira, como se olha para um miserável, para um verme. Prefiro ser olhado como um verme pelo que sou do que como um herói pelo que não sou, e vocês?

*

— Somos o que lembramos.

— Mas somos também o que esquecemos.

— Não me esquecerei disso.

*

Não precisamos só de quem voe connosco, precisamos também de quem nos segure, não precisamos? Fui despedido, dificilmente o esquecerei. Sou de novo o desgraçado de sempre, o que nunca deixei de ser, acho que fui mais desgraçado quando aparentemente não o era mais do que agora, que toda a gente sabe e vê que o sou. É fácil ser da cor da pele, passar despercebido, ser sempre neutro, mas como é possível viver assim, sem um vislumbre sequer

do abismo? Estou na lama, respiro melhor aqui do que na hipocrisia, na ficção malcheirosa de quem nunca assume quem é. Não sei se voltarei a tocar pelas ruas, não sei se voltarei a procurar um emprego comum, uma vida comum. Não sei se conseguirei ser comum um dia. Há mesmo pessoas comuns?

*

— O que nos separa dos animais é a razão.

— E sobretudo a falta dela.

— Tens razão.

*

Nada é mais do que uma ocupação temporária da criatividade, uma apropriação da coragem. Há quem a use para o bem, há quem a use para o mal. Desta vez estou a trabalhar num armazém. Passo o dia sozinho a carregar caixas de um lado para o outro. Acho que é a melhor maneira de pensar, esta, deixar o corpo ocupado. Faço o trabalho em modo automático, por dentro escrevo livros, escrevo músicas, olho para mim. Tenho o dia todo para me inventar outra vez. Há pessoas e trabalhos que só existem para nos fazerem reformular quem somos, espaços de tempo para não perdermos mais tempo, para percebermos passo a passo que passos dar a seguir. Chegou mais um camião, mais umas centenas de caixas, daquelas bem pesadas. Deve dar para umas boas duas horas de Filosofia, não deve?

*

— O amor é uma aproximação à perfeição.

— Mas nunca conseguida.

— O amor é então um acto falhado, o que fica à porta da perfeição.

— Perfeito.

*

Acho que quem nunca perdeu a razão perdeu a vida, ou está a perdê-la, devagar, como a circulação lenta do veneno no sangue. Temos de aprofundar a fuga, é isso. A paixão aparece a todos, o amor só a alguns. O Zé Pedro veio almoçar comigo aqui ao armazém. Já fomos tão felizes os dois e agora somos isto, dois adultos nitidamente distantes do que os realiza, sem paixão nenhuma pelo trabalho, sem o amor que sonharam ter. Em que ponto da nossa vida nos esquecemos da importância de pechimperar? Não o vejo apaixonado por nada, e eu sei que não estou. Estou ainda assim melhor, não tenho ninguém comigo, não estou a fazer de conta que amo alguém, que quero alguém. O fundamental acto de humanidade é só estarmos com quem queremos estar, não é? Nessas coisas não gosto de ser a excepção, de ser a mancha. O básico existe para isso, para ser básico, para ser basilar. Quero basicamente ter a certeza de que não magoo ninguém de propósito, serei a regra ou a excepção?

— Ganho sempre.

— Que tristeza.

*

Um vencedor crónico é um sofredor crónico, não é? Nada no mar calmo ensina alguém a ser um bom marinheiro. Tenho medo da vitória, assumo. Não tenho ganho muito, também é verdade. O que fica depois de uma vitória solitária é a certeza de que perder é mais do que um momento, é um estado de espírito, uma sensação, uma perspectiva. Há alguma coisa no que sentimos que não seja uma simples perspectiva? O Zé Pedro chamou-me aqui, ao canto que era o nosso no recreio da Secundária. Sempre que me chama aqui é porque algo sério está para acontecer, é porque algo sério tem para me dizer. Escolhemos lugares estratégicos para fazer doer, é isso? Nada no lugar onde estamos quando nos magoam nos ameniza a dor. Não há relatos de alguém que, por ser esfaqueado junto ao mar, tenha sentido menos o esfaqueamento do que alguém que foi esfaqueado numa esquina esconsa e pútrida. Acho que os lugares não existem, e esta? Acho que vivemos em nós, no espaço que interiormente reservamos para o que somos. Podemos ter uma mansão de sonho e viver num beco, não podemos?

*

— Preciso urgentemente de uma distracção.

— Para quê?

— Tenho de arrancar a raiz.

*

Desde quando nos tornamos em máquinas infernais de fabricar adultos? Gosto de viver entre a poesia e a loucura, entre a magia e o rigor. O Zé Pedro também, por isso está perdido. Chamou-me aqui para me dizer que não quer esta vida, que não suporta mais esta vida. Conta-me da tentativa constante que está a fazer, que todos os dias faz. Queria mesmo amar a tua mãe, diz-me, como se estivesse a tentar provar-me que não faz por mal, que não é por falta de tentativa que há falta de amor. Passa alguém ao lado, um miúdo qualquer da escola. Sorri, pergunta-me o que estou ali a fazer sozinho, de certeza que não vê, do sítio onde está, o Zé Pedro. É nisso que o sítio onde estamos é importante. Vemos o que dele se vê, e a vida é diferente de acordo com o sítio de onde a vemos. Já vos tinha dito que quase tudo o que sentimos é uma questão de perspectiva?

*

- A felicidade é uma questão de *timing*.
- Ainda bem que chegaste a tempo de me avisar.
- Então pira-te, vá.

*

Viver bem é, muitas vezes, destruir bem, não é? A qualidade de uma construção depende da qualidade da destruição que a precede, da ausência de misericórdia que a precede. Nenhum lugar em obras é belo. O Zé Pedro pede-me autorização para destruir o edifício minimalista que havia construído com a minha mãe, no fundo é isso. Espera certamente que eu me oponha, que tente de alguma maneira fazê-lo tentar de novo. Não faço nada disso. Não vale a pena curar doenças dos mortos, vale? O que tinham acabou como era, vai recomeçar como tem de ser. Não tenho dúvidas de que serão amigos, de que poderão continuar a ser pessoas um para o outro. Só não poderão ser as

peessoas um do outro. Abro um sorriso, daqueles bem grandes, digo-lhe que vá em frente, que tenha coragem de acabar com o que o faz infeliz. Sinto-lhe o alívio. Está livre para se aproximar mais daquele que quer ser. Não conheço liberdade maior do que essa, conhecem?

*

— Antes da inteligência havia amor.

— E depois?

— Não estou certo de que haverá.

— Que burrice.

*

Saltar é só um voo que passa, já viram? Tenho voado algumas vezes. Continuarei a fazê-lo. Por agora voo neste armazém, no meio das caixas que carrego como se carregasse a esperança. Acho que pechimperar é carregar caixas de esperança de um lado para o outro, levá-las para todo o lado onde for. Na falta de esperança acredito que nunca serei adulto, por mais que já o tenha sido, por mais que às vezes apeteça tanto sê-lo. É fácil ser adulto, e os adultos acham que fazem uma grande coisa naquilo que fazem. Não fazem. Ser adulto é o mais simples, é olhar com seriedade para o que é sério, olhar com desesperança para o que é triste, ver o céu cinzento quando está cinzento, ver o sangue a escorrer quando está a doer. Ser adulto é uma lição de realismo e não há nada mais fácil do que a realidade, já viram? A realidade é, está lá, nada temos de fazer, nada temos de suar, para ela lá estar. Ela simplesmente está. Uma criança, essa, tem um trabalho muito mais exigente. Tem de ver numa caixa uma torre moderna, tem de ver num carro de brincar estragado um superbólido, tem de ver na casa fechada em que brinca o dia

todo um parque de diversões. Qualquer preguiçoso é adulto, mas só uma pessoa dedicada e sem medo de colocar mãos à obra é criança, não é?

*

— Sabes qual é a língua que a cobardia fala melhor?

— ...

— O silêncio.

*

Somos incapazes de nós mesmos? Hoje veio a minha mãe almoçar comigo e nada diz sobre o Zé Pedro, sobre o final daquilo que os fazia um casal. Fala de coisas diversas, de motivos para não falar dele, certamente. Precisamos de um tempo para entrarmos pela dor adentro, para podermos partilhá-la com alguém, não precisamos? Os assuntos que não mexem connosco servem para isso mesmo, para não mexer connosco, para nos fazer caminhar por eles enquanto ganhamos fôlego para os outros, para os que custam, para os que nos fazem chorar, dançar, rir, sentir, ser. A vida também precisa do que não serve para nada, até tenho mesmo dúvidas sobre se não será o que não serve para nada o mais importante da vida. Toda a gente olha para a carroçaria sedutora de um carro topo de gama, mas o que seria dele sem os parafusos insignificantes que lhe juntam as peças?

— Como é que gostas de adormecer?

— Feliz.

*

Há uma estupidez que é estratégica, sabem? A felicidade também depende da capacidade que, em alguns momentos, temos de ter para olharmos para o lado do que dói, perceber que ali até está tudo bem, que não há ferida nenhuma, deitar sobre a certeza, que sabemos que é falsa, de que afinal está tudo bem. Não está. Não está tudo bem. A minha mãe sabe-o, eu sei-o. Nenhum de nós falou nisso. O Zé Pedro, esse, fala de tudo, ou pelo menos quer falar de tudo. Não me apetece nada sério hoje. Estou cansado das caixas do armazém, hoje foram ainda mais do que o costume, preciso é de pechimperar um pouco. Pergunto-lhe se quer, por exemplo, ir tocar às campainhas todas dos vizinhos e depois fugir a correr. Ele ri-se. As grandes ideias são assim, ainda não aconteceu o que está nelas e já estamos felizes só de pensar que vão acontecer. Colocamos as sapatilhas mais velozes que temos, aquelas levezinhas que usamos para jogar à bola no campo do bairro, e aí vamos nós. Se por acaso algum de vocês morar aqui perto, peço desde já desculpa pelo incómodo, sim?

*

— O que queres fazer profissionalmente?

— Chorar.

*

O meu grande sonho é sonhar, pode ser? Antes do sonho, e depois do sonho, e até antes do sonho, está a lágrima. Tem de estar, já disse tantas vezes, tem de estar, tem de estar. A minha ideia deu para o torto, e foi por

isso que tudo deu certo. Tocámos a uma campainha, depois a outra, e quando íamos tocar à terceira o dono da casa viu o que íamos fazer, e mal nos viu começou a chorar. É claro que parámos. Explicámos o que íamos fazer. Em poucos segundos já estava ao nosso lado, com as sapatilhas mais velozes que tinha, a tocar à campainha dos vizinhos. Deixámo-lo há pouco em casa. Chorou que nem um louco, riu-se que nem um louco. Não sabemos nada dele, sabemos que por alguns minutos foi livre, foi ele próprio, regressou à infância para não se lembrar do que quer que o ser adulto estava a fazer-lhe de mal. Quando sentirem que dói de mais, quando sentirem que estão a viver o que nenhum adulto consegue suportar, regressem à infância, retornem ao começo, à descoberta primordial. Quando sentirem que dói de mais, não desistam da vida; desistam de ser adultos. Vão ver que a dor passa, garanto.

*

— Ver gravidade em tudo é perigoso.

— Porquê?

— Estamos sempre a cair.

*

O melhor romantismo é o negro, o que traz a sombra para trazer ainda mais forte, ainda mais luminosa, a luz que a antecede. O que é grave é sério, mas o que é sério não tem de ser grave, só tem de ser sério. Brinco com tudo o que posso, sobretudo com o que não posso. Brinquei com cada momento que me apareceu, já perdi amores, já perdi sonhos. Continuo eu, cada vez mais junto ao que quero ser, ao que em pequeno queria ser. Não tenho o emprego com que muitos sonham, talvez até ninguém sonhe em ser um dia empregado de armazém, mas tenho, nele, a possibilidade de sonhar. Um emprego de sonho não pode ser aquele que nos dá oportunidade de sonhar nele? Vou sair agora,

mais tarde uns dez minutos da hora habitual, apeteceu-me ficar a sonhar mais um pouco. Deitei-me nas caixas mais fofinhas, fiquei a olhar para o tecto sujo e feio da fábrica. Fui interrompido pelo barulho do meu telefone, que deixo sempre guardado num cacifo à saída. Estou com ele na mão, vejo que a chamada é de um número que desconheço, não aguento a curiosidade, vou ligar. Como é que há gente sem curiosidade, como é que há vida sem curiosidade, sabem? Quando atendem, desligo instintivamente a chamada. Não acredito. Estou a tremer por todo o lado. Não pode ser. A voz não pode ser a de quem eu estou a pensar que é. Ganho coragem, respiro fundo. Ligo de novo. A voz atende, a mesma voz atende. Desligo outra vez. É. É mesmo a voz que me pareceu que era. Não sei se salto se choro. Faço as duas coisas ao mesmo tempo. Vou ligar. Vou ligar e desta vez vou falar. Deixem só os meus dedos pararem de tremer para eu conseguir acertar nas teclas certas, sim?

*

— O caminho faz-se caminhando.

— Faz nada.

— Então, como se faz?

— Aman*

*

Se continuarmos a ser pessimistas um dia vamos estar certos, certo? O mesmo se aplica ao optimismo. Foi isso o que apesar de tudo fui. Fui optimista e aconteceu. Está a acontecer. A mulher das cartas, a mulher que fez com que eu fosse despedido, está do outro lado desta linha que não existe, de telefone na mão, a dizer-me o que nunca pensei ouvir, o que nem nos meus melhores sonhos, os que sonhei há minutos deitado nas caixas do armazém, consegui imaginar. Diz-me que não consegue viver sem caminhar

pelo amor, pelas palavras do amor. Confessa que não é capaz de viver sem as minhas palavras, o que para mim, com todo o optimismo de que falava ainda agora, quer dizer que não consegue viver sem mim. Há liberdade sem amor? Pode parecer especulativo, até é, até é bastante especulativo. O que não é especulativo é o que ela me pede. Há amor sem liberdade? Queres escrever só para mim, pergunta. Digo que vou pensar, faço a voz mais séria que consigo. O que pretendo é apenas desligar a chamada. Para chorar, claro, o que mais poderia ser?

*

— Agora sim: sou um intelectual genial.

— Porquê?

— Uso óculos grossos.

*

Viver exige oxigénio mas também exige talento. A felicidade exige um espanto que não passa, um cansaço a que nunca podemos acomodar-nos. Acho que devemos ocupar-nos com isso, com aquilo que somos, e já é tanta ocupação, não é? Continuo a trabalhar no armazém mas agora uso óculos e pareço um crítico literário, bem sério, bem chato. Tenho ainda um novo *part-time*, que para mim é o emprego principal. Passo o dia inteiro a pensar nele, escrevo em cada intervalo. Ela pede um texto por dia, ou quase. Está a escrever a todos os que conhece, suspeito que esteja até a escrever a quem não conhece. Nos meus sonhos só está a escrever a tanta gente para poder estar comigo, nem que seja por palavras, e no começo somos todos palavras, ou não? Acho que a vida é maior quando amamos assim, o tamanho do mundo é o tamanho do que temos para amar. O meu desde que ela voltou não cabe em mim, por isso cai para fora, vem para os outros em forma de uma

dança, de uma música. Ainda agora cantei no metro e ainda ganhei uns trocos das pessoas que iam na mesma carruagem que eu. Estou feliz e acredito que a minha felicidade pode fazer alguém feliz. Pode ser ela, pode, por favor?

— Não quero uma relação séria.

— Então o que queres?

— Uma relação saudável.

*

A fragilidade é um superpoder, já tinha dito, não já? O Zé Pedro está sem alguém para amar, está bem. Gosta de estar apaixonado mas também gosta de estar só consigo. É o que percebo ao ouvi-lo. Desconfio que vai começar outra vez com aquelas seduções nocturnas que são mais hilariantes do que eficazes. Para que tentamos tanto a eficácia se é no hilariante que está o que nos faz felizes, conseguem saber? O pior inferno não é o do tormento, é o da arrumação permanente. A euforia vem do que nos desordena, já viram? Não acho que alguém que nunca perdeu a ordem tenha algum dia sido verdadeiramente feliz. Estamos os dois a falar de amor neste restaurante muito frequentado, os homens à volta olham-nos como se fôssemos seres de outro planeta, onde é que já se viu dois homens a falarem de amor? Ainda temos de ser intocáveis para sermos homens? Até nem desgosto de carros e de futebol, mas gosto mais de amor, parece-me evidente.

*

— O amor não procura algo novo.

— Então?

— Só reconhece o que lhe falta.

*

O medo leva-nos outra vez à infância, aos monstros debaixo da cama. Precisamos deles para saber onde está a coragem, já viram? Tenho orgulho

nos homens deste restaurante. Aos poucos foram ouvindo mais e mais a nossa conversa, foram-se chegando, perceberam que estavam perante dois especialistas em coisa nenhuma, mas que não tinham medo de falar dessa coisa nenhuma. De maneira que o que temos agora é eu e o Zé Pedro, embora esta malta insista em só me fazer perguntas a mim, a respondermos a todas as questões que estes homens vão colocando: os medos que têm, as ansiedades que têm. Acho que só precisam de chorar, nada mais, há muitas alturas em que só precisamos de chorar, nada mais. Peço para fazerem uma fila, fazem, vão chegando até mim a fazer as suas perguntas. Sinto-me um verdadeiro profissional das lágrimas, estou finalmente a viver o meu sonho, já me aplaudiram como mereço?

*

— Amá-la pesa muito em mim.

— E isso é mau?

— Não. É isso o que me carrega.

*

A história não se faz dos que tiveram razão, mas sim dos que tiveram paixão. Este homem, um dos últimos da fila, entregou-se todo ao que ama, nunca o disse, nunca o verbalizou e pensou que por isso nunca aconteceu. Precisamos das palavras para dar realidade ao que sem elas já é real, será? Mas entregou-se. Foi, e é, o que ama, a paixão que tem. Tem numa mulher, a sua, aquilo que o carrega às costas, e sente-se abatido porque nunca teve a coragem de o assumir para si e muito menos para ela. Pergunta-me se ela será infeliz por ele nunca o ter dito, por nunca ter ouvido as palavras que ele desesperadamente sente. Respondo-lhe que não, que não será infeliz mas que poderá, se ele as disser, ser muito mais feliz do que aquilo que é. A grande

vantagem da vida é poder sempre ser mais feliz do que aquilo que é, já viram que sorte?

*

— Sou genial.

— Não sabia.

— Os burros não o sabem.

*

Que sorte não ouvirem os meus pensamentos, livra. Deve ter sido mesmo pelos meus óculos que estes homens todos viram em mim o sábio que poderia ajudá-los. Ajudei, não tenho dúvidas. Quem nos ouve, quem nos procura de verdade, ajuda-nos sempre. Acho que precisamos periodicamente de quem nos mostre quem somos, e só sabemos quem somos quando há alguém para nos dar o ricochete daquilo que dizemos. Não é dar-nos resposta, é dar-nos ricochete, é servir-nos de parede que devolve todas as bolas. Crescer é passar muito tempo a jogar contra a parede, de nós para nós, por muito que tenhamos alguém ao nosso lado. Há um lado belo no egoísmo partilhado, não há? É pelo nosso bem que quando amamos fazemos tudo pelo bem do outro. Quando o amor é inteiro, trocamos o nosso bem pelo bem do outro, e nem assim deixamos de estar a colocar o nosso bem em primeiro lugar, entende-se ou é uma confusão danada?

*

— Tem pena de mim.

— Como?

— Esbofeteia-me suavemente.

*

Fico feliz com a felicidade dos outros para ficar eu feliz também. É essa a forma infalível de estar sempre feliz, não é? O conflito alimenta tanta gente, até boa gente, que estranho. O último homem da fila pede-me que lhe bata na cara, sente que tem falhado com quem ama e que a única maneira de se sentir mais ou menos castigado é assim. Acho que o castigo foi inventado por alguém que queria castigar-se a si próprio, será? Não é castigando o que fizemos mal que o curamos, que o diminuímos, é fazendo o bem, é criando o contrário do que fez mal. Digo-lhe para ir, para correr, agora mesmo, para pensar em tudo aquilo que pode fazer feliz quem ama e para o fazer, já, sem pensar muito, sem medir muito. Medimos de mais o que não tem tamanho em nós, o que nem sequer cabe em nós. Quando sabemos o que nos faz felizes só temos é de o fazer, sem pensar, sem querer saber se vamos conseguir ou não, se vamos espetar-nos contra um muro ou não. Se sabemos o que nos faz felizes e se o que nos faz felizes não faz mais alguém infeliz, então só temos é de ir, não temos de pensar, não temos de calcular. Só temos de ir, ir. Por falar nisso, o que é que estão aí ainda a fazer? Vão, vão.

— Quero os sapatos que menos se agarrem ao chão.

— Porquê?

— Quero cair em tentação.

*

Coragem é corrermos no sentido do que tememos, não vos parece? O pior dos sonhos é não serem reais, o melhor também. Escolho na sapataria o calçado que vou levar para o meu primeiro dia de trabalho, o primeiro dia no meu novo trabalho. A mulher que eu amo e que gostava que me amasse de volta contratou-me, papel assinado e tudo, só para escrever para ela. Quer mais e mais textos meus o dia todo, alguns são para enviar aos que ama e até aos que não ama, os outros são só para ela ler. Diz-me o tema, fala-me do que quer dizer, do que quer sentir, e eu escrevo, escrevo sem parar, vou ficar sete horas por dia assim, a escrever o que ela quer, a ver a reacção dela quando o lê, quando as palavras lhe chegam aos ossos. Choro quando ela chora, rio quando ela ri, estou aqui para ser espectador do que ela sente, não conheço felicidade maior do que assistir na primeira fila, ou no próprio campo, ou no próprio palco, ao que quem amamos sente, e que por isso acabamos por sentir em nós ainda mais, alguém conhece?

*

— Passo a vida à procura de motivos.

— Não procures mais.

— Porquê?

— A vida é o motivo.

*

Há quem precise de sentir a tristeza só para ter algo para sentir, não há? Hoje é assim que ela está, o que obviamente significa que é assim que eu estou. Sente que não tem motivos para continuar, quer baixar os braços, quem nunca quis baixar os braços nunca na verdade os teve erguidos, tenho a certeza. Somos uma soma significativa de coisas insignificantes, não somos? Tudo o que lhe escrevi, desde que cheguei de manhã, foram textos para chorar melhor, para ficar triste até mais fundo, para entender até onde chega a escuridão com que acordou. Aqui e ali ainda tentei colocar um bocado de ironia, brincar com a tristeza, fazê-la entrar num pequeno samba no meio da ópera. Recusou sempre, pediu-me que pisasse mais, que precisava de entender qual era o final da dor. Pediu-me que começasse um novo texto, quer que este se inicie com a morte do marido dela, quer fechar os olhos e saber como seria, o que poderia sentir. Aviso-a de que isso seria entrar em grande na víscera da lágrima, ela pergunta-me se há outra maneira de entrar no que leva até às vísceras, acham que há?

*

— Pobre não é o que tem pouco.

— Então?

— É o que sente pouco.

— Não sabia.

— Sinto muito.

*

O que foi planeado raramente é inesquecível. A mulher que eu amo programou meticulosamente a felicidade que ia ter e quando viu que não a tem, que provavelmente nunca a terá, percebeu que lhe sobrou um espaço vazio que só ela habita, que só ela consegue habitar. Há dor mais idiota do

que a de morarmos sozinhos na mesma casa de alguém? Acabei de escrever o texto que ela me pediu, o marido nas palavras que saíram de mim já morreu, não digo que não tive um prazer especial ao escrevê-lo. Rapidamente choro com ela, está de rastos, dói-lhe tanto que nem aguentou ficar deitada na cama, teve de vir para o chão para rastejar como deve ser. Quero aproximar-me, dar-lhe carinho, protegê-la como posso. Pede-me para não ir, pede-me para começar já outro, um em que tudo comece com o primeiro dia dela depois de ele morrer. Estou a fazê-la sentir o que não sabe se terá coragem para sentir, a fazê-la viver o que não sabe se terá coragem para viver. A imaginação serve para criar mas também serve para aniquilar, já viram?

*

— Não somos só o que fazemos.

— Mas o que fazemos deve ser aquilo que somos.

— Não fazia ideia.

*

A vida magoa, aí dela se não magoar. Assumir a debilidade, a mais funda debilidade, é fazer da ferida uma casa. A mulher que eu amo não gostou do que sentiu com a realidade inventada que lhe deu a morte do marido, mas conseguiu depois, quando lhe dei a realidade inventada do que viveu nos dias seguintes, suportar razoavelmente cada uma das facas que lhe ia cravando no dorso. Quando queremos saber se aguentamos a destruição temos de visualizar imediatamente o acto da construção que se lhe segue, a criação desde o começo do alicerce até à telha final. Resistir à vida é preferir assistir ao projecto 3D da casa nova e não à ruína que a precede. Agradece-me, diz-me que já está na hora de terminar o meu dia de trabalho. Digo-lhe que não há problema, que se ela precisar de viver mais qualquer coisa estarei aqui

para lho dar. Recusa, pede-me que vá, que precisa de um pouco de realidade bruta ao final do dia. Ouço a chave a rodar na porta, é o marido que não sabe que já morreu hoje. Há tantas pessoas que chegam a casa hoje sem saberem que já morreram hoje, ou será que sabem?

*

— Nunca se sofre por amor.

— Então sofre-se por quê?

— Pela falta dele.

*

Infantil é não amar. O problema do mundo é o excesso de adultos. Esta adulta que eu amo quer abandonar o casamento que não é o seu, o que queria que fosse o seu mas nunca foi. Ainda não o fez, ainda não sabe se conseguirá fazê-lo. Só um adulto teme desistir do que não o faz feliz, não é? É tão básico, tão elementar, que custa entender qual é a dificuldade em entendê-lo, e mais ainda em fazê-lo. A criança se não está bem põe-se, fácil, fácil, não? Esta mulher que eu amo pode já não querer este homem que não é o que amou, mas talvez mesmo não sendo o homem que sempre amou pode ser ainda um homem que ama, que confusão, que farsa. Acho que a maturidade se adapta melhor à tristeza, ou à quase felicidade, ou à promessa vácuca de felicidade. A maturidade ama uma miragem, e ainda pensa que é muito madura, coitada. Contenta-se com o que não tem só porque acredita que um dia o terá. Quando percebe enfim que nunca o terá já está velha de mais, cansada de mais, para iniciar um itinerário com um destino diferente. A mulher que eu amo ama um homem que sabe que não a ama, ou que não a ama como ela queria ser amada, e ainda assim está disposta a ficar com ele em nome de uma possibilidade de que não abdica de ele voltar a ser o que ela

imaginou que ele foi, e que talvez ele nunca tenha sido. Até lá ficará assim, desamada, caída. Será maduro perder a vida pelo que não sabemos se algum dia iremos ganhar?

— Contra factos não há argumentos.

— Mas há amor.

— Bom argumento.

*

Acredito no contágio do bem, acreditam? Estou aqui para contagiar a minha mãe. Desde que está sozinha que se sente sozinha, o que até faz algum sentido. Não admite, nunca admite. Nem sequer admitiu algum dia que estava apaixonada pelo Zé Pedro, fez sempre de conta que não, que ele nem sequer morava com ela. Vim para ficar, por mais que ela não o queira, e não quer. Nem entende porque haveria eu agora de vir morar com ela. Invento uma história, digo que estou mal de dinheiro, que ainda não recebi os primeiros salários da mulher que amo e que não me ama. Coloco-a na posição de mãe, não na de amiga. Ou de mãe e de amiga, aquela que não pode recusar um tecto ao filho e ao amigo. Vou morar com ela aqui, acompanhá-la enquanto ela não se acompanha a si mesma. Continua a negar, a seguir em frente, ou pelo lado, quando quero que tire de si o passado recente que está a obstruir-lhe a garganta. Quando parar de negar vai começar a aceitar, não é assim?

*

— A maturidade não é encontrar as melhores respostas.

— Então?

— É encontrar as melhores perguntas.

*

Tenho saudades da insónia boa, conhecem-na? Da que nos tira o sono e nos faz dormir felizes. Com esta mulher que não tenho, tenho a insónia má, a da

precisão, a do desejo que nunca será saciado. No fundo acredito que sim, que no final do amor que a comprime virá o amor que a liberta, o meu, qual mais poderia ser? Quer ir depressa, mas vai na direcção errada. Continua a querer que lhe escreva, continua a pedir-me que traga o homem que quer amar ao que ele nunca foi, ao que ele nunca será. Faço o que posso, faço mesmo, desta vez não tento ser menos bom para ele a querer menos, desta vez faço tudo o que tenho para fazer, escrevo tudo o que tenho para escrever, para que ele veja o que eu vejo, para que ele ame como eu amo, para que ele a ame como eu a amo, mais do que a mim, acho, porque se gostasse mais de mim do que dela não estaria aqui, a vê-la sofrer por outro, a vê-la cair, rastejar, continuar a rastejar, levantar-se para cair novamente, por outro, sempre por outro. Quero com as minhas palavras salvá-la do que a leva ao fundo, e acho que quanto mais escrevo o que ela quer mais a ajudo a afogar-se, como um náufrago que quanto mais esperneia, mais se empurra para o fundo. Quem acredita que um desesperado pode salvar outro, quem?

*

— O problema não é a vida fechar-nos a porta.

— Então qual é?

— É o nosso dedo estar lá.

*

Já tive certezas mas depois saí da jaula, percebem? Só os que moram dentro de gaiolas estão certos do que quer que seja. Esses sabem que normalmente àquela hora chega a comida, depois à outra hora apagam a luz, depois eventualmente mudam a gaiola de sítio. Os outros, os que procuram o perigo do céu aberto, nunca souberam mais do que aquilo que sentem, e perceberam então que já sabiam tudo. Acho que esta mulher, a que gostava

que fosse a minha, está certa de que não quer o marido que ela não deixa de amar. Nunca me pediu a opinião, nunca arrisquei por iniciativa própria dá-la. Até agora. Até ao instante, este, em que lhe digo que tem de ter coragem e ir, que tem de ser uma mulherzinha e ir. Espero uma reacção dela. Continuo a esperar uma reacção dela. Nada. Continuo a fazer o que estava a fazer, a desenhar uma coisa qualquer numa folha qualquer, como se não tivesse ouvido nada. Repito, aproximo-me dela e repito, uso as mesmas palavras, já as decorei e tudo. Enquanto fala olha-me com atenção, ouve-me com atenção. Depois, quando eu acabo de falar, deixa de olhar para mim, coloca os olhos na folha e continua o seu desenho. Fico desistido, de caneta na mão. Ouço apenas, ao fim de alguns minutos de silêncio, a pergunta dela sobre se já acabei o texto que me pediu ou não. Digo que não, prossigo a escrita. A quantas indiferenças pode resistir um amor?

*

— Sofres pelo que perdeste cedo de mais?

— Não.

— Então?

— Sofro pelo que deveria ter perdido mais cedo.

*

Queremos desesperadamente acumular o que só nos esvazia, porque será? Disse-o há pouco à minha mãe, digo-o agora a esta mulher que me paga o salário ao final do mês. Sim, a mulher que amo, que não consigo deixar de amar, que Deus me perdoe e ela também. Temos de voltar regularmente à escola, sentar-nos nos bancos duros de madeira, nas carteiras com desenhos primitivos, obscenos, e comidas pelo tempo. Temos de aprender regularmente o que regularmente vamos esquecendo, o que o tempo e as

fraquezas nos fizeram desaprender. Acho que está enfim a perceber que é mais do que aquilo que ele é em si, que tem mais do que aquilo que ele lhe dá. Gosto da felicidade de lhe escrever textos positivos, histórias que a fazem rir-se, até uma comédia romântica me pediu que lhe escrevesse em quatro ou cinco páginas. Poderia escrever a história do meu amor por ela, e escrevi, mas depois percebi que de comédia aquilo tem muito pouco e tive de começar de novo. Só quem nunca escreveu não sabe que na vida como na escrita às vezes a melhor maneira de amar uma história é mudá-la. Sabem se é desta que ela muda a dela?

*

— Gosto dos maus caminhos.

— Porquê?

— Levam-me aos bons destinos.

*

Quero o que se esgota entre os dedos, sempre. O que nunca consigo segurar inteiro, o que é grande de mais, escorregadio de mais, saboroso de mais, para poder limitar-se ao tamanho das minhas mãos, ao tamanho de uma reclusão qualquer. Os bons caminhos trazem experiências pacíficas, uma espécie de sono, uma passividade cómoda. A minha mãe e esta mulher estão muito próximas de estarem na mesma situação, estão muito próximas de estarem ambas sozinhas do que amam. A minha mãe já está há algum tempo embora ainda não o saiba, esta mulher, que eu amo tanto, tanto, já tinha dito, já?, vai agora, parece que vai agora, que vai mesmo, tomar a decisão absoluta, a que a faz sentir um aperto insuportável no meio do peito, no peito todo, no corpo todo. Quando nos dói o que não temos e queríamos ter dói-nos mais em que partes do corpo, alguém sabe? Estou ao lado dela quando a vejo pegar no

telefone, dizer ao marido que tem de voltar imediatamente para casa se quiser chegar a tempo de se despedir dela. Não sei o que ele disse, sei que ela não disse mais nada, desligou a chamada e começou, peça a peça, a montar o *puzzle* da sua mudança de vida. Olho, fico calado. Por dentro aplaudo. Segundos depois arrependo-me, tenho repulsa de mim, quando a vejo desmaiar, sem forças para consumir o final da esperança. Quantos perderam a esperança no momento em que fizeram a última tentativa para lutar por ela?

— Ultimamente sinto que a vida está mais justa.

— Não queria dizer, mas sim: engordaste um pouco.

*

Os que mais magoam são os que mais foram magoados, é isso? Tento brincar com a minha mãe, trazer as palavras para fora da alma, para o corpo que só se vê de fora. Não consigo completamente, só um pouco, faço-a soltar um pequeno sorriso, daqueles que existem mais por fora do que por dentro, sabem? Acho que uma mãe é uma especialista nessa grandeza maior, é capaz de vezes sem conta sorrir para fora quando está toda machucada por dentro. A minha mãe desde cedo percebeu que comigo as lágrimas não eram um perigo, antes um resgate. É nelas que estamos os dois, ela não quis o meu colo, está frágil de mais para se mostrar frágil. Fica ao meu lado sentada no chão da sala, conta-me que não se sente feliz, que não vê como não é feliz, e que não vê, mais ainda, como poderá ser mais feliz do que isto. O que dói mais não é a dor do presente, é a certeza da dor que está a chegar, é isso? Amar é consolar na dor, mas é também pensar como acabar como ela, como sair dela para algo que doa menos, pelo menos. Tenho de encontrar um caminho para a minha mãe, ou simplesmente um destino que a faça caminhar. Um mau caminho é um mau caminho, sim, mas não deixa de ser um caminho, pois não?

*

— Um dia, deixo de usar óculos.

— Porquê?

— Acho que já vi o suficiente.

*

O futuro muda-se todos os dias. O da mulher que amo mudou há alguns dias. Está sozinha, na nova vida, na nova casa. Trouxe-me consigo, continuo a ter o meu emprego aqui, onde ela mora, só o escritório é que é diferente. O cenário entre nós é sempre só o cenário, vejo-a dentro de uma nuvem, como se estivesse dentro de um sonho, sabem? Está triste, anda triste, como haveria de não andar? Tento dar-lhe afecto, não me deixa, pelo menos para já. Comigo quer ter uma relação profissional, não mais do que isso. Sou as palavras dela, a maneira que encontra para chegar às frases que sente. Gostava de ser mais do que isso, gostava de ser uma pessoa, de existir para além das letras. Ainda não perdi essa esperança, quem amamos tem de ser sempre quem nos dá esperança, não pode amar-se quem não nos traz esperança, pois não? Vou dar-lhe tempo, deixar que saia da prisão, dia a dia, até saber que ela mesma é outra vez uma pessoa. Para me ver como uma pessoa tem de ver-se a si mesma como uma pessoa. Desde que está sem ele que deixou de o ser, é um autómato comandado pelos comprimidos que a médica lhe receitou. Caminha todo o dia entre cacos de vidro e bolas de fogo, a escolher entre qual é a opção menos insuportável. Precisamos de equilíbrios artificiais até encontrarmos um desequilíbrio que nos sirva, não é?

*

— Então já vens? Já estás pronto?

— Ainda não. Só falta fazer uma coisinha antes de sair.

— O quê?

— Chorar.

*

Para que hei-de eu querer viver descansado? De manhã gosto de passar uma ilusão pela cara, para acreditar que há algo novo pela frente. Acabei de

passar a de hoje. A minha mãe estava ansiosa, cheia de pressa. É sinal de que o novo projecto, o que desenhei para mim e para ela, está a trazê-la para cima. É uma ideia única, modéstia à parte, quem consegue ser modesto quando pode ser apaixonado? Vai ser um lugar único, um lugar que mais ninguém tem, em que mais ninguém pensou, e que será provavelmente o lugar mais necessário do mundo. Temos tantos anos de história, tantas descobertas, e há sempre descobertas essenciais que não foram feitas ainda, não há? Vou tratar de tudo com a velocidade possível. Vou agora com a minha mãe avaliar os melhores sítios para isso. Depois vamos ver o financiamento ao banco, entender quanto temos de nos soterrar para podermos tentar voar. Os grandes voos podem exigir grandes buracos, faz sentido? Vamos juntos para um futuro qualquer. Basta pensar nele para ele existir. Não direi ainda nada ao Zé Pedro, vou deixá-lo andar na sua nuvem particular. Quando estiver tudo mais fechado, tudo mais decidido, vou trazê-lo quando puder, quando a minha mãe me mostrar que está pronta para ele sem dar cabo de si. Vamos a isto. Estás pronta para acreditar de novo, mãe?

*

— Calma.

— Porquê?

— Tenho a situação perfeitamente descontrolada.

*

Só exijo não deixar passar nada, simples, não é? Sentir é o risco, o contrário da normalidade. Quem sente está em perigo, não sabe o que será. Há perigos, contudo, que são realmente perigosos, porque por mais alma que tenhamos precisamos de um corpo para lhe dar abrigo, não precisamos? A mulher que eu amo parece em risco. Hoje quando cheguei estava a atirar

pratos à parede, a gritar de uma maneira que nunca ouvi alguém gritar. Um grito de lá do fundo, do começo do fim. Não disse nada, não lhe pedi calma, quando se pede calma a alguém que está nervoso só o fazemos ficar menos calmo, não vos parece? Fiquei ali, a apanhar os cacos, mesmo os cacos, dos pratos, do que ela ia atirando contra a parede. Fiquei a ver o corpo perder a força enquanto a dor ia ficando mais espalhada, não mais pequena, a dor quando está assim não fica mais pequena, mas vai ficando espalhada, mais espalmada, e por isso mais suportável. Depois da tempestade vem a destruição que ela deixou para trás, as casas inundadas, os carros a flutuarem pelo meio das cidades, as perdas sem retorno das pessoas. É nisso que estamos, depois pode ser que venha a tal da bonança, pode ser?

*

— Quero conhecer-te melhor.

— Para quê?

— Para me conhecer melhor.

*

Não consigo esperar pela vida em frente ao vidro. Preciso de ir à procura dela, nem que tenha de forçar o vidro, de o empurrar, cortar-me todo num estilhaço qualquer. Antes morrer do estilhaço do vidro do que passar a vida fechado num aquário, não concordam? Pode ser que sim, mas os cortes doem muito, muito. Estou a ver a mulher que amo toda cortada, por dentro e por fora, magoou-se enquanto eu não estava, durante a noite. A noite pode ser um deserto interminável, não pode? Está aqui uma equipa médica, cobre-a de pensos, de ligaduras, está a ficar com o corpo como já estava com a alma, há coerências que seria melhor não ter. Pergunto-lhe se quer que fique com ela esta noite, diz-me que não, de maneira nenhuma. Pergunto-lhe ainda se tem

alguém com quem ficar, alguém que possa estar com ela quando a dor inchar, quando não couber onde está e tenha de vir para fora sabe-se lá como. Pedeme para não me preocupar, para ir à minha vida quando a hora chegar, pedeme ainda um texto urgente sobre a história de uma menina que de tanto querer ser feliz, de tanto imaginar como seria feliz, de tanto fazer tudo para ser feliz, se esqueceu de o ser mesmo. Ainda não comecei a escrevê-la e já comecei a chorar, como não, como não?

— Alguns ensinam o amor saudável.

— E os outros?

— Vivem-no.

*

Um decote é mais complexo do que a Física, não é? Explicar o que mexe connosco mexe com qualquer um, obriga-nos a revisitar o início do que somos, de onde somos, porque ficámos a ser o que somos. A minha mulher não sabe quem é, ficou perdida, corpo e mente e alma e tudo, num labirinto do qual não sai. Foi encontrada ao fim de algumas horas desaparecida no meio de um monte qualquer, não sabe como foi lá parar, não sabe como saiu, de onde saiu. Não sabe, não sabe. A perda de um amor faz-nos saber tanto que não sabemos, não sabemos. Internaram-na num hospital psiquiátrico, uma casa de malucos, como lhe chamam os malucos que nunca lá entrarão. Está lá há uma semana, mais ou menos. Já tentei visitá-la, não consigo, ninguém consegue, querem isolar os malucos do resto das pessoas, para proteger os malucos, claro, e sobretudo para proteger o resto das pessoas da informação fundamental de que são elas as malucas, só pode ser isso, não acham?

*

— Quando morreres vais para o céu?

— Não sei, mas quando viver vou.

*

Acho que sei onde acaba o mundo. Acaba onde ela não está, no centímetro onde ela deixa de estar. Neste caso é junto à porta do hospício, naquele

centímetro que não me deixam pisar. Hoje tentei de novo, até levei o Zé Pedro comigo. Não, não deixam ninguém entrar. Querem que ela fique maluca sozinha, faz sentido? Regresso a casa de cabeça baixa, de esperança baixa, de vida baixa. Não sei como está quem amo, como posso saber como continuar? O Zé Pedro veio o caminho todo a tentar animar-me, contou-me todas as novidades. Uma delas é bem succulenta, deixa-o orgulhoso. Já namora outra vez, encontrou a mulher que mais o fascina até hoje, palavras dele, evidentemente. No meio da tristeza passo dois ou três segundos, os que o ouço dizer isso, feliz por ele, por ver-lhe nos olhos, na maneira como fala, uma felicidade que pode muito bem vir do amor. Que seja real, que exista enquanto o fizer feliz, é tudo o que lhe desejo. Abraço-o à chegada a casa, a minha mãe não está, ainda bem. Diz-me entre o fim do abraço e começo da despedida que amanhã vou conhecê-la, que está ansioso por que eu a conheça. Assim será. Na entrada da casa de malucos, óbvio, respondo-lhe, quando me pergunta onde marcamos encontro a três. Os apaixonados não desistem de tentar, desistem?

*

— O que nos faz felizes não existe.

— Ainda bem.

*

O lugar menos evidente para amar é o futuro. É lá, só lá, até agora, que amo a mulher que amo. Hoje viemos os três, eu, o Zé Pedro e a sua nova namorada, tentar vê-la. Só eu é que vou tentar vê-la, eles vieram comigo para tentarem fazer com que eu os visse. São lindos juntos, sinto-o, vejo-o, digo-o. Porque fugimos tanto de dizer o que vemos mesmo quando o que vemos deixa quem está a ser visto feliz? Parece que escapamos da felicidade dos

outros, que coisa estranha. Estou assim, a dizer-lhes isso, a vê-los a sorrirem, embevecidos por si, pelo que sentem, quando chegamos outra vez à porta do manicómio. A senhora da recepção já me conhece, já me olha com uma mistura de condescendência e de falta de paciência quando me vê aproximar de novo. Digo o que quero, digo quem quero ver. Ela nega, explica outra vez o que já explicou outras vezes. Desta vez, o Zé Pedro entra na conversa também, pede em meu nome para me salvar da saudade. No final destas palavras é beijado pela namorada, orgulhosa do homem que ama. Quando aquele que amamos faz algo que nos deixa orgulhosos apetece ser dele para sempre, não apetece? Eu sei que apetece sempre ser de quem amamos para sempre mas nestes momentos apetece enchê-lo de tudo o que podemos dar-lhe. A bondade excita que é uma loucura, não excita?

*

— Amar todos os dias cansa?

— Cansa. Mas só quem não ama.

*

Morrer de amor é a imortalidade possível. Estou a ter um debate filosófico com a senhora da entrada, a que não quer deixar-me entrar. Disse-lhe que deveria ouvir bem o que meu amigo lhe disse. Ela olha para o Zé Pedro, sorri, não comenta. Continua a dirigir-se a mim, a perguntar-me coisas abstractas, coisas sobre as quais certamente lhe apeteceu, ao ver-me aqui com este casal apaixonado, saber, ou sentir. Não perguntamos o que queremos saber, perguntamos o que queremos sentir, o que a resposta que esperamos pode fazer-nos sentir. A minha pergunta é sempre a mesma, a resposta dela é sempre a mesma. O Não dói-me. Quero insistir, vou insistir, antes de mim insiste a namorada do Zé Pedro, parece que sente que sabe o que pode fazer

esta mulher sentir. Fala-lhe da importância do amor, diz-lhe que nem imagina o que faria se fosse o Zé Pedro a estar ali internado. A mulher nem liga, olha para mim, eu digo-lhe para ouvir a mulher que está a falar para ela, ela olha-me com espanto, eu insisto, quase a obrigo a olhar para a namorada do Zé Pedro. No final pergunta-me se ela já acabou, eu digo que sim. Ela diz-me que está bem, que posso entrar, abre-me a porta. Despeço-me do Zé Pedro com um aperto de mão, com um abraço, estou a chorar de emoção, abraço ainda a namorada dele. Foram eles, mais ela até, que me abriram a porta deste alívio profundo que sinto. Vou ver a mulher que amo, vou ver a mulher que amo. Quantas vezes terei de repetir até isto deixar de me arrepiar inteiro?

*

— Preciso desesperadamente de afecto.

— Isso fragiliza-te.

— Não, é o que me dá força.

*

Até o inferno é útil, não é? Estou a ser entrevistado por outra mulher aqui da casa dos malucos. Ainda não me deixaram ver a mulher que amo, ando para aqui de um lado para o outro, devem querer ter a certeza de que a amo. Pensei que se via a olho nu o quanto a quero, o quanto faria tudo para ela ter tudo. Agora pedem-me para ir para um quarto enquanto a chamam. Vou, espero-a, a porta abre-se, penso que é ela, não é. É apenas um homem com um aspecto estranho, diz-me que tem de estar ali, que não pode deixá-la estar sozinha com ninguém, nunca se sabe o que faz ao outro e mais ainda a si própria. Pergunto-lhe se ela não está melhor, se não está mais calma. Diz-me que não, que continua agressiva contra si. A nossa liberdade é tão mentirosa. Quem deu aos outros o direito de não nos permitir sermos o que quer que

queiramos ser connosco? Ela vem. Está branca, magra, como se fosse mesmo maluca. Somos aquilo em que vivemos, aquilo em que podem fazer-nos acreditar que vivemos. E se eu quiser ser mau comigo próprio, o que é que alguém pode ter que ver com isso? Somos aquilo em que quando estamos vencidos querem transformar-nos, ela acredita estar louca só porque estes loucos todos a medicaram assim, a programaram assim. Dou-lhe a mão, deixa-me que lhe pegue, como nunca deixou. Poderia estar feliz, estou de rastos. O que fizeram à mulher que amo? Quase nem consegue falar, esboça umas palavras soltas, sem ligação aparente. Que coisa triste, que coisa triste. E se eu quiser viver contra mim: porque não posso?

— És perfeita.

— Sou?

— És, e mesmo assim eu amo-te.

*

Nenhum desastre é maior, e pior, do que a beleza. A beleza desarruma mais do que o caos. A mulher que eu amo é linda, desastrosa. Não posso ficar aqui mais tempo, dizem-me que tenho de ir, que a minha mãe já chegou. Não sei o que faz aqui a minha mãe, como soube que estou aqui, porque veio buscar-me. Deve ter sido o Zé Pedro a dizer-lhe, a pedir-lhe para vir, para me proteger de mim. Grande parte do trabalho de uma mãe é proteger o filho de si mesmo, não é? Despeço-me dela, garanto-lhe que nunca a deixarei sozinha, que estarei sempre atento, sempre à espera do momento em que ela vai sair de si e do buraco fundo em que caiu. Não responde, nunca respondeu, é um resto do que já foi, o que faz com que seja tudo menos o que já foi. Somos um todo, qualquer parte que nos é retirada muda-nos completamente, tudo o resto se adapta, se acondiciona, e passamos a ser quem nunca fomos para podermos continuar a ser alguém. Tento abraçá-la, não me deixam, estão de repente dois ou três funcionários aqui do hospital ou lá o que é isto para me impedir de a agarrar como quero, como preciso, como sinto que ela precisa. Agarram-me, levantam-me, levam-me assim até à entrada. Vejo pelo canto do olho que ela me olha, pela primeira vez olha-me de verdade. Não sei se lhe vi agradecimento ou pesar. Também não sei qual dos dois preferia ver.

*

— A dor é não estar com alguém.

— Não.

— Então?

— A dor é estar com alguém que já não está.

*

Acho que preciso de asfixiar a melancolia, posso? Tenho de poder, todos temos por vezes de tirar o ar ao que magoa. Estou sozinho com a minha mãe em casa, temos estado assim nos últimos dias, ela vigia-me para eu não ir parar todos os dias ao manicómio à procura da mulher que amo. Olho para a cara dela e pergunto-lhe porque não chora. Diz-me que não quer, que não sente necessidade. Olho de novo para ela, digo-lhe que tem razão, explico-lhe que não sente necessidade de chorar porque já está a chorar, só ela e o seu corpo ainda não sabem. Há corpos assim, indisciplinados, que não acompanham o que quem os tem lhes ordena, corpos que precisam de um empurrão, de um estímulo, para se soltarem, para tirarem o peso que os condena ao encolhimento, que os impede de se abrirem para o choque contra as balas com que todos os dias se cruzam. Antes morrer de pé do que viver encolhido, ou não? De repente tenho a resposta a essa pergunta, respostas a todas as perguntas, de repente tenho um projecto novo nas mãos, na cabeça. Vou salvar as pessoas, vou dar-lhes aquilo de que precisam, vou desencolher os corpos, trazê-los inteiros para a dimensão de si mesmos. Vou finalmente realizar o meu sonho maior, a minha aspiração de carreira. Vou ganhar a vida a fazer chorar, vou ganhar a vida a ajudar os outros a ganharem a vida, a sobreviverem à vida. Vou criar uma Biblioteca de Lágrimas, já ouviram falar?

*

— Não é quem diz que decide o que é dito.

— Então, quem é?

— Quem ouve.

*

As palavras não se despegam dos corpos. É nelas que está o começo e o fim, e também o meio, já agora. Será com elas que tudo na minha biblioteca começará, não poderia ser de outra maneira. Estou com a minha mãe, com o Zé Pedro, com a namorada do Zé Pedro, a procurar o espaço certo. Não temos muito para investir, o banco aprovou um empréstimo pequeno, mas o suficiente para começar. Precisamos de pouco para começar, na verdade precisamos de nada para começar, haja vontade e o resto acontece. Tenho toda a vontade do mundo. Quero salvar vidas, a começar pela vida da mulher que amo. Vai ser a primeira a vir à minha biblioteca, tem de ser a primeira, só pode ser ela a primeira. Vou criar uma secção que será perfeita para ela, uma das secções da minha biblioteca será com certeza a da desilusão amorosa, um espaço da biblioteca onde falarei com quem quer chorar, chorar a sério, por causa de um amor que se perdeu antes de deixar de ser amado, um amor que existe mesmo depois de já estar morto, caducado. Da minha biblioteca ninguém sairá sem lágrimas nos olhos, já decidi, ou na pior das hipóteses, nos casos mais graves, com um plano de trabalho, com uma receita de actuação, que tem de cumprir à risca quando sair para que as lágrimas apareçam. Não desistirei de nenhum paciente, não desistirei de nenhuma lágrima. Eu mesmo não me admitirei não chorar com cada uma das lágrimas que aqui for gerada. Lutarei até ao fim por cada lágrima que se cruzar comigo. Se nos faz chorar faz sentido, não faz?

*

— Só a falta de amor acaba o amor.

— Ou a falta de inteligência.

— Não sejas burro.

*

É o pecado a linguagem universal? Temo bem que sim, tal como temo bem que não. O proibido alimenta-nos com cuidado, para que não seja doloroso de mais, para que consigamos conviver com ele. Acho que o pecado é escapar do que queremos, do que está na fundação do que somos, ficar refém de fronteiras que não existem. Estou sozinho no lugar onde vai estar a minha biblioteca, defino com calma como ficará organizado, que secções terá. A do pecado vai ser a que fica mais ao canto, mais escondida, para que a vergonha não impeça o desejo. Neste canto quero que se chore pelos desejos que temos e não deveríamos ter, pelos desejos que saciámos e não deveríamos ter saciado, ou que não saciámos e deveríamos ter saciado. Há muitas lágrimas que são desejos por ser, ou desejos que não deveriam ter sido, não há? Não acho que haja alguém que nunca tenha, algum dia, em algum segundo, desejado o que não deveria. Se houver quero-o aqui também no meu canto, neste canto da minha Biblioteca de Lágrimas, a chorar pela desgraça que é o que não lhe aconteceu. O mais triste nunca é algo que nos acontece, é mais do que tudo algo que nos acontece sem nunca ter mesmo acontecido, algo que fica à porta de acontecer, que nos dá o cheiro, o aspecto, a silhueta, um ligeiro toque até, um pedaço de sabor no paladar, e depois desaparece como apareceu, levando a memória do que não soubemos o que era. O que dói mais é a lembrança inapagável do que nunca aconteceu.

*

— Dedico-me como um louco às coisas pequenas.

— És grande.

*

Todo o álcool merece uma ferida, não merece? A minha biblioteca é o álcool e também é a ferida. As lágrimas juntam os dois lados, trazem o que inflama quando é preciso inflamar, trazem o que acalma o incêndio quando é preciso respirar. Deve ser por isso que é um sucesso. Não meço o sucesso pelo número de clientes, pelo dinheiro que entra na conta, mas se o medisse continuaria a ser um sucesso. Temos já centenas de pessoas aqui, todos os dias, a entrarem encolhidas, sem lágrimas, e a saírem erguidas, encharcadas de si mesmas, inteiras, capazes de olharem de frente para o que tem de estar à sua frente. Em poucos meses, a palavra espalhou-se, a lágrima espalhou-se. A minha biblioteca passou em noticiários de todo o mundo, toda a gente quer vir aqui, toda a gente quer chorar connosco, saber como se fabricam as lágrimas. A melhor parte do negócio das lágrimas é precisamente não termos de as fabricar, todos as temos, todos somos na raiz disso, todos começamos por chorar antes de tudo o resto, todos somos lágrimas antes de tudo o resto. O que fazemos aqui é dar as ferramentas para que essa matéria-prima seja devidamente usada, devidamente transformada. Já tenho comigo profissionais das mais diversas áreas, profissionais que com a sua sapiência, com a sua experiência, conseguem chegar à experiência que trará o fundo do poço, e depois a respectiva saída, trepando como for preciso para nunca mais ter de cair tão fundo. Estou a ficar rico de dinheiro com aquilo que nem sequer é meu, já viram?

— Não são os mais heróicos que aparecem nos livros de História.

— Então quem são?

— Os mais vaidosos.

*

Há que regressar ao começo da loucura. Nenhum vaidoso sabe amar. Sabe, no máximo, amar-se. É uma coincidência, por vezes, precisar dos outros para se amar melhor. Trazemos o outro para nos respaldar de nós, para não chafurdarmos tanto no que somos. Era isso o que eu estava a fazer com ela, com a mulher que amo. Estava a chafurdar no que não podia ser, no que a médica do Centro não permite, no que ela mesma, quando estava ela mesma, não permitia. Agora estou mais calmo, a minha mãe meteu-me algum juízo na cabeça, ou então fui eu que fiquei mais velho, mais adulto, que triste é termos de ser adultos para sermos entendidos por adultos. Permitem-me entrar no hospício ao princípio da tarde, fico aqui até à noite, quase nunca com ela. Vejo-a quando me permitem, no resto do tempo fico numa sala isolada, com um assistente qualquer a olhar para mim, de vez em quando vêm algumas pessoas com batas vestidas, não sei se são médicos se são enfermeiros se não são nada disso, falam um pouco comigo, perguntam-me o que estou ali a fazer, porque faço questão de vir, porque não desisto dela. Respondo que aquelas perguntas estão mal formuladas, que deveriam perguntar-me, e perguntar-se, porque não haveria de vir, porque haveria de desistir, porque não haveria de estar ali se é ali que está quem amo? Digam-me onde ela está, direi onde sou.

*

— Estás confortável?

— Sim.

— Então, estás morto.

*

O idioma da carne é o poema, a insubmissão precisa de um rebelde atrás. É órgão a órgão que se mata o monstro. Tento mostrar, e dizer, a estas pessoas que entram de meia em meia hora aqui nesta salinha que é assim que se vive a vida, que o resto são réplicas pequenas, insonsas. Continuam com as perguntas, agora pedem-me para falar um pouco do Zé Pedro, talvez queiram saber se é dele a culpa desta minha resistência ao cansaço que querem infligir-me. Começo a falar do meu melhor amigo, as lágrimas começam a cair, eles pedem desculpa por terem puxado o tema, tentam acalmar-me as lágrimas. Eu sorrio, primeiro, depois rio-me alto, conto-lhes da minha felicidade por ver as lágrimas a caírem, conto-lhes toda a minha filosofia, toda a minha pirâmide da salvação, na qual na base está a capacidade de chorar. Eles entreolham-se, não comentam. Pedem que desenvolva mais a matéria, se conseguir. Acho que já sabem da minha biblioteca única no mundo, toda a gente sabe, passou em todo o lado, nas televisões, nos jornais, toda a gente está curiosa. Explico-lhes o meu conceito de negócio, mostro-lhes no telemóvel a folha de Excel com os resultados do último trimestre. Só não ficam de boca aberta porque já estavam antes. Estão rendidos, não o dizem, temos sempre dificuldade em dar o braço a torcer, ainda mais no caso deles, em que é um preconceito inteiro que tem de ser dado para torção, e daquela violenta, sem anestésico que acalme a dor, será que aguentam?

*

— Tenho vontade de o fazer mas sou obrigado a não o fazer.

— Porquê?

— Porque sou livre.

*

Só o que transborda está na medida certa, já tinham percebido? Sozinho é aquele que precisa da multidão para colar as suas feridas. O que mais gosto em mim é ser eu. Não direi o mesmo dos outros, por exemplo destes funcionários estranhos que mais uma vez vêm receber-me à porta do manicómio. Venho aqui todos os dias e continuam a olhar-me de soslaio, parece que esperam que eu desista, coitados, deve ser assim que fazem na sua pobre vida, soubessem eles que é por causa disso que ela é pobre, por nada mais, um dia digo-lhes, sim? Hoje estão especialmente frios. Nem sequer estão frios, estão distantes. Começo a sentir que algo de estranho se está a passar. Pergunto o que pergunto sempre, digo o que digo sempre, explico o que venho aqui fazer como tenho de explicar sempre mesmo que todos já saibam o que vim aqui fazer. Olham entre si, um pega no telefone fixo, o outro pega no seu telemóvel, uma das senhoras, uma enfermeira, vai a correr para dentro. Fico alguns segundos sem saber o que esperar, sem saber o que pensar. Sei o que sinto, que é medo, do mais puro. Há um prenúncio de qualquer coisa que não é boa a pairar por aqui. Chega um dos médicos que costuma estar comigo na sala onde espero por ela lá dentro, vem com falinhas mansas, tenta que eu me acalme antes de me dar um motivo para não estar calmo. Acompanho-o com os passos ansiosos que consigo dar até a um gabinete onde nunca tinha estado, está lá outro homem, à sua frente, na sua secretária, tem a indicação de que se trata do director desta espelunca, perdoem-me a linguagem mas não consigo gostar do lugar onde prendem de mim a mulher que amo, alguém gostaria?

*

— O que sou impede-me de arriscar mais.

— Não é nada.

— Então, o que me impede?

— O que pensas que não és.

*

Só a desordem acalma, percebe-se? Tememos o desejo porque nos ofende a perfeição. Não temo o meu. É por isso que dói. É dele que podem chegar as lágrimas que choro agora. Faço o caminho de regresso, do hospício até casa, a pé, de braços caídos, a pensar no que será de mim. A minha mulher que nunca foi minha, a mulher que eu amo, que tenho em mim mesmo que nunca venha a tê-la, está em parte incerta. Era isso o que tinham para me dizer, era isso o que tinham para me fazer sofrer. Fugiu a meio da noite, saltou por uma janela do terceiro andar. Não há rasto algum de sangue nem de dor. Não se sabe como mas conseguiu sair ilesa de algo que poderia muito bem matá-la. Metade da piada da vida é sair ileso daquilo que poderia muito bem matar-nos, não é? Dela não saio ileso, ninguém sai vivo de um amor perdido, ou então não foi amor nenhum e não se perdeu nada, apenas se ganhou o espaço disponível para o amor chegar mesmo. Quero chegar a casa para abraçar o amor que me resta, a mulher que me resta para amar. Uma mãe é o amor que resta sempre para amar, não é? Quem tem uma mãe consigo nunca terá um abraço solteiro, um abraço vazio, um abraço oco, feito de ossos e de músculos, e não de vísceras. Choro mais algumas lágrimas para agradecer a minha mãe comigo. Já agradeceram à vossa hoje?

*

— O que me assusta não é a maldade dos maus.

— Então?

— É a maldade dos bons.

*

Como se comunica melhor: com a língua ou com o beijo? Todos os bons têm demónios, têm veneno. Há beijos e desejos que só servem para nos matar melhor, para nos deixar mais perto da morte do que da vida. A minha mãe é boa pessoa mas também tem de expiar o que a mata. Hoje que precisava dela não está, não se sabe para onde foi. Já telefonei, não atendeu. Na biblioteca onde trabalha, onde lhe dei o cargo de gestora de clientes e de recursos humanos, ninguém sabe dela. O que dói mais na vida é a ironia, é sempre a ironia, não é? Hoje que precisava da minha mãe para lhe pedir que me curasse a maleita de não ter a mulher que amo, de não saber onde está a mulher que amo, também não sei onde está a outra mulher que amo. Vou deitar-me na cama para chorar sozinho, não me apetece ir chorar para a biblioteca, quero um choro só para mim. A caminho do quarto vejo que o da minha mãe está todo remexido, as portas dos armários abertas, as gavetas mal fechadas. Entro, percebo tudo. Acho que dei um pequeno grito, um Não que deve ter sido tão pequeno para quem o ouviu e tão grande para quem o gritou. Não há roupas quase nenhuma, não há quase nada neste quarto, a mala grande dela não está. Foi para onde, para quê? Quando saí de casa tinha as duas mulheres da minha vida comigo e quando regresso não tenho nenhuma, tenho duas crateras no centro dos olhos, só consigo ver o que não consigo ver. O que não temos para amar ocupa-nos os olhos, abertos ou fechados é isso o que vemos, o que só conseguimos ver. O mais cruel numa inexistência é a sua existência constante, não é?

— Gosto de enlouquecer.

— Porquê?

— Faz bem à saúde.

*

O álcool não faz idiotas, só os desnuda. Há coisas a que só se resiste com vida bêbedos, é isso? Não há caminhos fáceis, só vontades bem-dispostas. Uma embriaguez é necessária para seguir em frente, tenha álcool ou só inconsequência. Estou sozinho das minhas mulheres, uma desapareceu sem rasto, saiu do Instituto de Saúde Mental, é assim que se chama, a meio da noite e nunca mais ninguém, ou pelo menos alguém que eu conheça, a viu; a outra ligou-me há minutos, contou-me que resolveu fazer uma viagem à volta do mundo. Explicou-me que precisava de fugir dali, do que só lhe lembrava o que era insuficiente. Garantiu-me que deixou tudo na biblioteca organizado, sem problemas nenhuns, todos sabem bem o que têm de fazer, não vão sentir a falta dela. Eu vou, assegurei-lhe. E é claro que terminámos o telefonema a chorar, como terminamos sempre, mas desta vez com uma saudade difícil de suportar entre as palavras e o silêncio. Tenho de seguir em frente e já sei como, tenho uma ideia. Vou expandir o negócio, criar um *franchise* de Bibliotecas de Lágrimas. Candidatos para isso não faltam, os telefones não têm parado com propostas de investidores. Vou levar mais longe o negócio para evitar fechar-me na pequenez da minha solidão. Será o sucesso o capítulo seguinte de um vazio inocupável?

*

— Põe-te no teu lugar.

— Qual é?

— Sempre ao meu lado.

*

O Zé Pedro está apaixonado. Não creio que o tenha visto assim algum dia, nem com a minha mãe, sobretudo com a minha mãe. Está a viver um amor da raiz, dos que nos trazem à infância, como todos os amores devem trazer. Há mais beleza no céu ou nas mãos de uma criança? Está com ela e comigo, caminhamos devagar pelas ruas junto à biblioteca. Falamos de tudo mas tudo vai dar a eles quando chega a vez de eles falarem. Amar é tudo ir dar ao amor que sentimos, seja qual for o assunto, seja qual for a abordagem, seja qual for o lugar. Amar faz-nos amor, só amor. Tragam-me por favor a desmoralização absurda, só um bocado se tiver de ser. Perdemos-nos na moral, tentamos seguir à risca o que outros homens e mulheres definiram sabe-se lá como, sabe-se lá para quê, porquê, que era o mais ético. A moral é individual, vem de cada um de nós, estará livre em cada um de nós. A minha sabe o que é, o que faz. Aplaudiva o abraço que eles dão, aplaudiva a felicidade que eles têm. Vejo o meu amigo preso a um amor, escravo de um amor, mais livre do que nunca. Apetece-me abraçá-lo, abraço-o mesmo. Abraçar homens livres traz-nos tanta liberdade. A esperança passa de pessoa para pessoa. Recebi a dele. Estou melhor. Há tanto quem faça o que lhe desagrada só para agradar aos outros, não há?

*

— Queria encontrar uma pessoa incrível.

— Já encontraste.

— Quem?

— Tu.

*

Há o inexplicável ou o nada, preciso de explicar porquê? A paixão destes dois faz-me querer ficar enjoado mas não consigo, de tão lindos que são, de tão genuínos que são, de tão ingénuos que voltaram a ser. O amor é um retorno à ignorância, é um pouco dela que nos faz felizes, não tenho dúvidas. Um amor assim só tenho pelos meus gatos. Sofreram comigo, vieram comigo, são pessoas vividas como eu, são pessoas amadas como eu. Fazem companhia, não pedem satisfações, só o mimo que lhes ocupe o instinto. Para que precisamos de mais do que isso, para que precisamos de mais do que um mimo que nos ocupe o vazio? Porque fazemos planos, porque queremos o *masterplan*, o topo da pirâmide, porque competimos pelo que não é a comida, pelo que não é o sustento, pelo que é só a vaidade, o mais isto, o mais aquilo, para que queremos mais do que já temos a mais, para que queremos derrotar o que a Natureza nos dá com aquilo que queremos acrescentar-nos e só nos tira? Porquê? Trancamo-nos à chave, por dentro, no quarto das nossas ambições ocas, é assim que deixamos de aproveitar a felicidade pueril, a descoberta elementar. O básico é complexo de aproveitar, é isso? Não somos animais quando fazemos como eles; somos animais quando não aprendemos com eles.

*

— Não dizes nada?

— Não.

— Isso já me diz muito.

*

Até o paraíso precisa de uma morte, incrível, não é? O Zé Pedro acabou de me dar a notícia que tanto queria dar, a sua namorada vai ser a sua esposa, a sua excelentíssima mulher. Vai haver um papel passado, vai haver uma

cerimónia, vai haver uma festa, vai haver pelo menos um dia bem passado, como um casamento deve no mínimo ser. Hoje deixei o alfabeto ao relento, fico pelas expressões, pelos olhares, pelos abraços, pelos beijos. Beijo o meu melhor amigo no rosto, levemente, sabe que aquilo são os parabéns que para já não consigo verbalizar, estou apaixonado de mais pela paixão deles, estou feliz de mais pela felicidade deles, para que as palavras consigam chegar ao seu destino final, ficam perdidas algures pelo caminho, entre a inteligência e a desordem, no espaço confinado aos que amo, aos que chegam ao mais profundo amor que consigo sentir. O meu amigo ficou como eu, não consegue falar, tem de ser a namorada dele, a futura mulher de papel assinado dele, a dizer-me baixinho, como se estivesse com medo de interromper uma espécie de passeio pelas nuvens que é o meu abraço no dele, a data exacta do casamento. Já não falta muito. Querem apressar a legalização do que sentem, fazem bem, fazem muito bem. Ficamos uma boa meia hora assim, a abraçar, sei que parece impossível mas para nós é normal ficar num abraço meia hora, às vezes mais, o corpo começa a doer, os ossos queixam-se sem perceber que não é por eles que abraçamos, apenas pelo que os sustém. Depois temos de nos despedir, nada a fazer, há compromissos, vidas para seguir. Não estou ainda saciado de abraços, de amor. Abro a porta de casa, abraço os meus gatos, dou-lhes a lágrima que eles gostariam de chorar. Não tenho colo mas tenho ilusão, quem disse que não chega?

*

— Queres ser o meu pesticida?

*

Escrevo esta mensagem e envio para o telemóvel da mulher que amo. Só ela pode abater a peste que me usa. Ainda não desisti dela, quem desiste do que ama, quem? Não há resposta, nunca há resposta. Continua não se sabe

onde, não posso dá-la como desaparecida, não sou familiar, não sei quem é a família dela, de onde vem, para onde vai. A Polícia diz-me que está viva, que há indícios claros de que está viva. Não me diz onde nem quando, não pode. Sinto saudades dela, dos olhos dela, até do corpo dela, do prazer que todos os dias imaginava nosso e que nunca aconteceu. Quero ser incompetente no entendimento do prazer. Estou feliz de saudade a pensar nela quando a porta bate. É o Zé Pedro com a mulher. Casados de fresco. Já passou um mês? Diz que tem uma notícia para me dar, diz que vamos apertar, depois de eu saber qual é a notícia, o abraço mais apertado que já demos. Faz um compasso de espera, sorri, ela também. Diz-me para fazer uma contagem, para fechar os olhos. Fecho. Conto até dez. Podes abrir, ouço. Abro-os. Vejo uma chupeta, bem pequena, bem infantil. Não sei durante um ou dois segundos o que pensar, não descodifico. Percebi. O meu amigo vai ser pai, o meu amigo vai para o lado de lá, para o lado que não sei se terei, se quero ter. Sinto-me sempre o filho, nunca o pai. Chega o abraço. Ele tinha razão. Este pode muito bem ser interminável, as lágrimas são incalculáveis. Enquanto o abraço penso no que tem, na vida cheia que está a construir. Sou feliz pela felicidade dele, pode ser isso tudo o que tenho para me sentir feliz. Estou feliz. Por dentro podemos ter o mundo que queremos, já viram?

— É melhor querer do que ter.

— Porquê?

— Ter é passado, querer é futuro.

*

A catástrofe é o abraço. Ver o que o Zé Pedro dá ao seu filho agora que ele acabou de completar dezoito anos deixou-me assim, sem saber se é no caos que somos felizes, se o abraço nos salva a vida ou nos faz querer desistir dela. Tenho todos os dias vontade de nascer e todos os dias morremos mais um pouco. Há mais perigo no êxtase ou na tristeza? Vivo há quase vinte anos sem o meu amor, sem a minha mulher. Não quero mais ninguém, não admito mais ninguém. Admitir mais alguém seria admitir que desisto dela e do seu regresso, dela e de um amor que nunca tive mas que nunca deixarei de ter. Fico com a minha mãe, a minha velhinha nova, os dias que passam, a empresa que já é muitas. Criei um império quando só queria recriar-me. Fiquei rico sem querer, pobre de quem amo. Deixo ao menos os outros felizes, descansados, o Zé Pedro e a sua mulher gerem cada um a sua biblioteca, as duas que ficam mais próximas da casa onde moram. A minha mãe é a todo-poderosa, a que comanda os destinos de todo o império. Eu vou chorando quando lá vou, no resto do tempo vou chorando quando lá não estou. Posso parecer um infeliz, sou só alguém que ama quem não tem. Continuo a brincar, a ser o rapaz que só quer a gargalhada e a lágrima em doses iguais. O pior de viver para os outros é quando não está lá ninguém, não é?

*

— Não desprezes o valor de uma boa queda.

— Porquê?

— Há poucos momentos mais felizes do que aquele em que percebes que conseguiste levantar-te de uma.

*

É o amor o passatempo de Deus, não é? Até a loucura às vezes tem razão. Sei que a minha a tem toda, todinha. Vivo com ela, para ela. É quando saio da linha que encontro o caminho, o que me faz permanecer. Tenho tempo para amar, não tenho é quem amo. Dedico-me por isso a chorar para os outros, a distribuir o amor que tenho para dar por quem mais vai apreciá-lo, a quem mais ficará feliz com ele. Criei uma associação para oferecer o que tenho. Defini um limite máximo de dinheiro na conta. O suficiente para saber que não morrerei à fome nos próximos anos. Quando passo o limite olho em redor, penso em quem mais precisaria dele, no que poderei fazer por quem mais precisa dele. Hoje vou consumir mais uma entrega, mais umas lágrimas que fiz chorar. Há uma família inteira à minha espera, à espera do que poderei fazer por ela, do que já fiz por ela. É também isso o que me segura a mim, só estou preso ao chão pelo que me faz acreditar que ainda sei voar. Nem tudo o que comemos é digerido, e não é disso que nos alimentamos, pois não?

*

— Metade da piada de estar vivo é encontrar o que nos falta.

— E a outra metade?

— É procurá-lo.

*

Exactamente: só o delírio é exacto. Sonhar serve para pelo menos tornar a vida mais fácil, não serve? Estou a fazer sonhar esta família, estão os quatro a

chorar abraçados a mim. Encontrei-os junto à entrada de uma das minhas bibliotecas, os quatro a quererem saber o que era, para que servia. Um dos dois filhos, o mais novo, seis anos ou menos, tinha um livro na mão e não parava de o ler. Estavam ali, junto a uma cobertura antiga, a viver, ou seria a morrer? Não entendo como pode haver gente com fome quando há comida a mais no mundo. Não entendo como podemos ser humanos se temos humanos a passar fome. Toda a gente sabe que não faz sentido, toda a gente diz que não pode ser, que não é possível. E no entanto continua a ser assim, foi sempre assim, será que vai ter de ser sempre assim? Nunca sabemos o que vivemos, só sabemos o que lembramos, não me digam que pensavam que era a mesma coisa, pensavam? Vou lembrar-me para sempre do que estou a viver agora, da mãe que chora a meus pés a agradecer-me a casa que acabei de lhes dar, a vida que acabei de lhes devolver. Arrendei uma casa numa freguesia a poucos quilómetros do centro, mesmo ao lado de uma das minhas bibliotecas, a tal onde o pai e a mãe irão trabalhar, será deles a responsabilidade de fazer desta biblioteca mais um espaço de lágrimas de verdade, de clientes satisfeitos. Os filhos já estão inscritos nas escolas locais, o mais novo, o dos livros sem parar, tem uma biblioteca das clássicas cheinha só para ele, mais de três centenas de livros para poder ser quem é. Vejo-os a descobrirem cada espaço da casa nova como se estivesse eu a descobrir novos espaços em mim novo. Acho que gosto de levar a dor ao parque, também gostam?

*

— Tenho tudo.

— Lamento muito.

*

O único ofício é o prazer, ou pelo menos a sua busca. Tenho realmente pena do Zé Pedro se nada lhe falta. De que vai viver agora, o que será o que procura? Somos todos os dias, a todas as horas, aquilo que não temos, mais, muito mais, do que aquilo que temos. É o que não temos o que nos faz andar, o que já temos só nos faz parar, deixar que o tempo passe, que a vida nos transporte. Pergunto-lhe se não quer mais nada, se não precisa de mais nada. Responde-me que assim de repente não vê nada que quisesse ter ou fazer, que tudo o que o guia agora é saber que o filho está bem, que nada lhe falta. Encolhe os ombros várias vezes, garante-me que está bem, que está feliz, que não tenho de me preocupar com quem tem tudo o que quer, que deveria era preocupar-me comigo, que ando para aqui a amar o que não tenho, à espera do que não sei se vai chegar, ou à procura do que não sei se vou encontrar. Explico-lhe que está mais vivo quem anda na guerra do que quem está no sofá refastelado, está mais alerta, mais em si, mais ligado, mais pessoa. Viver é viver em estado de alerta, sempre pronto para a emergência. Alguém satisfeito é alguém perigoso para si mesmo, um quase-morto. Acho que o forte é o que abandona a descrença, não é?

*

— Há uma maneira infalível de multiplicar o tempo que temos.

— Qual é?

— Dividi-lo com os outros.

*

Tento explicar ao Zé Pedro aquilo que ele já não consegue ver. Cresceu em demasia e esqueceu como se chama quem é. Eu sei o nome da loucura, também sabem? Para mim é a continuação do amor, a sucessão da infância. Divido-me para a operação bater certo. Não sou inconsequente mas aí de

mim se deixar de o ser. Cresci muito, sou a pessoa que nunca fui, acordo todos os dias diferente. Nunca acordei adulto, creio. Tenho a responsabilidade em mim, cumpro tudo o que os adultos cumprem. Nunca acordei adulto, já tinha dito? Acordo e estou acordado. Nunca ninguém acordou adulto, na verdade. Quem acorda adulto nunca acorda, verdade seja dita. Mantém-se a dormir, num sonambulismo que não deixa sonhar. Viver sonâmbulo não é estar na realidade nem é estar no sonho, é passar pelo meio do que interessa, não aproveitar o bom, não ultrapassar o mau, estar entre o toque e a fantasia, e nunca estar mesmo em lugar algum. Acho que tudo nesta vida tem a sua piada, é assim que vivem as crianças, é assim que exijo viver. Que fique claro que também tenho o direito de me destruir. Só me rendo ao orgasmo, e mesmo aí dou luta. Alguém domina a metafísica da esperança perdida?

— Não é pelos seus feitos que se conhece uma pessoa.

— Então?

— É pelos seus erros.

*

São as lágrimas que se transformam em obra, não são? As minhas não param de cair, e são saudade, sobretudo saudade. Moro numa casa que nunca ninguém habitou. Preciso de quem me traduza o corte do vidro. A cada movimento o corte aprofunda, a lâmina fica mais afiada. Onde está a mulher que amo? Porque não diz nada, porque nunca mais disse nada, como consegue passar quase duas décadas a fazer-me morrer da sua falta? A minha mãe ri-se de mim, da minha fidelidade por quem não existe, por quem nunca existiu como eu a faço existir para mim. Ninguém percebe porque insisto em esperar que ela venha, porque não perco a esperança. Há demasiada descrença no que parece impossível. Acho que terei de ser eu a desavariar as asas de quem está comigo, de quem me vê a sonhar e tenta fazer-me pousar. Deixem-me credibilizar o impossível, deixam? A vida inteira já não me chega.

*

— De boas intenções está o inferno cheio.

— E o Céu também.

*

Acho que a guerra é o abraço ao contrário. O meu no Zé Pedro é o bem completo, sabemo-lo desde que nos sabemos pessoas, cura-nos do que podemos ter a tentação de deixar de ver, de deixar de sentir, de deixar de ser.

Nada vicia mais do que fazer o bem, certo? Agora é a vez de falarmos dele, do que o incomoda, ou pior ainda do que não o incomoda mas que dá cabo dele. Está farto da vida normal, dos horários, da família e das rotinas. Sente-se mal por isso, sente-se mal por amar que nem um louco a mulher que ama, o filho que ama, e mesmo assim se sentir farto de tudo isso, do que tudo isso representa. Vejo-o como um poeta excisado do poema, ou um músico a quem tiraram a sangue-frio a pauta, fatalmente condenados a uma autodestruição inevitável. Alguns fazem a poesia, os outros vivem-na. Desta vez não chora, ainda não chora pelo menos. Conta a revolta que sente de si mesmo, de não saber ser feliz com tudo o que tem, e ele que sabe que tem tudo. Nunca quis ser feliz, será isso, pergunta-me, à espera da resposta que não dou, sei lá eu que respostas dar às perguntas que me fazem e que eu mesmo me faço. Só chega ao final quem parte certo de lá chegar. O meu amigo está feliz, tem tudo o que um dia sonhou. Acho que o pior é mesmo ter mais do que aquilo que sonhou. Como se lida com o que não nos preparámos para ter? O amor não é grande quando é triste, é grande quando é amor.

*

— Precisamos de malucos para nos sentirmos mais sãos.

— E ainda lhes chamam malucos.

*

O antídoto do ódio é o verso, ou o poema completo, se for preciso. A prosa dá de comer mas mata-nos à fome. Vou de férias com o Zé Pedro e a mulher. Só os três. Não queria, não quero. Insistiram, fizeram questão. Acho que o Zé Pedro quer que eu veja com os meus olhos o vazio completamente preenchido em que vive, o trapézio constante em que tem de se equilibrar. A felicidade é um malabarismo? Não gostamos de destinos turísticos. Vamos

passar férias ao meio da fome, a distribuir comida, sorrisos, tudo o que temos. Baixei o mínimo que tenho de ter no banco. Quase não tenho um centímo para mim, está tudo no que comprei para toda esta gente. Em redor engravatados no avião a olharem-nos como se fôssemos criaturas bizarras. A ambição tem de embrutecer? Se ela estivesse aqui perguntava-lhe: queres ser o meu pequeno-almoço? Depois explicaria, debaixo de um sorriso que só ela conseguiria descortinar: acho que preciso do amor para me ocupar o vazio que resta da noite. Não está, não há nada disso. Há um avião cheio, um aeroporto cheio, outro avião cheio, e depois um aeroporto quase deserto, no meio de uma povoação quase deserta, ou cheia de pessoas mas quase deserta de dignidade, daquilo que nos mantém a cabeça erguida. Chegamos ao primeiro destino e nas ruas há mais pessoas que não comeram nada hoje do que pessoas de estômago cheio. Tenho de me sentar para chorar às escondidas. Não quero que vejam a tristeza que sinto por elas. Respeitar é ajudar sem fazer o ajudado sentir-se ajudado, dar a mão sem precisar de fazer sentir o que recebe a mão a ser levantado. Quando deixámos de dar as mãos e começámos a vendê-las, alguém sabe?

*

— Não te preciso em nada.

— Então, porque me queres?

— Porque te desejo em tudo.

*

Só um sobrevive quando dois se afastam, qualquer cientista de meia-tigela explicará porquê. Continuo no meio da babel de sofrimentos com que me cruzo a imaginar onde ela está, como está, com quem está. Imagino diálogos a toda a hora, diálogos como os que tínhamos, em que nada ou quase nada

dizíamos directamente sobre nós e que ainda assim nos faziam conhecer-nos no que estava na parte de trás das palavras, na sombra que as palavras fazem. Talvez ande pelo mundo nas férias para ver se por acaso a encontro. A bondade pode vir de onde vier que será sempre bondade. Há quem tente descredibilizá-la porque não consegue fazê-la. Ajusto-me a mim próprio. Gosto de espalhar flores por todo o caminho, sei que quando voltar provavelmente virei descalço. É obrigatório o uso de amor. A mulher do Zé Pedro não aguenta mais as férias, pensou que seria feliz a fazer menos desgraçados os desgraçados. Mas há sempre mais desgraça do que gente para a curar. Quer voltar para casa, quer voltar para um lugar onde a desgraça não se veja. Compreendo os fracos, não os julgo. Somos adictos em respostas certas, não somos?

*

— Não há problema em seres como os outros.

— Não?

— Desde que não deixes de ser como és.

*

Gosto de quem me coloca as asas por cima. Estamos de regresso a casa, às nossas casas. Não falamos muito, temos muito na nossa memória para falar connosco. A miséria tem imagens muito mais fortes do que o êxtase, será? Quando fecho os olhos, vejo passo a passo os passos que demos, os quilómetros que percorremos, as roupas que distribuímos, as comidas, os computadores para as escolas. Sempre que o recorde, e não paro de o recordar desde que cada um desses momentos aconteceu, estou a sentir tudo outra vez, a ver tudo outra vez, a sofrer tudo outra vez. No fundo fomos felizes a levar um pouco de felicidade a quem nunca a teve, ou teve tão

pouca. O que fica é no entanto a certeza de que depois de nós voltará tudo a ser igual, as ruas com pessoas sem comida, as ruas com pessoas sem esperança, as ruas sem vida com pessoas sem vida. Que felicidade pode ter quem passa de limusina no meio de um bairro-de-lata? Quando me virem indiferente matem-me, vou escrever, emoldurar, colar em todos os cantos em que possa estar quem possa dar-me um balázio na cabeça. Sou feliz a evitar a tristeza dos outros, é assim que evito a minha. O pior vem devagar, como uma carícia. Há portas fechadas que só nos protegem. Não existe prazer benigno, conhecem algum?

— É pobre.

— Não tem dinheiro?

— Só tem dinheiro.

*

Acho que se inventou a pessoa para desobedecer à pessoa. Somos agarrados à matéria, quando somos antes de mais nada o que está antes de mais nada antes da matéria. Antes do corpo vem o que sentimos nele, no que não é ele, no que está na véspera dele. Se a vida é uma viagem, nunca me verão a querer ser apenas a mala. É isso que faço outra vez, é no aeroporto que estou outra vez. Não vou de férias, não vou salvar pessoas por mais que provavelmente vá salvar muitas pelo caminho. Desta vez vem a minha mãe comigo, preciso de quem entenda o mundo antes de mim, de quem já tenha errado os erros que ainda não errei. A sabedoria antiga nunca fica velha, pois não? Entramos no avião, somos filho e mãe a curtir a vida para quem nos vê de fora, para quem nos olha como se fôssemos corpos em movimento e nada mais. Acho que damos muitas viagens ao corpo para escondermos tudo o que está parado dentro de nós. Onde estou, onde estou? Vou buscar a mulher que amo sem saber onde ela está. Há uma pista que pode ser apenas para me despistar, nada mais. Vou agarrar-me a ela com tudo o que tenho, moldá-la ao que me faz trazer a esperança à tona. É sempre isso o que farei, serei a criança que vê no começo do dia a folha em branco, o tudo de novo. A vida é barro mas há quem a trate como se fosse pedra, não há?

*

— Somos todos habitantes do mesmo planeta.

— E habitamos todos mundos diferentes.

*

Amamos o amor que não vivemos? Eu amo. Inventei uma nova forma de afecto, diferente de todo o afecto que tive até hoje, que vi até hoje. Todo o afecto é carnívoro, precisa de dentes para morder, para retirar do osso a carne que resta. Eu vou num avião sem destino algum que não o incêndio, o fogo incontrolável onde quero descobrir quem me salve dele. Temos de estar entre as labaredas para saber como nos salvamos delas? Há quem se ocupe da repartição das cinzas. Será esse o papel que deixo para a minha mãe, coitada, vai ter de lidar com o que sobrar de mim. Espero dela o sorriso que me faça rir, a história desprendida, o olhar sem filtro. À frente da ruína temos de ser palhaços. Que comece então o circo, que venham acrobatas do tédio. Como se tira o amargo dos lábios, sabem? Ninguém neste avião pensa em mais do que aquilo que será melhor para si, e é assim que nos protegemos a todos. Lamento imenso a vida de quem aplaude sem saber o quê. A mim interessa o que fica no final da maquilhagem. Acho que preciso na vida de algo que me perturbe. Quero o que me faz duvidar de tudo, ou nada. Quantos só amam a árvore pelo que vêem na casca?

*

— Um dia conheci alguém que resolveu só viver a realidade.

— E que tal?

— Foi internado ao fim de dois ou três dias.

*

Encontramos uma mulher que diz que a viu, que diz que esteve com ela. Vejo-a, ouço-a, como se estivesse a abrir compulsivamente uma prenda de Natal. Existe a infância para nos preparar para o desastre, é isso? Conta-nos histórias sem fim, tergiversa para que a história que quero ouvir pareça mais

espessa do que aquilo que é. Aparece-me amiúde no meio da estrada o que não sei dizer o que é, para que serve, mas depois entendo que é por isso mesmo, para me fazer tentar entendê-lo, que aquilo aparece. O que me conta não tem nada que saber, não me dá muito para continuar a andar. Viu-a na rua, falou com ela porque ela lhe pediu uma indicação. É essa a indicação que me deixa sobreviver ainda. Vamos atrás do que ela procurava. Quero ser aqui, de agora em diante, o melhor investigador que o mundo já viu, que se façam séries, livros, filmes, sobre a minha genialidade enquanto inspector. Perdemos tantas euforias só por estarmos distraídos, e até a distração se bem usada pode ser eufórica. A minha mãe confessa que já há muito que não me vê tão menino, tão o seu filho de novo. Amar é aprender onde começa o que nos acaba, e obviamente acabar com isso. Não será brincar fazer sobreviver o desejo?

*

— Não tenho pena de quem tem medo de morrer.

— Então?

— Só tenho de quem tem medo de viver.

*

A carne é um privilégio momentâneo. Preciso da dela, alguém leva a mal? Eu e a minha mãe num comboio apinhado, quase a chegar ao tal destino que descobrimos que ela procurou. Tenho a ansiedade a subir pela garganta, também tinha saudades dela lá. Só me queixo do que não é sôfrego. Ao nosso lado, uma família parece passar o domingo, lentamente. Os quatro filhos de pé, a correrem pela carruagem, a fingirem que correm pelas possibilidades quando estão a correr até à extremidade da jaula. O objecto do sonho é o esquecimento. Os pais deixam os filhos correrem, deixam os filhos sonharem.

É esse o seu principal motivo, existem para isso mesmo, por mais que muitos pensem que estão aqui pelo contrário. Olho para a minha mãe, vejo-a a visitar a paisagem pela janela do lado. É isso que está aqui a fazer, a assistir de perto ao meu sonho sem jamais mo impedir, a mostrar-me que é possível amar quando quem amamos não é o que queremos que seja. Espera que volte a mim, ou que não volte, mas que continue a ser corajoso ao ponto de arriscar o que me faz arriscar. Só amamos o que nos faz arriscar, porque não arriscar nada por isso seria um risco intolerável. Há sabedoria sem tristeza antes? Digo obrigado à minha mãe, ela diz-me obrigada também. Pergunto-lhe porquê. Diz-me simplesmente Porque te amo. Deveríamos agradecer a quem amamos por nos permitir que haja alguém que amemos, não deveríamos? Só agradecemos o que recebemos quando deveríamos era agradecer termos o que dar e sobretudo a quem dar. Não quero quem me ame na sepultura.

*

— Há uma grande diferença entre um herói e um palerma.

— Qual é?

— O herói faz.

— E o palerma?

— Critica.

*

Tento dizer ao Zé Pedro que está a ser um chato a dizer que não entende o que estou a fazer, o que ando aqui a fazer nesta viagem. Adoro que se enganem sobre mim. É uma delícia. Alguém sabe verdadeiramente como está? O Zé Pedro esqueceu-se das horas que passámos a caçar gambozinos, a caçar o que não existe, e conseguíamos sempre caçar o que nos interessava, para nós eles estavam lá, porque eram eles que nos uniam, que nos faziam

estar juntos a olhar para um espaço sem nada onde nós estávamos todos. Há quem precise de borboletas na barriga, eu preciso de gambozinos, preciso de algo que me alimente o material com um toque, ou com tudo o que há nele, de intangível, de irrealidade. A realidade só serve para nos retirar a poesia, para nos estreitar os caminhos. Chegámos à localidade onde ela pode estar, estou aqui todo como já não estava todo em lado nenhum há muito. Chego ferido de saudade, posso partir ferido de desilusão, não sei qual será a pior. Choro um pouco antes de sair do comboio, assim já saio mais livre. Acho que nunca ninguém não teve feridas para curar, não acham?

— O dinheiro não me traz felicidade.

— Porquê?

— Porque o tenho em pouca quantidade.

*

Brinco com isto mas é o que sinto. Não vejo no dinheiro nada mais do que papel pintado. Como ficamos reféns de uma coisa tão seca assim? O Zé Pedro está sem saber o que dizer. Acabei de lhe dizer, pelo telefone, que a minha última grande decisão foi a de lhe dar a empresa toda, tudo, não fico com nada, peço-lhe apenas um salário ao final do mês e que mantenha, a não ser que aconteça algo terrível e inexplicável, a mesma equipa de pessoas com que começámos a trabalhar. Ouço-o a tapar o auscultador com a mão, a dizer à mulher, a dizer ao filho, os três a chorarem porque de repente são donos de uma cadeia milionária de Bibliotecas de Lágrimas. Amputa-se uma perna mas nunca uma memória, muito menos um beijo. A minha mãe dá-me uma palmada nas costas, dá-me com os olhos o orgulho que tem em mim. Andamos todos em carruagens vazias? A minha tem estas pessoas todas e é por elas que faço tudo o que faço. O raso atira-me ao chão. Se é para dançar que seja nu, para que a liberdade apareça toda de uma vez, para que sejamos o depois do limite e não o antes das grades. Agora toca a desligar a chamada. Há uma mulher para amar, e antes disso para encontrar, esqueceram-se?

*

— Perdi a batalha.

— Porquê?

— Não sabia que estava numa.

*

O sonho serve para fingir a ressurreição? Recebo há dias, por todos os lugares onde passo, bilhetes destes, com diálogos destes, com frases destas. Sei que são pistas, sei que é ela, ou alguém que sabe onde ela está, a querer dizer-me que está viva e que está viva para mim. De cada vez que leio essas frases acende-se uma luz em mim. Sou eu quem a acende, com a ajuda dela, ou deles. Há tanto quem passe a vida na escuridão só porque nunca abriu as persianas. Escancarei as minhas, continuo com a minha mãe a percorrer o mundo, a investigar o mundo. Já tirei a fome a algumas famílias, já abracei outras tantas. Falta-me ela para abraçar. Sinto saudades das manhãs claras, do vislumbre da eternidade a espreitar pela frincha, do que fica após as roupas rasgadas, das pupilas dilatadas, do sangue proibido, da sensação da ponta da espada. Já não o sinto, já não o tenho, há duas décadas, e nunca o tive com ela. Sentei-me à mesa de um restaurante e mal levanto o prato já lá está mais um cartão, mais um diálogo. Querem ler comigo?

*

— Há algo que adoro no passado.

— O quê?

— Estar a ser construído agora mesmo.

*

Acho que agora está a dizer-me que é agora, agora mesmo, que estou quase a chegar a ela, que estou quase a construir o nosso passado a dois. Diz-me certamente para explorar este instante, que é nele que estaremos para sempre. É urgente o absurdo, é sensato preservar uma réstia de insensatez. Vou ao sabor das ondas que chegam dela, nado cada vez melhor, não nado? Subestima-se tanto a folha que flutua, curva a curva a curva, até ao chão,

quando é ela o que fazemos, dia a dia, até ao fim. Posso ser a folha no meio do tufão, posso? Quero ser levado com toda a força, para um lado, para o outro, bater nas paredes se tiver de ser, cruzar o chão de raspão se tiver de ser, ser pisado pelas rodas de um carro, e depois voltar a voar, torta e talvez partida em vários lados, mas feliz, torta e talvez partida em vários lados, mas eu. Valoriza-se tanto a visão periférica quando ela só serve para nos desviar do nervo. Olho à volta, procuro mais pistas, indicações de que ela possa estar mesmo aqui, neste restaurante, a olhar-me procurá-la. Posso melhorar a verdade? É o que faço, é o que tento fazer. Começo, depois de ver que não a tenho aqui perto, depois de vasculhar tudo o que posso vasculhar, por construir um passado com quem posso. Mais um abraço na minha mãe, mais um Obrigado à minha mãe. Amo quem tenho para que se perceba também que posso amar quem quero ter, que sou merecedor de amar quem quero ter. Não quero seduzir o que não posso saciar. Quero guardar o que eu quiser. Eu e a minha mãe a sairmos de braço dado, de amor dado, do restaurante. Por favor não me avisem que estou feliz.

*

— Uma pessoa sempre equilibrada vive mais tempo.

— E menos vida.

*

As pessoas mais lindas têm de ser loucas, não têm? O Zé Pedro diz que é um homem equilibrado, que eu acho que é a mitigação que ele usa para dizer que é um homem resignado. Não lhe digo nada disso, deixo que seja feliz, que acredite que é esta a sua felicidade, e se calhar até é, Deus queira que sim. Vive como residente numa casa feita de negócios com muitos dígitos e uma rotina que o sacia. Quando o sinto feliz fico feliz, por mais que a

felicidade dele seja tão diferente da minha. Não aceito ser só hóspede da minha vida, sou dono dela, nada menos. Acho que a ferida é passageira, por isso não a temo tanto assim. Quem evitou a cicatriz ficou intacto, não existiu. Temos de erguer barricadas contra a indiferença. Os meus últimos meses têm sido assim, a construir muros sobre a desesperança para ver melhor onde posso chegar. Preciso de aprofundar a espera. Não é a paciência uma forma de fé? Na pior das hipóteses estar à procura dela fez bem a tanta gente que não ela. Sou muito bom a ser humano, têm dúvidas disso? Vivo um amor que há grandes probabilidades de nunca ter existido, mas se existe em mim é real, tangível até. Quando se ama dá-se sempre um jeitinho, não dá?

*

— Quando me vires gritar, não tenhas medo de me perder.

— Quando deverei ter?

— Quando me vires bocejar.

*

Mais uma mensagem, esta dentro da minha mala, que acabei de abrir quando chegámos ao hotel onde passaremos esta noite. Sempre que olho para o que me fascina aparece-me ela, melhor era impossível. Acho que o erro é viver sempre a olhar para o relógio, não? Faço por evitá-lo. Vivo mais no que poderia ter acontecido do que no que de facto aconteceu. Basta uma palavra dela, um bilhete dela, para ficar com pilhas de euforia para mais umas horas. Sinto-me genial quando me sinto amado por ela, que dependência bonita, não é? Acho que há quem não me entenda, acho que às vezes só há quem não me entenda, quem fale em amor doente, em amor escravo, em ser do outro mais do que mim mesmo. Discordo amorosamente. Não há génio sem amor, há? Cubro de beijos todos os bilhetes, coloco-os dentro do meu caderno de

viagens, entre o que escrevo de mim e o que ela escreve para mim, não sei se há grande diferença, logo verei. Quero que ela nunca acabe, nem que seja só na busca que existe dela em mim. A vida pode até começar mal, com choro e tudo, mas o que não deveria era acabar mal, que é o mesmo que dizer que não deveria sequer acabar, entendem? O Zé Pedro vai-me dizendo, com palavras que não o dizem com coragem mas que o dizem no que não consegue dizer, que estou a viver um equívoco, que estou a dedicar-me ao que não me levará a lado algum, sem saber que já estou no lado que quero, a amar quem quero amar, com a minha mãe ao lado, os gatinhos a adorarem passear como nunca vi algum gato adorar, e a esperança connosco. Todos os dias insiste que estou a errar. Talvez até tenha razão, concedo. Posso viver duas vezes cada erro que cometo?

— Há algo curioso sobre a nossa força.

— O quê?

— Só aparece de verdade nos momentos de fraqueza.

*

A minha mãe sentiu-se mal. Desmaiou a meio da nossa viagem, de mais uma das nossas viagens. Agora íamos de elefante, vejam lá, no meio de uma espécie de deserto que para ela estava a ser um parque de diversões. Quem quer ir de avião quando pode ir de tapete voador? É o que amamos que nos dá o cutelo do desastre. Estava tão feliz, tão feliz. Deve ser do calor, espero. Preciso de acreditar que é apenas isso para conseguir aguentar este caminho até ao hospital mais próximo, se é que será mesmo um hospital ou a coisa mais parecida com isso que há por aqui. Não sei se tenho coragem para ser o pai da minha mãe, entendem? Creio furiosamente no que nunca poderei ser. Os olhos dela a olharem-me, ainda meio caídos mas já todos meus. Gosto de quem me olha como se me colocasse a pele em cima. Nunca mais chegamos ao hospital, nunca mais. Será apenas madrugada enquanto a minha mãe não acordar feliz. Preciso da consciência límpida de que a tenho para saber respirar comigo. Só o inconsciente é livre, é isso? Não aguento e começo a tratar mal quem conduz este carro no caos de um trânsito de uma cidade que para mim é um labirinto de medo, nada mais. Todos os carros estão parados há mais de dois ou três minutos. Nem um movimento. Saio do táxi e levo a minha mãe ao colo. Estarei inadaptado mas nunca parado, permitam-me a petulância. Estávamos tão perto, bastou mudar de rua para ver a indicação de Hospital na parede. Às vezes virar a página é só virar a esquina. Aguenta,

mãe. Estamos a chegar ao futuro. Também é aos trambolhões que se aprende a voar?

*

— Nunca fraquejei.

— Fraquito.

*

A minha mãe brinca comigo enquanto esperamos que uma espécie de médico entre nesta espécie de consultório. Sinto a culpa nos braços. Poderia estar tranquila, em casa, já não tem idade para isto. Triste não é quem se perde, é quem sabe todos os caminhos de cor, diz-me ela para me descansar o remorso. É tão bonita a minha mãe. Acho que amar é podermos despir-nos no meio das falhas. Ela despe-se, sempre se despiu. Aprendi com ela o contorcionismo que viver também exige. Há quem só consiga digerir a vida se já vier mastigada. Foi ela que mastigou sempre a minha, pedaço a pedaço, até pouco mais do que migalhas restarem para me chegarem à garganta. Para voar é preciso asas e céu, mas também um ninho para onde voltar, não é? Não sei o que dizer e nada digo. Olho-a, acarinho-a, agradeço-lhe, peço desculpa. Tudo no mais profundo silêncio, apesar de todo o barulho que entra pelas janelas, que supera as portas finas, doentes. Só há duas hipóteses quanto às palavras: ou calar ou ser mal interpretado. Qual prefiro agora? Digo à minha mãe que a amo, mais uma vez, as vezes que puder. Gosto de ser o que não era para ser.

*

— Não somos amados quando nos dão o que nos falta.

— Então quando somos?

— Quando nem damos por qualquer falta.

*

O raio do médico não chega. A minha mãe e eu tentamos falar de quem somos, do que fomos, do que ainda pensávamos vir a ser. Eu ainda acredito, mas sinto que ela fala num tempo novo, um pretérito futuro, na melhor das hipóteses. O que nos desprende o sonho da corrente, sabem? Acho que não desistiu, acho só que já coloca a possibilidade de a sua linha poder estar a ficar sem tinta, como se sentisse a carga da caneta a desaparecer, ténue, ao longo da folha branca. Vais resistir, ordeno-lhe. Isto não é nada, não é nada, tento convencê-la, e mais a mim, obviamente. Vai resistir, claro, não tem outra opção. Antes da Primavera é que se vê quanto vale uma semente, quando ainda ninguém sabe quando acaba o Inverno. Fecha os olhos, sucumbe outra vez ao que quer que tenha em si e que o raio do médico que não chega ainda não disse o que é. Corro porta fora, procuro aos gritos quem me ajude. Não permito quem se sente sobre a dor da minha mãe, ninguém. Avisem por todo o lado que se estou aqui é para desafinar a malta, avisam? Encontro o médico no meio de um corredor, trago-o pelo braço até ao consultório onde já deveria estar há muito. Balbucia palavras que não entendo, fala numa língua que não percebo, num dialecto privado. Depois faz uns movimentos na minha mãe, enfia-lhe uma seringa pela veia. Vejo-lhe os olhos a abrirem-se bruscamente. Está de volta. É tão bonita a minha mãe. Quem disse que o Verão tem de acabar?

*

— Atrasei-me uns segundos.

— E depois?

— Depois perdi uma vida inteira.

*

A dor da minha mãe acalmou. Fala-me como se quisesse dar-me as últimas lições, num tom professoral que me recorda o da minha avó quando pensei que ia. Diz-me para continuar a lutar pela mulher que amo, que é isso o que neste momento sou, um lutador do amor. Sou, amo essa mulher e pensar nela continua a trazer-me a raiz da paz e do desassossego. Nunca a tive, é toda minha. O que mais dói naqueles que não foram o que nós queríamos que fossem em nós é que mesmo assim não deixaram de o ser. Quando é que o mundo deixa de ser nosso? O médico chama-me a uma sala à parte e eu sei que vai doer o que tem para me dizer. O que dói muito pede sempre uma sala à parte, para que os berros ásperos da dor não acordem quem ainda não os conhece. Ouço, resisto. Acho que esfacelar a cobardia é um passatempo giro. São os nossos olhos que sujam a Terra? Sei que a minha mãe está doente, muito doente. Vou levá-la para os melhores hospitais que conseguir, vou levá-la para junto de casa, onde tudo será menos estranho, mais nosso. Não é o corpo que preenche o desejo, muito menos a solidão. Sabemos todos que amanhã vamos morrer e nem assim amamos a fundo o hoje. Foi-lhe injectado mais um líquido na veia, fecho-lhe os olhos com cuidado, deixo que durma se conseguir. É tão bonita a minha mãe. Há tanto quem pense que amar é a euforia de deitar o corpo no sábado à noite quando amar é muito mais acordar a dois no domingo de manhã.

*

— Educar não é ensinar o outro.

— Então?

— É respeitá-lo.

*

Vamos num avião para casa. Ao fim de alguns dias no hospital finalmente houve autorização, a minha mãe teve finalmente força para voltar a casa. Veio aos meus ombros, frágil, quase em queda. Ninguém ligou nada, poucos pescoços rodaram, nenhum braço se aproximou para me ajudar a ampará-la pelo caminho. Não quis a cadeira de rodas, teimosa como sempre. Achas que sou uma velha, não?, perguntou-me, e eu ri-me e continuei a carregá-la, devagar, pelo corredor de embarque. O que está na extremidade da decência? Aos poucos vai erguer-se, não tem outra hipótese, aí dela. Prometi-lhe que não morreria tão cedo, vou cumprir, alguém duvida? Temos medo das promessas, pedimos compromisso como se o que sentimos fosse uma reunião qualquer no calendário, uma formalidade, um protocolo ligeiro. Quando amo prometo, e ao prometer cumpro-me, estou a lançar-me inteiro porque é por inteiro que a promessa se faz. Não vais morrer, mãe. És tão bonita, tão bonita. A verdade é esmagadora, tem por vezes de chegar pelo delírio. Será a alegria uma encenação? É tão bonita a minha mãe. O avião aterrou, há quem queira ir à nossa frente, já de pé no corredor. Grito bem alto que somos nós os primeiros a sair. Todos obedecem, assustados. Que cabeça tem quem nunca perdeu a cabeça? As hospedeiras vêm ver o que se passa, entendem tudo num instante, dão-nos a prioridade que já deveriam ter percebido que tinham de nos dar, pedem desculpa pela distração. Limpo com a ponta da minha camisola a lágrima que a minha mãe não quer que se veja do seu lado esquerdo, junto à janela. Está enfim pronta para se levantar, orgulhosa e ela. É amor quando as lágrimas de um escorrem pelo rosto do outro, não é?

— Juntos não fazemos um inteiro.

— Então?

— Juntos somos os dois inteiros.

*

A minha mãe a caminhar pelo hospital com a bengala do soro ao lado. Anda depressa, como se quisesse sair mais depressa da doença. Acho que temos pressa de chegar seja onde for, nem que seja a lugar nenhum, não é? Poderia olhar para o que ainda não pode ser, prefiro olhar para o tão pior que já foi. Serei sempre Janeiro, o começo do calendário, as cortinas prestes a abrir. Importa às vezes não olhar, só isso, fazer de conta que não há nada onde se olharmos pode estar tudo, pode estar o que nos fecha os olhos ao resto. O que seria das borboletas se soubessem ver a sumptuosidade das suas próprias asas? Peço-lhe que se sente um pouco, que me conte o que lhe passa pela cabeça, que planos tem para o futuro. Diz-me enquanto caminha, sem nunca parar, que está pronta para desistir, que desistir também pode ser uma forma válida de coragem. Não lhe admito isso, não lhe admito menos do que começar outra vez. Todo o amor começa uma nova era. Nem penses que suportarei o teu lugar vazio à mesa, nem penses, explico-lhe, de olhos bem abertos, dedo em riste. Consigo que se sente. Limpo-lhe as unhas, pinto-as, mando vir uma especialista em cabelos, outra em estética, outra em moda. É a doente mais elegante de todo o hospital, seria de qualquer maneira mesmo se eu não fizesse nada. Mantenho-a por fora a rainha que nunca deixou de ser por dentro. Somos o que nos treme no peito, não somos?

*

— Um milionário não é quem enriqueceu em doses excêntricas.

— Então, quem é?

— É quem amou em doses excêntricas.

*

Fui milionário e não tenciono deixar de ser. A minha mãe ouve-o, faz de conta que não, continua nas suas divagações pessimistas. Preciso que deixe de ser ela mesma um instante, preciso que seja o que lhe dá esperança. Que mal tem ser o que vai atrás do outro sempre que necessário? Toda a gente quer mudanças mas não vejo ninguém a querer mudar, já viram? Está a ser penteada como uma diva, uma das suas colegas de quarto olha com inveja. Venha, venha, diz-lhe ela, a mulher vem, senta-se ao lado. Ficam as duas a falar sobre a vida, os filhos, a cabeleireira sem mãos a medir para as duas cabeças. A felicidade pode ser guardar lições onde outros guardam rancor. A vingança é uma perda de tempo. Quem fez mal a alguém já fez mal a si mesmo ao fazê-lo, não fez? Estão duas mulheres unidas pela doença, e eu a ver, invejoso. Voar mais alto não é cortar as asas dos outros, pois não? Deixo-as sozinhas, nem notam. Vou respirar lá para fora. Não se controla a dor dos outros, nem a dor dos outros sobre a nossa, nem a dor dos outros que nos faz doer. Sou um pelintra da sensatez, um forreta da racionalidade, entendem? Gasto dela apenas o que tiver de gastar, ou ainda menos. O Zé Pedro vem ver a minha mãe, cruza-me com ele à entrada. Não o vejo feliz com a sua vida enquanto subimos pelo elevador. É o homem perfeito com a família perfeita, e está perfeitamente aborrecido. Alguém pode por favor cancelar a perfeição?

*

— Não lighes muito aos que não sabem aproveitar o seu tempo.

— Porquê?

— São os que mais te fazem perder o teu.

*

Chegou a vez de o Zé Pedro estar a receber as lições que a minha mãe, agora que pensa estar a despedir-se de nós, julga que tem o direito de nos dar. Contou-lhe o que queria dizer, está a ouvir o que não queria ouvir. Só um cobarde diz que a vida é o que é. A vida nunca é o que é, só o que nós queremos que ela seja, coitadita, expõe a minha mãe com aquele ar carregado, de quem pensa estar quase-morta. Nunca se morre do melhor lado, por isso é que é melhor não morrer, entro eu na conversa, só para lhe mostrar que não tem margem para se ir embora daqui, do mundo em que eu estou. Vamos celebrar a permanência como nunca ninguém celebra, só se celebra o novo e nunca a continuidade do que já é velho. O que é mais feliz: a felicidade ou a sua véspera? Olho-a com cada vez mais profundidade e vejo-a cada vez mais profunda, cada vez mais marcada, cada vez mais interessante. A dor é o contrário da futilidade. Somos todos heróis adiados. Desaba agora, em prantos diz-me que não aguenta assim muito mais tempo, que está desconfortável, que tem dores, que não é vida isto que lhe acontece. Digo-lhe que vai ter de aguentar, que nestas alturas temos de aguentar a passagem da onda para regressarmos à praia. Não temos de ter pressa, só coragem. Se tiveres a indecência de ir-te embora não penses que vou conseguir vender a casa, nem pensar, nem pensar, mãe. Ainda há tempo para ser feliz, garanto-lhe. Podemos deixar a morte para depois, não podemos?

*

— Já descobri o que são as lágrimas quando te olho.

— O que são?

— São os meus olhos arrepiados.

*

Porque é que querem que um louco de amor se comporte de forma normal, conseguem saber? Amo sem ponta de esperança, e assim me conheço. O Zé Pedro parece mesmo infeliz, como se estivesse a sentir culpa pelo que aconteceu à minha mãe, pelo que aconteceu a si mesmo. Nem tudo é o que parece, mas às vezes é mesmo, atenção. Todos os humanos são enigmas indecifráveis, casinos com tanto de milionários como de desventurados. É mais fiável apostar no beijo ou na roleta? Afago levemente a cabeça da minha mãe e fico com um pedaço de cabelo na mão. Pela primeira vez na minha vida tento segurar as lágrimas, não consigo, não tenho treino para isso. Acho que não é admissível a minha fé ser inútil. Guardo o cabelo no bolso, escondo-o da minha mãe, e particularmente de mim. Pode um dia curto de Inverno nunca mais acabar?

*

— O desejo é sempre uma loucura?

— É. Mas não é a maior.

— Então qual é?

— A ausência de desejo.

*

O Zé Pedro não sabe mais o que fazer com o que sente, com o que não pode evitar sentir, uma insolvência, uma inusitada carência de tentações para evitar ou para cair desenfreadamente nelas. A porta abre-se. O médico traz más notícias, todos o sabemos. Há na certeza da morte uma liberdade desenfreada. Ainda não ouvi nada e já desatei a chorar. O que é isso de amor contido, alguém sabe? Talvez possa ser a melhor maneira de ensinar o que é um oximoro, será essa a sua utilidade, mais nenhuma. Se é para ensinar

gramática ensinemos também o que é uma redundância, podemos começar por mãe amada, por exemplo. Não temo a maçã proibida, antes deixar de ter desejo de a provar. O médico disse mesmo, disse mesmo, que a minha mãe terá de ficar sem uma perna para não ter de ficar sem a vida. Ela ouviu, eu ouvi, o Zé Pedro ouviu. Ninguém comentou. O silêncio emudece quando é um silêncio assim. Vão arrancar a perna à minha mãe. Vão arrancar a perna à minha mãe. Vão arrancar a perna à minha mãe. Digo-o a mim mesmo até não ser insuportável, mas nunca deixa de ser. Vão arrancar a perna à minha mãe. A loucura é uma entrevista interminável a nós mesmos, é isso?

— Não confio nos outros.

— É natural.

— Porquê?

— Também não confias em ti.

*

O céu caiu-me em cima, ou já não há céu? Estou sentado, cabeça entre as mãos, numa das cadeiras velhas do hospital. Lá dentro a minha mãe sentiria as facas a entrarem-lhe pela pele, mas há a anestesia a salvá-la do que ainda assim acontece. Precisamos muito de quem nos anestesia as facas, não precisamos? Não sei o que pensar, não sei quem sou, o que serei, como reagir ao que não sabia que poderia aparecer-me à frente. Gosto de me reconhecer na minha loucura. Estou sozinho, mesmo que o Zé Pedro esteja aqui. Na dor que sentimos estamos sempre sozinhos, é uma dor nossa. Precisamos de encontrar a melhor maneira, a menos má pelo menos, de manter o voo queda após queda. As flores são o depois das borboletas, não são? É no incontido que habito. O Zé Pedro fala por gestos, por silêncios, por lágrimas, por tiques que não param. Cada pessoa tem a sua própria língua, não tem? Tenho a certeza de que vou continuar a sorrir, garanto. Acho que a coragem escurece as ovelhas, quanto mais acreditam que conseguem menos brandas são, menos controladas são. Há controlo sem manipulação? Se pudesse entraria naquela sala, diria à minha mãe que não é por ter menos uma perna que terá menos um amor, terá até mais amor, um amor mais duro, mas mais amor. O que nos faz sentir vivos tem de matar?

*

— Provoca-me.

— Para quê?

— Para poder dizer que foste tu que começaste.

*

Posso pedir uma segunda via dos meus erros? A professora, a professora de Música que um dia foi a minha companheira de vida, a minha companheira de amor, está aqui. Passaram décadas e continua a mesma. Mais nova do que nunca, mais acima da pele enrugada do que nunca. Veio para lutar comigo. Não veio sozinha, trouxe o marido, diz-me como se chama, diz que quando lhe disseram que eu estava sozinho num dia destes veio a correr para sofrer comigo. Poderia estar contente com a presença dela, deveria até estar, posso até estar, mas nem o sinto. Tudo o que consigo sentir é a minha mãe deitada a ficar sem uma perna. Mãe é um adjectivo, não é? Quando quero elogiar alguém não penso em nada melhor do que lhe dizer que é tão mãe. Recebo um abraço dela, um abraço dele. Apresento-lhes o Zé Pedro, nem fico para ver o que dizem, o que fazem. Vou a correr ver quem está a abrir a porta da sala de operações. Grito por notícias, ajoelho-me por notícias. Acho que temos de viver sempre como se ninguém estivesse a ver-nos, não acham? Precisamos de alguma irresponsabilidade nos passos, de um perigo que nos acorde. Estou mais alerta do que nunca, mais assustado do que nunca. Não sei o que aconteceu, o que deixou de acontecer. Estes segundos até começarem as palavras do médico não passam, não há maneira de passarem. Alguma vez sem a dúvida se fez a felicidade?

*

— Passei a minha vida a economizá-la.

— E o que aconteceu?

— Desperdicei-a assim.

*

O marido da professora de Música abre-se comigo, agora que viemos os dois apanhar ar. A minha mãe ficou com a mulher dele, com o Zé Pedro num canto. As certezas não existem, nada sei do que virá a seguir. Há mesmo quem queira uma vida sem incógnitas? Não há um diagnóstico claro, a cirurgia pode ter corrido bem, correu mesmo, mas nada é ainda garantido quanto ao que será a recuperação agora, nada se sabe sobre a probabilidade de uma espécie de recaída suceder. Este homem está cansado de viver, não mo diz, acho que até está a dizer o contrário, mas este homem está cansado de viver. Há contudo nele uma serenidade espessa. Os lençóis mais belos são os mais velhos, os gastos, todas as histórias precisam de uso. Não aguento mais de um minuto ou dois aqui. Subo de novo para o quarto, quero segurar quem me deu o aconchego absoluto. Pior do que a dor só o desamparo, e a sua respectiva dor. Tudo é incógnita, sou hoje se tiver de ser o contrário do que fui ontem. Mudo todos os dias, nunca o faço sozinho. A minha professora e o Zé Pedro a sorrirem a verem-me chegar, a verem-me mudar. Amigo que é amigo ajuda nas mudanças, não ajuda?

*

— Sei muito sobre as pessoas.

— Como?

— Pelo que escolhem ver em mim.

*

Com isto a minha mãe está a dizer a esta gente que está aqui que ou escolhem olhar para ela com outros olhos que não os de pena ou mais vale porem-se a andar. Sinto-me vexado por estar a mostrar o que realmente estou a sentir, que vergonha, que vergonha. Preciso destes momentos, sempre

precisei, para treinar a minha humanidade. É assim que se fazem os génios. Gosto do que me embaraça perante mim, do que me expõe ao meu ridículo particular. Não temo a impotência, só a maneira como olho para ela. A fragilidade pesa mas é sem ela que ficamos pesados, não é? Lutarei nos próximos tempos pela dissipação da dúvida, pela aclaração da ansiedade, para que o sufoco da melancolia se esbata. Quando alguém diz que está calor lá fora e outro alguém diz que não está calor nenhum há quem ouça bem os dois lados, meça bem cada palavra, avalie cada argumento. Eu não faço nada disso. Eu vou lá fora e vejo se está calor, pronto, problema resolvido, dúvida terminada. Vou saber o que tens e para onde vais, mãe. Para perder tempo que seja com o que vale a pena, não é?

*

— Os idiotas fazem tudo para entender o amor.

— E os outros?

— Fazem tudo para amar.

*

Não entendo o espanto de quem me olha a entrar no quarto. Pensariam porventura que ficaria quieto e calado a ver a minha mãe amputada? Por mais chocante que possa ser farei tudo o que puder, até chocar, para fazer quem amo menos feliz do que seria sem mim e a minha loucura particular. Será que quem foge do beijo acha mesmo que foge do destino? Do meu já quis escapar, agora só quero aproveitá-lo. Chegam-se todos até mim, perguntam-me como estou, porque fiz aquilo. Não conseguem entender que estou melhor do que nunca, agora que a minha mãe me olha e no meio de um choro de espanto, de quase horror, me dá um sorriso que só eu detecto. Fiz isto para lhe fazer renascer uma fantasia, a fantasia que ainda posso dar-lhe. Iludido é

quem nunca se iludiu, como acreditou que algum dia seria feliz assim? Com ela viva fico vivo. O que alguns vêem como um acto de perdição é o que faz reencontrar-me com ela. O poder dos mapas é fazer-nos saber exactamente como podemos perder-nos, certo? Estou sem uma perna, com algumas notas tudo se consegue e sem grande dor, mas com a minha mãe novamente igual a mim, entre nós não haverá diferenças que possa evitar. Mutilado de tudo menos de amor, que fique lavrado em acta. Às vezes é de machado na mão que se quebra o que nos gela, não é?

90.

— O amor serve para nos pôr direitos.

— Serve nada.

— Então para que serve?

— Para nos virar do avesso.

*

Há pessoas que são a sua própria maré, não há? Nada as leva, elas é que levam tudo consigo. A minha mãe é isso, a estrela que se ilumina a si mesma. Sempre foi. Somos o céu do céu, já viram? Quando olham para cá de lá de cima somos nós o insondável, o misterioso. Não é tudo uma questão de perspectiva, mas é tudo uma questão de amor. Vemos do lado que amamos, com o ângulo que nos faz amar. Está a chegar o momento, o minuto exacto de saber se está tudo bem com ela, se está mesmo tudo bem com ela. Estamos aqui todos, eu, o Zé Pedro, a professora de Música, o marido dela. Deixaram-nos estar todos aqui para ouvirmos a sentença que alguém certamente vestido de bata branca vai trazer-nos. Irei ouvir o que bem entender do que for dito, isso é certo. A receita para a felicidade é simples, só temos de não conservar o que nos fez mal e de guardar o que fizemos bem. De mim não desistirei, garanto. Vou todo para onde for preciso para ela ficar. Quando não nos atiramos por inteiro, como queremos que as relações não fiquem pela metade?

*

— Tens um modo único de pensar.

— Qual é?

— O OFF.

*

Ainda não veio ninguém. A minha mãe brinca, explica o que sente sobre a situação do Zé Pedro, incansavelmente, entre uma ironia e outra. Com a idade foi ficando mais como eu, mais como o meu pai. Olho-a para me olhar, para poder ver-me como sou. Preciso de caminhar sozinho no que é só meu. É uma velhota cheia de pinta, como a avó foi. Vai dançar lambada na cara da morte como ela dançou. Ou somos loucos ou estamos a caminho de o ser, não há terceira opção, há? O Zé Pedro no meio de tudo isto é o desgraçado, tenta fazer-se passar por desgraçado. A minha mãe diz-lhe para olhar para a perna esquerda dela, ele diz que não pode, ela diz que é claro que não pode, se ela não a tem como pode olhar? Depois pede para olhar para a minha perna esquerda, ele desta vez nem responde, ela diz que se tem as duas pernas que se deixe de coisas e que não pense que é o gajo mais infeliz da sala, porque não é. E ainda nem falei da doença que tenho em mim e que pode matar-me, acrescenta ela, mas não quis humilhar-te, explica. No campeonato dos desgraçados acho que uma pernetta com uma doença grave é pouco menos que imbatível, o que vos parece? Ele sorri, todos sorrimos. O ambiente fica melhor, deixa entrar um bocadinho de ar para não explodirmos todos. Sorrir é abrir portas, janelas, por dentro de nós, deixar a luz entrar um pouco.

*

— Tenho uma carreira de sucesso.

— Porque te fez ficar rico?

— Não. Porque me fez ficar feliz.

*

Veio a pessoa da bata branca. Desta vez é uma mulher, cheia de cuidados, de máscara, de bata, com um uniforme que mais a faz parecer um astronauta.

Estamos nesta conversa de encher chouriços até que chegue o resultado de um exame. Vistos de longe poderíamos muito bem ser todos um grupo de amigos reunidos à volta de uma mesa. O frugal é o luxo dos que amam, a simplicidade está apenas junto a quem quer porque quer, sem explicações complexas, sem viagens metafísicas. Como esquecemos tantas vezes que é da chuva que se faz o mar? De minuto a minuto, ou nem isso, pergunto-lhe se o resultado do tal exame ainda demora, ela responde-me que não, que não demora nada, que vai ser uma folha que alguém vem trazer. Numa só folha pode estar o futuro da Humanidade, da minha, pelo menos. Nela queria que viesse o sossego, seria pedir muito? Acho que já passei a fase da euforia, sou uma criança mais calma agora, capaz de perceber que é muitas vezes de respiração lenta que se sente o prazer. Posso tentar explicar que até o orgasmo é um acto de paz?

*

— Acho que nunca vou querer descansar.

— Então vais querer o quê?

— Cansaços novos.

*

Porque desvalorizamos tanto o contentamento? Se a minha mãe continuar já avisou que é o contrário de mim, que não vai querer paz alguma, que vai querer a euforia, o puro do êxtase, andar de bicos de pés sobre o fio da navalha. Aplaudo-a e inspiro-me nela, como fui capaz de por segundos abdicar da falta da respiração, como? Se a vida vale a pena é pelos momentos em que ela nos falta, qualquer miúdo sabe isso, o que só prova que tenho momentos em que cresço de mais, peço perdão. Acho que há muita gente que ainda continua a escolher sapatos quando já não tem o pé. Somos tão

dependentes de não duvidar. Chegou outra pessoa, um homem de cara fechada, que traz a tal folha na mão. É agora, é agora. A doutora pega na carta, pede ao homem para sair da sala. Posso redizer, antes de saber o que quer que seja do que está escrito naquela folha, que farei livre a minha mãe por mais que uma doença qualquer a queira reclusa? Nunca seremos cópias repetidas, prometo. Tenho liberdade de lutar por quem não a tem, não tenho?

*

— Quero que sejas parte da minha história.

— Sim?

— Sim. Só não quero que sejas parte da minha vida.

*

A minha mãe quis adensar ainda mais a espera. Pediu à doutora para ainda não ler nada, começou a encetar um diálogo com a doença. Acabou de lhe dizer que não quer que ela fique mais, que a relação das duas já deu o que tinha a dar. Há quem só faça a pessoa que ama feliz quando desiste dela. É claro que acabamos todos a rir-nos para acalmar os nervos. Podemos perder o certo? Andamos a vida toda à procura do prémio inútil, mas só vemos a sua inutilidade quando já nada mais podemos ter senão ele. A doutora a abrir a carta, a ler a carta. Lê-a, só para si. Levanta a cabeça, olha para o Zé Pedro, depois para a professora de Música, depois para o marido dela, depois para mim. Pára quando olha para mim, fica nos meus olhos e eu nos dela. Sinto o coração a parar, à espera das palavras dela e porque acabei de perceber que atrás daquela máscara, atrás daqueles olhos, está a mulher que amo há décadas e que não vejo há décadas. Quero que continue a olhar-me, quero que diga alguma coisa para eu dizer alguma coisa. Ela não olha mais para

mim. Olha para a minha mãe. Sorri, a minha mãe sorri de volta. O amor deveria ser a normalidade, não deveria?

— Viver não cansa.

— Então, o que cansa?

— Não viver.

*

Jantar de festa, trouxe a guitarra e tudo. Reservei mesa para seis para celebrar sermos seis. Eu, o Zé Pedro, a professora de Música, o marido dela, a minha mulher que ainda não o é mas vai ser, e a minha mãe, claro, a minha mãezinha que está bem, que está aqui, a minha velhinha. É tão bonita a minha mãe. Fomos juntos contra o bicho, perdemos uma perna cada um, vencemos. Gosto que o medo se desfaça contra o meu pé. Há-de haver mais medo, há-de haver mais bicho. Há-de haver também mais amor para ir contra tudo isso. Temos medo de nós ou das sombras que vamos fazendo pelo caminho?

*

— Vou ser sempre eu.

— É natural.

— Porquê?

— Não és capaz de ser outro.

*

Não sou. O Zé Pedro tem razão. Conseguirei algum dia ser fiel à infância? Tento todos os dias. O jantar está bom, tudo corre bem quando estamos todos bem. A felicidade é tão simples, não é?

*

— És o meu sentimento favorito.

Apeteceu-me a declaração de amor piroso, à frente de toda a gente. Que fique ainda assim claro que não quero a história de amor de sempre, não quero primeiro contar os minutos para poder vê-la, depois contar os minutos até poder vê-la todos os dias, depois contar os minutos até poder viver com ela todas as horas de todos os dias, depois contar os minutos até poder viver com ela só algumas horas de todos os dias, depois contar os minutos até não ter de a ver todos os dias, depois contar os minutos até não ter de a ver nunca mais, depois contar os minutos até não ter de a lembrar nunca mais. Quero um amor sem adultos dentro, pode ser? Todos aplaudem na nossa mesa, até nas mesas ao lado. Perdi grande parte do que era, e ainda bem. O que nos condena é o fim do pasmo. A mulher que eu amo a acabar de aceitar ser a minha digníssima esposa. Vamos começar. Vamos? Claro que vamos. Quem nos ama está aqui connosco a ver-nos amar. Nada mais precisamos para que o passado nos deixe para trás. Acho que é possível passar uma borracha na realidade e colocar uma melhor por cima, é isso que faço diariamente, quem nunca?

*

— Para chegar perto de alguém que está longe não é preciso uma grande estrada.

— Então, o que é preciso?

— Uma grande vontade.

*

Foi o que tivemos, o que sempre tivemos. Há que afrontar o adulto com um pião numa mão e uma chupeta na outra. Estarmos todos no mesmo barco não significa que todos estejam a remar, pois não? Nós remámos, ainda estamos a remar. O maior dom é a alegria, certo? Fomos no recreio adultos quando

tivemos de ser, repreendemos as asneiras que magoam, explorámos com rebeldia as asneiras que ensinam. Sabemos quem é o outro quando o que fazemos não lhe serve os intentos, quando vamos pelo caminho que não quer que escolhamos. Sabemo-nos bem, portanto. Agora estamos aqui todos, mais crianças do que antes, adultos maduros. Peço para darmos um abraço conjunto, aí vem ele. Onde aprendemos a não respeitar o que o outro sente?

*

— Se há óculos de sol, porque não há óculos de lua?

*

É a pergunta que do nada faço ao empregado de mesa que se aproximou de nós no meio do abraço. Ele ri-se, não entende. É evidente que ainda não entendeu que pode, sim, usar óculos de lua se bem lhe apetecer. Nenhuma lavagem ao cérebro é gratuita. Às vezes querem desfazer-me em pedacinhos, mas será que esqueceram que nada voa melhor do que o pó? O pesadelo é o consenso. O normal ilude-nos, é essa a sua serventia. O empregado pede apenas para fazer uma pergunta. Claro que sim, respondo. Posso levar esta cadeira?, vai ficar vazia ou ainda vem alguém para a ocupar, ouço. Os meus companheiros de mesa respondem sem hesitar que não, que não vem mais ninguém, que pode levá-la, que assim até ficamos com mais espaço. O homem leva com toda a facilidade, sem fazer força alguma, a cadeira onde eu estou sentado, onde continuo a estar sentado, onde continuo a ver-me sentado. Ninguém liga, ninguém olha, só está o Zé Pedro a rir-se para mim, a despedir-se de mim, a chorar para mim, a levantar a mão enquanto chora, a pedir-me perdão por ter de ficar sem mim, a agradecer-me o tempo que vivemos juntos, a existência que lhe dei. Toda a minha vida foi praticamente real. Levam-me nesta cadeira para outra sala qualquer. Já não vejo o meu

amigo. Choro as lágrimas mais violentas da minha vida. Todos continuam a rir-se e a falar em redor da mesa.